

"Sensual
e romântico."
Publishers Weekly

ROMANCE

*Retrato
do meu
coração*

PATRICIA CABOT

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Retrato de meu coração

Rawlings 02

Patricia Cabot

Jeremy, duque de Rawlings, é expulso de Oxford após matar um homem durante um duelo. Tal feito não deveria surpreender a ninguém uma vez que já fora expulso do Eton e Harrow anteriormente. Quando Jeremy reencontra sua amiga da infância, Maggie Herbert, depois de anos, acaba comprometendo-a. Embora ela sempre tenha amado Jeremy, não deseja ter relação alguma com o homem frívolo no qual se tornou. Em vez de aceitar sua oferta de casamento, vai a Paris para estudar pintura. Jeremy se incorpora ao exército e serve na Índia.

Cinco anos depois, Jeremy retorna à Inglaterra com um propósito em mente: ganhar o coração de Maggie, que já tem um noivo. Quer recuperá-la e desta vez para sempre. O que se segue é uma história realmente divertida, engenhosa e terna...

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO 1

Yorkshire, maio de 1871

— Diga-me que não é verdade — grunhiu Edward Rawlings, afundando a cabeça entre as mãos — De Oxford, não, Jeremy.

O jovem ficou olhando seu tio com preocupação do outro lado da mesa do botequim. Perguntou-se se devia chamar a garçonete e lhe pedir uma taça com algo mais forte que cerveja. Edward parecia precisar de uísque. Entretanto, ainda era cedo, e estavam no *Goat and Anvil*, uma cantina a poucos quilômetros da mansão Rawlings, e as pessoas certamente desaprovavam que o duque de Rawlings e seu tio tomassem uísque antes do meio-dia.

— Não é para tanto, tio Edward. — respondeu num tom despreocupado — Não diga que não esperava por isso, afinal, já tive a honra de ser expulso do Eton e Harrow, não queria negar o privilégio à sua alma mater.

Edward não riu, embora realmente não esperasse que o fizesse. Ficou observando, pensativo, a cabeça inclinada de seu tio. O havia visto pela última vez no Natal, há seis meses, e lhe parecia que tinha as têmporas mais grisalhas. Jeremy não se achava importante a ponto de supor que era o único culpado dessa mudança. Naquela época, seu tio era um dos cavalheiros mais influentes da Câmara dos Lordes e, em uma posição de tanta autoridade, era compreensível que tivesse algumas cãs, que inclusive eram necessárias para reafirmar a posição de um homem que, com pouco mais de quarenta anos, os pares mais conservadores poderiam considerar muito jovem. Não obstante, desgostava ao duque acrescentar mais preocupações as já fatigantes responsabilidades de seu tio.

— Expulso de Oxford! — resmungou Edward enquanto sorvia a espuma que transbordava da caneca de cerveja.

Desde que Jeremy tinha lhe dito casualmente a razão de seu súbito reaparecimento em Yorkshire, seu tio não tinha deixado de repetir essa mesma frase e o jovem estava começando a arrepender-se de haver lhe contado. Dava-se conta, tarde demais, de que deveria ter esperado para anunciá-lo durante o jantar na mansão, na presença de sua tia Pegeen. Embora não houvesse ninguém no mundo a quem detestasse mais decepcionar do que ela, à diferença de seu marido, nunca perdia a perspectiva ante as muitas e variadas desgraças de seu sobrinho. Pelo fato de que o tivessem expulsado de Oxford, Pegeen não arquearia uma sobrelanceira, entretanto, quando soubesse a verdadeira razão de sua expulsão... isso sim a magoaria e, por isso, antes de voltar para casa, o moço tinha escolhido contar a seu tio.

— Maldita seja! — exclamou Edward, levantando finalmente a cabeça para olhar seu sobrinho nos olhos, do mesmo tom cinza claro dos seus — Por que tinha que matá-lo, Jerry? Não podia simplesmente feri-lo?

— Quando um homem assegura que tem intenção de lutar contigo até a morte, considera-se mais sensato despachá-lo para sempre, se for possível. — respondeu Jeremy com certa acidez — Se só o tivesse ferido, quando tivesse se recuperado teria vindo atrás de mim. Não posso passar a vida vigiando se há algum louco assassino à minha procura.

— E diz que nunca tocou nessa garota? — perguntou Edward meneando a cabeça.

Pela primeira vez, Jeremy pareceu incomodado. O moço tinha crescido até alcançar a mesma altura e corpulência que seu tio que, com seu metro e noventa de altura, se sobressaía da maioria dos homens. Por essa razão, os estreitos bancos do *Goat and Anvil* eram pequenos para ele e tinha que pôr os cotovelos na mesa para poder respirar. Entretanto, naquele momento não era essa a razão de seu desconforto.

— Bom, — disse devagar — eu nunca disse que não a toquei...

— Jeremy — murmurou seu tio com ameaçadora desaprovação.

— Mas lhe asseguro que nunca tive intenção de me casar com ela. E esse é o problema.

— Jeremy, — repetiu Edward com a voz grave que o jovem sabia que utilizava em suas intervenções no parlamento e para disciplinar a seus filhos — acaso não expliquei milhares de vezes que há mulheres com as quais um homem pode... entreter-se sem que esperem que se case com elas, e outras com as quais é melhor não relacionar-se a menos que suas intenções sejam...?

— Sei,— respondeu Jeremy rapidamente. Queria interromper um sermão que já sabia de cor, pois o tinha escutado ao menos duas vezes ao mês desde que tinha começado a barbear-se — e posso te assegurar que, com os anos, aprendi a diferença. Mas esta jovem em particular me foi apresentada de propósito, agora o entendo, e, embora não possa imaginar algo tão sórdido, foi seu próprio irmão e, o fez de tal maneira, que qualquer homem teria acreditado que não era mais que uma rameira da qual se poderia dispor à vontade. Asseguro-lhe que a garota aceitou o dinheiro imediatamente. Mas, depois, quando o mal estava feito, esse Pierce veio ver-me vociferando, escandalizado que tivesse manchado a honra de sua irmã. — Jeremy estremeceu ao recordá-lo — Insistiu que deveria casar-me com aquela desavergonhada ou me veria com a ponta de sua espada. É surpreendente porque escolheu a espada? — O jovem levantou a caneca e tomou um gole de cerveja — Pierce teve má sorte ao escolher a espada, — acrescentou assombrado — acredito que teria se saído melhor com pistolas.

— Jeremy... — Edward, que nos onze anos que o conhecia se tornou mais magro e atraente ao abandonar a vida desregrada, adotou uma expressão severa — Está consciente de que cometeu um assassinato, não é?

— Oh, vamos, tio Edward! —reprovou-lhe — Foi uma luta justa, inclusive seu próprio padrinho o disse. Além disso, devo admitir que lhe aponte o braço, e não o coração, mas o parvo tentou fazer uma ameaça e tudo o que me lembro depois disso é que...

— Não aprovo os duelos —interrompeu-lhe seu tio com tom imperioso. Tentei lhe deixar isso bem claro da última vez que ocorreu. E me lembro perfeitamente ter dito que, se queria lutar, o fizesse no Continente. Por Deus santo! O fato de fazer parte da

aristocracia não te põe acima da lei, e você sabe. Assim agora não há outro remédio senão sair do país.

— Sei. — respondeu Jeremy pondo os olhos em branco, também já tinha ouvido aquele sermão dúzias de vezes.

Edward não percebeu o tom de voz enfatiado de seu sobrinho.

— Suponho que a Vila do Portofino será o melhor lugar, embora acredite que neste momento o apartamento de Paris também está desocupado. Como preferir. Suponho que seis meses serão suficientes. É muito afortunado de que a universidade não tenha provas suficientes para mover uma ação judicial, pois...

— Sim, —interrompeu-lhe o jovem com uma piscada — pois agora mesmo estaria entre grades, em vez de estar desfrutando de uma caneca de cerveja com meu querido tio Ed.

— Agradeceria se não brincasse sobre isso. —repreendeu-lhe Edward com severidade — É duque, Jerry, e isso lhe confere tantos privilégios quanto responsabilidades, e uma delas é que deveria se refrear de matar a seus concidadãos.

Então foi Jeremy quem se zangou. Depois de pousar ruidosamente a caneca de cerveja, golpeou com força o centro da mesa com o punho tão apertado que seus nódulos ficaram brancos.

— Acaso pensa que não sei? — explodiu em um tom de voz baixo o bastante para não chamar a atenção de outros clientes do botequim— Não se dá conta de que enfiou isso na minha cabeça durante a última década? Desde o dia em que apareceu na porta do Applesby e disse a Pegeen que eu era o herdeiro do ducado de Rawlings não ouvi outra coisa além de “Não pode fazer isto, Jerry, lembre-se que é duque”. “Tem que fazer aquilo outro, Jerry, é duque”. Por Deus bendito, tem idéia de quão farto estou de que me digam o que devo e não devo fazer?

Edward pestanejou surpreso ante aquele súbito arrebatamento de cólera.

— Não... mas tenho a impressão de que vai me dizer.

— Eu nunca quis ir a outro colégio — continuou o moço com amargura. Teria preferido ficar na escola do povoado, aqui, em Rawlingsgate. Mas mesmo assim, me mandaram para Eton, e quando me expulsaram subornaram pessoas da Harrow, e depois da

Winchester, e logo percebi que ainda deveria passar os seguintes anos de minha vida na universidade. Não tinha nenhum interesse em ir a Oxford e, sabe, mas insisti apesar de estar claro que manejo muito melhor a espada que a pluma. Assim agora não se surpreenda de que me tenham expulsado de Oxford acusado de me bater com um companheiro.

— A quem admite ter assassinado. — ressaltou seu tio.

— É obvio que o matei! — Jeremy elevou as mãos com as palmas para cima, em um gesto de impotência — Pierce era um canalha e um parasita, e não sou a única pessoa que se alegra de que tenha morrido, mas não senti mais satisfação acabando com ele que a que haveria sentido esmagando um mosquito.

— E tem a ousadia de me acusar de brincar sobre isso.

— E o que quer que faça? Até agora, toda minha vida não foi mais que isso, uma brincadeira. Não lhe parece? — O jovem olhou o tio, do outro lado da mesa. — Então? Não foi?

Edward, de feições tão finamente cinzeladas e atraentes como as de seu sobrinho, esboçou uma careta cínica.

— Oh, sim. — respondeu com sarcasmo — Sua existência foi verdadeiramente trágica. Nunca tiveste o amor nem o carinho de ninguém. Sua tia Pegeen não sacrificou nada por você durante todos esses anos que cuidou de você sem ter a mais remota idéia de que herdaria um ducado. Nunca se privou de comer para assegurar-se de que você desfrutasse de um bom café da manhã...

— Não coloque Pegeen nisto.— interrompeu-lhe Jeremy imediatamente — Não estou falando dela, mas sim de como, depois de nos trazer para o Rawlings e casar com ela, você...

Pela primeira vez desde que tinha lhe contado da expulsão, Edward parecia divertir-se.

— Se te incomodava o meu casamento com sua tia, Jerry, temo que seja um pouco tarde para remediar. Não esqueça que já tem quatro primos. Seria difícil convencer o arcebispo a anular nossa união.

O jovem não riu.

— Então, tio Edward, — respondeu — perguntar-lhe-ei isso de outra forma. Por que investiu tanto tempo e dinheiro em me

encontrar há onze anos, quando poderia haver dito a todo mundo que seu irmão mais velho não tinha tido filhos, e ter ficado com o título?

— Porque isso teria sido desonroso, — respondeu seu tio, perplexo — sabia que John tinha tido um filho antes de morrer, e era justo que esse menino herdasse o título de seu pai.

— Isso não é o que me contou sir Arthur, — respondeu Jeremy negando com a cabeça — disse que você não queria arcar com a responsabilidade de ser duque, e faria o que fosse para evitar herdar o título.

— Bem, — respondeu Edward, encolhendo os ombros, incomodado, apesar do impecável corte do casaco — isso não é totalmente certo, mas não se afasta da verdade.

— Pois bem, como pensa que me sinto? — inquiriu o moço — Eu tampouco o queria!

— E por que não, pode-se saber? — perguntou subindo o tom de voz — Acaso não possui uma das maiores fortunas da Inglaterra? Não tem os melhores cavalos? Não é o proprietário de uma casa em Londres, de uma das maiores mansões de Yorkshire, de um apartamento em Paris e de uma vila italiana? Tem mais de setecentos criados, o melhor alfaiate da Europa e uma cadeira na Câmara dos Lordes que, agora que alcançou a maioria, lhe cederei com muito prazer. Goza de todos os privilégios, de todas as prerrogativas que alguém de sua posição merece...

— Menos a liberdade de fazer o que quiser.— Interrompeu-lhe seu sobrinho em voz baixa.

— Oh, sim, muito bem. — disse de novo Edward com sarcasmo — Terá que reconhecer que é um preço elevado. Mas o que quer exatamente, Jerry? Quero dizer, além de deitar-se com prostitutas e matar pessoas.

Foi uma sorte para o rapaz que, nesse mesmo instante, a garçonete se aproximasse da mesa, pois, de outro modo, talvez tivesse cometido outro assassinato.

— Posso lhe trazer algo, excelência? — Rosalinda, cujas bochechas e boca rosada faziam jus a seu nome, sorriu com graça aos dois cavalheiros enquanto se inclinava para limpar a mesa com um trapo

úmido, oferecendo a Jeremy uma generosa visão do precioso vale entre os seios generosos — Outra cerveja, talvez?

— Não, obrigado, Rosalinda. — respondeu o duque fazendo um esforço para desviar o olhar para o rosto — E você, tio?

— Não, nada mais, obrigado. — respondeu Edward.

O jovem se deu conta com desgosto de que seu tio nem sequer percebeu o modo em que se abria o corpete da moça. Por isso ele sabia que seu tio jamais tinha olhado outra mulher que não fosse sua esposa.

— Como está seu pai, Rosalinda? — perguntou Edward educadamente — ouvi dizer que não se encontra muito bem.

— Oh, já está muito melhor. Obrigado, senhor. Tomou o tônico que nos mandou sua esposa e melhorou em seguida. — Rosalinda conseguiu responder com cortesia à pergunta sem apartar a vista de Jeremy, que, sentindo-se incapaz de desviar o olhar de seu decote, havia virado a cabeça para a janela chumbada — Vai ficar por aqui um tempo, excelência, ou vai voltar logo para continuar seus estudos?

— Não estou certo, — respondeu o moço — acho que ficarei ao menos uns dias...

Como evitava a todo custo olhar para a garçonete, o jovem não a viu sorrir, nem notou o brilho nos olhos azuis.

— Oh, alegro-me muito. E estou certa de que a senhorita Maggie também ficará muito contente. Outro dia mesmo me encontrei com ela no mercado, e quando lhe perguntei quando voltaria a ver sua excelência, respondeu-me que não sabia, mas que tinha passado tanto tempo que quando se encontrassem não se reconheceriam.

Jeremy se limitou a assentir educadamente com a cabeça a título de resposta, mas, aparentemente, foi suficiente para que Rosalinda se retirasse como se tivesse criado asas. Quando a moça estava longe o bastante para não ouvir o que diziam, o jovem tirou o olhar do cavalo da carroça em que tinha fixado-o durante o tempo que a garçonete estava lhe falando e se voltou para seu tio.

— Vê? — perguntou — Entende agora a que me refiro? Nem sequer posso estar tranquilo no botequim do povoado. Vá aonde vá tenho que me afastar das pessoas que querem algo de mim.

— Não acredito que Rosalinda Murphy queira nada de ti, Jerry. — replicou Edward com serenidade — Me pareceu que só se interessa por seu bem-estar.

— Não se interessa por meu bem-estar, —corrigiu-lhe o moço — mas sim por meu dinheiro.

— Ou por sua pessoa. — acrescentou seu tio com uma gargalhada — A jovem gostou muito de você, o que tem que mau nisso?

Jeremy suspirou com impaciência.

— Porque não me deseja! — insistiu — A não ser meu dinheiro, e esse maldito título! Todas as mulheres que conheço, no preciso instante em que se inteiram de que sou duque, não deixam de repetir “que se sua excelência isto ” ou “que se sua excelência aquilo”, e só pensam no dia em que possam antepor a seu nome o título de duquesa de Rawlings. Vejo em seus olhos; imaginam-se com a tiara no cabelo e um arminho sobre os ombros.

— O que vê-se em seus olhos, Jerry, é desejo, mas não pelo título — respondeu o cavalheiro procurando, sem conseguir, conter um sorriso — Olhe-se. Talvez ainda se considere o moço mirrado que foi aos dez anos, mas Rosalinda vê alguém totalmente diferente. Ela vê um jovem alto e robusto, com o cabelo escuro e os olhos claros, com uns bonitos dentes...

— Duvido que Rosalinda Murphy reparou em meus dentes — murmurou o menino, tentando dissimular a vergonha que lhe provocavam as palavras de seu tio.

— Talvez não, — riu — mas continua sendo um homem de boa aparência, e não pode pretender que as mulheres não reparem em você. E quando o fizerem, não deveria desprezar essas atenções por acreditar que são só fruto do interesse material.

— Certamente ser duque não me facilita as coisas, — murmurou Jeremy incomodado, roçando com os lábios a espuma de cerveja — por Deus, mas se nem sequer posso escolher a pessoa com quem quero me casar! Tem que ser uma mulher que saiba comportar-se como uma duquesa.

— Certo. Mas isso não significa que não possa encontrar a felicidade com uma mulher que, além disso, seja uma perfeita

duquesa. — pensativamente, levantou a caneca — Afinal, eu consegui.

— É uma lástima que meu pai não fosse tão sensato, — comentou o jovem com amargura — de duas irmãs, escolheu a que, no final, fez com que o matassem.

Surpreso e incômodo, Edward pigarreou e deixou a caneca na mesa.

— Sim, é. Não obstante, acredito que quando John conheceu sua irmã Pegeen só tinha dez anos, assim não estava disponível. — de repente, como se tivesse se recordado de algo, inclinou-se para frente e, em um tom de voz completamente distinto, acrescentou — Por certo, Jerry, não diga a sua tia por que lhe expulsaram desta vez.

— Não ia fazê-lo. — replicou o jovem com frieza — A última coisa que quero é que tia Pegeen se inteire. Entretanto, estou seguro de que acabará sabendo de qualquer maneira. Inclusive é possível que saia nos jornais.

— Certamente, — respondeu seu tio assentindo brevemente com a cabeça — mas não é o mesmo se você confessar. Essa seria a única maneira de Pegeen acreditar que você cometeu um assassinato.

— Tem razão, — continuou Jeremy com um sorriso tão cínico como o de seu tio momentos antes — como eu faria algo assim, um menino que chorou durante horas depois de sua primeira caçada porque sentia remorso por causa da raposa.

— Também não chorou tanto. — replicou Edward revolvendo-se no assento, sobressaltado ao lembrar aquele infausto dia — Mas tem razão. É difícil conciliar o que foi então com o que é agora.

— E o que é o que sou agora? — perguntou Jeremy, com a mesma expressão sarcástica no olhar.

— Você saberá. — respondeu seu tio antes de tomar outro gole de cerveja. Depois perguntou — Que tipo de homem quer ser?

— O que for, menos duque. — disse Jeremy sem pensar duas vezes.

— Mas isso é impossível.

O jovem assentiu, como se esperasse aquela resposta e, sem dizer uma palavra mais, levantou-se.

— Aonde vai? — perguntou-lhe Edward, surpreso.

— Ao inferno. — respondeu o moço com indiferença.

— Ah. — assentiu Edward, encostando-se à cadeira. Levantou a caneca de cerveja em direção às costas de seu sobrinho, como se brindasse solenemente — Então lhe esperamos em casa para o jantar.

CAPÍTULO 2

— Oh, Maggie! — exclamou lady Edward Rawlings após tirar o papel de seda que envolvia um pequeno tecido — Oh! É lindo!

De pé atrás da cadeira de Pegeen, Maggie Herbert olhou o quadro e franziu o sardento nariz com ceticismo. “Há muito verde. — pensou — Sim, o fundo tem um tom excessivamente esverdeado.” Enquanto examinava a pintura, uma pétala branca desceu dos ramos que se estendiam por cima de suas cabeças e, depois de descrever uma espiral, posou sobre a pintura. A moça pensou que aquilo melhorava sua obra, mas a dama o retirou em seguida.

— Estou impaciente por mostrá-lo a meu marido — acrescentou com o olhar fixo no quadro — vai ficar encantado. Nenhum dos retratos que mandamos fazer dos meninos os reproduz com tanta fidelidade...

— Sério? — perguntou a garota com uma nota de incredulidade na voz. Entreabriu os olhos até ver imprecisa a imagem do tecido, mas só conseguiu ver a série de formas e cores que tinha pintado no dia anterior, e não o detalhado retrato que descrevia lady Edward. Além disso, havia muito verde.

— Oh, sim! — assegurou-lhe — É como se tivesse conseguido captar suas jovens almas.

— Oh, não, por favor! — riu Maggie — Se tivesse conseguido, Lizzie seria completamente diferente. Tal como está, tem uma expressão muito doce.

— O que quer dizer com “muito doce”? — Pegeen elevou a pintura, que media pouco mais de quinze centímetros de lado, e a manteve no alto com os braços estendidos. Estava tão cativada pelo retrato que parecia incapaz de apartar o olhar dele — Lizzie tem um aspecto adorável, e John também. Oh, e olhe a careta da Mary. E o queixo do Alistair. Reproduziu-os maravilhosamente! Ouvi alguns dizerem que o queixo do Alistair lhe faz parecer teimoso, mas é só firmeza.

Maggie se voltou para sua mãe, sentada em uma cadeira de jardim de ferro forjado frente à Pegeen, e trocaram um olhar de

cumplicidade. Todos os filhos dos Rawlings tinham o queixo proeminente, como se, de um modo inconsciente, imitassem a expressão de teima de sua mãe em seus momentos de maior intransigência, e o fato de que a dama se negava a reconhecê-lo era motivo de mofa entre seus amigos e vizinhos.

— Oh! — suspirou Pegeen, ainda encantada — É lindo. Não sei como consegue.

— Eu tampouco — interveio lady Herbert enquanto se inclinava para servir outra xícara de chá do jogo de prata colocado na mesinha auxiliar instalada entre ambas as damas.

Pegeen estava grávida, embora não tão adiantada como a irmã maior de Maggie, Anne, que sentada frente a sua mãe sustentava a xícara de chá sobre a avultada barriga. Devido ao estado da anfitriã, lady Herbert tinha assumido este papel, embora, de fato, ela e suas filhas fossem convidadas de Pegeen na mansão em que sir Arthur, o pai de Maggie, trabalhava como administrador das propriedades do jovem duque. Os Herbert passavam tanto tempo em Rawlings que Maggie tinha chegado a considerar seu segundo lar, e tendia a comportar-se como se fosse. Esta conduta desgostava à afetada Anne, especialmente quando via sua irmã menor deslizar pelos corrimãos, algo que fazia muito frequentemente até o ano anterior.

— Certamente, não é um talento que tenha herdado de mim — afirmou lady Herbert enquanto misturava o açúcar que acabara de colocar em sua xícara de chá — Deve ser por parte de pai.

— De papai? — Anne pareceu incômoda, algo que ocorria sempre que se mencionava o talento artístico de sua irmã menor — Nem pensar. Nunca alguém da família de papai pegou num pincel. Por Deus, mãe, como pode sugerir uma coisa assim?

Maggie voltou a vista ao pequeno retrato que acabava de dar de presente e meneou a cabeça.

— Não, o sorriso de Lizzie não está bom — murmurou para si mesma. — Nem de longe consegue ser tão travessa.

Infelizmente, a mãe de Lizzie a ouviu.

— Travessa? — exclamou Pegeen apertando a tela contra seu peito, como se temesse que a moça arrebatasse-a para realizar essas mudanças. — Tolices. Minha filha não é nem um pingão

travessa. Mas se é um anjo, todos os meus filhos o são. — ao ver que a garota não tinha intenção de exigir que lhe devolvesse o presente, a dama lançou outra olhada ao retrato e voltou a desfazer-se em elogios — Oh, Anne, olhe como pintou os olhos do John. Jamais tinha visto algo tão assombroso.

A filha mais nova dos Herbert, que ainda não parecia convencida, desviou a vista do quadro e percorreu o jardim com o olhar, onde os meninos que Pegeen chamava “anjos” se dedicavam a arrasar um canteiro de rosas. Colaboravam em seu empenho os filhos de Anne, bem menos revoltosos que a prole dos Rawlings, e uns quinze meninos do lar Rawlings para órfãos, aos quais a dama havia convidado para um picnic nos jardins da mansão para celebrar as festividades primaveris de primeiro de maio. Um fugaz olhar à filha maior de Edward e Pegeen bastou para convencer Maggie de que, sem dúvidas, tinha-a pintado com uma expressão muito doce. Elisabeth Rawlings era uma menina bonita, mas tão teimosa como seu pai e sua mãe, um traço que mostrava naquele mesmo momento lançando um torrão de barro em seu irmão John, porque este se negou a obedecer a suas ordens.

— Por certo, Maggie, conseguiu convencer a seu pai de que te deixe ir àquela academia de arte parisiense da qual me falou? — inquiriu Pegeen.

— Não. — respondeu a jovem sem poder evitar que na voz se notasse seu ressentimento — Acredita que no momento em que sair da Inglaterra me deixarei seduzir e levar para o Marrocos, onde me venderão como escrava a um príncipe árabe.

— Maggie! — Anne deixou com estrépito a xícara de chá sobre o pires.

— Pode-se saber de que diabo está falando? — exclamou lady Herbert com a mesma expressão de assombro que sua filha maior, embora em um tom de voz bem mais suave — Seu pai não pensa isso.

— Sim que pensa, — respondeu a moça com um suspiro, enquanto se recostava no tronco de uma cerejeira — papai está consciente de minhas peculiares inclinações carnis.

— Maggie! — a Anne, envergonhada, lhe tingiram as bochechas de um intenso carmim — Quantas vezes tenho que te dizer que não utilize em público palavras como... como... — sua voz se converteu em um sussurro antes de continuar — carnal. — e voltando-se para Pegeen, acrescentou em tom de súplica — Oh, deixe de rir, lady Edward. Com isso só conseguirá animá-la a continuar assim.

— Oh! — exclamou lady Edward enxugando as lágrimas que apareciam nos olhos verdes — Oh, querida Maggie! É certo, não deve dizer essas coisas. Acabará ganhando uma terrível reputação.

— Entre quem? — perguntou a jovem, desgostada — Entre os arrendatários da localidade? Duvido que se importem que eu utilize a palavra “carnal”.

— Não, não se trata dos arrendatários, minha filha, — interveio com doçura lady Herbert — mas sim dos jovens cavalheiros.

— A quem se refere? — a garota começou a arrancar pedaços de casca do tronco da cerejeira que tinha atrás de si com um pau de ponta afiada que tinha encontrado sobre a erva fresca — Os únicos jovens por aqui são os pastores de ovelhas, e tenho certeza que não há muitos que não saibam sobre os prazeres carnais.

— Maggie! — Anne parecia ter ganas de beliscar sua irmã menor. Entretanto, sua proeminente barriga não lhe permitia mover-se com agilidade, e sabia por experiência que tinha que ser rápida se quisesse repreendê-la sem receber um bofetão — Pelo amor de Deus!

A moça encolheu os ombros.

— Bom, — respondeu — é a verdade.

— Sim, mas já tem quase dezessete anos, querida, — respondeu sua irmã com uma serenidade forçada — o ano que vem será apresentada à sociedade, e estou certa de que os jovens cavalheiros que conhecer durante sua primeira temporada em Londres não gostarão de suas... inclinações.

— De fato, — interveio Pegeen, pensativa — estou certa de que adorariam conhecê-las, mas acredito não é algo que sairia proclamando aos quatro ventos.

— Vê? — continuou a irmã maior — Faz caso do que diz lady Edward. É o mesmo que te digo sempre. Se quiser encontrar marido

em Londres, terá que começar a comportar-se como uma dama.

— Mas não quero me comportar como uma dama... — murmurou a jovem, com o olhar fixo no buraco que estava abrindo no tronco da árvore — Se atuar como uma dama quer dizer não fazer nada mais em todo o dia além de trocar de roupa, — resmungou enquanto arrancava um bom pedaço de casca com o graveto— e não fazer nada mais em toda a noite além de escutar insípidas conversações de barões idiotas.

— O que está fazendo a essa árvore? — perguntou lady Herbert — Venha se sentar e deixe esse asqueroso graveto.

Maggie soltou o pau, mas não se sentou. Em vez disso, recostou-se no tronco tampando o buraco que tinha feito. Não sabia por que havia se sentido impulsionada a danificar uma inocente árvore, mas depois pensou que, afinal, era melhor arremeter contra uma árvore que contra sua irmã maior.

— Se não quer aprender a se comportar como uma dama, Margaret, o que quer fazer? — inquiriu sua mãe com um toque de humor na voz.

— Já lhe disse mamãe, — suspirou a moça — pintar. É tudo o que quero. E ir aprender com madame Bonheur.

Lady Herbert levantou a vista ao céu, mas foi Anne quem respondeu.

— Já sabe que é impossível que vá à academia de arte de madame Bonheur. Mamãe tem que dizer-lhe e ser firme desta vez. Não pode permitir que...

— Mas por quê? — perguntou Pegeen com certa impaciência. Maggie não pôde evitar sorrir, lady Edward Rawlings sempre parecia estar procurando uma causa a defender, e aquele dia havia escolhido a dela — Por que é impossível? É ridículo não aproveitar o talento de sua irmã. É mil vezes melhor que esse pintorzinho que Edward fez vir o ano passado para que me fizesse um retrato. Olhem as cores do quadro dos meninos. — Pegeen levantou a tela para que pudessem vê-lo bem — Os mesclou de tal forma que cada um parece uma autêntica joia. E captou a expressão dos meninos com mais precisão.

— Estou completamente de acordo contigo — disse lady Herbert com voz arrastada — Mas...

— Suponho que sir Arthur não tem essa idéia tola e antiquada de que educar uma garota é esbanjar dinheiro, não é? — indagou Pegeen — Porque, se for assim, irei com prazer a Herbert Park lhe dizer quatro coisas.

— Não é só isso, — respondeu Anne com severidade — papai não aprova que as mulheres trabalhem fora de casa, e muito menos se esse trabalho tiver a ver com a arte... Deus santo! Só a idéia lhe deixa a beira de um ataque do coração. Entretanto, tenho que lhe dizer que estou de acordo com ele. É escandaloso que haja tantas garotas que partem para Londres para ganhar vida como enfermeiras, damas de companhia, professoras e, Deus sabe que mais. Mas suponho que não há remédio, pois necessitam trabalhar para sobreviver. Mas Maggie? Ela não precisa trabalhar! Só quer fazê-lo porque gosta, e isso é absolutamente ridículo. Todo mundo sabe que a única ocupação que têm as mulheres é a maternidade...

— Sim, querida, — a interrompeu sua mãe com um sorriso condescendente — todos sabemos a importância que há em ser mãe, mas acredito ser a principal objeção de seu pai a que Maggie estude no estrangeiro por ser a mais jovem, e a única que ainda vive em casa, conosco. — Lady Herbert sorriu com afeto a sua filha mais nova, que olhava com os olhos entreabertos as flores da cerejeira sobre sua cabeça — Ainda não estamos preparados para deixá-la partir.

— Mas terão que fazê-lo, — respondeu Pegeen — vai debutar na próxima temporada.

A dama deixou escapar um breve gemido de pesar enquanto levava um pedaço de bolo à boca.

— E conhecendo-a, temo que vá detestar. — suspirou após deixar o garfo no prato que apoiava no colo.

Pegeen não riu.

— Estou certa. Uma garota como ela...

— Uma garota como ela não vai durar em Londres nem um minuto, — continuou a moça, incomodada por falarem dela como se não estivesse presente — o grande mundo logo a deixará de lado.

As demais garotas rirão dela as suas costas porque é muito alta, fala muito alto e tem as unhas sujas de pintura. E os homens, se é que se dão conta de sua existência, se sentirão incomodados de que utilize palavras como "carnal" em público.

— Oh, não, — exclamou lady Edward — é obvio que não. É muito bonita, tem uma linda cabeleira escura e uns grandes olhos castanhos. É muito mais bonita que a filha maior dos Smythe, e veja que bom casamento fez.

— E o que importa que seja bonita? — perguntou Anne, sem disfarces — Sempre que abre a boca, o salão começa a esvaziar-se. Fala com muito descaramento.

— Não é verdade, — protestou Pegeen — só diz o que pensa, sempre foi assim. — E, voltando-se para Maggie com um sorriso, acrescentou — Por isso gosto tanto dela.

— Diz a primeira coisa que lhe vem à cabeça sem pensar nas consequências, — continuou Anne, sem a mais remota expressão de afeto — além disso, costuma fazê-lo quando ninguém lhe pediu sua opinião.

— Porque é muito honesta — interveio lady Herbert, saindo em defesa de sua filha mais nova.

— Mãe, mas se não tem o mínimo decoro. Outro dia a encontrei subindo em uma árvore com a saia do vestido metida no elástico da roupa íntima.

As três damas se voltaram para Maggie com uma expressão acusadora no olhar.

— Necessitava flores para um vaso. — murmurou, endireitando-se, com toda a dignidade de que foi capaz.

— Margaret! — censurou-a sua mãe — A verdade é que às vezes ultrapassa os limites. Poderia tê-las pedido ao jardineiro.

— Acho que vou ver o que os meninos estão fazendo. — respondeu engolindo em seco.

— É o melhor. — lady Herbert respondeu com tanta presteza, que Maggie logo se deu conta de que estava desejando que se fosse, para falar dela.

Com um suspiro, afastou-se da árvore e pôs-se a andar para o lugar de onde provinham os gritos dos meninos.

Era um dia de maio excepcionalmente quente, o primeiro da primavera, e a jovem havia passado toda a manhã com certa sensação de letargia. Sabia que parte de seu torpor se devia ao aborrecimento, desde que tinha terminado o retrato dos filhos dos Rawlings não tinha tido nada a fazer, nem nenhum projeto em vista. Oh, havia o retrato que a velha dama Ashforth tinha lhe pedido, mas era de dois gatos, e não entusiasmava a moça. Pintar pessoas era muito mais interessante e sempre representava um desafio, tinha que captar exatamente sua expressão, e conseguir o máximo de semelhança sem que a pessoa retratada se sentisse insultada... isso sim que era apaixonante. Pintar gatos era muito fácil.

Ao aproximar-se dos meninos, Maggie viu que Elisabeth, cuja expressão tinha retratado com tanta doçura na tela, tinha imobilizado seu irmão lhe agarrando a cabeça debaixo do braço. Sua babá e as cuidadoras do orfanato não estavam em parte alguma. Conhecendo os meninos, não teria lhe surpreendido encontrar as pobres mulheres amordaçadas e de pés e mãos atados no labirinto de arbustos. Com um suspiro, recolheu a saia do vestido de musselina branca e se apressou a resgatar o menino, que gritava com desespero, devido à tirania de sua irmã.

— Mas insiste em que é o primeiro-ministro, — respondeu Lizzie quando Maggie a admoestou — e hoje o primeiro-ministro sou eu. Mamãe disse.

— As meninas não podem ser primeiro-ministro, — insistiu John — papai disse.

Maggie se lembrou então de que tinha mantido discussões parecidas com o duque de Rawlings, muitos anos atrás.

— Por que não brincam de outra coisa? O que acham de um jogo que seu primo Jerry e eu inventamos quando éramos pequenos?

Lizzie, que tinha que estirar o pescoço para olhar a jovem no rosto, pareceu intrigada.

— Já foi pequena? — perguntou incrédula — Mas é tão alta!

— Nem tanto. — murmurou Maggie, tentando dissimular sua irritação.

— Sim, é, — interveio John — mais que papai.

— Não sou mais alta que seu pai. — replicou Maggie, cada vez mais incomodada — Talvez mais que sua mãe, mas que seu pai tenho certeza que não.

— É sim, — insistiu o menino — não é, Lizzie?

— Não. — respondeu Elisabeth após olhar a jovem Herbert de cima abaixo — Mas, mesmo assim, é muito alta. Ainda mais, para uma garota.

Margaret sentiu que ruborizava, e logo se zangou consigo mesma por permitir que esse inocente bate-papo infantil a incomodasse, sabia que era muito suscetível quando se tratava de sua altura. Mas o que importava que sempre tivesse sido a menina mais alta do colégio? Ao menos, por fim tinha deixado de crescer. Com seu quase um metro e setenta de estatura, alcançado quando só tinha dez anos, era mais alta que sua mãe e que qualquer de suas irmãs, e só um pouco mais baixa que seu pai.

Não obstante, era indubitável que ser tão alta também tinha suas vantagens. Sabia que o novo meio mirinhaque que estava na moda, plano na frente e volumoso atrás, assentava-lhe muito bem, e lhe amoldava maravilhosamente a figura. Além disso, podia pegar o que necessitasse nas estantes mais altas, o que era uma grande vantagem na hora de fazer as compras.

— Escutem, — disse aos meninos dos Rawlings — quando seu primo Jerry e eu éramos crianças, costumávamos brincar de um jogo chamado o marajá, que era muito divertido. A pessoa se faz de príncipe ou princesa da Índia, e o outro de intrépido explorador inglês a quem o marajá captura e ata a um mastro para queimá-lo vivo como tributo a um deus pagão. Outros podem se fazer de soldados britânicos, e têm que tentar resgatá-lo, ou de selvagens que dançam ao redor da pira ardente e disparam dardos venenosos contra os soldados. Não é ótimo?

— Eu serei o marajá — exclamou Lizzie.

— Não, — gemeu John — quero ser eu.

— Você será o intrépido explorador — disse sua irmã com serenidade.

John se enfureceu tanto quanto Jeremy costumava fazê-lo quando Maggie insistia em que ele seria o explorador. Entretanto, convencida

de que tinha cumprido com seu dever, a jovem deu meia volta e pôs-se a andar em direção ao grupo de damas sentadas à sombra da cerejeira. Antes de chegar até onde estavam, ouviu suas melodiosas vozes.

— Não há nada impróprio em que uma dama seja pintora de retratos, Anne. — ouviu que dizia a inconfundível voz rouca de Pegeen, com esse ligeiro acento escocês nas vocais — Houve muitas ao longo da história...

— Eu gostaria de saber quantas se casaram. — a interrompeu sua amiga, indignada — Com certeza muito poucas. Uma mulher não pode ter marido e trabalho de uma vez.

— Talvez não. — respondeu Pegeen, pensativa — A menos que se case com um homem compreensivo... — e, com voz mais alegre, acrescentou — Embora melhor seja, com o talento que tem, provável que Maggie não precise casar-se. A menos que queira, é obvio. Poderia manter-se retratando as crianças de boa família.

Ao dar-se conta de que falavam dela, a jovem sentiu que lhe ardiam as bochechas. Sabia que deveria fazer notar sua presença, mas a tentação de escutar às escondidas era muito forte. Fingindo um súbito interesse por um canteiro de íris, a moça aguçou o ouvido.

— Mas isso é o que mais me preocupa, Pegeen, — exclamou Anne — já sabe quão excêntrica pode chegar a ser minha irmã. Imagine que se apaixona por um desses poetas franceses mortos de fome, e vai se viver a uma água-furtada infecta do Montmartre com uma turma de artistas. Essa gente não acredita na instituição do casamento, sabe? Dizem que é burguês. Assim minha irmã se converteria em uma mulher perdida. O que as pessoas diriam de nós?

Pegeen inspirou profundamente antes de responder, o que permitiu a lady Herbert responder antes de que o fizesse ela.

— A verdade é que acredito que é muito dura com sua irmã. Não é uma garotinha boba. Duvido muito que fizesse algo tão estúpido como apaixonar-se por um francês.

— Estou certa de que pode fazer coisas piores. — respondeu Anne, que nesse assunto não compartilhava a opinião de sua mãe —

Disso pode estar certa. Papai e você permitiram que se convertesse em uma moça rebelde. Não tente negá-lo, vi-o com meus próprios olhos. Criou-a mal. Como, se não, pode explicá-lo? Nenhuma de nós, nem Elisabeth, nem Fanny, nem Claire, nem eu somos tão teimosas e obstinadas como ela.

— Bom... — replicou a dama, pensativa — Tampouco nenhuma de vocês teve as influências que recebeu ela...

A voz da dama se apagou, mas Maggie não foi a única que entendeu o que queria dizer. Pegeen se apressou a sair em defesa de seu sobrinho.

— Oh, suponho que refere ao Jerry. — disse com ligeireza — Está certo que eram inseparáveis, mas devo te dizer que, apesar de que meu sobrinho era muito maior, sempre me pareceu que era Margaret quem tramava suas travessuras. Durante muito tempo, ela foi fisicamente mais forte. De fato, uma vez a encontrei com o rosto de Jerry no barro, e ele parecia incapaz de defender-se. Naquela época ele tinha uns doze anos, o que quer dizer que sua filha tinha sete, mas mesmo assim, ela era muito mais alta. Imagino que tenha sido muito humilhante para ele.

— Suponho que não veremos sua excelência logo, — aventurou Anne com fingido descuido. Maggie sabia muito bem o quanto o duque desagradava a sua irmã — continua em Oxford, não é?

— Precisamente ontem à noite recebemos um telegrama no que nos anunciava sua volta para hoje mesmo. — respondeu a anfitriã com serenidade — Conforme me contou Lucy, que o ouviu dizer à cozinheira, cujo sobrinho trabalhou como valete de Jerry no último trimestre, esta manhã ele e seu tio tiveram uma reunião em segredo, e por isso Edward foi ao vilarejo para esperar a carruagem há uma hora. Suponho que não querem que saiba a razão da inesperada volta de meu sobrinho. Estou curiosa para ver quanto tempo conseguem manter o segredo desta vez.

Maggie não ficou para escutar o resto da conversa. No momento em que ouviu o nome de Jeremy e soube que estava a caminho de Rawlings, seus lábios desenharam um amplo sorriso e sentiu que os pés, como por vontade própria, punham-se a andar com pressa para a casa. Sabia que o duque subiria pela avenida margeada por

carvalhos, e passaria por debaixo de um dos mais antigos, que se elevava muito perto do caminho, apesar dos esforços dos jardineiros, que durante anos tentaram escorar o tronco com suportes metálicos. Os ramos daquela árvore formavam uma espécie de dossel a pouco mais de dois metros do chão. "Seria divertido lhe armar uma emboscada, como fazíamos quando éramos crianças e surpreendíamos os visitantes quando entravam no caminho da mansão", pensou. Não seria difícil lhe fazer cair do cavalo, era o mínimo que merecia por haver-se deixado expulsar outra vez, se Pegeen estava certa.

Esquecendo por completo as exortações de sua irmã para que se comportasse como uma dama, a moça levantou as saias e pôs-se a correr através da grama frente à mansão, sem dar-se conta de que, além das botas de cano longo sem salto, mostrava as brancas e torneadas panturrilhas. Fazia muito tempo que não via Jeremy, já que suas férias escolares não costumavam coincidir e, quando o faziam, um dos dois estava na cidade ou no estrangeiro, por isso não estava certa de que fosse reconhecê-lo. Conforme contavam seus tios com orgulho, o jovem se converteu em um verdadeiro cavaleiro, era um exímio cavaleiro, inigualável esgrimista, excelente boxeador e resistente nadador. Suas irmãs maiores, que tinham encontrado com ele em alguns bailes em Londres, concordavam que o duque era um jovem muito bonito, algo que a Maggie custava acreditar. E o que ainda era mais ridículo: insistiam em que era muito alto. Jerry mais alto que ela? Impossível.

A jovem Herbert subiu à árvore sem nenhuma dificuldade, mas ao fazê-lo uma de suas meias desfiou, o mirinhaque rasgou e lhe saltou um botão de pérola do corpete, sem que ao menos reparasse. Ao cabo de uns momentos, estava sentada comodamente nos frondosos ramos que cobriam o caminho. De sua privilegiada posição, a uns dois metros do chão, tinha uma vista limpa da avenida, ao princípio da qual cavalgava para o meio galope um homem sozinho. Com grande desilusão, a moça descobriu em seguida que não se tratava de seu amigo, posto que o cavaleiro tinha os ombros muito largos e além disso era muito alto. Em realidade, parecia-se muito com lorde Edward, entretanto, seu

cavalo era castanho, e o do homem que se aproximava era negro como o carvão... parecido com Rei, a montaria de Jeremy.

A jovem se inclinou para frente até ficar tombada sobre um grosso galho, olhou através da espessa folhagem e viu, com grande surpresa, que, com efeito, tratava-se de Rei, o primeiro cavalo do duque, que ainda era seu favorito. Jerry não deixava que ninguém mais o montasse, sendo assim isso significava que...

Mas não, não podia ser. Ninguém mudava tanto, ainda mais em só — rapidamente, contou com os dedos o tempo que fazia que não se viam — cinco anos. Deus, já tinham se passado cinco anos! Ao levantar a vista, Maggie viu que o cavaleiro e sua montaria já estavam quase debaixo dela e não havia a menor dúvida, esse jovem era Jeremy.

E suas irmãs não mentiam, converteu-se em um jovem muito bonito. Para as mulheres que gostavam desse tipo de homem byroniano e melancólico devia parecer irresistível. Ela, entretanto, preferia aos homens robustos.

De sua posição elevada, Maggie viu que o cabelo encaracolado e escuro do moço aparecia alvoroçado por debaixo da elegante cartola, sob cuja aba os chapeados olhos de olhar penetrante tinham uma expressão zombadora que reconheceu imediatamente. O duque parecia zangado, tinha a mandíbula apertada e o queixo erguido, como se quisesse afastá-lo do lenço com volantes que levava ao redor do pescoço. Os dedos largos e enluvados seguravam as rédeas da montaria, em que cavalgava com naturalidade como se fosse uma extensão de seu próprio corpo. A moça o observou com interesse, e se deu conta de que parecia tão magro e forte como os ferreiros, cujo torso nu estava acostumada a admirar furtivamente enquanto forjavam a golpe de martelo as ferraduras para os cavalos de seu pai.

Deus santo, já estava mergulhada de novo em uma de suas fantasias carnavais!

“Mas se é Jerry!”, pensou escandalizada. O que estava lhe acontecendo? Não podia pensar nele desse modo. Tinha bombardeado esse rapaz com bolas de neve e tinha lhe esfregado a cara no barro mais vezes do que podia contar. Jeremy estava

passando nesse instante bem debaixo dela, tão perto que poderia lhe tirar o chapéu da cabeça sem problema. Um segundo mais e se afastaria a toda pressa, estragando a surpresa.

Sem pensar mais, Maggie estirou o braço com a intenção de lhe pegar o chapéu e poder rir um momento ante sua reação. Entretanto, ao inclinar-se para frente, perdeu o equilíbrio e escorregou do ramo em que estava recostada. Tentou desesperadamente agarrar-se a ele, em vão. Um instante depois se precipitava no ar.

CAPÍTULO 3

O primeiro pensamento de Jeremy ao ouvir um ruído e sentir o impacto de um corpo contra o seu foi que, de um modo ou outro, Pierce havia voltado dos mortos e ia vingar-se dele por ter deflorado sua irmã e havê-lo assassinado. Por isso, sua primeira reação foi voltar-se na cadeira e empurrar seu adversário. Entretanto, o assaltante tinha lhe rodeado o pescoço com uns braços suaves e morenos, precipitando assim a queda de ambos.

O jovem nunca soube determinar com exatidão em que momento se deu conta de que seu atacante tinha o cabelo comprido até a cintura e generosos seios, mas foi provavelmente quando se estatelaram no chão e rolaram alguns metros pela grama, enredados com o mirinhaque, a saia e o fraque. Aturdido pelo golpe, o duque demorou uns instantes para dar-se conta de que estava curvado sobre uma mulher, e que, portanto não podia ser Pierce, a menos que a este tivesse crescido o busto depois de sua morte. De fato, antes de levantar a cabeça, teve-a recostada entre os seios, que pareciam haver-se liberado da opressão do espartilho, e embora sua proprietária estivesse deitada de barriga para cima, ainda se elevavam com descaramento para o sol.

Embora não se sentia muito a gosto nessa posição. Jeremy pensou que se tinha lhe deixado sem respiração, a queda podia ter deixado inconsciente aquela mulher, e decidiu comportar-se como um cavalheiro e incorporar-se para ver em podia lhe emprestar sua ajuda.

Entretanto, ao elevar a vista se encontrou com uns olhos marrons de expressão risonha e estranhamente familiar que o olhavam fixamente.

— É um porco! — disse a dama com tom zombador e uma voz muito doce e melodiosa para pronunciar aquelas palavras — Tábuas delgadas como um porco espancado. — Jamais tinha ouvido nada igual.

Por uns momentos, o jovem acreditou realmente que tinha ante si um fantasma. Só um ser sobrenatural podia assemelhar-se tanto a

alguém que conhecia, mas, de uma vez, ter um aspecto tão distinto. Pareceu-lhe que a moça que estava deitada debaixo de seu corpo era Maggie Herbert, além disso, era a única mulher que conhecia que podia lhe falar assim. Entretanto, não podia ser ela, pois não era a mesma pessoa que tinha lhe atormentado durante toda sua infância. A última vez que tinha visto a Maggie Herbert que ele conhecia tinha os dentes separados, era fraca, usava o cabelo presos em duas tranças e tinha as pernas tão compridas e desajeitadas que parecia não saber o que fazer com elas, o qual a fazia assemelhar-se a um potro recém-nascido que dá os primeiros passos.

Mas aquela mulher que via então tinha o corpo mais viçoso e exuberante que uma cortesã cara, e Jeremy tinha estado com mais de uma, assim sabia do que falava. Já não lembrava em nada um potro, e não tinha a menor dúvida de que as pernas entre as quais se recostava com tanta comodidade não tinham nada de desajeitadas. De fato, as coxas, abertas sob seu peso, harmonizavam-se à perfeição com as demais partes de um corpo ágil, forte, mas, acima de tudo, extraordinariamente feminino. Então se deu conta de que a filha mais nova de sir Arthur tinha crescido até converter-se em uma moça encantadora, poder-se-ia dizer que de seios abundantes, mas com os punhos e os tornozelos finos e magros e a cintura muito estreita. Era a mulher mais formosa que tinha conhecido até então, além disso, não parecia dar-se conta de suas recém adquiridas curvas femininas... nem do efeito que estas podiam provocar em um homem.

Só quando a olhou no rosto se deu conta de que a menina que conhecia e aquela moça eram a mesma pessoa. Já não usava tranças, em seu lugar luzia uma cabeleira castanha tão escura que, em contraste com o verde da erva fresca, parecia quase negra. Tampouco tinha os dentes separados, e sim bem dispostos e muito brancos. Não obstante, reconheceu o brilho daqueles olhos escuros, uma expressão muito bondosa para ser malvada, mas muito travessa para parecer ingênua. Além disso, a moça fez uma careta com a boca, cujos lábios sempre lhe tinham parecido muito grossos, e que então lhe resultavam sensuais e tentadores. Isso lhe recordou à pequena Maggie, aquela menina que o atormentava sem piedade,

mas da qual, lhe tinham advertido, não podia vingar-se porque era uma garota.

E agora parecia que, pelo simples fato de crescer, Maggie Herbert o vencia de novo, porque Jeremy jamais tinha visto uma mulher tão formosa em sua vida, e tão alheia a seus encantos.

— Ah! — exclamou a moça, rindo entre suspiros — Que cara você fez! É de morrer de rir!

O duque se aprumou, apoiando-se nos cotovelos, com o rosto ainda a poucos centímetros daquele jovem e abundante busto.

— Ficou louca? — perguntou com severidade. Ao ver que sua única resposta era uma gargalhada, continuou — Poderia ter te matado.

— Teria valido a pena — respondeu ela com entusiasmo. Ria com tanta vontade que o jovem, ainda estendido em cima dela, sentia o movimento espasmódico dos músculos de seu estômago debaixo do espartilho. Maggie Herbert usava espartilho! Sempre tinha acreditado que não viveria para vê-lo.

— Mesmo assim, não pode sair se jogando por aí, — replicou com seriedade — poderia ter se machucado muito.

— Ah, vai. Nunca soube aceitar uma brincadeira. Já vejo que todos esses colégios para meninos ricos não conseguiram mudá-lo. — Depois de apartar umas mechas de cabelo escuro do ovalado rosto, Maggie se levantou sobre os cotovelos. Isso fez que o corpete do vestido lhe abrisse ainda mais e oferecesse ao moço uma esplêndida vista do que escondiam os bojos do corpete. Diferente do que aconteceu aquela manhã no botequim, naquele momento lhe era impossível desviar o olhar, e lhe parecia que não podia mover-se de onde estava nem deixar de admirar as curvas de pele suave.

Maggie demorou um instante fitando os olhos do duque, sempre tinha acreditado que eram de uma opaca cor cinza, mas ao olhá-los naquela ocasião lhe pareceram mais expressivos do que lembrava, de fato, a íris era de um tênue azul claro com reflexos chapeados. Mas seu amigo não a olhava no rosto. Na realidade, pareciam ancorados em seu busto, de repente, a moça se deu conta de que o botão que tinha perdido ao subir no carvalho desempenhava uma

função essencial, e que seus exuberantes seios se sobressaíam pelo decote do vestido branco.

Imediatamente, Maggie começou a debater-se em muitas emoções contraditórias. Por um lado, inclusive em uma circunstância tão embaraçosa como aquela, a situação lhe parecia realmente cômica. Estava com o peito nu diante do duque de Rawlings! O que ia dizer lady Herbert? Entretanto, por outra parte, o modo em que o jovem a olhava não lhe parecia nada engraçado. Se ainda havia alguma dúvida a respeito de se Jeremy tinha mudado da última vez que se viram, a expressão de seu rosto naquele momento não deixava lugar a dúvidas. Nunca antes tinha lhe visto um olhar como aquele. Ao menos, dirigido a ela.

Não obstante, era o tipo de olhar que atraía nos últimos meses. Tinha-a visto nos olhos de alguns desconhecidos com quem cruzou no povoado, era uma expressão de admiração, mas havia nela algo mais que isso, e que só podia descrever como... desejo.

Desejo?

De Jeremy?

Nesse momento a moça se deu conta de que aquilo já não era um jogo infantil. O jovem que estava estendido sobre ela já não era um menino, e sim um homem de mais de vinte anos. E ela era uma mulher, ou quase, assim seria melhor que se separassem antes que alguém passasse por ali ou os visse de uma das janelas da mansão.

— Saia de cima de mim. — resmungou Maggie, voltando a largar-se no chão. Embora com isso tivesse que descer a cabeça e os ombros, piorando aparentemente a situação, permitia-lhe segurar o decote do vestido.

— Parece-me que perdeu um botão, Mag. — disse o duque com certa grosseria, desfrutando da confusão da jovem tanto como da vista que lhe oferecia.

— Acaso pensa que não o vejo imbecil? — respondeu ela, incapaz de olhar seu amigo no rosto. Seus olhos, todo ele, tinham mudado, e agora pareciam ter um estranho efeito sobre ela, que contribuiu para seu rubor tanto como ter perdido o botão.

— Tenho a impressão de que precisa de ajuda. — assinalou o rapaz, que observava seus esforços com uma sobranceira arqueada

— Permite-me?

Ante essas palavras, a confusão de Maggie se converteu imediatamente em indignação. Enquanto com uma mão segurava o decote do vestido, com a outra lhe deu uma forte palmada nas mãos morenas, calejadas, e muito maiores que as suas.

— Não, não lhe permito! — replicou enfatizando cada palavra com um novo tapa — Saia de cima agora mesmo!

— Se tivermos em conta que foi você quem saltou em cima de mim, sua indignação está absolutamente fora de lugar, Mag. — esclareceu Jeremy.

— Levante-se! — exclamou a garota olhando a seu redor — Deus santo, alguém poderia nos ver.

— Devia ter pensado nisso antes de me atirar do cavalo. — Jeremy, decepcionado ao ver que a moça tinha conseguido fechar o decote, ficou olhando os punhos fechados com o cenho franzido — Além disso, por que está assim? A vi nua muitas vezes, embora deva reconhecer que isso foi antes de que tivesse curvas tão maravilhosas.

— Disse para se levantar! — envergonhada, Maggie lhe golpeou a cabeça com o cotovelo do braço que ainda estava livre. Embora a cotovelada não pudesse lhe haver feito muito dano, Jerry pareceu surpreso. A jovem supôs que ao duque de Rawlings não devia lhe ocorrer muito frequentemente que uma mulher lhe golpeasse. Que dama ia querer ofender a um duque, que, além disso, era solteiro? Mas naquele momento, absolutamente não importava à senhorita Herbert o que o duque de Rawlings, ou qualquer outro duque, pensasse dela.

Não obstante, talvez fosse melhor assim, porque o que o moço estava pensando era que tinha sido um estúpido ao passar tanto tempo longe de casa. Entretanto, não foi isso o que disse.

— Isso não foi muito amável de sua parte, — disse esfregando a orelha e tentando parecer zangado — não teria se convertido em uma dessas moças tolas que esbofeteiam por tudo, não é?

— Oh, Por Deus santo. — replicou ela com aspereza — Levante de uma vez. Meu pai poderia nos ver.

— Essa é a única razão sensata que me ocorre para terminar com este interlúdio tão agradável. — disse o jovem com veemência.

Pouco a pouco se separou dela e, enquanto o fazia, não deixou de observar o modo em que tinha lhe subido a saia, deixando descobertas umas panturrilhas torneadas com tal perfeição, que teriam provocado a inveja de qualquer bailarina. E isso não foi tudo o que viu. Uma vez de pé, estendeu-lhe a mão para ajudá-la a levantar-se, e isso lhe permitiu vislumbrar o ponto em que terminavam as meias e começavam as ligas, justo na curva de umas coxas brancas e lisas.

Deitada no chão, Maggie se deu conta perfeitamente de como Jeremy olhava furtivamente entre suas pernas e, confusa e nervosa, baixou a saia antes de elevar o olhar, receosa, à mão estendida.

— O que foi agora? — exclamou o duque ao ver que a moça franzira o cenho — Estendo-lhe a mão para te ajudar. Será parva... Não me olhe assim, como se fosse mordê-la.

Maggie tragou saliva. Mordê-la, ou algo pior, era precisamente o que o jovem parecia tentado a fazer. Seu amigo de infância se converteu em um homem bonito, e estava certa de que havia muitas garotas às quais teria oferecido algo mais que a mão... e teria feito muito mais que morder.

Jeremy, entretanto, interpretou mal o motivo de sua vacilação.

— Vamos que não vou jogá-la na piscina outra vez, se for isso o que está pensando. — disse revirando os olhos — Se esquecermos a emboscada que acaba de me preparar, acredito que já somos grandinhos para continuar fazendo travessuras.

Consciente de que estava fazendo papel ridículo, Maggie lhe deu a mão, tendo especial cuidado em não soltar o decote do vestido que segurava com a outra. No momento em que os fortes dedos do jovem se enlaçaram com os seus Maggie soube que estava em apuros, o duque poderia mantê-la presa tanto tempo quanto quisesse, e ela não ia poder fazer nada para evitá-lo.

Mas apesar da força daqueles longos dedos, seu contato era muito suave, e em nenhum momento a pegaram com brutalidade como teriam feito tempos atrás. Foi uma sorte que Jerry não a soltasse em

seguida, porque ao levantar-se, a moça teve a maior surpresa de todas.

Jeremy era mais alto que ela.

E não só um pouco; era muito mais alto, pois apenas chegava aos ombros. Se o jovem não a tivesse segurado com mais firmeza enquanto cambaleava, ela teria batido o nariz em seu peito.

— Está bem? — O duque ficou olhando com expressão zombeteira — Não quebrou nada, não é?

Aturdida, sacudiu a cabeça. Jeremy Rawlings era mais alto que ela! E quase um palmo. Quando tinha ocorrido isso? A última vez que o tinha visto era ela quem tinha um palmo a mais, seu amigo tinha crescido quase meio metro em cinco anos. Deus bendito, ele era tão alto como lorde Edward!

— Quem diria, — observou o moço, surpreso — Maggie Herbert é uma juvenzinha que esbofeteia os homens e desfalece com facilidade. Como mudou. Jamais teria acreditado que se tornaria uma flor tão delicada.

Isso foi o que tirou a garota de seu estupor.

— Não desfaleci, — replicou elevando a cabeça, algo que nunca acreditou que teria que fazer para olhar Jerry nos olhos — e tampouco o esbofetei. Dei uma cotovelada, e o fiz porque mereceu. E agora, me solte.

Jeremy sorriu e desviou rapidamente o olhar. À jovem pareceu que seu sorriso tinha o mesmo efeito devastador que seu olhar, ambos lhe aceleravam o coração.

— Apesar de ter desenvolvido estas deliciosas curvas, continua sendo a mesma. — respondeu o duque levando-a mão da garota aos lábios com sentida admiração.

Horrorizada ante a despreocupada menção a seu corpo e o modo com que o jovem observava sua reação enquanto lhe beijava os nódulos, Maggie tentou apartar a mão em seguida, mas foi em vão. Jeremy, com um sorriso de auto-suficiência, apertou-lhe os dedos com força e começou a lhe observar as unhas.

— Ah, cobre em pó, magenta e um pouco de... Ah, sim, branco. Vejo que continua pintando. Que tal estão os gatos de madame

Ashforth? A estas alturas deve ter suficientes retratos para forrar o vestibulo.

— Me solte. — repetiu a moça, tentando manter a voz firme. Entretanto, não lhe era fácil, pois estava à beira de um ataque de nervos — Falo sério, Jeremy. Solte-me já.

— Me solte. Falo sério. — a imitou o duque — Acha que isso é modo de saudar um amigo que não vê há quase meia década?

Isso a distraiu, e deixou de apertar a mão com tanta força.

— Amigo? — repetiu a jovem com um suspiro — Desde quando somos amigos? Inimigo seria mais apropriado.

— Era você quem nutria esses sentimentos de animosidade, — respondeu ele com um tom de fingido desgosto — eu nunca entendi por que. Fazia-me a vida impossível, mas tudo o que eu queria era...

— Tudo o que queria era dar ordens a todo mundo, — o interrompeu. Então foi ela quem o imitou — não pode ser capitão pirata, Maggie; eu sou o duque, e o capitão pirata vou ser eu. Não, Maggie, não pode comer a última madalena, sou o duque e a quero para mim. Tem que fazer o que eu digo, porque sou...

— E o que tem? — replicou Jeremy, aparentando que tudo aquilo não lhe importava — De todo modo, nunca fez o que eu dizia.

— Ao menos havia alguém a quem não podia intimidar com sua atitude prepotente, — assinalou Maggie — ou teria se convertido em um canalha desses que não soltam a mão de uma jovem quando o pede.

— Canalha? Então te pareço um canalha, não é? — perguntou com um sorriso, como se o que Maggie acabava de lhe dizer fosse um completo engano. Entretanto, soltou-lhe a mão e ficou olhando a moça com uma expressão meditativa. Enquanto se perguntava no que estaria pensando, ela cruzou os braços em uma atitude defensiva. Então gostava de suas curvas, não é? E tinha a cara dura de admiti-lo diante de seu nariz. Deus santo! Se sua irmã Anne tivesse ouvido aquela conversa, teria desmaiado.

Mas a irmã de Maggie teria feito algo além de desmaiar se tivesse sabido o que o duque estava pensando naquele preciso instante; Jeremy estava se recriminando por não ter tentado seduzir à filha mais nova de sir Arthur anos atrás. Como era possível que não

tivesse se dado conta? Perguntava-se. Por que não tinha previsto que aquela menina se converteria tão tentadora? A verdade era que nenhuma de suas irmãs era nada especial, assim naquele sentido não tinha tido nenhuma pista, mas Maggie... um verdadeiro achado! Nunca tinha desfrutado tanto com uma jovem a quem não tivesse que pagar. Havia algo nela, naquela incontável rabugice, que dava a entender que, embora acabasse de deixar o colégio, não era uma garotinha dissimulada. O jovem pensou que, afinal, sua visita à mansão talvez não fosse tão aborrecida...

À moça, entretanto, não gostava do rumo que tinham tomado os acontecimentos. Não gostava absolutamente. Maggie não estava acostumada a estar perto de pessoas mais altas e corpulentas que ela, e Jeremy, a quem durante anos tinha dominado fisicamente, a fazia se sentir miúda, e isso a incomodava sobremaneira. Ou o que era ainda pior, o moço era tão corpulento que chegava a lhe provocar temor. E não havia nada que Maggie detestasse mais que o medo. Considerava-se uma pessoa audaz e, diferente de suas irmãs, não lhe davam pânico as alturas, a água, os ratos, os insetos, os lugares fechados ou a escuridão. Não conseguia compreender como era possível que sentisse medo de Jeremy Rawlings, mas o sentimento estava ali, e ia ter que fazer algo para remediá-lo, ou resignar-se a aceitá-lo. Entretanto, ainda não estava certa de se o que lhe provocava esse temor era o duque, ou como a fazia sentir.

A jovem olhou furtivamente o rosto de Jerry, e viu que continuava com os olhos fixos nela com a mesma expressão pensativa. Deus santo, ele era realmente atraente! Como era possível não ter notado? Em realidade, exceto lorde Edward e seu cunhado Alistair Cartwright, os homens atraentes desagradavam Margaret; sempre lhe pareciam que estavam muito cheios de si mesmos. Supôs que Jeremy tinha razões para sentir-se superior, posto que tinha se convertido em um jovem muito bonito, e tinha mais dinheiro que a rainha; entretanto, tanto seu aspecto como seu dinheiro eram presentes da boa sorte, e só um idiota podia orgulhar-se do que tinha recebido de Deus.

— Jerry... — começou a moça olhando além dos ombros de seu amigo de infância.

— O quê? — perguntou ele arqueando as sobrancelhas com expectativa.

— Acredito que deveria ir atrás de seu cavalo. Escapou.

Surpreso, Jeremy se voltou e viu que Rei tinha se posto a trotar para os prados mais ao sul, onde pastavam as éguas.

— Maldita seja, — resmungou — fique aqui. — acrescentou com um gesto parecido ao que faziam os pastores de Yorkshire a seus cães para que esperassem — De acordo? Volto em seguida.

— É óbvio. — respondeu a moça com seriedade, assentindo.

Mas no instante em que o jovem lhe deu as costas, começou a andar para a mansão. Não se pôs a correr porque lhe era difícil fazê-lo enquanto segurava o corpete do vestido, e porque não queria que Jeremy pensasse que fugia dele, mas andava o mais depressa que podia. Naquelas circunstâncias, a retirada lhe parecia a melhor estratégia. Precisava pôr em ordem algo mais que seu vestido... após ter sido bombardeada com tantas novas sensações de uma vez, os pensamentos lhe formavam redemoinhos na cabeça. Jeremy Rawlings tão masculino e forte como os filhos do ferreiro, a quem tinha ficado admirando à distância por um ano? Jeremy Rawlings olhando-a com desejo com uns olhos que sempre lhe tinham parecido apagados, mas que agora brilhavam como o serviço de chá de prata de sua mãe? Jeremy Rawlings mais alto que ela?

O que estava acontecendo?

Tudo aquilo era mais do que uma garota como Maggie podia assimilar. Estava acostumada à vida no campo, e não sabia como reagir ante o rumo que os acontecimentos tinham tomado. Necessitava tempo para refletir, recompor-se, tanto no sentido literal como figurado, e decidir como enfrentar aquele inquietante descobrimento: Jeremy Rawlings lhe dava medo.

Não teve a oportunidade de fazê-lo. Nem tinha deixado para trás o caminho de entrada da labiríntica mansão de três pisos quando ouviu uma voz profunda. Sua voz, que também tinha mudado muito, chamava-a. Maldição! A moça se deteve em seco, elevou a vista ao céu para rogar a Deus que lhe desse forças e se voltou pouco a pouco.

— Onde pensa que vai? — perguntou-lhe o jovem. Maggie reconheceu um tom zombador na grave voz. Era a mesma inflexão com a qual frequentemente se dirigia a ela após ter sido vítima de uma de suas travessuras.

— Pois... — respondeu — A parte alguma. À casa. Tenho que encontrar um botão. — “Brilhante diálogo!”, reprovou-se intimamente.

— Venha comigo. — respondeu Jerry. Tinha alcançado Rei, e ofegava pelo esforço. A Maggie pareceu que estava irresistível; tinha perdido o chapéu, e os raios do sol davam a seu cabelo, negro azeviche, reflexos azulados; além disso, levava o lenço ligeiramente desenrolado, deixando ao descoberto alguns cachos de cabelo escuro na base do pescoço.

— É que... — voltou a dizer. A moça, que sempre tinha uma resposta pronta, parecia não saber o que dizer — Não posso. Sério, tenho que...

— Vamos, me acompanhe às cavalariças para deixar a este animal, — replicou o jovem rindo baixo, como se aquela recusa lhe fosse muito divertida — e logo entraremos e procuraremos um botão.

— Não posso, sério, Jeremy. Minha mãe...

— Oh, venha, esqueça a sua mãe. — Os olhos de cor cinza prateada brilharam com expressão de desafio, e o duque a olhou com um sorriso — Do que tem medo?

— De nada. — respondeu ela imediatamente, franzindo o cenho. Aparentemente, tinha recuperado a fala.

— Não teria medo de mim, verdade, Mag? — Os olhos cinza cintilaram.

— É obvio que não!

— Não está me mentindo, Mag?

— Não...

Os lábios do duque desenharam um sorriso tão amplo que a moça pôde ver seus brancos e regulares dentes.

— Não, já sei que não. Era uma brincadeira. Venha, vamos. — disse voltando-se para ela para lhe oferecer o braço que estava livre — Acompanhe-me. Quero que me conte o que aconteceu durante

estes últimos cinco anos. É evidente que ainda pinta. Mas que mais esteve fazendo?

Maggie ficou olhando com frouxidão a entrada principal da mansão; depois daquela porta de dupla folha estava a segurança, a prudência, e uma criada com uma mesa de costura. Mas ela não podia suportar a covardia, e muito menos em si mesma, assim, com um suspiro, cruzou a avenida e se agarrou ao braço de Jeremy.

— Oh, — disse com rapidez — não muito.

CAPÍTULO 4

Tinha sido muito fácil. Só tinha tido que atacar seu orgulho, e era dele. Em realidade, ainda não era totalmente dele... mas seguramente não demoraria em consegui-la. O importante era ter descoberto seu ponto fraco, ou talvez devesse dizer redescoberto, pois mais tarde se lembrou de que sempre podia instigar Maggie a fazer o que fosse com uma só frase: "Não tem medo, verdade, Mag?"

No momento, a moça dissimulava muito bem seu temor; estava sentada com fingida despreocupação em um fardo de feno frente à baia de Rei e, recostada em um poste de madeira, balançava os pés sobre o chão. Por falta de sorte, ainda sustentava com cuidado o decote, impedindo ao jovem contemplar as preciosas e pálidas curvas. Entretanto, Jeremy estava seguro de que não passaria muito tempo antes que pudesse fazer algo mais que as olhar. Já sabia o que tinha que lhe dizer para conseguir o que quisesse, assim muito em breve poderia vingar-se por todas as sacanagens que tinha lhe feito quando eram meninos.

Enquanto isso se contentava em apenas olhá-la, os raios do sol que se filtravam pela porta entreaberta do estábulo lhe iluminavam as costas e o cabelo solto e caído.

Tinha tido sorte de chegar a casa à hora do chá, pois todos os cavaliços tinham ido à mansão para desfrutar do famoso bolo da cozinheira. Maggie e Jeremy estavam sozinhos no estábulo, com os cavalos e alguns pássaros que tinham se aninhado nas vigas do teto, e que gorjeavam com inquietação ao ver invadida sua intimidade.

Por sua parte, Maggie se sentia mais tranquila. Jeremy tinha deixado de olhá-la com aquela expressão de luxúria, e a jovem estava começando a pensar que tinha se confundido. Afinal, esse rapaz podia ter todas as mulheres que desejasse. Por que ia desejar a ela? Não era mais que uma vizinha, filha de seu administrador. Sua irmã se casou com o melhor amigo de seu tio, e sua tia e sua mãe eram muito amigas; por isso, quando crianças tinham brincado juntos frequentemente. Nada mais. Com toda certeza, a amabilidade

do moço se devia a sua antiga relação, pois lhe era inconcebível que visse nela algo mais que uma amiga de infância. Fosse como fosse, pensar nisso a ajudou a apaziguar sua confusão.

— Assim, — explicava a moça enquanto Jeremy desencilhava Rei — Evers pai continua aqui, em Rawlings, e seu filho é o mordomo da casa de Londres; conforme me disseram, seu neto está em uma escola de mordomos, e tem a esperança de que seu avô se aposente logo para ocupar seu lugar. Segundo sua tia, Evers pai diz que não se aposentará até morrer, e insiste em seguir servindo as taças, apesar de que, quando pega algo mais pesado que um jarro, suas mãos tremem muito.

Jeremy, que tinha tirado a jaqueta para escovar ao cavalo, pensou que seria melhor tirar também o lenço do pescoço; tentou fazê-lo com toda naturalidade, e deixou o objeto de linho sobre a jaqueta pendurada na porta.

— Sério? — perguntou enquanto se inclinava para frente para escovar o topete de sua montaria.

— Sim. E Lucy, a aia de sua tia, teve outra menina, a quarta. Embora se dissesse que já deveria ser suficiente, diz que não será feliz até dar a luz a um filho varão.

— Entendo. — disse Jeremy. Endireitou o corpo, largou a escova e ficou olhando fixamente a jovem sem que ela se desse conta, já que o sol incidia diretamente em seu rosto, enquanto que ele estava de costas para a luz.

— A senhora Praehurst vai fazer sessenta e cinco no próximo outono, — continuou contente de poder lhe informar de todos os detalhes da vida privada de seus criados — e seus tios querem lhe dar de presente uma viagem à Itália. Mas, ao que parece, ela detesta os italianos; diz que uma cozinha que depende tanto do tomate não pode ser boa para a digestão, e que alguém deveria lhes advertir...

— Maggie... — interrompeu-a Jeremy. Algo em sua voz deu a entender à moça que não a cortava para lhe perguntar algo a respeito da atitude de sua governanta sobre a cozinha mediterrânea. Jerry tinha aberto a porta do estábulo, tinha-a fechado atrás de si e estava a poucos passos do fardo de feno sobre o qual estava

sentada sua amiga de infância. Ela não podia ver a expressão de seu rosto, mas por seu tom de voz lhe pareceu que estava alterado.

— Sim? — perguntou com cautela.

Quando ele se aproximou o suficiente para que o rosto ficasse na sombra, Maggie esticou o pescoço e viu que não parecia absolutamente nervoso ou intranquilo. De fato, sua expressão era descaradamente zombadora.

— Falou sobre todo mundo relacionado, embora seja remotamente, com a mansão Rawlings, — começou enquanto se sentava a seu lado, sobre o fardo de palha, sem nem sequer lhe pedir permissão — mas não disse nenhuma palavra sobre você.

O jovem se sentou muito perto, de modo que seus ombros se roçavam ou, melhor dizendo, o ombro dele roçava-lhe o braço. Maggie se afastou para lhe dar lugar.

— Não há muito que contar, — respondeu com aspereza — fui ao colégio.

— É óbvio. — assentiu ele. Tinha sido sua imaginação, ou o duque se aproximou mais enquanto ela se afastou? — E agora, o que vai fazer?

— Pois, — respondeu a garota, apartando-se um pouco mais — não sei. Queria estudar pintura em Paris, mas meu pai não deixa.

— Ah, é? — por que tinha tido que soar tão satisfeito? E como era possível que de repente Maggie estivesse na beirada do fardo de feno, a ponto de cair?

— E então, o que vai fazer?

— Não sei. — respondeu a moça olhando o chão. Começava a ficar nervosa, não só porque o jovem se sentou tão perto, mas porque não entendia por que o tinha feito. Como não queria acabar sentada em seu colo, pareceu-lhe que se ele se aproximasse um pouco mais seria melhor sentar no chão. Entretanto, acreditou que, talvez, se continuasse falando o manteria distraído — Suponho que terei que ir a Londres para debutar. Já sabe...

— Oh, seu *début*. — repetiu o duque enquanto lhe rodeava os ombros com o braço.

Maggie ficou olhando aquela mão que lhe caía sobre o ombro esquerdo e viu, com certo sobressalto, que estava coberta de um

pelo negro, parecido ao que lhe sobressaía pelo pescoço aberto da camisa, que lhe subia pelo braço até o que deixava descoberto, a camisa arregaçada. Havia algo profundamente masculino na grosseria desse braço, e a moça sentiu que apenas olhá-lo lhe acelerava o pulso.

— Está ansiosa? — perguntou-lhe.

— Não muito. — respondeu. Então voltou a cabeça até que ficou olhando-o nos olhos, um gesto que não lhe foi muito difícil, pois seu rosto estava a poucos centímetros do dele. Entretanto, deu-se conta de que tinha sido um erro, já que seu olhar continuava tendo essa estranha influência sobre ela; naquela ocasião, não obstante, em vez de lhe acelerar o coração, sentiu que se arrepia, apesar de que o sol a banhava totalmente e sentia bastante calor — A verdade é que me parece bastante estúpido, — conseguiu dizer. De novo, parecia haver ficado sem palavras — detesto as festas, e eu não gosto de dançar. — então viu que o duque baixava a vista — Jeremy, — murmurou sentindo que de novo a percorria um acesso de ansiedade — por que está olhando meus lábios assim?

O jovem sorriu, e a mão que tinha deixado sobre seu ombro a rodeou como se quisesse abraçá-la.

— Porque vou te beijar, Mag. — respondeu com uma voz tão doce que lhe pareceu uma carícia — Quer que o faça?

Naquele momento, Maggie sentiu que o coração começava a lhe palpitar freneticamente.

— A verdade é que não. — respondeu tornando-se para trás, afundando-se mais em seu braço urgente. Então se deu conta de que estava presa, como um camundongo na ratoeira, e estendeu os braços em um gesto defensivo, esquecendo do botão perdido — Não.

Mas era muito tarde. Aquele não era o mesmo menino de cinco anos atrás, a quem dominava sem dificuldade, e sim um homem muito mais corpulento e forte que ela, a quem não parecia importar o a opinião dela sobre a questão. Apesar de seus protestos, o jovem baixou a boca para a sua.

De repente, ela pareceu esquecer o motivo de seus protestos. Era-lhe estranho, muito estranho, que Jeremy a beijasse, mas ao mesmo

tempo provocava uma sensação muito prazerosa.

Era a primeira vez que um homem a beijava e a estreitava entre seus braços, e nunca tinha tido um tão perto para dar-se conta de que tudo neles era diferente. Tudo. Seu contato era muito diferente do de uma mulher, e lhe pareceu que suas carícias eram um tanto bruscas. O corpo de Jeremy era maciço e, tocasse onde tocasse, só havia fortes músculos. Nem sequer a pele era suave; Maggie sentiu a aspereza da barba mal barbeada ao redor de sua boca, e o bigode, duro como uma lixa. Além disso, descobriu que os homens também cheiravam diferente das mulheres; a couro, a cavalo e um pouco de tabaco, um aroma que, tivesse sido ela quem o desprendesse, faria o impossível para ocultá-lo. Entretanto, em um homem lhe parecia agradável. Tudo lhe parecia agradável. Também o braço que lhe rodeava a cintura e puxava para seu corpo. E inclusive os lábios que exploravam os seus com dúzias de pequenos e apaixonados beijos, ou a lenta e sedutora exploração do interior de sua boca em que a língua dele estava empenhada... até isso era agradável.

A única coisa que lhe parecia estranha era como tudo aquilo a fazia sentir. Sabia que deveria estar furiosa com Jerry por ser tão ousado, e que teria que estar tentando se apartar dele. Mas não podia. Não sentia nenhum pingão de indignação, porque no momento em que tinha começado a beijá-la tinha se apropriado dela uma deliciosa letargia. O jovem a sujeitava firmemente com os fortes braços e a beijava na boca com um ardor que a fez sentir-se como a moça frágil e delicada que sempre tinha querido ser; o tipo de mulher que precisa respirar profundamente para não desmaiar, e que não é muito alta e corpulenta para que um homem a levante facilmente em seus braços.

Mas não só sentia isso; percebia uma estranha sensação em suas partes íntimas. Enquanto que no resto do corpo sentia uma doce frouxidão, entre as pernas notava uma crescente tensão e uma repentina umidade para a qual a única explicação era que, tal como sempre tinha temido que acontecessem, suas inclinações carnis se apoderaram totalmente dela. Sentia-se como uma gata no cio, e não podia negar que, igual a Jeremy pressionava seu corpo contra o

dela, ela o fazia contra o dele, até o ponto de que certas partes chegavam a lhe doer, pois desejava que ele as acariciasse.

Mas então o rapaz, que tinha estado acariciando a suave pele do braço dela com a mão livre, aventurou-se a colocá-la no decote até roçar um dos generosos seios. Maggie ficou tensa da surpresa e soube imediatamente que aquilo não estava bem. Mas não porque lhe fosse desagradável, pois nunca teria podido imaginar algo tão doce como esses dedos calosos deslizando-se sobre sua pele nua, mas sim por justamente o contrário; aquela carícia era tão prazerosa que a garota soube que, se não detivesse logo os avanços do duque, já não seria capaz de fazê-lo.

— Jerry... — ofegou quando ele afastou os lábios de sua boca para lhe beijar o pescoço.

— Mmmm. — O jovem tinha metido a mão pelo interior do corpete até as taças de encaixe da regata, sob as quais acariciava com doçura a acetinada pele. Maggie prendeu a respiração.

— Jerry. — repetiu com urgência — Pare...

— Por quê? — perguntou o moço com certa curiosidade, sem apartar as mãos dos seios. Ao chegar até o mamilo ereto, cobriu-o com a palma antes de começar a beliscá-lo brandamente com os dedos enquanto apertava o seio com o resto da mão. Maggie arqueou as costas e deixou escapar um gemido; uns gestos que lhe fizeram pensar ainda mais em uma gata no cio. A moça sentia que a roupa íntima ficava cada vez mais úmida.

— Jeremy! — exclamou então com voz firme.

A voz do duque, em troca, soou tão entorpecida como se estivesse bêbado.

— O que foi Mag? — inquiriu justo antes de posar os lábios sobre a exuberante curva de seus seios.

Maggie lhe agarrou o cabelo, em um intento de evitar que baixasse mais a cabeça, e se surpreendeu da suavidade dos cachos negro azeviche.

— Jeremy. — insistiu. Resistir ao impulso de entregar-se a suas carícias era um verdadeiro suplício, que inclusive chegava a sentir como uma dor física — Pare, por favor...

— Não posso. — respondeu ele com o rosto afundado no vale de seus seios. A chuva de beijos se aproximava perigosamente do mamilo que cobria com a palma da mão — Oh, Mag. Quando ocorreu tudo isto?

A moça pestanejou com o olhar fixo na negra cabeleira.

— Quando ocorreu o quê? — perguntou, confusa.

— Tudo isto. — respondeu o duque com assombro enquanto passava a mão de um seio ao outro, deixando descoberto o duro mamilo que tinha estado acariciando. Entretanto, antes que a garota tivesse tempo de cobri-lo, os lábios de Jeremy se apressaram a fazê-lo por ela. Maggie sentiu uma onda de calor e deixou escapar outro gemido, que soou como um miado de desejo.

Aquilo era terrível, muito mais do que tinha imaginado. A aquelas alturas já não queria somente que continuasse, mas também sentia a necessidade física de que o fizesse... Mas o que ocorreria se continuava? Se com apenas carícias no mamilo com a língua se estremecia de prazer sob seu corpo, o que ia ocorrer se levantasse a saia?

Não. O coração lhe palpitava com tanta força que sentia retumbar cada batimento do coração nas têmporas. Não. O mero pensamento de que aquilo podia ocorrer lhe produzia verdadeiro pavor. Pensar nesse homem, a quem na realidade mal conhecia, nu diante dela; a idéia de que a tocasse em lugares ainda mais íntimos dos que acariciava; imaginar como reagiria então a sua nudez e ao contato dessas carícias... era, simplesmente, demais para ela. Jerry a tinha acusado de estar assustada. É obvio que estava. Estava mais assustada do que tinha estado em toda a sua vida. Sentia-se muito mais viva do que já havia se sentido... e por isso mesmo, mais assustada.

O temor venceu o desejo, e com ele apareceu, por fim, a indignação. Como se atrevia? Possivelmente estivesse acostumado a se deitar nos palheiros quando quisesse, mas ele era um homem. E não um homem qualquer, era um duque. Podia ter tantas aventuras quanto quisesse sem pensar nas consequências.

Ela, em troca, nunca tinha beijado um homem antes. Como podia aproveitar-se de sua inexperiência, de sua relativa inocência nos

assuntos mundanos?

Maggie, que tinha conseguido converter o impulso sexual em uma incontida e exacerbada raiva, agarrou Jeremy pelo cabelo e tentou lhe apartar a cabeça com todas suas forças.

— Sol... solte-me! — resmungou apertando os dentes.

Para sua surpresa, o moço levantou a cabeça, ficou olhando-a nos olhos e disse com voz firme:

— Ah, não. Você se divertiu bastante quando com nossas brincadeiras quando éramos crianças, mas agora é minha vez. — E, imediatamente, inclinou-se de novo sobre seus lábios.

Maggie não pensou duas vezes. Reagiu instintivamente, tal como tinha feito momentos antes, quando tinha aberto a boca sob a dele, mas desta vez foi a fúria, e não a paixão a que a impulsionou. Soltou as mechas de cabelo, jogou o braço para trás e, fechando o punho, golpeou ao duque com todas suas forças no nariz. Ele mesmo tinha lhe explicado cinco anos antes que era o lugar ideal para dar um murro, porque a cartilagem do nariz era muito delicada, e ao rompê-la não se machucaria os nódulos dos dedos.

Infelizmente, por causa do estreito abraço, não acertou o alvo, e machucou o punho contra os dentes. Mesmo assim, o murro teve o efeito desejado; o jovem a soltou de repente e Maggie, sacudindo a mão dolorida no ar, pôde levantar-se e ficar fora de seu alcance.

— Mas que demônios...? — exclamou Jeremy levando a mão à boca. Ao baixá-la, viu que tinha uma gota de sangue, proveniente com toda certeza do ponto em que o punho tinha esmagado o lábio superior contra os dentes. Embora o golpe não lhe tivesse feito muito dano, tinha lhe deixado atônito — Mag, o que está fazendo? — exclamou aniquilado, olhando-a com expressão de incredulidade.

— Eu lhe disse que me soltasse. — respondeu ela com irritação enquanto olhava os nódulos, que tinham começado a inchar. Temia haver deslocado algum dedo. O que ia fazer agora? Tinha quebrado a mão contra os dentes do duque de Rawlings. Como ia explicar a sua mãe?

— Sim, mas... — o jovem olhou o sangue em sua mão com uma expressão de inexprimível desconcerto — Me bateu.

Com o sol iluminando-a de cima abaixo, Maggie lhe lançou um olhar de exasperação.

— Oh, vá, — repôs, tentando soar-se mais indignada do que estava — acaso pensa que porque é duque pode assediar impunemente a quem quer? Da próxima vez pensará melhor, estúpido presunçoso. Eu disse que me deixasse, e o disse a sério. — respondeu enquanto observava com grande satisfação o fio de sangue que lhe escorregava do canto dos lábios. Aliviada, notou que o coração pulsava a um ritmo mais tranquilo, e que o veemente ardor que sentia pouco antes se acalmou, ao menos no momento.

— Mas não queria te fazer mal... — objetou Jeremy com doçura. A moça viu no rosto do duque uma expressão estranha que não tinha visto antes em todos os anos que o conhecia. O que não sabia era que ninguém tinha visto antes no duque de Rawlings um olhar semelhante. Aquela era a primeira ocasião em que Jeremy podia esboçá-la. Pois era, afinal, a primeira vez que uma mulher o rechaçava.

— Sei,— respondeu Maggie, sua fúria ainda acesa como uma brasa — sei perfeitamente o que queria fazer, e te aconselho que o pense duas vezes antes de voltar a tentá-lo, porque prometo que voltarei a te bater.

Jeremy não podia acreditar no que ouvia. Tinha em frente a si a mulher mais formosa que tinha visto em muito tempo, apesar da casualidade de que fosse uma que conhecia da infância, e o tinha rechaçado! Nunca em sua longa e sem dúvida variada vida sexual tinha lhe ocorrido nada semelhante. Jamais uma mulher tinha lhe resistido. Nunca. Simplesmente, não tinha lhe ocorrido.

Não sabia o que pensar. Estava seguro de que a garota se sentia atraída por ele, pois seus beijos tinham sido apaixonados. Não podia havê-lo interpretado mal. Assim, por que tinha lhe detido?

Talvez porque desde pequena lhe tinham inculcado que uma garota devia estar casada, ou ao menos noiva, antes de permitir que um homem lhe fizesse o que Jeremy tinha tentado sem o benefício do casamento. Mas isso não tinha sido obstáculo para um bom número de senhoritas da alta sociedade a quem tinha conhecido

durante a última temporada em Londres. Por que isso tinha detido Maggie?

O jovem ficou olhando-a, iluminada pelos raios do sol; tinha as bochechas coradas e respirava entrecortadamente, tentando recuperar o fôlego, o que lhe pareceu uma prova a mais de seu desejo por ele. Por uns momentos, não pôde evitar admirar a forma em que o alargado decote se abria um pouco mais com cada inspiração.

Isso também foi a primeira coisa que Edward viu ao entrar nas cavalariças um instante depois.

— Jeremy! — vociferou o cavalheiro.

Os estorninhos que descansavam nas vigas piaram assustados e puseram-se a voar em bando ao ouvir retumbar a grave voz no silencioso edifício banhado pelos raios do sol. Mas os passarinhos não foram os únicos que Edward assustou; Maggie soltou um gemido e, com um intenso rubor nas bochechas, cruzou os braços para cobrir os seios semidesnudos.

— Que demônios está ocorrendo aqui? — perguntou Edward, colérico.

— Deus santo! — respondeu Jeremy arrastando as palavras, do fardo de feno sobre o qual continuava curvado— Por que tem que ser sempre tão inoportuno? Maggie e eu só estávamos nos conhecendo um pouco melhor depois de tanto tempo.

— Margaret. — A moça se estremeceu ao perceber a severidade na voz de lorde Edward. Nunca o tinha visto tão zangado, nem sequer quando os surpreendeu atando bombinhas na parte de trás do coche do vigário — Volta com sua mãe agora mesmo.

— Sim, senhor. — A jovem não necessitou que lhe dissessem mais nada. Sem uma palavra, voltou-se e se precipitou para a porta. Ou o tentou, pois teve que deter-se em seco ao notar que alguém a segurava por um dos aros metálicos do mirinhaque na parte de trás da saia. As cintas que lhe prendiam o mirinhaque à cintura lhe cravaram no estômago, e a garota soltou uma breve exclamação antes de olhar com expressão acusadora por cima do ombro. Mas Jeremy não a olhava, e sim a seu tio.

— Não precisa que a mande ir com sua mãe. — disse o jovem com tom autoritário. Ao ouvi-lo, Maggie pensou em quão acostumado devia estar em dar ordens — Não fez nada de mal. Se quer se zangar com alguém o faça comigo. Ela é inocente...

— Oh, não me cabe nenhuma dúvida de sua inocência. — respondeu lorde Edward. O temor da moça aumentou ao ver que o cavalheiro começava a tirar a jaqueta. Aquele homem, a quem nunca tinha visto com um cabelo fora do lugar, estava se despindo nas cavaliças! — É a você a quem vou esfolar vivo até que não fique carne no corpo. Mas se quiser que Maggie esteja presente enquanto o faço, não tenho nenhum inconveniente.

A moça soltou uma exclamação de alarme, arrancou o aro do mirinhaque das mãos de Jeremy e pôs-se a correr o mais rápido que podia.

CAPÍTULO 5

— Não precisava assustá-la. —Repreendeu-lhe Jeremy franzindo o cenho, depois de observar Maggie desaparecer voando em suas botas de cano longo à luz do sol, pela porta das cavalariças.

— Oh, não. — respondeu Edward, com o olhar fixo nos punhos da camisa que dobrava com cuidado — Já estava se encarregando disso pessoalmente, verdade?

— Eu? — O moço pareceu ofendido — Eu não a assustava.

— Ah, não? — Seu tio, com as mangas arregaçadas até os cotovelos, afrouxou o lenço do pescoço — Então, por que sua boca sangra?

O duque levou uma mão aos lábios, tinha esquecido o corte que o murro tinha lhe aberto.

— Ah, isto. — riu entre dentes — Não vai acreditar nisso; fui eu quem lhe ensinei esse gancho. Nunca pensei que ia utilizá-lo contra mim.

— Sério? — o cavalheiro ficou olhando — E o que acreditava que ia fazer, Jerry? Derreter-se entre seus braços?

— Bom, — respondeu — é o que costumam fazer. De fato, é a primeira vez que não ocorre. Ainda não entendo por que, mas suponho que...

— Pois pense um pouco,— interrompeu-lhe seu tio com severidade — talvez você já tenha alcançado a maioridade, mas Maggie Herbert ainda é uma menina.

— Oh, por favor, — respondeu o moço indignado — mas vai fazer dezessete anos. É a idade em que minha mãe me trouxe ao mundo.

Edward, embora surpreso de que Jerry lembrasse de sua mãe, de quem falava em raras ocasiões, só disse:

— Maggie Herbert é filha de um cavalheiro. Seu pai é seu assessor financeiro, e meu amigo. — Jeremy revirou os olhos; tinha ouvido muitas vezes seu tio queixar-se de quão inoportuno sir Arthur podia chegar a ser — A moça é a convidada de minha esposa, e isso significa que se hospeda nesta casa sob sua proteção. Como pode ser tão desavergonhado, ou melhor, dizendo, tão estúpido, para

tentar seduzi-la nada menos que no estábulo, como se fosse uma garçõete a quem tivesse conhecido em uma noite de farra?

— Isso não é verdade, — respondeu o jovem com tom de dignidade ferida — eu nunca tentaria seduzir a uma garçõete em um estábulo. Antes de me dignar me deitar sobre ela, exigiria que, no mínimo, me oferecesse um quarto com uma boa cama...

Viu vir o golpe. Entretanto, para surpresa de Edward, seu sobrinho não se afastou nem tentou esquivar o murro. Seus nódulos se precipitaram com força na mandíbula de Jeremy, que desmoronou sobre uma pilha de fardos de feno.

O cavalheiro sacudiu a mão, dolorida pela força do impacto; fazia tempo que não se encetava em uma briga corpo a corpo, pois não era bem visto que os membros da Câmara dos Lordes participassem de brigas de nenhum tipo.

— Lamento ter tido que fazê-lo, — disse, com tom de indignação — mas, por Deus bendito, Jerry...

— Sei, — O jovem, com a rebelde cabeleira negra cheia de palha, sentou-se enquanto acariciava o queixo, duplamente castigado — mereci isso.

— Isso e muito mais. — replicou seu tio com severidade — Esta noite irá a Herbert Park e lhes pedirá desculpas, tanto a Maggie, embora duvide que queira vê-lo, como a seus pais. Irá para o continente amanhã à primeira hora. — aproximando-se de seu sobrinho, Edward lhe estendeu a mão para ajudá-lo a levantar-se — Quanto antes vá, — disse com um suspiro enquanto Jeremy puxava com força — antes poderemos esquecer este desgraçado incidente.

Depois de ficar de pé, Jeremy começou a sacudir as calças para que se desprendessem os fiapos de palha.

— E quando se celebrará o casamento? Dentro de seis meses? Pensa que ainda terei que esperar ao menos seis meses antes de voltar, para estar seguro... Pelo Pierce, quero dizer.

Edward, que tinha estado flexionando os dedos para comprovar que não tinha quebrado nada, ficou imóvel, olhando seu sobrinho com atitude severa.

— Que casamento? — perguntou com receio.

— O casamento, — respondeu o jovem enquanto tirava uma fibra de palha do cabelo— já sabe, entre Maggie e eu.

— Pediu Maggie Herbert que se case contigo?

— Bom, de fato, não. — explicou seu sobrinho antes de soltar uma gargalhada incômoda — É obvio que não! Nenhum homem quer casar-se, não? — a gargalhada terminou com a mesma brutalidade com que tinha começado, e Jeremy, nervoso, perguntou — Não vai obrigar-me a casar com ela? Tendo em conta que nos descobriu... Como o diria? Em flagrante delit...

— Embora me satisfaça saber que durante sua estadia em Oxford aprendeu algo de latim, — respondeu seu tio — devo confessar que não, nem me tinha passado pela cabeça te obrigar a se casar com Maggie Herbert.

Para surpresa de Edward, o moço pareceu decepcionado.

— Mas a comprometi. — replicou — Pensava que...

— Tudo o que eu vi é que estava com o decote desabotoado.— Interrompeu-lhe antes de elevar com gesto ameaçador o dolorido punho. — Está dizendo que a desonrou?

Jeremy ficou olhando o punho.

— Pois... — respondeu — Não. Mas o teria feito se não tivesse tentado me esmagar o nariz. E se você não tivesse entrado, é obvio.

— Pois já é razão demais para que viaje à França. — apontou o cavalheiro com suficiência enquanto baixava o braço — Ali poderá seduzir a todas as francesas que quiser. Mas esqueça das inglesas, e especialmente de Maggie Herbert. E, agora, vá arrumar-se. Sua tia perguntou por você, por isso tinha vindo te procurar.

Edward se dirigiu à porta das cavalariças, perto da qual tinha deixado a jaqueta e o lenço. Quando se voltou para seu sobrinho, encontrou-o de pé frente a ele, com a mandíbula corada e contraída, e com uma expressão de ira contida nos olhos cinza.

— Por que não? — perguntou num tom de voz baixo e grave que seu tio mal reconheceu.

— Como diz? — inquiriu o cavalheiro, desconcertado.

— Que por que não pode ser Maggie? — O moço tinha os punhos apertados dos lados do corpo — Acaso pensa que não seria uma boa duquesa? Pensa que não está à altura, verdade?

Seu tio começou a sacudir a jaqueta com tranquilidade.

— Ao contrário, — respondeu com voz amável, em contraste com a severidade de suas palavras — Maggie seria uma duquesa estupenda; é você, meu filho, quem não está à sua altura.

Jeremy esticou um músculo da mandíbula, uma única vez.

— Diz isso por minha mãe? — perguntou com aspereza.

— Deus santo, é obvio que não. — replicou Edward com uma risada forçada — Isto não tem nada que ver com o fato de que sua mãe fosse uma prostituta. — ao ver que Jeremy não se alterava ao lhe ouvir falar assim, sentiu um profundo respeito por ele. Entretanto, continuou no mesmo tom — Se não merece Maggie, nem a nenhuma outra mulher decente, é porque é um libertino.

O duque pestanejou.

— Sou um o quê?

— Jerry, surpreende-me. — Seu tio negou com a cabeça com expressão de decepção, mas sorria intimamente — Não sei se, se deu conta, mas sua tia Pegeen se dedica de corpo e alma a trabalhar, em seu nome, em instituições de caridade e fundações beneficentes. Neste preciso instante, há uma dúzia de órfãos, a quem minha esposa convidou para um picnic, arrasando os canteiros de rosas do jardim. — Edward revirou os olhos ao ver que Jeremy continuava imperturbável — Ela te criou desde que era um bebê, e não aprendeu nada do que te ensinou? Sua tia vive para fazer deste mundo um lugar melhor para as crianças, as mulheres e os pobres. E isso é o que você também deveria estar fazendo.

— Quer que faça obras de caridade? — perguntou Jeremy com um tom de voz que evidenciava o desagrado que a mera idéia lhe produzia.

— Não é necessário. — respondeu seu tio com impaciência — Mas deveria fazer algo proveitoso com sua vida.

— Por quê? — perguntou o jovem em tom beligerante — Sou duque.

— Precisamente por isso. Tem que demonstrar que merece o título. Não pode passar a vida se batendo em duelos e seduzindo à juvenzinhas.

— Por que não? Quando tinha minha idade, você fazia o mesmo.

— Sim. — respondeu Edward elevando o dedo indicador. Não queria parecer pedante, mas não pôde evitá-lo — Tem razão. Eu era como você. Pensava que minha única obrigação na vida era passar bem. Mas quando conheci sua tia, compreendi que estava muito equivocado. Se o que quer é conseguir a uma mulher decente, não pode se limitar a seduzi-la em um estábulo e esperar que seus pais lhe obriguem a se casar com ela.

— Isso não é o que pretendia. — resmungou o duque, ligeiramente ruborizado.

— E não pode pretender impressionar mulher nenhuma que valha a pena só porque tem um título. Ao menos deveria conseguir que te ame por si mesmo... A verdade é que, quando conheci sua tia, o homem que eu era então não valia nada, além das centenas de libras em faturas de alfaiataria, tal como ela mesma me fez ver. Mas mudei, Jerry, e tenho feito algo de proveito com minha vida. Aperfeiçoei uma de minhas habilidades naturais, discutir, e a converti em meu trabalho. Agora discuto, e com bons resultados, para melhorar a vida dos habitantes da Inglaterra, ou ao menos o tento. Isso é o que deveria fazer você; descobrir o que sabe fazer, e dedicar-se a isso. Só então poderá conquistar uma garota como Maggie...

— Eu não quero uma garota como Maggie. — Espetou-lhe o jovem — Quero a ela.

Edward arqueou as sobrancelhas. Não é que realmente lhe surpreendesse, afinal, Maggie Herbert era uma das poucas mulheres que Jeremy conhecia que não tinha nem o mínimo interesse em tornar-se duquesa. Entretanto, pareceu-lhe que seu sobrinho não se dava conta de que aquilo era precisamente o que lhe atraía dela.

— Não importa. Tem que fazer algo...

— A única coisa que sei fazer — respondeu o jovem com firmeza — é brigar.

Seu tio assentiu.

— Não há dúvida de que demonstrou ter certas aptidões para isso. Por outro lado, os estudos não parecem te interessar absolutamente, e duvido que a política...

— Só sei brigar. — insistiu o moço, que parecia ter deixado de escutar. Voltou-se de costas para seu tio e deu uns passos apressados através do feno — Sou muito hábil com a espada, mas também sei utilizar a pistola. Além disso, sou um bom cavaleiro.

— É inegável que são qualidades dignas de admiração, mas...

Jeremy se deteve a poucos passos da porta da baia de Rei, e Edward viu como jogava os ombros para trás e erguia a cabeça.

— Já sei, — resolveu, dirigindo-se, aparentemente, a seu cavalo, pois continuava de costas a seu tio — vou me alistar na cavalaria.

Aquilo tinha sido uma afirmação, não uma pergunta.

— Bem, talvez tenhamos que falar disso...

— Não há nada do que falar.— interrompeu-lhe Jeremy em tom peremptório. E, depois de voltar-se, continuou — Preciso de um emprego, e o exército é um lugar tão bom como outro qualquer. Como já não é possível pagar para conseguir a graduação de oficial, terei que ganhá-lo de fato, é muito melhor assim.

Edward se sentia cada vez mais aborrecido.

— Mas, Jerry, o exército é para os filhos que não vão herdar a fortuna ou o título familiar, e que não querem entrar no seminário. Geralmente, os duques não...

— Entrarei na guarda montada. — respondeu o moço. Seu tio não tinha certeza se não o tinha ouvido, ou ignorara. O jovem pôs-se a andar de novo, com aparente excitação — Pedirei que me designem às Índias. É o lugar mais perigoso, verdade? É uma lástima que não estejamos em guerra; teria gostado de lutar no fronte. Talvez eu possa começar uma. — e, sem dizer uma palavra mais, dispôs-se a sair do estábulo.

— Jeremy... — lhe chamou seu tio.

Ele se voltou, aparentemente surpreso de que ainda estivesse ali.

— O quê?

— Não fala a sério, verdade? — perguntou após esclarecer a garganta — Não posso acreditar que queira se alistar no exército...

— Sou duque, não é verdade? — respondeu com um sorriso — Posso fazer o que desejar.

CAPÍTULO 6

— Como diz? — exclamou Pegeen, a ponto de deixar cair das mãos a escova revestida de prata.

— Na cavalaria. — disse Edward, sentado na borda da cama com os cotovelos apoiados sobre os joelhos, a poucos passos da penteadeira de sua esposa. Tinha uma expressão de profundo abatimento — Ao menos, isso é o que disse.

— Mas... — Pegeen se levantou, segurando a escova com força — O exército? Ele te disse que queria alistar-se no exército?

— Na cavalaria. — repetiu com uma careta de impotência, olhando sua mulher, que tinha começado a andar de um lado a outro do dormitório. Tinha-a interrompido enquanto se arrumava para o jantar, e só estava vestindo uma regata e umas calças novas de corte francês. Segurava a escova com mais força, como se fosse tudo o que tinha restado da aprazível existência que tinha levado até que seu marido tinha lhe comunicado aquela inesperada notícia.

— A cavalaria? — inquiriu elevando a rugosa voz, que revelava uma sensação de crescente pânico — Meu Deus, o matarão. Não durará nem um minuto. É muito sensível...

O cavaleiro se perguntou se devia lhe contar que seu sensível sobrinho tinha ferido de morte a um homem em um duelo no dia anterior. Entretanto, decidiu que seria melhor esperar que se acalmasse.

— O que vai fazer um menino como Jerry na cavalaria? — perguntou-se passando em frente à cama. Ao dar meia volta, a cabeleira longa e escura flutuou uns instantes no ar a suas costas; e depois de uma breve pausa, pôs-se a andar na direção oposta — Vão lhe dar um tiro no primeiro dia.

— Não lhe darão um tiro, — a tranquilizou seu marido — a guarda montada utiliza espadas, não pistolas.

— Não importa que tipo de armas utilizem. Não será capaz de defender-se, — exclamou — se nem sequer pode atirar num faisão. É incapaz de matar uma pessoa!

— A verdade, — começou Edward pouco a pouco — na realidade...

— E na Índia! Meu deus! Contrairá a malária e morrerá, sozinho, em um país estranho e tórrido...

— Querida. — a interrompeu o cavalheiro enquanto a observava andar de um lado para o outro sobre o desenho de rosas do tapete.

— Tem que impedi-lo. — decidiu Pegeen — Não há outro remédio.

— Não posso fazê-lo. — respondeu ele com tom lento — Já é maior, e pode tomar suas próprias decisões.

— Maior? — Pegeen se voltou para olhá-lo de frente, e lhe apontou ao peito com a escova num gesto acusador — Mas se ainda é um menino! Ainda não tem vinte e um anos, e se não o detiver não chegará aos vinte e dois.

— Segundo a lei, já é um homem. — replicou Edward enquanto lhe tirava com suavidade a escova das mãos para que não pudesse continuar brandindo-a como uma arma — Não podemos lhe impedir que faça o que quiser. Além disso, não acredito que o exército seja tão má escolha, aprenderá disciplina e o manterá afastado de Maggie.

— Maggie! — lamentou-se Pegeen levando as mãos às bochechas acesas — Oh, Meu deus. Nunca me perdoarei isso. Pobre garota.

— Se perdoar? — O cavalheiro esticou os braços e, agarrando a esposa pelos quadris, puxou-a até sentá-la em seu colo — O que você tem que ver com o ocorrido? Não recorro de havê-la visto nas cavalariças.

— Por Deus! — Mortificada, Pegeen afundou o rosto no pescoço de seu marido — Como vou poder olhar Anne no rosto? E sua mãe? Como pôde Edward? — perguntou-se, lhe golpeando brandamente o peito com o punho em um gesto de impotência — Como pôde?

Edward negou com a cabeça, embora entendesse perfeitamente como seu sobrinho tinha podido fazer algo tão censurável... e tentador. Ele, que tinha sido testemunha da evolução dos fatos, estava tão surpreso como Jeremy da formosa jovem em que se converteu a filha mais nova de sir Arthur. Se tivesse vinte e um anos e estivesse solteiro, faria o mesmo. Entretanto, ele não se mostraria

tão disposto a casar-se com ela, essa era a questão que mais lhe surpreendia.

— Pensa que está apaixonado por ela? — perguntou apoiando o queixo na cabeça de sua esposa.

— Por Maggie? — inquiriu Pegeen, cuja voz a roupa de Edward amortecia — Oh, não acredito. A garota sempre foi muito cruel com ele.

— Se bem me lembro, você também foi bastante cruel comigo quando nos conhecemos.

— Não é verdade! — respondeu ela levantando a cabeça.

— Sim é. Tentou me cortar um dedo com uma faca de pão.

— Oh, — Pegeen voltou a recostar a cabeça no peito de seu marido — Você mereceu aquilo.

Edward arqueou as sobrancelhas, mas preferiu ser prudente e não dizer nada mais a respeito.

— Pensa que se trata disso? — perguntou Pegeen momentos depois, com expressão pensativa.

— Que se trata do quê?

— Disse que bateu nele, não é?

O cavalheiro assentiu.

— Sim, e acredito que o golpeou com tanta força quanto eu. Entretanto, errou o alvo e lhe bateu na boca. Não me surpreenderia ver a senhorita Maggie Herbert com a mão enfaixada amanhã.

— Oh, querido. — exclamou ela com uma careta — Oxalá não o tivesse feito. Duvido que fosse necessário que castigassem os dois.

— Se o tivesse ouvido você também teria lhe dado um murro, não tenho dúvida. — assegurou com um sorriso.

— Bom, seja como for, — respondeu a senhora Rawlings, tentando aparentar certa dignidade apesar de estar sentada no colo de seu marido e sem nada mais que a roupa íntima — suponho que a resistência de Maggie a seus... encantos é o que fez com que se sentisse atraído por ela. Duvido que alguma mulher o tenha rechaçado antes, e sem mencionar lhe bater. Deve lhe haver desconcertado profundamente.

— Tanto a ponto de querer casar-se com ela?

— As pessoas se casam por razões muito mais absurdas. Não sei por que estranha que Jeremy queira casar-se com alguém que o trata como igual, e não como se fosse um deus só porque tem um título e uma fortuna considerável, como faziam todas aquelas jovencinhas a quem conheceu na temporada passada em Londres.

— Não acredito que queira casar-se com ela porque lhe bateu, mas sim por sua beleza. Ficaria surpresa em saber até que ponto um rosto bonito pode fazer com que vacilem até as convicções mais firmes de um homem. — Edward baixou a cabeça e beijou com doçura o pescoço de sua esposa — Por exemplo, eu só tinha vindo para te dizer que seu sobrinho quer alistar-se no exército, mas está tão sedutora com essa roupa... — Pegeen, rindo, não protestou quando seu marido se reclinou até deitá-la sobre a cama de dossel — que me parece que vamos chegar atrasados ao jantar outra vez.

CAPÍTULO 7

A alguns quilômetros dali, a última coisa que Maggie Herbert fazia era rir. Desde que Jeremy tinha saído da biblioteca de sir Arthur uns vinte minutos antes, seus pais não tinham deixado de repreendê-la.

— Não vou perguntar se o que o duque veio me contar é ou não verdade. — começou o cavalheiro, sentado atrás de sua enorme mesa de mogno — Estou convencido de que um homem como o duque de Rawlings não sai por aí contando mentiras sobre as filhas de seus vizinhos.

Maggie estava de pé frente à mesa com as mãos às costas, para evitar que seu pai visse que tinha o dedo enfaixado. Olhava nervosamente sua mãe, afundada em uma poltrona de pele a uns passos dela, que, embora um pouco pálida, mantinha a compostura muito melhor do que a moça tinha esperado.

— Não precisa olhar sua mãe para que saia em sua defesa, mocinha. — continuou o cavalheiro com toda a aspereza de que era capaz. Nunca tinha sabido impor muita disciplina, e aquele dia não era uma exceção — Ela está tão envergonhada como eu pelo que fez. Desonrou a nossa família e, além disso, comprometeu a casa Rawlings. Estou seguro de que lorde Edward compartilha minha decepção por seu comportamento... Embora acredite que a carga da culpa recai principalmente sobre você, Margaret.

A jovem separou os lábios, disposta a defender-se de tão injusta acusação, mas se conteve ao ver que sua mãe negava com a cabeça.

— Embora tenha lhe dito inúmeras vezes que deixasse o jovem duque em paz, — prosseguiu sir Arthur — nunca deixou de martirizá-lo, sem ter em conta que, como consequência do equívoco de seu pai ao escolher esposa, sua excelência teve uma infância difícil...

A moça revirou os olhos. Tinha ouvido aquela história tantas vezes que lhe seria impossível seguir prestando atenção. Mesmo assim, seu pai continuou lhe explicando como John, o irmão mais velho de lorde Edward, casou-se com Katherine, filha de um pároco e irmã

mais velha de lady Pegeen, um engano pelo qual acabaria pagando com a vida. Não obstante, nunca explicava o que tinha acontecido com a mãe do duque. De menina, Maggie tinha ouvido fragmentos de conversas a partir dos quais tinha chegado à conclusão de que Katherine não só estava viva, mas também vivia em Londres. Entretanto, também tinha ouvido dizer que lorde Edward tinha lhe proibido que se aproximasse de seu filho. Aparentemente, a razão disso era que tinham matado John em um duelo por culpa dela.

— Não tenho nenhuma dúvida de que o incidente de hoje, — prosseguia o impassível cavalheiro — como em muitas outras ocasiões, é consequência de sua vontade de incitar sua excelência a comportar-se com uma total falta de decoro...

A jovem inspirou com intenção de começar a defender-se, mas, outra vez, sua mãe a deteve com um gesto da cabeça. Maggie apertou os dentes e ficou olhando o chão para que seu pai não visse a expressão de rebeldia em seus olhos.

— Apresentei a sua excelência minhas mais sinceras desculpas por seu comportamento, embora ele, como cavalheiro discreto que é, insistiu que tudo era culpa dele. Amanhã irei desculpar-me também com lorde e lady Edward. — o corpulento sir Arthur apoiou as rechonchudas mãos no arremate de pele da mesa e suspirou — Margaret, sua mãe e eu acreditamos que este assunto compromete seu futuro. Não acredito que seja necessário explicar que seu comportamento desta tarde estaria totalmente fora de cogitação nos salões de Londres. Por outro lado, disseram-me que, em certa ocasião, admitiu se sentir governada por seus... impulsos. Se o ocorrido hoje é uma amostra de aonde lhe conduzem esses impulsos, seria uma insensatez te levar a Londres na próxima temporada. O baile de apresentação de uma jovem exige uma despesa considerável. Terá que ter em conta a hospedagem, e depois do ocorrido duvido que lorde e lady Edward sejam tão amáveis para nos permitir utilizar sua casa na cidade, como fizeram com suas irmãs. Além disso, também terá que comprar vestidos, chapéus e todo tipo de insignificâncias. Não acredito que seja razoável destinar uma soma de dinheiro tão considerável à apresentação em sociedade de uma moça que com toda

probabilidade nos porá em evidência jogando-se nos braços do primeiro homem que a tire a dançar...

Maggie levantou a vista e ficou olhando seu pai com expressão colérica. Não obstante, o cavalheiro não pareceu dar-se conta dos dardos envenenados que lhe lançavam os olhos da moça.

— Portanto, e depois de considerá-lo longa e minuciosamente, sua mãe e eu decidimos não celebrar seu baile de apresentação na próxima temporada.

A moça sabia que aquilo pretendia ser um castigo, por isso, desobedecendo ao seu primeiro impulso, não manifestou nenhuma alegria. Em lugar disso, baixou o olhar de novo e tentou reprimir o sorriso que aparecia em seus lábios.

— Sim, pai. — disse com convincente humildade.

— Nestes momentos sua mãe e eu estamos em um dilema. Segundo minha opinião, devo dizer, também a da Anne, acredito que, para alguém com seu temperamento, seria muito conveniente passar uns meses em um convento...

Surpreendida, a jovem ficou olhando fixamente para sua mãe, que deu de ombros em um gesto quase imperceptível.

— Entretanto, sua mãe não está de acordo. Ela acredita que parte de seu problema se deve ao fato de ter uma alma inquieta de artista, — após pronunciar esta palavra, fez uma careta como se lhe tivesse deixado mau sabor de boca — e que, como pais, nossa obrigação é, na medida de nossas possibilidades, aplacar essa exaltação. Embora eu acredite que o convento seria um bom lugar para isso, sua mãe pensa que uma pessoa com seu talento pode sentir-se sufocada nesse estrito ambiente, e propõe, como melhor solução, te enviar à academia de arte de Paris de que nos falou o mês passado...

Nessa ocasião, Maggie não pôde reprimir seus sentimentos, e se voltou para olhar a sua mãe.

— Não pode ser! — exclamou com incredulidade — De verdade? Fala a sério?

Lady Herbert, que era pouco mais hábil para dissimular seus sentimentos, respondeu com serenidade, embora seus lábios esboçassem um sorriso de satisfação.

— Sim, carinho. Pode começar no outono...

A moça se jogou no pescoço de sua mãe, chorando de agradecimento. Sir Arthur, sentado atrás da mesa, pigarreou com insistência para recuperar a atenção das duas mulheres.

— Não se trata de nenhuma recompensa. — Ihe recordou com tom severo — Terá que estudar muito, e qualquer relatório de madame Bonheur referente a seu comportamento... voluptuoso, terá como resultado sua volta imediata.

— Oh, sim, papai. — disse ela limpando o nariz, enquanto secava as lágrimas com um lenço que sua mãe tinha lhe dado — Não se arrependerá de me haver dado esta oportunidade. Prometo que por parte de madame Bonheur só receberá lisonjas sobre mim.

— Assim o espero. Hill irá contigo para te vigiar. Não acreditaria que íamos enviá-la para fora da Inglaterra sem ninguém que te acompanhasse.

— É obvio que não. — respondeu a jovem, que se tinha sentado no braço da poltrona de sua mãe — Oh, papai, não sabe o que isto significa para mim...

— Não, tem razão. — a interrompeu ele com um tom de voz ligeiramente irritado — Não sei. Em meus tempos, as jovencinhas não acompanhavam os moços às cavalariças... e muito menos quando eram duques solteiros! E, é obvio tampouco frequentavam academias de arte. Não compreendo o que ocorre à sua geração, nem acredito que vá entender jamais. O lugar de uma mulher é em sua casa, e seu trabalho, cuidar do marido e lhe dar um herdeiro. Todas suas irmãs parecem havê-lo entendido, e tenho a esperança de que quando esquecer essa infernal vocação para rabiscar, volte para casa e te case com um homem decente, como fez Anne. Não entendo por que não pode se parecer um pouco mais com ela. Suas irmãs nunca insistiram em partir e estudar na França; as escolas inglesas foram mais que suficiente para elas. E quando terminaram sua educação, casaram-se, tal como deve fazer uma dama. Essa nova propensão que parecem ter as mulheres a querer trabalhar fora de casa será a ruína...

— Sim, Arthur, — interveio lady Herbert enquanto colocava uma mecha de cabelo atrás da orelha da sua filha — sei. Mas Maggie não

é como nossas demais filhas. É especial.

— Especialmente problemática. — resmungou o cavalheiro— Isso é tudo de especial que vejo nela. E agora, se tiverem terminado de chorar, eu gostaria de jantar. O que é isso que tem no dedo, Margaret? Uma bandagem? O que te aconteceu desta vez?

Depois de jantar, a moça se retirou para seu quarto com Hill, aia de sua mãe, para começar a confeccionar a lista das coisas que levariam a Paris. Embora ainda faltassem quatro meses para a partida, Maggie sentia que nunca era muito cedo para começar a planejar uma longa viagem ao estrangeiro. Além disso, precisava separar da memória o que tinha acontecido àquela tarde, e sabia que a atividade constante era uma boa forma de consegui-lo.

Na realidade, no que Maggie não podia deixar de pensar não era o duque de Rawlings. Absolutamente. Entendia à perfeição o que tinha ocorrido entre eles, e se sentia muito envergonhada, e um tanto furiosa. Estava mais claro que a água; aborrecido, Jeremy tinha aproveitado a oportunidade de passar o momento tentando seduzir a uma moça a quem conhecia desde a infância. Estava certa de que não tinha sido nada mais que isso, embora pudesse ter sido se lorde Edward não os tivesse surpreendido.

Não obstante, não podia negar que ela tinha permitido que acontecesse, mas isso era fácil de explicar; sempre tinha sido uma moça muito impulsiva, e tinha se deixado levar pelas circunstâncias. Felizmente, salvou-se da desonra, ao menos no momento, e, além disso, tinha aprendido uma valiosa lição, não se podia confiar nos homens, e muito menos em si mesma no tocante a eles. Evitar que um incidente como aquele se repetisse ia ser muito fácil, pois tudo o que devia fazer era não ficar nunca mais a sós com um homem. Isso era tudo.

Problema resolvido.

Entretanto, a primeira oportunidade para pôr à prova seu novo plano ia chegar muito antes do que esperava. Estava com Hill fazendo inventário do guarda-roupa quando ouviu umas pancadinhas na porta envidraçada do terraço que dava para seu quarto. Quando abriu, pensando que era o gato que queria entrar,

surpreendeu-se ao encontrar a duque de Rawlings à luz da lua, com o dedo indicador sobre os lábios.

— Tenho que falar contigo. — sussurrou.

— Perdeu a cabeça? — perguntou Maggie, com uma mão segurando o fecho e a outra no marco da porta. De repente, os lábios lhe tinham ficado muito pálidos — Meu pai está no andar de baixo. Se te encontrar aqui, te matará.

— Não o fará, — respondeu o jovem, imperturbável — trabalha para mim, lembra-se?

— Só como distração, — respondeu a moça jogando a cabeça para trás — não necessita de trabalho. Tem suas próprias rendas. E agora vá.

Ao tentar fechar, percebeu com irritação que Jeremy tinha enfiado uma bota entre a porta e o batente, e que por mais que tentasse, não poderia fechar.

— Eu disse para ir. — disse ela finalmente — Não quero voltar a falar com você nunca mais.

A lua brilhava o suficiente para que Maggie visse que o jovem esboçava um sorriso.

— Isso soou muito convincente. Talvez se fechasse a boca, inclusive parecesse verdade.

— Digo a sério, Jerry. — resmungou a moça, furiosa, com a mandíbula apertada — Hoje me colocou em uma boa confusão...

— Eu te coloquei em uma confusão? — interrompeu-a ele com uma risada forçada — Essa é boa. Acreditava que era eu quem tinha que dar a cara como se fosse... — meneou a cabeça de maneira significativa.

— Como se fosse o quê? — inquiriu ela em tom defensivo.

— Como se fosse o cúmulo da perfeição — concluiu com evidente desgosto — E agora, vai me deixar entrar ou vou ter que jogar a porta abaixo?

— Não se atreverá! — exclamou Maggie com as bochechas pegando fogo. O que tinha acontecido aquela tarde só se repetiria por cima de seu cadáver — Quase me trancaram em um convento por sua culpa.

Jeremy inspirou profundamente, como se esforçasse para manter a calma.

— Olhe, Mag, — disse depois de uns momentos — vim me desculpar. Deixe-me entrar ou vou ter que esperar aqui fora até que venha seu pai e me enfie uma bala na cabeça?

A moça sentiu como lhe acelerava de novo o coração.

— Eu... — Olhou com nervosismo por cima do ombro. Entretanto, não era Hill quem lhe preocupava, e sim a grande e cômoda cama de dossel que havia a poucos passos dela — É que...

O duque estendeu as mãos. Inclusive à luz da lua, pareciam ameaçadoramente grandes e masculinas.

— Se for delas que tem medo, — disse com afabilidade — não as tirarei dos bolsos. Prometo.

Maggie levantou o queixo.

— Eu não tenho medo. — mentiu com desdém.

— Oh, sei. — respondeu ele, petulante — Tenho uns machucados que o demonstram. Mas então, por que não me deixa entrar?

Tinha-a desafiado, e Maggie não podia voltar atrás sem perder a pouca honra que restava.

— Hill? — disse por cima do ombro, olhando Jeremy com desconfiança.

Do fundo do quarto, chegou-lhe, amortecida, a voz da criada.

— Sim, senhorita?

— Importar-se-ia que deixássemos o resto para amanhã? — continuou, com a vista fixa no homem que esperava no terraço — Minha cabeça está doendo um pouco e quero me deitar.

Às suas costas, uma mulher de meia idade apareceu no closet.

— Tem dor de cabeça?

A moça se deu conta, muito tarde, de que não tinha sido uma boa desculpa. Margaret Herbert não tinha estado doente nem um só dia em toda sua vida, e os criados de Herbert Park sabiam.

— Quer que diga a sua mãe, ou que vá procurar ao doutor Parks?

— Oh! — Maggie se voltou a toda pressa para ficar de costas para a porta envidraçada — Não precisa. Só preciso dormir um pouco.

— Trar-lhe-ei uma água tônica. Estarei de volta em um momento...

— Não, não. — insistiu a jovem com um gesto da mão, para tranquilizar a criada — Pode ir, muito obrigada. Terminaremos amanhã.

— Está bem, senhorita. — respondeu Hill com uma ligeira inclinação de cabeça que expressava certa desaprovação — Mas se mais tarde quiser uma água tônica, não hesite em me chamar.

— De acordo, farei isso, — sorriu a jovem, agradecida — Muito obrigada.

No momento em que a criada saiu do quarto, Jeremy abriu a porta com tanto ímpeto que esteve a ponto de fazer a moça cair.

— Bom... — disse após observar uns momentos o feminino e branco quarto — Por fim fui admitido nos aposentos da senhorita Maggie Herbert. Devo reconhecer que é para mim uma honra. Nunca em minha vida tinha estado em um ambiente tão virginal.

— Oh, vamos, cale-se. — ruborizada, a jovem foi até a porta do terraço, que o duque tinha deixado aberta, e a fechou — Se minha virgindade segue intacta não é precisamente graças a você.

Jeremy arqueou as sobrancelhas ante a notícia que acabava de lhe comunicar, mas lhe pareceu que era melhor não falar do assunto.

— Sim. — respondeu enquanto metia as mãos nos bolsos, tal como tinha prometido — Lamento o ocorrido. Verdade que queriam te trancar em um convento?

— Sim. — a moça nunca tinha estado com um homem em seu dormitório, mas só depois de deixar entrar o duque entendeu que era um lugar muito inapropriado para manter uma conversa com um membro do sexo oposto. Por todo o cômodo se via roupa íntima em desordem, no chão ainda estava o mirinhaque quebrado, que parecia a desinchada jaula de um pássaro, e do respaldo de uma cadeira estofada de cetim rosa penduravam vários pares de meias, regatas e espartilhos. Depois de seu primeiro comentário, o duque se comportou com discrição, fingindo não dar-se conta do que lhe rodeava, e se aproximou, com as mãos nos bolsos, do cavalete que estava disposto perto da janela.

— Vá, — comentou depois de examinar um pequeno tecido — é muito bom. Não sabia que pintava paisagens.

— Às vezes já não sei a quem pintar, — respondeu Maggie, incômoda — não vem muitas pessoas por aqui.

— Vi o retrato que fez de meus primos. Impressionou-me, parece o trabalho de um profissional. Não há dúvida de que não estive perdendo tempo estes últimos anos.

A senhorita Herbert não soube o que dizer. Era a primeira vez que o duque de Rawlings lhe dirigia um elogio, a menos que se contassem os louvores daquela tarde a sua nova figura; e ela não os tinha em conta, pois sua figura se desenvolveu sem nenhum esforço de sua parte. Seu comentário sobre a pintura, ao contrário, pareceu-lhe um verdadeiro elogio, e a fez ruborizar-se ainda mais. Sentia-se tão incômoda que o que disse em seguida soou menos amável do que tinha querido.

— Olhe, Jerry, sinto-me muito lisonjeada, mas por que não me diz de uma vez por que veio e vai embora? Já me trouxe muitos problemas por hoje.

— Sei. — de pé no centro do quarto, com as mãos ainda nos bolsos, o jovem ficou olhando. À luz do abajur, Maggie estava tão formosa quanto sob os raios do sol. Entretanto, de noite, a cor escura de seus cabelos contrastava ainda mais com o tom marfim de sua tez, e lhe dava um ar mais exótico. Usava outro singelo vestido de musselina, este de um rosa pálido, e parecia um ser de outro mundo, como uma sífide, ou uma princesa cigana. Movia-se com a elegância de uma rainha, e foi muito fácil para Jeremy imaginá-la com uma tiara no cabelo ou um arminho sobre os ombros.

Se não fosse, é obvio, porque usava um lenço branco lhe envolvendo o dedo do meio da mão direita.

— Dói? — perguntou-lhe assinalando o dedo com um gesto da cabeça.

— Só quando pinto. — respondeu baixando a vista — E você?

O duque sorriu.

— Só quando sorrio.

Maggie se aproximou até ficar a poucos centímetros dele. Sentia-se um pouco intimidada por sua altura, mas levantou a mão e, lhe segurando o queixo, virou-lhe a cabeça para ver melhor o lábio inchado. Quando o tocou, o jovem fez uma careta de dor, mas não

tentou detê-la. Então viu que também tinha um hematoma na bochecha.

— Hmmm. — disse com admirável calma— Vejo que lorde Edward lhe deu um bom murro, né?

— Oh. — riu Jeremy com ar despreocupado — Sim, deu com vontade. Não sei quem de vocês dois tem melhor gancho. Embora fosse o mínimo que merecia. — ficou olhando e se deu conta de que ainda mordida o lábio quando observava um pouco de perto— Sinto muito o que ocorreu hoje, seriamente.

Decepcionada, Maggie afastou a mão tão depressa como se queimasse.

— Sim. — respondeu ela baixando a vista. As pálidas bochechas começaram a ruborizar-se — Bom...

— Se tivesse estado seguro de que me receberia, teria vindo te visitar como uma pessoa normal, pela porta principal. —apressou-se a dizer o duque — Mas sabia que diria que estava indisposta, ou daria qualquer outra desculpa, e não teria podido suportar. Provavelmente teria golpeado o mordomo, ou teria feito qualquer outra barbaridade. Por isso entrei pela janela. Precisava te ver Mag... — esticou o braço e lhe agarrou a mão intacta. Sentiu nos dedos uma sensação quente e vibrante, a mesma que tinha sentido em todo o corpo quando a abraçou no estábulo — Tenho que te perguntar algo.

A moça ficou olhando suas mãos entrelaçadas.

— E sua promessa? — inquiriu, Jeremy seguiu a direção de seu olhar, mas só viu sua enorme mão rodeando a outra, pequena e branca.

— Que promessa?

— A de manter as mãos nos bolsos, miserável canalha.

Jeremy a olhou fixamente.

— Tem idéia de quão extraordinariamente difícil é, — perguntou, apertando os dentes — declarar-se a uma mulher que acaba de te chamar de miserável canalha?

CAPÍTULO 8

— Declarar-se? — exclamou Maggie abrindo ainda mais os grandes olhos. Logo, para desgosto de Jeremy, pôs-se a rir — Essa é boa! — continuou, divertida — Declara-se a todas as moças que beija, Jerry? Ou acaso sou uma garota de sorte?

Embora nunca tivesse passado por uma situação similar, o duque estava convencido de que as propostas de casamento não costumavam ter uma gargalhada como resposta. A reação da jovem foi desconcertante.

— Não estou brincando, Mag, e te agradeceria se parasse de rir. — disse com frieza, sem lhe soltar a mão. Entretanto, como ela parecia incapaz de conter-se, continuou em voz baixa — Pensei muito, e acredito que fomos feitos um para o outro. Tenho que partir para o estrangeiro durante um tempo, mas pensei que, se me acompanhasse, poderíamos ficar muito bem. Poderíamos passar em Gretna Green no caminho...

No decorrer desse discurso, Maggie tinha recuperado a compostura. Endireitou-se e, depois de secar os olhos com o dorso da mão que tinha livre, ficou olhando o jovem com desconfiança.

— Deus santo! — disse com a voz um pouco rouca de tanto rir — Está falando sério!

— É obvio que falo sério.— respondeu-lhe Jeremy, irritado — Não costumo sair por aí me declarando à primeira que passa, sabe? — colocou a mão no bolso e tirou um relógio de ouro. Depois de consultar a hora, continuou — Se saíssemos agora, chegaríamos a Gretna Green pela manhã. Quer que te ajude a fazer as malas? Não acredito que seja boa idéia pedir à criada que te ajude, seus pais ficariam sabendo...

Maggie retirou a mão e retrocedeu até que deu com as costas na parede.

— Ficou louco! — exclamou com expressão de incredulidade nos olhos escuros— Não pode estar falando sério.

— Percebeu que não para de dizer isso? — respondeu Jeremy enquanto guardava tranquilamente o relógio — É evidente que não

estou louco, porque estou falando com sensatez e prudência. É você quem não deixa de rir como uma hiena enlouquecida...

A jovem apenas o ouviu. Estava tentando assimilar o fato de que o duque de Rawlings estivesse pedindo que se casasse com ele. Embora fosse curioso, não parecia um louco. Entretanto, estava claro que estava. Só um louco querería casar-se com uma moça de dezesseis anos que umas horas antes tinha lhe partido o lábio com um murro.

Aproveitando sua confusão, Jeremy cruzou os poucos metros que os separavam. Ao vê-lo chegar até ela, a moça abriu ainda mais os olhos e percorreu o quarto com o olhar como se procurasse algo... uma arma com que defender-se, pensou ele com sarcasmo. O duque apoiou as mãos na parede, encerrando-a entre seus braços, de modo que fosse impossível escapar. Então se inclinou até aproximar-se tanto que seu peito quase lhe roçava os mamilos.

— Maggie, digo a sério, — disse com a voz grave e persuasiva com que sempre conseguia o que queria — quero que se case comigo agora, esta mesma noite.

A moça engoliu saliva, tentando desesperadamente retroceder e encostar tanto quanto possível à parede. Tentava evitar respirar profundamente, porque cada vez que inspirava aquele aroma tão masculino lhe invadia os sentidos, e a curva de seus seios roçava o colete de Jeremy. “Isto não pode estar acontecendo, — pensou — Este é o tipo de coisa que ocorre às heroínas das novelas, mas não a Maggie Herbert.”

Jeremy captou o desconcerto em seu rosto e suspirou. Teria preferido não ter que recorrer àquilo. Teria querido que lhe aceitasse sem ter que valer-se de seus encantos físicos. Mas, ao tornar a rir, a moça tinha ferido seu orgulho, e seu comportamento após, não tinha feito mais que aumentar seu desespero. Tinha esperado certa resistência inicial, é obvio. Afinal, fazia só umas horas que o tinha agredido, e com muita força. Mas o certo era que em nenhum momento tinha imaginado o que estava acontecendo na realidade.

Não entendia. Maggie Herbert não era uma estúpida; sabia que ele era um dos homens mais ricos da Inglaterra, como o demonstravam seu título e suas propriedades. Por uma vez, não lhe

importava que essa mulher em particular lhe quisesse por seu dinheiro, desde que a fizesse sua de algum modo. Além disso, apesar do que havia dito a seu tio aquela manhã, sabia perfeitamente que as mulheres o achavam atraente por sua aparência, e não só pelo que era. E com Maggie, isso só podia jogar a seu favor.

Entretanto tudo aquilo não parecia importar à jovem, e o olhava com expressão de ansiedade, e inclusive medo. De fato, parecia tão disposta a aceitar sua proposta de casamento como a descer à biblioteca de seu pai e despir-se cantando como uma soprano *Deus salve à rainha*.

Mas estava decidido a acabar de vez com esse medo, embora levasse toda a noite.

Baixando a cabeça, o duque aproximou os lábios de sua boca, interrompendo assim o que a moça ia dizer, que, com toda probabilidade era “não”, uma palavra que utilizava com inquietante frequência.

Desta vez, Maggie resistiu só alguns segundos. Em seguida pareceu entender que estava encurralada e, com um suspiro de resignação, relaxou entre seus braços. Embora mantivesse as mãos sobre o peito do duque num gesto defensivo, não lhe rodeou o pescoço nem fez nenhum outro movimento que o incitasse a continuar, abriu os lábios ao contato dos seus. E aquilo foi suficiente para Jeremy; deslizou as mãos ao redor da magra cintura, aproximou-a de si até que quase sustentou todo o peso de seu corpo com os fortes braços e afundou a boca na sua.

O batimento do coração golpeava nos ouvidos de Maggie. Não podia acreditar que se encontrasse na mesma posição que umas horas antes... embora desta vez fosse pior, porque ninguém os interromperia, e havia uma cama a poucos passos deles. Deus! Mas o que se passava com ela? Por que nem sequer tinha tentado tirá-lo de cima? Não havia dúvida de que tinha um sério problema. Ansiava pelo abraço daquele homem, e quando estava entre seus braços, só sentia medo pelo que pudesse vir depois.

E tinha lhe pedido que se casasse com ele! Jeremy nem sequer parecia estar bêbado, mas a tinha pedido em casamento! Não é que

tivesse expressado um profundo amor por ela nem nada, parecido; na realidade, sua proposta tinha sido muito pouco romântica.

Mas, Deus santo, quando a beijava, era tão agradável! Na realidade não era agradável, era justamente o contrário; seus beijos a transtornavam, mas estava descobrindo que aquela era uma sensação maravilhosa. Em um dado momento, os beijos deram margem a outras coisas, que Maggie só tinha visto nos prados de pastoreio, e das que não queria saber nada. Era natural que os carneiros o fizessem, mas as ovelhas não pareciam desfrutar muito disso... E uns meses mais tarde, olhavam com aparente assombro o cordeiro que lhes saía pelo traseiro. Ela não estava disposta a passar o resto de sua vida como as ovelhas, parindo cordeiros. E muito menos quando por fim tinha convencido seus pais a deixarem-na ir a Paris.

Mas casar-se? Com o duque de Rawlings?

Não. O sangue da moça gelou só de pensar. Maggie Herbert, duquesa de Rawlings? Santo céu, isso devia ser algo parecido a suportar uma temporada em Londres todos os dias de sua existência. No que estaria pensando Jerry? Tinha perdido a cabeça? Seria a pior duquesa da história da Inglaterra! Que duquesa tinha as unhas sujas de pintura e passava o tempo caindo das árvores? Nem sequer todos os beijos e tremores do mundo poderiam compensá-lo!

Naquele preciso instante, a jovem sentiu uma pressão sobre a frente do espartilho. Não estava certa, mas lhe pareceu que provinha da parte dianteira das calças de Jeremy. Movida pela curiosidade, deslizou, sem pensá-lo, uma mão até aquele objeto rígido, acreditando que encontraria o punho de uma faca, ou inclusive a culatra de uma pistola, e que então poderia rir do duque por ter acreditado necessário ir armado a Herbert Park.

O que apalpou, entretanto, não foi nem o punho de uma faca nem a culatra de uma pistola, e sim o membro viril de Jeremy.

Nem tem que dizer que surpreendeu ao moço sobremaneira que a garota tocasse sua possante ereção. O certo é que, de repente, sentiu-se alagado, entre outras coisas, por uma onda de esperança ao pensar que tinha conseguido fazê-la mudar de opinião. Mesmo assim, jamais teria acreditado que se comportasse com tanto

atrevimento. Afinal, só tinha dezesseis anos, e estava seguro de que aquela tarde tinha sido a primeira vez que beijava um homem. Entretanto, se queria lhe acariciar, não ia ser ele quem a deteria...

Quando Maggie retirou bruscamente a mão como se houvesse tocado um pedaço de carvão ardente, o jovem se deu conta de que não tinha tido a menor idéia do que fazia. De repente, sentiu que ficava paralisada entre seus braços, e então entendeu que, como suas palavras, tampouco seus beijos tinham conseguido convencê-la. Demônios! O que ocorria àquela garota? Que mais queria? Que ficasse de joelhos e lhe promettesse amor eterno?

Aparentemente, assim era, porque de repente Maggie o empurrou com tanta força que o duque cambaleou desconcertado. Rápida como um felino, a moça correu para refugiar-se atrás da cadeira de cetim rosa, como se esta pudesse protegê-la da inabalável vontade daquele homem.

Embora só pronunciasse duas palavras, sua voz soou dilaceradora.

— Por quê?

Perplexo, Jeremy franziu o cenho.

— Por que, o quê?

— Por que quer se casar comigo? — perguntou com uma expressão de angústia no olhar.

Por quê? Perguntava-lhe por quê? O jovem esteve a ponto de começar a rir às gargalhadas. Acaso não era evidente? Nunca antes uma garota tinha lhe saltado em cima dos ramos de uma árvore, ou o beijado com tão ardente abandono, ou lhe dado um murro na boca nem tinha lhe pegado o pênis em ereção como se fosse uma raquete de peteca. Que homem não ia querer casar-se com uma mulher assim?

— A que se refere? — inquiriu incapaz de conter um sorriso.

— Pois isso. — respondeu Maggie, muito séria — Se mal me conhece, Jerry...

— Mal te conheço? — repetiu ele rindo — Conheço você melhor que ninguém. Conheço o modo como seus olhos brilham quando ri; como enruga os olhos quando quer ver algo à distância; a forma em que morde o lábio quando observa algo de perto, sei que lhe alargam as narinas quando mente... — a jovem abriu a boca para

negá-lo, mas ao vê-la, o duque riu e continuou — Como agora. Mag, não há nada de você que eu não saiba. Inclusive sei como beija...

Ao ouvir aquilo, Margaret lhe olhou a boca, e de repente, ao ver o hematoma na mandíbula, entendeu tudo.

Não tinha a menor dúvida. Isso explicava tudo.

— Foi lorde Edward, não é? — perguntou, receosa, entreabrindo os olhos. Jeremy pestanejou.

— Como é?

— Lorde Edward te obrigou. — De repente, sentia-se furiosa, invadida por uma profunda ira. Como se atrevia? Como era capaz de entrar em seu quarto daquele modo e exigir que se casasse com ele? Seu tio o tinha convencido, agora entendia! — Diga a seu tio por mim que, se acredita que tem que me propor casamento só porque me beijou, é um antiquado. Quero dizer que talvez as coisas fossem assim quando ele tinha nossa idade, mas que já estamos em 1871, pelo amor de Deus! Realmente pensa...?

— O quê? — O duque parecia confuso — Do que está falando?

A moça meneou a cabeça com tanta energia que o liso cabelo lhe deslizou por diante dos ombros, lhe emoldurando o rosto.

— Já pode voltar para Rawlings e lhe agradecer de minha parte por preocupar-se com minha reputação, mas lhe diga que não me casaria contigo nem que tivesse me descoberto nua em sua cama, nem que fosse o último homem sobre a face da terra!

Essas últimas palavras deixaram Jeremy estupefato, mas manteve a compostura. Nem sequer aquela expressão de fúria podia dissuadi-lo do que tinha se proposto. Sabia que a raiva era uma forma de mascarar o que sentia, que naquele momento não era mais que medo, simples e sinceramente. Então entendeu que tinha lhe medo, e acreditava saber por que, Maggie só temia o desconhecido.

Entretanto, estava resolvido a aplacar esse medo.

— Meu tio Edward — começou com calma — não me convenceu de nada. Isto foi idéia minha.

— Acredito que deveria ir. — continuou a moça como se não tivesse lhe ouvido.

Maggie tinha as bochechas de cor carmesim mais que rosadas ou ruborizadas, estavam tingidas de um vermelho intenso.

— Não vou partir, — repostou ele sem alterar-se — até que me diga que sim.

— Então vai ter que esperar muito, — respondeu-lhe ela com aspereza — porque não vou casar-me com você, Jerry.

Jeremy não se alterou.

— Por que não?

Atrás da cadeira, a jovem Herbert deu um pisão no chão com impaciência.

— Como assim por que não? — perguntou — Por que tenho que te dar uma razão? Parte já!

— Não irei, — começou Jeremy com serenidade, cruzando os braços — até que me diga por que não quer se casar comigo.

— Porque é absurdo! — replicou ela com outro golpe — Somos muito jovens.

— De acordo. Estou disposto a te esperar. E você?

— Eu...

Como podia lhe dizer que, embora a esperasse até os cem anos, ela continuaria sentindo-se muito assustada para casar-se com ele? Maggie nunca teria sido capaz de admitir uma fraqueza como aquela; era melhor que acreditasse que não queria, do que perceber que tinha lhe medo.

— Não. — respondeu com firmeza — Não te esperarei. Meus pais me deram permissão para que vá estudar numa academia em Paris, e é provável que fique ali durante muito tempo.

— E? — inquiriu o jovem, encolhendo os ombros — Eu vou alistar-me no exército, e também vou estar fora durante uma longa temporada.

A jovem ficou tão surpresa que esteve a ponto de sair de trás da cadeira com que se protegia.

— Sério? — exclamou entusiasmada — No exército? Estou certa de que estará muito bonito com uniforme. Pensa que lhe destinarão às Índias e conhecerá um marajá, como em nosso jogo?

— Sim. — respondeu Jeremy com impaciência — Assim, me esperará?

O sorriso se esfumou do rosto da moça.

— Oh, Jerry, não. Será melhor que esqueçamos isso. Quem sabe o que pode acontecer durante estes anos? Além disso, se puder viver da pintura, talvez não me case nunca. Sua tia acredita que possivelmente...

— Não se casar nunca? — repetiu Jeremy, incrédulo. Como podia Pegeen ter lhe colocado uma idéia tão absurda na cabeça? Embora a hipótese de que não se casasse fosse preferível a de que o fizesse com outro homem, não podia imaginar sua amiga de infância vivendo no celibato, como uma monja. Era impossível que uma mulher tão formosa vivesse em solidão, ia contra a natureza — Não diga tolices — repostou — É obvio que vai casar-se. Diga que será comigo e partirei.

— Jerry, por favor, pense no que está dizendo. — Maggie se deu conta de que alguém tinha que dizê-lo, assim se ele não o fazia, faria ela — Não seria uma boa duquesa. Certamente, meu aspecto não corresponde ao de uma dama e, além disso, tudo que me interessa é pintar. Não faria bem nenhuma dessas coisas de duquesa, já sabe, assistir a bailes, inaugurar festivais da colheita na vicária e coisas assim. Sou incapaz de dar até o mais breve discurso, e sempre que abro a boca é para dizer inconveniências. — viu que Jeremy inspirava ar para replicar, assim se apressou a continuar falando para que não a interrompesse — Sou uma péssima anfitriã! Nunca sei que vinho se deve servir com o pato e utilizo o garfo de pescado para as verduras. Nem sequer consigo manter o penteado, e os alfinetes sempre acabam cravando-se em minha cabeça. Não serviria. Será melhor que procure outra.

Entretanto, ao pronunciar aquelas últimas palavras, Maggie se deu conta de que imaginar Jeremy com outra mulher lhe produzia um intenso mal-estar, como se um cavalo desse um coice no estômago.

— Não. — respondeu Jeremy — Não é isso. — atravessou o quarto até ficar frente à cadeira e se inclinou para frente para observar o rosto da moça — Está mentindo outra vez, alargam-lhe as narinas. Qual é a verdadeira razão por que não quer se casar comigo? — no momento em que o jovem apoiou o joelho na almofada da cadeira, Maggie começou a retroceder, mas Jeremy se inclinou para frente rapidamente e a agarrou pelos pulsos para evitar

que continuasse afastando-se — Maldita seja! — resmungou incrédulo ao sentir o rápido batimento do coração, no pulso sob seus dedos — Tem medo de mim, verdade! Por quê?

A jovem negou com a cabeça.

— Não tenho medo de você, — disse com uma risada nervosa — não seja ridículo.

— Sim, tem medo. E vai me contar por que, ou ficarei aqui até que Hill venha amanhã de manhã. Veremos o que opina então sir Arthur sobre você ir a Paris.

— Isso é chantagem! — exclamou a moça depois de uma brusca inalação.

— Não é. — objetou Jeremy — É coação, embora pareça, assim é um engano compreensível. E agora, vai me contar ou me acomodo nesta linda cadeira para passar a noite?

Maggie inspirou profundamente.

— É que... — Deus santo, como ia explicar-lhe o que pensava sem parecer uma estúpida? Acreditou que seria mais fácil se não a olhasse, assim, baixando a vista, continuou com voz entrecortada — Quando me... toca, como o faz, tudo o que posso pensar é que quero que continue fazendo-o... em outras partes. E sei que esses não são pensamentos próprios de uma dama. Assim, me assusta pensar que não sou uma dama, que não serei capaz de te dizer que não e as coisas irão muito longe, e que por isso acabarei em um convento, que é o que minha irmã Anne sempre disse, porque tenho uma natureza muito carnal...

Aquilo estava tão longe do que Jeremy tinha esperado ouvir que, por uns momentos, ficou em silêncio, absolutamente estupefato. Então lhe agarrou a mão machucada e a levou aos lábios.

— Querida, então não vê? — murmurou com entusiasmo, entre beijos. — Isso demonstra que você me quer, embora seja só um pouco. Agora tudo que tem que fazer é se casar comigo...

— Não! — Maggie retirou a mão de entre seus dedos — Isso não demonstra nada de nada! Só prova que quando um homem me beija não posso resistir. Não sei só foi contigo ou com qualquer homem, por que...

— Porque sou o único a quem beijou. — terminou o duque com amargura.

— Bom. — disse a moça baixando os ombros, derrotada — Sim. Lamento, mas é assim.

Não podia acusá-la por isso, não era culpa dela. Entretanto, não podia evitar sentir-se aborrecido por muitas coisas: para começar, por sua diferença de idade, mas também porque a tivessem protegido tanto. Não que quisesse que saísse por aí beijando outros homens para que se desse conta de que entre eles havia algo especial, mas aparentemente, a experiência ia ser necessária. Não obstante, tinha certeza que não ia ficar ali para vê-lo, não sem querer retorcer o cangote de todo aquele que tivesse se aproximado.

Com um suspiro, Jeremy se deixou cair na cadeira e levou uma mão à testa. A dor de cabeça que a jovem tinha fingido ante a criada parecia estar apoderando-se dele.

Maggie o olhava dos pés da cama, onde tinha ido sentar se.

— Lamento Jerry.

— Isso já disse.

— Mas é a verdade. Lamento. Você queria saber.

— Já sei que o queria saber. — a interrompeu — Sou perfeitamente consciente de que lhe perguntei isso. — de repente sentiu que precisava de um uísque, assim, apoiando-se nos braços da cadeira estofada de cetim rosa, ficou em pé — De acordo, você ganhou. Vou embora.

— Oh. — A moça se levantou um tanto decepcionada. Não sabia o que havia dito para lhe desgostar tanto. Aparentemente, já não haveria mais beijos nem propostas de casamento. Enquanto por um lado se sentia aliviada, por outro estava triste.

Jeremy se dirigiu para a porta janela, mas antes de sair se voltou para a jovem.

— Pode me prometer uma coisa?

Ela atravessou o quarto e ficou a seu lado, como uma anfitriã que acompanha um hóspede até a porta depois do chá.

— É obvio. Se for possível.

— Acredito que sim. É algo muito simples. Vou partir durante uma temporada, mas a tia Pegeen sempre saberá onde me encontrar. Se

por acaso descobrir... se sou só eu, ou os homens em geral, me escreverá? Não precisa que seja nada elaborado, um simples "Sim, é você", ou "Não, não o é" será suficiente. Acha que pode prometê-lo, embora só seja pelos velhos tempos?

Maggie assentiu vacilante.

— De acordo, Jerry.

— Boa garota. — inclinou-se para frente e lhe deu um fraternal beijo na bochecha antes de sair para o terraço — Então, adeus.

Era uma noite quente. A moça ficou de pé na soleira da porta, olhando Jeremy, enquanto este saltava o corrimão e começava a descer agarrando-se à hera.

— Jerry? — chamou-lhe.

— O quê? — perguntou ele.

— Aonde irá?

O jovem a olhou com um sorriso um pouco torcido.

— Não sei. Ao inferno, suponho.

— Oh! — respondeu a garota — Pois dê lembranças ao diabo de minha parte.

O sorriso se esfumou.

— O farei. — assentiu. E logo desapareceu.

SEGUNDA PARTE

CAPÍTULO 9

Londres, fevereiro de 1876

O mordomo de uma residência como a do duque de Rawlings podia chegar a desempenhar muitas funções. Para começar, havia as tarefas estritamente relacionadas com seu posto de trabalho, tais como selecionar, despedir e fiscalizar o pessoal de menor categoria. Também tinha que certificar-se de que a adega estivesse bem sortida, guardar os utensílios de prata sob chave à noite, anunciar os visitantes, e inclusive engomar o jornal pela manhã se este chegava com a tinta pegajosa. Quando o senhor, que naquele caso se tratava de lorde Edward, o tio do duque, estava em casa sempre havia mais coisas a fazer, como conseguir uma dúzia de rosas em pleno inverno para colocar junto ao prato de lady Edward na mesa do café da manhã; ou, como ocorria algumas vezes quando havia sessões no Parlamento, informar ao magistrado local de uma ameaça de morte.

Entretanto, e apesar dos desordenados horários de lorde e lady Edward em plena temporada londrina, era inaudito que o mordomo tivesse que levantar-se da cama às cinco da madrugada porque alguém tocava com insistência a aldrava da porta. Normalmente, corresponderia a um laçao descer e a abrir, mas como aquela noite os senhores ainda não tinham retornado do campo e os laçaios tinham saído para festejar um casamento que se oficiaria em breve, o único homem que havia na mansão Rawlings era Evers. E a última coisa que queria em seus cinquenta anos mal passados era levantar-se de sua cômoda e quente cama, descer quatro lances de escada e abrir a porta a alguém que, a essa hora, só podia ser portador de más notícias.

Durante um momento, Evers colocou o travesseiro sobre a cabeça com a esperança de que o desconhecido partisse, ao pensar que não

havia ninguém em casa. Mas estava claro que quem quer fosse que esperava na rua sabia que cedo ou tarde alguém lhe abriria a porta, porque não parava de chamar. Consciente de que se esperasse um pouco mais as criadas despertariam e reagiriam com a típica histeria feminina ante as visitas noturnas, Evers acabou afastando as cálidas mantas e, com um calafrio, vestiu a bata, as sapatilhas e o gorro de dormir, e empreendeu tão depressa como sua idade e seus achaques lhe permitiam, o comprido caminho do quarto piso da casa de cinco andares.

Demorou uns dez minutos para chegar à porta, tempo durante o qual a aldrava não deixou de tocar. Entretanto, quem quer que fosse que chamava parecia haver tomado como um jogo: chamava duas vezes, fazia uma pausa, voltava a chamar uma vez, detinha-se, logo quatro vezes mais depressa... A frequência variava, mas a mensagem estava muito clara: "Abram a porta, que faz frio."

— Já vou... — grunhiu o criado com voz tremente e sonolenta quando por fim chegou ao vestíbulo de mármore.

Talvez na rua fizesse frio, mas na entrada sem esquentar a temperatura era igualmente gélida. O mordomo pensou com nostalgia na bolsa de água quente de sua cama, que quando retornasse já teria esfriado.

— Já vou. Por Deus santo, deixem de chamar. Já vou.

Mas quando, depois de abrir todos os ferrolhos, Evers abriu a porta, não encontrou o guarda noturno, como tinha esperado, nem ao leiteiro, que deveria bater na porta de serviço e não na principal. O homem que esperava na espessa névoa que caía sobre Londres no inverno era um desconhecido, embora, com uma só olhada ficasse evidente que se tratava de um cavalheiro de linhagem. Não obstante, enrolado com um sobretudo, um gorro de pele, um cachecol de lã e luvas de couro, não o teria reconhecido nem sua própria mãe. Em realidade, o criado só via um largo nariz, que talvez no passado tivesse sido aquilino, mas que parecia haver-se quebrado e se curado mal depois, um par de olhos muito claros e um pouco de pele bronzeada e ligeiramente amarelada.

— Boa noite. — disse Evers, que tinha começado a tremer ao sentir o gélido ar matutino — Posso ajudá-lo, senhor?

— Evers? — embora a voz lhe chegasse amortecida pelas camadas de roupa, o criado soube em seguida que, apesar do tom amarelado da pele, tratava-se de um cavalheiro inglês.

— Sim, sou eu. — respondeu — Quem é você?

— Mas não é Samuel Evers. — repostou o homem.

— É obvio que não. Sou Jacob, seu neto. Samuel faleceu faz já quatro anos, e trabalhava na mansão de Yorkshire, cujo posto ocupa agora meu pai, John. Quem é você, que conhece meu avô?

— Não me reconhece? — perguntou o cavalheiro, em tom divertido.

Evers entreabriu os olhos e olhou através da névoa. Os joelhos lhe tremiam pelo intenso frio, que já começava a lhe transpassar a bata. Entretanto, o desconhecido parecia ser insensível à temperatura.

— Não saberia dizê-lo, — respondeu o mordomo, a cujos dentes tocavam castanholas — mas faz um pouco de frio aqui fora para brincar de adivinhações, senhor.

— Tem razão. — respondeu o homem — Além disso, nunca faço dessas coisas. — e, levantando um braço, tirou o gorro e deixou descoberto uma desordenada massa de cabelo negro e crespo. Ao ver na mesma pessoa a espessa cabeleira e os olhos cinza, o criado o reconheceu e afogou um grito.

— Santo Deus! — exclamou — É você, excelência?

O duque de Rawlings jogou a cabeça para trás, rindo. A gargalhada ressoou na rua solitária e rompeu sua profunda quietude. Não era a típica risada que se costumava ouvir em Park Lane, e muito menos às cinco da madrugada de uma glacial quarta-feira de fevereiro.

— Sim, Evers, — corroborou Jeremy por fim, quando deixou de rir — Sou eu. Recém chegado do longínquo Oriente, e com ameaças de malária. Meu valete chegará dentro de um momento com os baús, assim esteja atento. E agora, pode oferecer uma bebida a um pobre duque vagabundo? Temo ter perdido toda resistência que pudesse ter a este maldito frio da Inglaterra, e preciso de um uísque desesperadamente.

— É obvio, excelência. — Evers se apressou a afastar-se da porta para que o duque entrasse em sua casa — Rogo que me perdoe,

mas não o esperávamos. Não recebemos nenhum comunicado sobre sua volta da Índia.

— Não, porque não o enviei. — respondeu o jovem. Tinha atravessado o vestíbulo e aberto totalmente as portas do salão, e tinha começado a desfazer-se das diversas camadas de casaco, que deixava cair, peça por peça, sobre uma das *chaise longues* estofadas de veludo verde — Parti de Nova Delhi de improviso, e duvido que o hospital tenha tido tempo tampouco para enviar um comunicado à minha família.

O mordomo tinha acendido as lamparinas de gás e, ao cabo de uns momentos, tinha reavivado as chamas até conseguir que uma boa luz ardesse na chaminé de mármore esculpido.

— O hospital, excelência?

— Sim. — respondeu Jeremy com segura — O hospital militar. O melhor que se pode ter em Nova Delhi, que nunca será muito. A comida não estava má, mas há uma terrível escassez de licor em todo o país. Oxalá alguém houvesse me dito isso antes. — o duque se afastou do par de *chaise longues* e se aproximou de uma poltrona de couro verde mais perto da chaminé, onde se deixou cair com um suspiro— Deus, Evers, — murmurou com os olhos fechados, depois de esticar as longas pernas — que bom é estar em casa.

— Também é bom tê-lo de volta. Entretanto, sentirei falta dos relatos sobre as heroicas façanhas de sua excelência que líamos no jornal. Estamos muito orgulhosos de sua valentia, e especialmente de sua atuação durante aquela rebelião que sufocaram em Jaipur.

— Oh, — disse Jeremy com uma total falta de interesse, os olhos ainda fechados — então lhes chegaram notícias do ocorrido.

— Notícias? As pessoas não falaram de outra coisa durante semanas. Que a rainha lhe outorgasse a Medalha de Honra... — a voz de Evers, que refletia um profundo respeito, foi apagando-se. Não obstante, ao ver que o duque não tinha intenção de responder, limpou a garganta e acrescentou — Se até foi honrado pelo próprio marajá! Conforme entendi, a Estrela do Jaipur é uma das maravilhas do mundo...

— É... — murmurou o jovem por resposta.

Ao ver que não conseguiria fazer o duque falar disso, o criado começou a lhe servir o uísque. Deu-se conta, não sem certo alívio, de que debaixo do sobretudo, e apesar de não ter pisado na Europa desde fazia quase cinco anos, o recém-chegado usava um traje inglês da última moda; vestia uma jaqueta negra com camisa branca e um jaleco fazendo jogo, umas calças estreitas, também negras, e um par de lustrosas botas. Além disso, também reparou que o lenço que levava no pescoço tinha o número preciso de nós. Ao que parecia, aquele caloroso e bárbaro país não tinha convertido seu valete em um relapso.

Entretanto, Evers também observou que o duque não tinha bom aspecto. O amarelado tom de pele que tinha lhe visto na rua não se devia ao reflexo da luz de gás das luzes; não havia dúvida de que o jovem padecia de malária. Embora supusesse que estaria convalescente ninguém se atreveria a arriscar a vida viajando com uma enfermidade mortal. Mesmo assim, uma visita do doutor Wallace não seria demais; logo que o resto dos criados se levantasse, mandaria uma criada buscá-lo.

— Ah. — disse Jeremy abrindo os olhos, quando o mordomo pigarreou e lhe estendeu uma taça de cristal esculpido com dois dedos de líquido ambarino — Evers, é um bom homem, um santo, como seu avô.

— Oh, não, excelência. — respondeu o criado com a característica modéstia de sua família — Vai ficar muito tempo em Londres?

— Tanto quanto seja necessário. — murmurou o jovem em tom enigmático, olhando a taça. Bebeu o uísque de um gole e estremeceu de forma involuntária. Logo devolveu o copo ao mordomo, que se voltou para lhe servir outra taça. Até então o duque não tinha se dado conta de que o criado usava somente bata e sapatilhas— Por Deus, Evers, que horas são? Eu o acordei?

— Sim, excelência. Sua volta nos pegou despreparados. — disse, e acrescentou com satisfação — São cinco e vinte da madrugada.

— Cinco e vinte? — o moço ficou tão surpreso que o copo que o mordomo acabava de lhe entregar esteve a ponto de cair — Por Deus santo! Por que não disse antes? E eu venho chamar à maldita porta... É de estranhar que não tenha despertado todo mundo.

— Não se preocupe, não há ninguém em casa, além de...

— O quê? — Jeremy ficou olhando o criado, estranhando — Onde estão meus tios?

— Lorde e lady Edward tiveram que partir para Yorkshire este fim de semana para assistir a um funeral. — quando o jovem o olhou com uma cara de espanto, Evers continuou — Sim, uma tragédia. O filho mais novo de um dos arrendatários de sua excelência faleceu. Mas os esperamos para os próximos dias — continuou em um tom mais jovial — Quer acomodar-se nos aposentos que costumava ocupar, ou prefere o quarto de hóspedes? — de novo, com mais sutileza desta vez, tentou voltar ao assunto da Estrela do Jaipur — Veio só com seu valete, ou devo preparar mais quartos?

— Mais quartos? — repetiu o duque — Para que demônios precisaria de mais habitações?

— Bem, no caso de ter trazido para casa... a Estrela do Jaipur.

— É obvio que a trouxe, — esclareceu o jovem com impaciência — só um idiota não a teria levado, mas não acredito que precise de um quarto só para ela. Não é tão grande.

Evers tossiu.

— Ah, não, é obvio que não. — repôs. Então entendeu que era melhor mudar de assunto — Nesse caso lhe sugiro o quarto verde. O branco está neste momento, ocupado pela senhorita Margaret, mas se acender a luz em seguida...

Jeremy engasgou com o uísque. Preocupado, o criado se aproximou, mas conteve o impulso de lhe dar umas palmadas nas costas.

— Excelência? — perguntou, preocupado — Não está bem?

— Mag? Que demônios está fazendo aqui? — balbuciou o duque, sem deixar de tossir.

— A senhorita Margaret acompanhou lady Edward esta temporada, e está conosco desde pouco depois do ano novo. — o criado pegou o copo das mãos do jovem antes que caísse, como parecia a ponto de ocorrer, e se aproximou do aparador para enchê-lo pela terceira vez — Conforme entendi, a intenção da senhorita Herbert era ficar pouco tempo em Park Lane, até que encontrasse um apartamento. Entretanto, suponho que não é fácil para uma

jovem estabelecer-se em uma grande cidade como Londres, sobretudo se quer ganhar a vida em uma profissão tão competitiva... — ao voltar-se, Evers viu que o duque se levantou e cambaleava ligeiramente, por isso, talvez com mais solicitude do que seu posto requeria, não pôde evitar insistir — Desculpe-me, excelência, mas tem certeza de que está bem? Parece muito doente...

Jeremy fez um gesto com a mão como resposta.

— E esse noivo sobre o qual me escreveu minha tia? Também está hospedado aqui?

— O senhor do Veygoux? — inquiriu o mordomo, perplexo — Um francês sob este teto? É óbvio que não.

— Imaginei, mas passei tanto tempo fora... — o duque o olhou com um sorriso forçado — Um homem nunca sabe até que ponto mudaram as coisas durante sua ausência, verdade? — depois de alisar a jaqueta com ar decidido, acrescentou — Disse no quarto branco, verdade?

— Sim, excelência. — respondeu o criado. Logo, ao ver que o duque se dirigia resolvido para a porta, não pôde evitar exclamar — Mas...

O jovem se deteve na soleira e se voltou com expressão inquisitiva.

— Sim, Evers?

— Não irá sua excelência... Suponho que não estará pensando em entrar no quarto da senhorita Margaret. — disse Evers sorrindo, nervoso — Já sabe que sua tia não aprovaria esse comportamento. — o mordomo estava morto de calor, jamais um Evers tinha ousado contradizer um Rawlings, por mais reprovável que fosse seu comportamento. Não obstante, o criado acrescentou com suavidade — Os cavalheiros não entram nas habitações das jovens, excelência. Estou seguro de que lady Edward ficaria muito surpresa se soubesse que entrou em casa sem estar devidamente acompanhado quando a senhorita Margaret se hospedava aqui...

O duque sorriu, e Evers deu um passo atrás. Era absurdo, e sabia, mas por um instante, com aquele cabelo negro azeviche, os olhos chapeados e esse estranho tom amarelado na pele, pensou que o

duque de Rawlings guardava uma extraordinária semelhança com... o diabo.

— Sua preocupação pela reputação da senhorita Maggie é comovente. — disse Jeremy com um risinho — De verdade. Entretanto, a última vez que o comprovei, esta casa me pertencia e, portanto, também tudo o que há nela.

Sem uma palavra mais, Jeremy se voltou e se dirigiu à escada de mármore que conduzia ao segundo piso. Às suas costas, Evers, de pé no meio do vestíbulo com o gorro de dormir e a bata, levou o copo de uísque aos lábios e o tomou de um gole. Estava há pouco tempo trabalhando com a família Rawlings, e tinha tido a esperança de continuar fazendo-o tanto tempo como tinha feito seu avô. Entretanto, parecia-lhe que sua carreira ia terminar logo e de forma abrupta, porque se lady Edward não lhe despedisse por ter permitido que o duque e a senhorita Herbert estivessem sozinhos sob o mesmo teto, o duque o faria por haver-se oposto a isso.

O criado decidiu escrever uma carta a seu pai; precisava de um conselho. Um conselho e, embora lamentasse dizê-lo, outra bebida.

CAPÍTULO 10

Durante sua infância, Jeremy tinha passado muito mais tempo em Yorkshire que na casa de Park Lane, mas lembrava-se o suficiente para entender por que Maggie tinha escolhido o quarto branco. Todos outros dormitórios da casa tinham papel de parede de uma cor, tapetes e cortinas de outra e móveis de uma terceira, aquela tinha sido uma prática decorativa de sua tia Pegeen, convencida de que quanto mais cor houvesse em uma habitação, menos se veriam as manchas. O certo era que, como naquela casa costumava haver muitas crianças, incluído o próprio Jeremy, a idéia se mostrou eficaz.

Entretanto, o quarto branco não era mais que isso, um espaço de paredes brancas, com um suntuoso e impoluto tapete sobre o chão de madeira, cortinas de gaze branca e mobiliário da mesma cor. Era o único em que não se permitia a entrada dos meninos, que sempre tinham as mãos sujas e os sapatos cheios de barro. O tipo de habitação que para um pintor, que passava o dia mesclando cores, podia ser relaxante.

O duque supunha que essa era precisamente a razão pela qual Maggie o tinha preferido a qualquer dos outros dez dormitórios da casa; ao entrar, inclusive à apagada luz laranja das brasas que crepitavam na chaminé de mármore branco, deu-se conta imediatamente de que a moça tinha dado ao quarto seu toque pessoal. Na parede mais afastada da porta havia um cavalete dobradiço e uma caixa de madeira que, se não se lembrava mal, continha pincéis e tubos de tinta. Junto a eles, ocupava um lugar preponderante uma grande pasta de couro negro que parecia muito pesada e que devia conter trabalhos ainda por terminar ou cópias dos tecidos para mostrar aos possíveis clientes. Em cima de uma mesa baixa, junto a um par de cadeiras estofadas de cor marfim, podiam ver-se algumas ferramentas de trabalho menos habituais, como um enorme pássaro dissecado, um cavalo mecânico, um navio de papel machê e algumas bonecas de diferentes tamanhos com trajes de várias cores. O duque não tinha nem a remota idéia de

qual era a serventia daqueles brinquedos, a menos que, aos vinte e um anos, a jovem Herbert fosse mais infantil do que deveria.

Entretanto, os objetos que pendiam do respaldo das cadeiras esparsas pela habitação lhe pareceram muito mais interessantes, como um espartilho ou um par de calças com babados. Eram-lhe quase tão sedutoras como sua proprietária, que jazia na enorme e branca cama de dossel, a poucos passos da chaminé. Jeremy comprovou que Maggie era tão desorganizada de noite como durante o dia; tinha retirado todas as mantas e, apesar do frio, dormia só meio tampada com um lençol de linho. Infelizmente, o que provavelmente a mantinha quente era uma grossa camisola de algodão, que lhe cobria do pescoço até os tornozelos.

Não obstante, ao aproximar-se e observar a moça com mais calma, Jeremy descobriu vários detalhes que eram de seu interesse; a camisola tinha lhe subido ligeiramente, deixando descoberta a fina curva do tornozelo e a branca panturrilha. Além disso, a jovem dormia com um braço sobre a cabeça, de modo que a pressão da malha sobre os seios revelava o contorno de um mamilo. Segundo Jeremy pôde observar com deleite, seus seios continuavam sendo muito volumosos, sobretudo para uma garota que não tinha desenvolvido nem a mais leve curva durante muitos anos. O cabelo comprido e solto lhe caía desordenadamente sobre o travesseiro. O rosto, voltado para o resplendor do que restava de luz, tinha perdido o infantil contorno arredondado, e as altas e sobressalentes maçãs do rosto davam à sua encantadora beleza um ar de altivez que antes não tinha.

“Meu Deus. — pensou o duque enquanto observava a moça de perto— Se converteu em uma verdadeira beleza às minhas costas.”

Aquele pensamento lhe fez sentir-se tão irritado como o fato de que estivesse noiva.

Mas o que esperava? Acaso tinha acreditado que seus pais seriam capazes de mantê-la afastada da atenção de outros homens para sempre? Que ele era o único capaz de apreciar sua natural e silvestre beleza? Que uma garota como Maggie, com aqueles voluptuosos lábios, lhe esperaria toda a vida?

De repente, Jeremy se sentiu muito cansado, sentou-se na beira da cama e levou uma mão à testa. Notava o calor na pele. O mais provável é que tivesse febre outra vez, embora isso não fosse nenhuma novidade; estava há semanas lutando contra as recaídas da enfermidade. Os médicos de Nova Delhi tinham lhe assegurado que era normal, e um deles tinha lhe explicado que continuaria sofrendo essas recaídas durante pelo menos três ou quatro anos. Ao ouvi-lo, o duque tinha estado a ponto de lhe dar um murro, mas naquela época ainda estava muito fraco até para levantar o punho.

O jovem afastou a mão dos olhos e olhou Maggie, que respirava lenta e pausadamente. Recordou então que, quando menina, tinha um sono muito profundo e não despertava nem sequer quando dormia na mesa durante o jantar e tinham que levá-la para a cama. Naquele dia, não despertou quando ele tinha batido na porta com insistência, e, apesar de estar sentado em sua cama, a moça continuava alheia à presença dele. Poderia havê-la violado de dez formas diferentes e ela teria continuado dormindo.

Aquele pensamento lhe pareceu tentador. O duque olhou o corpo adormecido oculto pela grossa camisola e recordou aquela tarde, cinco anos atrás. Ao mesmo tempo, quase sem pensar, aproximou uma mão da prega da camisola para tocar a branca e nua panturrilha.

Não obstante, e sem saber por que, deteve-se. Tinha estado tão perto que tinha chegado a sentir o calor de seu corpo nas gemas dos dedos. Mas algo tinha lhe feito afastar a mão. "O que está me acontecendo?", perguntou-se. Tinha todo o direito do mundo de tocar nessa garota. Cinco anos atrás partiu da Inglaterra com a convicção de que, ao voltar, se casaria com Maggie Herbert.

Mesmo assim, tinha que reconhecer que, enquanto isso, frequentemente tinha procurado consolo nos braços de outras mulheres. A Jeremy tinha parecido que o mínimo que podia fazer era tentar apagar a lembrança dos beijos de Maggie. Ele não era um eunuco, as aventuras sexuais do tenente coronel Rawlings tinham sido motivo de admiração entre seus homens, e objeto de brincadeiras entre seus iguais, a maioria dos quais eram oficiais casados. Em geral, o duque fingia não notar seus comentários, e só

brigava quando estava bêbado ou de mau humor... algo que ocorria bem frequentemente, porque a Índia era um poço sem fundo de miséria e enfermidades, no qual fazia um calor insuportável; e que nada tinha a ver com o lugar mágico que ele e sua amiga tinham imaginado em seus jogos infantis.

Entretanto, apesar de que durante quase meia década o jovem oficial tinha conquistado dúzias de mulheres, não tinha conhecido nenhuma que lhe acelerasse o coração como lhe ocorreu aquele dia no estábulo, nem tinha lhe cativado tanto, emocional e intelectualmente, para não dizer fisicamente, como Maggie Herbert. Embora aquele descobrimento lhe tivesse complicado a vida, como por exemplo, no incidente relacionado com a Estrela do Jaipur, também tinha lhe resultado muito motivador. Lembrando do conselho de seu tio, o moço tinha posto todo seu empenho e inteligência em demonstrar que era merecedor de uma garota como Maggie. Para sua surpresa, aquilo lhe supôs uma fulgurante ascensão nas filas da cavalaria de sua majestade. O duque realizava com esmero todas as tarefas que lhe atribuíam, desde escoltar importantes embaixadores através da selva até sufocar um ocasional levante camponês; o que lhe parecia bem, porque com isso conseguia não pensar muito, algo que tendia a fazer quando estava desocupado.

Embora fosse a última coisa que Jeremy tinha pretendido, sua inteligência e valentia acabaram por impressionar seus superiores. Ao alistar-se no exército, tinha evitado utilizar seu título, de modo que poucos sabiam que o jovem que tinha começado sua carreira militar como Jeremy Rawlings era, de fato, um dos homens mais ricos da Inglaterra, um aristocrata cujo tio gozava de grande influência na Câmara dos Lordes. Para seus companheiros, o duque era só o capitão Rawlings, embora por pouco tempo, pois logo o promoveram a major e recebeu a Medalha de Honra da rainha por ter sufocado a rebelião do Jaipur. Quando por fim sucumbiu, por causa da enfermidade, e não de uma bala inimiga, Jeremy era considerado um dos homens mais valentes ao serviço da rainha, um intrépido herói cuja habilidade com a espada não tinha comparação.

Por isso, foi promovido a tenente coronel e lhe recebeu outra estrela dourada, que reluzia na lapela de sua casaca vermelha.

Entretanto, as ascensões, as medalhas e as honras, incluída a Estrela do Jaipur, não significavam nada para ele. Sabia que, pela primeira vez em sua vida, estava fazendo algo que fazia bem, e com o que, além disso, sentia prazer. No entanto, só desejava uma coisa: uma carta de Maggie em que lhe pedisse que voltasse para casa.

Acreditou que a esperada nota chegaria ao quarto ano, quando sua tia Pegeen lhe escreveu para lhe contar que lady Herbert, a mãe de Maggie, tinha caído doente e que, depois de uma longa temporada prostrada na cama, havia falecido naquela primavera. Embora detestasse escrever cartas, essa foi a única ocasião durante sua longa ausência em que o fez, e enviou à moça uma nota de condolência, mas não recebeu resposta. Doze meses mais tarde, soube que tinha ficado noiva. Então se deu conta de que os longos anos de espera não tinham servido para nada, pois a mulher a quem amava ia casar-se com outro homem. Supôs que a garota nunca levou a sério sua proposta, e que tinha lhe esquecido tão depressa como outra mulher esquecería de comprar ovos no mercado.

Tinha-o enganado, e isso o fazia sentir-se estúpido; tinha passado cinco anos naquele país tórrido e incivilizado para nada.

E tinha voltado para casa para vingar-se.

Desde que tinha sabido da traição, Jeremy não tinha pensado em outra coisa que não fosse descarregar sua fúria sobre ela na primeira oportunidade. De fato, tinha sido aquele pensamento que o tinha mantido vivo durante as semanas de delírio e febre. Estava convencido de que essa sede de vingança tinha lhe salvado a vida. Se morresse, não poderia conseguir que Maggie Herbert se arrependesse de haver se entregado a outro. Finalmente, esse desejo tinha lhe feito levantar-se da cama para retornar à Inglaterra, apesar da insistência dos médicos em que ficasse no hospital até que recuperasse as forças.

Não obstante, quando tinha o objeto de sua vingança ao alcance da mão, não se decidia a lhe infligir um castigo. Ainda não.

Sim, era isso; ainda não. Primeiro brincaria com ela, como tinha visto os tigres brincar com sua presa antes de devorá-la. Seria muito

mais satisfatório torturá-la, antes de dar o golpe de misericórdia.

Jeremy levou a mão ao rosto dela e, acariciando-lhe o queixo, ficou olhando a moça por uns momentos. Então, com essa mesma mão grande e morena, e com considerável força e ruído, golpeou-lhe as nádegas arredondadas, protegidas só pela camisola de algodão.

CAPÍTULO 11

Maggie gemeu tão alto como se alguém lhe tivesse ateado fogo no cabelo e se levantou de repente, com os olhos muito abertos, indignada, procurando a seu redor ao ofensor que a tinha despertado com tal brutalidade. Quando seu olhar posou no homem sentado na beira da cama, soltou outro gemido, desta vez de modéstia ultrajada, e quis tampar-se com o lençol enrolado a seus pés. Infelizmente, o desconhecido, que tinha começado a rir, estava sentado em cima dos cobertores, assim, por mais que puxasse, não conseguia cobrir-se com a manta. Com a respiração entrecortada, a moça agarrou um travesseiro e o levou ao peito para tampar o que a camisola deixava entrever.

— Quem é você? — exclamou, como se cuspiasse as palavras, uma depois de outra — Saia de meu quarto agora mesmo ou chamarei à polícia.

Jeremy não podia parar de rir, havia valido a pena suportar aquele maldito calor durante cinco anos só para ver a expressão do rosto da garota. Se tivessem lhe prometido que poderia voltar a contemplar aquela expressão, teria cruzado o Sahara a pé.

— Ah, Mag, — disse um pouco mais calmo, mas sem deixar de rir — se pudesse ver seu rosto... não tem preço!

Naquele preciso instante, Maggie pareceu reconhecê-lo. Ao débil resplendor das brasas que crepitavam na chaminé, era difícil saber com certeza, mas a pessoa que estava sentada na beira da cama parecia... tinha o aspecto de ser...

— Jeremy? — aventurou, entreabrindo os escuros olhos para olhar na escuridão — É você?

— O próprio. — respondeu o duque. De tanto rir, os olhos tinham começado a lacrimejar, por isso enxugou as lágrimas com a manga da jaqueta — Deus santo, que grito. Parecia a senhora Praehurst no dia que penduramos uma cobra na balaustrada do vestíbulo.

— Mas que demônios... — Maggie ainda o olhava fixamente, com os olhos abertos como pratos — o que está fazendo aqui?

O jovem sorriu.

— Vivo aqui. Esta é minha casa, lembra-se? — E, fazendo um gesto com a cabeça para assinalar a camisola, acrescentou — Sempre dorme com uma camisola tão pouco sedutora? Não tem nada que tenha um pouco de renda?

Maggie sabia que tinha as bochechas rubras. Deus santo, era ele! Havia retornado da Índia e estava em seu quarto! Aquilo só podia ser um sonho. Deus sabia que tinha fantasiado com a sua volta uma infinidade de vezes. Entretanto... nenhum de seus sonhos se parecia com o que estava acontecendo. O Jeremy com quem ela sonhava nunca teria lhe batido nas nádegas.

Mas esse Jeremy tampouco teria partido para voltar comprometido com uma princesa da Índia...

— O que faz na Inglaterra? — gaguejou — Eu acreditava que... tinha entendido que...

— Que o quê? Que ia apodrecer na Índia? Pois estava equivocada.

A jovem Herbert olhou a porta do quarto. Estava fechada. Onde estava a princesa indiana? Esperando no corredor?

— Voltou... sozinho?

— Vê alguém mais? É obvio que estou sozinho. O que pensava? Já vejo que, desde que parti, tornou-se um pouco parva.

O duque esperava que se ofendesse, mas, em vez disso, a moça continuou com o olhar fixo nele, mordendo o lábio, com uma expressão de preocupação nos olhos escuros. Durante uns momentos, Jeremy se perguntou o que lhe ocorreria. Sentia-se culpada, talvez? Sim, devia ser isso. Sentia-se profundamente culpada pelo que tinha lhe feito. Ele, em contrapartida, estava muito satisfeito consigo mesmo, até que a ouviu dizer:

— Tem um aspecto horrível.

E era verdade. Maggie observou o homem sentado em sua cama; não havia dúvida de que parecia ser seu amigo de infância... ou ao menos o moço que tinha visto pela última vez ao descer pela hera do terraço de seu quarto no Herbert Park, cinco anos atrás. E o tapa que havia lhe dado era também próprio dele; Jerry teria aproveitado qualquer oportunidade que se lhe apresentasse para tocar-lhe as nádegas, estava certa.

Entretanto, aquele não podia ser Jeremy Rawlings, porque o Jeremy que ela conhecia estava a milhares de quilômetros dali, empunhando uma espada imperial nas colônias índias de sua majestade...

... enquanto que em algum lugar, esperava-lhe a Estrela do Jaipur, o prêmio que tinha lhe sido dado por salvar a cidade da ruína.

A menos que aquele prêmio estivesse ali, em Londres, pensou a moça horrorizada.

Maggie engoliu o mau sabor que indevidamente lhe subia pela garganta cada vez que pensava na Estrela do Jaipur. "Talvez não seja ele", disse-se a si mesma. O duque de Rawlings era um homem muito bonito, enquanto que aquele homem pálido e doentio não teria atraído, nem sequer com uniforme, o olhar de nenhuma dama distinta.

Jeremy levou uma mão ao rosto. Essa não era a recepção que tinha esperado; gostaria de presenciar uma reação de consternação feminina, e inclusive ver Maggie derramar algumas lágrimas, mas a moça não dava mostras de sentir nenhuma emoção daquela índole. Parecia realmente preocupada com seu aspecto, ou talvez fosse melhor dizer desgostada.

— A que se refere? — ouviu-se dizer, com atitude defensiva — O que quer dizer com tenho um aspecto horrível?

— O que houve com seu nariz? — perguntou.

O jovem afastou a mão do rosto.

— Eu o quebrei, não parece?

— Várias vezes, pelo que parece. — respondeu a moça, soltando ligeiramente o travesseiro que apertava contra seu peito. Não tinha dúvida de que aquele era Jeremy. Só ele era capaz de responder a suas insolentes perguntas com a mesma grosseria — Acaso não utilizam pistolas na Índia? Sempre brigam aos murros?

— Nem sempre. — replicou o jovem com serenidade — Mas quando surgia um desacordo com algum outro oficial, costumávamos...

— Esmurrarem-se uns aos outros? — Maggie levantou a mão e afastou uma mecha de cabelo para trás do ombro — Que brutos. A

julgar pelo aspecto de seu nariz, devia perder com bastante frequência.

— Não é verdade. — replicou o duque com irritação — De fato, eu...

— E por que tem uma cor de pele tão estranha? — inquiriu curiosa.

Jeremy ficou olhando.

— Tinha esquecido o bom humor com que costuma despertar — resmungou quase para si mesmo.

— Se não tivesse me despertado como o fez, talvez o tivesse recebido com mais amabilidade. — respondeu-lhe a moça — Mas não acredito que mereça que lhe trate com boas maneiras. Se o que queria eram adulações, veio ao lugar errado.

— Sim, — respondeu o jovem, um pouco surpreso. Não tinha esperado que se jogasse em seus braços, bom, talvez no fundo de seu coração, sim, mas aquela hostilidade era absurda. Acaso nunca tinha amado? — já percebi.

— Por certo, que horas são? — Maggie se inclinou para os pés da cama e tentou pegar um edredom para tampar-se — Faz muito frio. Poderia jogar outro tronco na chaminé?

O duque não teria se levantado se a garota não tivesse começado a puxar com força o edredom sobre o qual estava sentado. Além disso, tinha razão, fazia muito frio. O sentia mais do que poderia sentir a moça; ela não tinha passado os últimos cinco anos sob o sol equatorial, nem tinha contraído uma febre daquelas.

O jovem se levantou, e quando liberou o cobertor, Maggie perdeu o equilíbrio e caiu para trás, sobre os travesseiros. Aquele brusco movimento despertou um bicho branco e peludo, que ladrou indignado e moveu as orelhas para frente e para trás provocando um som parecido ao que faziam os cisnes da mansão Rawlings quando sacudiam a água das asas.

— Por Deus santo! — exclamou Jeremy, detendo-se junto à chaminé com um tronco na mão — O que é isso?

Maggie tinha se sentado na cama e se tampou com o edredom, agasalhando-se na calidez do cobertor, de modo que só lhe via a

cabeça e o pescoço. O jovem reprovou a si mesmo por não haver lhe tirado a camisola quando teve oportunidade.

— Isto? — perguntou olhando a bola de cabelo entre os travesseiros — É meu cão.

Jeremy pestanejou e observou ao pequeno animal, de olhos redondos e brilhantes.

— Não parece um cão — comentou — Lembra um esfregão.

A senhorita Herbert não pareceu absolutamente ofendida.

— É um *bichon fris*. — repôs, encolhendo os ombros sob o edredom.

— E que demônios é isso de *bichon fris*? A palavra francesa para esfregão?

— Não, é uma raça de cão, estúpido. Por certo, não respondeu a minha pergunta.

O duque afastou a vista do animal, que o olhava com expressão acusadora, e começou a avivar o fogo.

— Ah, sim? — perguntou enquanto utilizava o fole com mais força que a necessária — O que perguntou?

— Sobre a cor de sua pele. — o jovem pensou que, igual a um cachorrinho, Maggie não parecia disposta a soltar aquele osso — Parece doente.

— Isso é por que... — começou o jovem, endireitando-se — estive doente.

— De verdade? — moça observou com os olhos entreabertos como punha o fole em seu lugar. Era tão alto como se lembrava, e continuava tendo o peito largo e a cintura e os quadris estreitos. Por isso supôs que, fosse qual fosse aquela enfermidade da qual falava, não devia haver lhe afetado muito. Além da cor da pele, parecia tão forte como da última vez que o tinha visto...

E Deus sabia que se lembrava daquele dia com a mesma nitidez como se tivesse acontecido no dia anterior. De fato, era uma lembrança na qual quase nunca se permitia pensar porque, ao fazê-lo, sempre reavivava um fogo que preferia manter adormecido.

— Sua tia nunca me disse que estive doente. — explicou Maggie que, sem dar-se conta, acabava de revelar algo que teria preferido ocultar.

Mas o duque o notou em seguida, como um falcão divisa um camundongo em um prado. Voltou até a cama e se sentou com uma sensação de satisfação.

— Você e Pegeen falavam de mim frequentemente?

A moça, humilhada, notou que ruborizava. Deus santo, fazia anos que não ruborizava! Por que tinha que fazê-lo nesse momento?

— É obvio que não. — respondeu com desdém — Mas quando lady Edward começa a falar de você, é impossível detê-la. Quando se trata de seu querido sobrinho, não há quem a pare.

— Oh... — disse Jeremy, um pouco desmoralizado — É que não contei nada de minha enfermidade a tia Pegeen e tio Edward.

— Eu supus, — continuou a jovem com o mesmo tom desdenhoso — nunca lhes escrevia, verdade? Tudo o que sabíamos de você era pelos jornais ou pelo governo...

O duque encolheu os ombros.

— Não escrevo cartas muito bem, e eles sabem. E, como estão? Meus tios, quero dizer.

— Bem. — a jovem Herbert tirou um braço de debaixo do edredom e posou a mão sobre a cabeça do cão, que, com a língua pendurada, ofegou agradecido — Muito bem, de fato. Mas já o verá você mesmo. Devem voltar hoje, a menos que...

— A menos que, o quê? — o moço arqueou as sobrancelhas.

—Pegeen não lhe contou em sua última carta?

O duque ficou olhando com expectativa. “Então por fim vai admitir a verdade sobre seu noivo”, pensou.

— Sua tia está nas últimas semanas da gestação, assim certamente o mês que vem terá outro primo.

— Por Deus bendito! — exclamou Jeremy deixando-se cair sobre o colchão. E, levando as mãos ao queixo, ficou com o olhar perdido no dossel — Não me diga que ainda estão assim! São como um casal de coelhos, não parece? E na sua idade... é repugnante.

— Vamos, Jerry. —Repreendeu-lhe a moça.

— Quantos são com este? Oito?

— Sete. — Corrigiu-lhe ela — Venha, mas são sua família.

— Suponho.

O jovem deu meia volta até ficar de barriga para baixo e olhou Maggie, embora ela tivesse preferido que não o fizesse. Era-lhe muito estranho que houvesse um homem em seu quarto... e ainda mais estranho que estivesse em sua cama. Entretanto, a última coisa que queria era que ele se desse conta. Tinham passado cinco anos desde aquele incidente, e ela era mil vezes mais sofisticada que então. Depois, tinha vivido em Paris, e tinha visto como era o mundo fora de Yorkshire. Tinha desenhado e pintado homens nus; embora a princípio aquilo a tivesse escandalizado, não era necessário que Jeremy soubesse. Tudo o que devia saber era que Maggie Herbert conhecia bem o corpo masculino. Que fosse só através do lápis e do pincel era outra questão. Tinha superado o acanhamento e a confusão que lhe provocavam as relações sociais, tinha mantido conversas com pessoas inteligentes e engenhosas, e a tinham considerado como inteligente e engenhosa também.

E o mais importante, tinha esquecido totalmente Jeremy Rawlings.

Oh, não tinha sido fácil. Tinha demorado muito, muito tempo. Mas tinha conseguido. Estava curada. E nada do que ele pudesse fazer ia afetá-la. Nada absolutamente.

— Sinto por sua mãe, Mag. — disse o duque com uma voz tão suave que a pegou de surpresa.

— Ah, ficou sabendo? Suponho que sua tia deve ter lhe dito. — respondeu adotando o mesmo ar de despreocupação que tinha ele, curvado aos pés da cama.

Jeremy se levantou de repente, recostando-se sobre os cotovelos, com um intenso brilho nos olhos cinza.

— É óbvio que me inteirei. — respondeu com a mesma voz grave — Não recebeu minha carta?

— Que carta? — Maggie pestanejou várias vezes — Nunca recebi nenhuma carta sua. — assegurou tentando ocultar a tristeza que de repente a assaltou. Era verdade, nunca tinha recebido uma carta dele, nem depois do falecimento de sua mãe, nem quando os jornais anunciaram sua vitória em Jaipur. Tampouco tinha lhe chegado uma só palavra a respeito da recompensa com a qual se comentavam lhe tinham presenteado...

— Pois lhe escrevi. — explicou o moço. Sua voz já não era amável, mas soava ultrajada — E era uma carta muito bonita. Onde demônios deve ter ido parar? Mande-a até Herbert Park.

— Não sei, o mais provável é que tenha se extraviado. — respondeu ela, um pouco assustada ante sua veemência — Às vezes ocorre, eu não me preocuparia por isso. Mesmo assim, agradeço-lhe que pensou em mim...

A avermelhada luz das chamas, os olhos cinza do jovem cintilaram.

— Deus santo. É obvio que pensei em você.

A jovem Herbert desviou a vista dos brilhantes olhos do duque, que lembravam os de um animal iluminados de noite com uma lanterna. Entretanto, não era seu olhar o que a perturbava; não, isso já tinha se acabado para ela. O que a tinha transtornado era a menção da morte de sua mãe. Havia falecido já fazia quase um ano, mas ainda não podia pensar nela, ou na expressão do rosto de seu pai quando o doutor Parks anunciou com solenidade que lady Herbert tinha expirado, sem que os olhos lhe alagassem de lágrimas.

Então sentiu um quente contato na mão. Ao descer a vista, pensando que seria o cão, surpreendeu-lhe ver os compridos e bronzeados dedos de Jeremy que seguravam os seus, finos e brancos, num gesto tranquilizador.

— Mag? — estava sentado muito perto dela, com a cabeça e os ombros ocupando todo seu campo de visão, e a olhava com expressão preocupada — Está bem?

A jovem assentiu, incapaz de pronunciar qualquer palavra.

— Está certa?

Quando Maggie assentiu de novo, lhe levantou a mão displicentemente e começou a lhe examinar os dedos, como fazia quando eram meninos.

— Ah! — começou com tom divertido — Já vejo que estive pintando com ocre ultimamente. E o que é isto? Preto! Surpreende-me, juvenzinha. Não costumava gostar do preto. E que mais? Ah, azul celeste.

— Azur. —Corrigiu-lhe ela rindo, embora soubesse que deveria ter retirado a mão em seguida. O que ocorreria se entrasse sua dama

de companhia? Se encontrasse um homem no quarto de sua senhora, embora fosse o dono da casa, ficaria petrificada. Sabia que, de qualquer modo, pela manhã Hill a repreenderia por ter passado a noite sob o mesmo teto que um homem solteiro, para não falar de que tenha entrado em seu dormitório...

— Azur? — inquiriu o duque com um olhar receoso — Suponho que será um termo brega de academia de arte. O que tem de mal azul celeste?

— Nada. — respondeu a moça com mais doçura do que tinha querido. De fato, sua voz soou tão doce que, surpreso, Jeremy levantou a vista para olhá-la.

“Oh, Deus — pensou a jovem —, vai beijar-me.” de repente, o coração começou a pulsar com o mesmo frenesi de cinco anos atrás... Estavam sozinhos no quarto, e desta vez, não havia ninguém para detê-los. Maggie não sabia que hora era, mas a julgar pela escuridão que reinava no exterior, era muito cedo, tanto que nem sequer Hill devia ter levantado. Se Jerry a beijasse e ela se entregasse a seu abraço, incapaz de detê-lo, o que ia acontecer?

CAPÍTULO 12

Jeremy não a beijou. A idéia lhe passou pela cabeça, centenas de vezes desde que ela tinha aberto aqueles olhos marrons, mas algo o deteve; uma voz interior lhe disse que ainda não era o momento.

Além disso, não podia esquecer o noivo dela. Embora sentisse curiosidade de ver que aspecto tinha, esse cretino não importava ao duque. Entretanto, sendo possível, queria evitar matá-lo. Durante os últimos cinco anos, cansou-se de matar, e tinha aprendido que às vezes era menos chato deixar alguém viver que acabar com ele. Tampouco lhe importava tirar seu noivo do caminho, é obvio, mas isso podia complicar as coisas se a moça estivesse realmente afeiçoada àquele bastardo.

De modo que, em vez de beijá-la, soltou-lhe a mão.

— Bem, — disse como se retomasse uma conversação que tinham começado antes — assim agora é uma artista famosa. Ao menos isso é o que me disse minha tia Pegeen em sua última carta.

Maggie, embora aparentemente aliviada por ter saído com graça da situação, sentiu-se um pouco decepcionada de que não a beijasse. O coração ainda lhe pulsava com força, mas sabia que os beijos de Jerry lhe estavam já proibidos, posto que pertenciam a outra.

— Não sei se sou famosa, — começou devagar. Tudo em ordem, nem sequer lhe tremia a voz — mas sou uma artista. Ao menos, acredito.

— Ah, sim? — Jeremy ficou de pé, mas em seguida se arrependeu de havê-lo feito. De repente, a cabeça começou a dar voltas, e tudo pareceu girar a seu redor. Como não queria que a moça percebesse sua debilidade, recompôs-se como pôde, deu alguns passos e se deixou cair em uma das cadeiras estofadas de brocado junto à chaminé — E as pessoas pagam por seus desenhos?

— Não são desenhos, — replicou ela, endireitando-se — são retratos, e me pagam bastante bem.

— Seriamente? — o duque se inclinou para frente e pegou um pássaro dissecado da mesa cor marfim — Assim é como lhe pagam?

Com brinquedos para crianças?

— É obvio que não. — respondeu — Pagam-me com libras esterlinas. Os brinquedos são para entreter as crianças enquanto faço o esboço. Especializei-me em retratos de crianças.

— Crianças? — repetiu Jeremy com uma careta de desgosto — E o que aconteceu com os animais? Já não pinta bichinhos?

— Às vezes. — respondeu Maggie. Que descaramento! Não podia acreditar; o jovem estava em seu quarto comportando-se como se fosse dele. Embora, de fato, fosse. Não obstante, isso não lhe dava direito de intrometer-se em suas coisas. Estava claro que o exército não tinha conseguido lhe ensinar a comportar-se como um cavalheiro. Naquele momento, a moça tinha vontade de levantar-se e lhe tirar o pássaro das mãos, mas não se atrevia a andar pelo quarto de camisola, sem espartilho que lhe segurasse os seios. Sabia que tinha muito que esconder, e que o fino tecido de algodão não o fazia — Às vezes não fica outro remédio, para pagar as contas.

— Que contas você tem que pagar? — Jeremy deixou o pássaro e pegou o cavalo mecânico — Não vá me dizer que tio Edward e tia Pegeen lhe cobram a estadia.

— Certamente que não, — respondeu — mas tenho um pequeno estúdio de aluguel em Chelsea; não quero que a casa toda se empestee de terebintina. Além disso, tenho que comprar tecidos, molduras e tinta. Também pago o transporte para a casa de meus clientes, e a comida quando estou fora, e tem Hill...

Jeremy, que estava dando corda no cavalo, deteve-se e ficou olhando como se tivesse ouvido um disparate.

— Por que demônios você tem que pagar todas essas coisas? — exclamou perplexo — Suponho que sir Arthur tenha lhe atribuído uma mesada do que te deixou sua mãe...

Maldita seja! Estava ruborizando de novo. Maggie sentiu que lhe ardiam as bochechas.

— Meu pai não aprova que eu pinte. — disse olhando o cão, com toda a despreocupação de que foi capaz — O único dinheiro que tenho é o que ganhei durante os últimos meses. Por isso está me custando tanto encontrar um apartamento. Seus tios são muito amáveis ao deixar que fique nesta casa enquanto eles estão aqui.

Antes que terminasse de falar, o jovem se levantou da cadeira dando um coice.

— O quê? — gritou tão forte que o cão elevou as peludas e miúdas orelhas — O velho Herbertte deixou sem nada?

A moça elevou o queixo com gesto defensivo.

— Não sei por que te surpreende tanto. Ganho o suficiente para me manter. Ou ao menos o farei, depois da exposição.

— Exposição? — o duque tinha deixado o cavalo mecânico, que andava com as patas rígidas pela mesa, fazendo um desagradável ruído — Que exposição?

— Uma exposição de meus quadros. — explicou Maggie com tom lento — Dos que pinte até agora, e que não vendi ainda, é obvio. É no sábado. É um grande acontecimento. Quantos mais trabalhos eu conseguir, mais... Jeremy, não deixe que caia, por favor. Vai se quebrar e não posso me permitir comprar outro.

O jovem se inclinou para frente e pegou o brinquedo que avançava para a borda da mesa.

— Não posso acreditar. — disse meneando a cabeça — Herbertte deixou sem nada porque não aprova que pinte. Que vadio. — então Jeremy entendeu melhor o que havia por trás das lágrimas de Maggie por sua mãe; com sua morte, desvaneceu-se toda esperança de que seu pai aprovasse a única coisa que gostava de fazer, e que fazia bem. Entendia perfeitamente.

Nesse momento recordou algo.

— E suas irmãs? — perguntou — Se bem me lembro, estão casadas e gozam de uma boa posição. Por que não lhes pede que lhe ajudem de vez em quando?

— Deus me livre! — exclamou a moça em voz baixa — Embora te pareça o mais fácil, não vou cair tão baixo. Além disso, todas estão de acordo com meu pai.

Embora o tentasse, a jovem não pôde evitar que sua voz revelasse certa dor. A desaprovação de suas irmãs era o que mais lhe doía. Uma coisa era decepcionar seu pai, e outra muito diferente decepcionar as suas cinco irmãs, e em especial a mais velha, as opiniões da qual eram apoiadas incondicionalmente pelas demais. Anne nunca tinha aceitado as escolhas de Maggie, desde sua relação

com o duque de Rawlings a sua decisão de estudar em uma academia de arte, mas com a morte de sua mãe, parecia ter perdido de vez toda a paciência. A irmã maior não podia lhe perdoar que preferisse pintar a ser mãe, pois essa era a única ocupação que considerava adequada para as mulheres.

Maggie imaginava por que Anne se sentia daquele modo; sempre tinha sido a mais delicada de todas, e fazia pouco tinha sofrido um aborto, o terceiro durante seus dez anos de casamento. Por causa dos bebês que tinha perdido, amava a seus quatro filhos ainda mais que qualquer mãe, e tudo isso reafirmava sua convicção de que a única ocupação natural para as mulheres era a maternidade. A decisão de sua irmã menor de converter-se em artista e o fato de que a morte de sua mãe não tivesse alterado sua decisão a horrorizavam. E, se por acaso isso fosse pouco, seu noivado tinha enfurecido o resto da família, para quem, ao que parecia, qualquer marido era melhor que um francês.

Ao ver a aflição da moça, Jeremy fechou os punhos e, embargado por um sentimento de impotência, os meteu nos bolsos das calças.

— Não se angustie Mag. — disse com fingida despreocupação — Sempre pensei que eram um punhado de estúpidos. Exceto você, claro.

A moça o olhou com um esboço de sorriso.

— Obrigado, mas acredito que desta vez têm razão. “Honrará o seu pai e a sua mãe”, lembra-se? A Bíblia diz.

— É verdade. — assentiu — Mas não diz também algo sobre quem está livre de pecado atire a primeira pedra? Acredito que suas irmãs deveriam deixar de colocar as mãos na massa.

A jovem Herbert não pôde evitar tornar a rir.

— Oh, Jerry, acredito que está mesclando a Bíblia com os ditados da senhora Praehurst!

— É provável. — concedeu ele, contente de havê-la feito rir — Entretanto, quando voltar para casa, vou dizer quatro coisas a sir Arthur, pode estar certa.

— Em casa? Quer dizer que... não veio só de visita? — Maggie se deu conta de que sua voz refletia a crescente sensação de pânico que se apoderava dela — Deixou a guarda montada para sempre?

— É... — respondeu Jeremy, que de repente se sentia incomodado. Não queria falar muito, não queria que entendesse o verdadeiro motivo de sua inesperada volta — Não exatamente.

— Oh... — disse a moça — Fizeram-no voltar para que se recupere da enfermidade, verdade? É tão grave? O que te ocorreu? — e com outra gargalhada, acrescentou — Suponho que não será malária, verdade? Sua tia morreria de preocupação.

— Não, não é isso. — respondeu ele, pensativo — A verdade é que decidi que tinha que voltar para casa durante algum tempo para... atar cabos soltos.

Lentamente, sua voz se foi sumindo, e Maggie, que tinha estado esperando que fizesse alguma referência ao ocorrido no Jaipur, teve que contentar-se com aquela resposta. Além de que não era muito lisonjeiro que se referisse a ela como “um cabo solto”, a moça supôs que não falava dela. Certamente que não! Era evidente que ele a tinha esquecido, e pensava nela só como uma amiga de infância. O cabo solto só podia ser sua tia Pegeen, que, como Maggie sabia perfeitamente, estava a tempos esperando que lhe apresentasse a recompensa por seu heroísmo na libertação do Palácio dos Ventos. Como não ia estar? Apesar da especulação que tinha despertado aquele assunto, sua família não tinha ouvido uma só palavra de Jeremy a respeito. Nenhuma só.

Ele a observou com atenção e se perguntou o que pensou de tê-la chamado de “cabo solto”. Tinha esperado uma expressão de culpa, ou ao menos um suspiro, mas a moça não se alterou. Só disse “Oh” e desviou o olhar ao ridículo cachorrinho de cabelo enrolado. “Nenhuma só menção a seu noivo”, pensou decepcionado. Tinha-o esquecido? Embora estivesse seguro de que aquele cretino não merecia que o lembrassem, acreditou que talvez Maggie estivesse evitando a questão de propósito.

Com o olhar perdido nos vidros cobertos de geada, Jeremy pigarreou. Começava a amanhecer sobre o Hyde Park, mas a mudança de cor do céu ainda era quase imperceptível.

— Acredito que deveria descer e ver se Peters já chegou. Disse-lhe que trouxesse todas minhas coisas do cais.

“Suas coisas.” Maggie sentiu que enjoava. Embora soubesse que ia soar como uma esposa ciumenta, não pôde evitar perguntar:

— Entre essas coisas está a Estrela do Jaipur?

Quando pronunciou a última palavra, arrependeu-se do que havia dito. Mas embora desejasse não ter tocado no assunto, precisava sabê-lo. Uma parte dela, embora fosse muito pequena, ainda conservava a esperança de que o que tinha lido no *Times* não fosse certo, que aquela Estrela do Jaipur não existisse, e que como agradecimento por salvar o Palácio dos Ventos, o marajá tivesse dado ao duque um cavalo ou outra coisa do tipo. Mas não era assim.

O jovem ficou olhando, surpreso.

— É obvio! Não acredita que ia deixá-la ali, verdade? Você e Evers, que não param de me perguntar o mesmo.

A jovem o olhou sem dizer nada. Não podia acreditar que fosse tão frio. Como podia ter mudado tanto? Cinco anos era muito tempo, e Jeremy os tinha passado lutando, matando pessoas e destruindo povos. Mas, mesmo assim, parecia impossível que um ser humano se tornasse tão insensível.

“As coisas mudam”, pensou. E ela sabia melhor que ninguém.

— Pois será melhor que te apresse, não pensa? — disse, sentindo-se cada vez mais enjoada — Não vá fazer algo tão precioso como a Estrela do Jaipur esperar.

O duque ficou olhando com curiosidade, mas finalmente se levantou, assentindo.

— Suponho que tem razão. Veremo-nos para tomar o café da manhã, verdade?

— Não acredito que haja forma de evitá-lo. — respondeu. Entretanto, em vez de soar sarcástica, tal como tinha pretendido, sua voz denotava tristeza.

Jeremy arqueou as sobrancelhas, mas decidiu não fazer nenhum comentário. Dava-se conta de que a moça se sentia incomodada por algo, mas não tinha nem a mais remota idéia do que podia ser, pois se alguém tinha razões para estar zangado, era ele. Afinal de contas, o tinha deixado plantado.

Mesmo assim, tentou que sua voz soasse despreocupada quando se aproximou para acariciar a cabeça do cão.

— Boa noite, vira-lata.

Para surpresa de sua proprietária, ao ver aproximar a mão do jovem, o cão começou a grunhir.

— Jerry! — exclamou, repreendendo a sua mascote antes de pensar no que dizia — Para! Não faça isso!

Não se deu conta do que havia dito até que levantou o olhar e viu a expressão de desconcerto no rosto dele. Desviou a vista em seguida, mas já era muito tarde; suas bochechas estavam ardendo.

— Por Deus santo! — exclamou Jeremy com a voz afogada. Nunca se havia sentido tão perplexo — Pôs meu nome no cachorro, Mag?

Maggie estava ruborizada. Não havia nada que pudesse fazer para arrumá-lo, além disso, teria acabado sabendo de todo modo.

— Eu gosto do nome Jerry. — respondeu com tom indignado.

— Ah, sim? — respondeu ele — Está bem. Pois bom dia.

Tenso, deu meia volta e, com a mesma graça que o cavalo mecânico, saiu da habitação e fechou a porta com força atrás dele.

CAPÍTULO 13

“Não foi tão terrível, verdade?”, disse-se a si mesma tão logo Jeremy saiu de seu quarto. Para um primeiro encontro, não tinha ido tão mal. Ela tinha se comportado com um mínimo de compostura, não tinha desmaiado nem tinha feito nenhuma tolice. Sentia-se satisfeita por não ter feito ou dito nada que revelasse o que ainda sentia por ele.

Exceto pelo nome do cão.

Mas isso não era um problema, durante o café da manhã teria tempo de explicar. Embora realmente tudo fosse bastante ridículo. Ao chegar a Paris, Maggie havia se sentido... enfim... sozinha. Terrivelmente sozinha. Madame Bonheur era uma artista famosa que tinha sido honrada com uma medalha da rainha Vitória, mas, apesar disso, era uma pessoa excêntrica que usava colete e calças e fumava cigarros. Sua aparência impressionou muito à moça, que compreendeu aliviada, que se seus pais ou sua irmã Anne tivessem conhecido madame Bonheur, nunca teriam lhe permitido frequentar sua academia.

Suas companheiras de classe tampouco lhe facilitaram as coisas. Muito poucas tinham verdadeiro talento, e delas, menos ainda eram as que queriam melhorar suas capacidades artísticas. As demais estavam ali porque seus pais não sabiam o que fazer com elas; eram muito velhas, feias ou pobres para que um homem lhes fizesse uma proposta de casamento, assim as tinham enviado à academia de arte, já com a esperança de que aprendessem algo com que ganhar a vida, ou simplesmente para tirá-las de casa uns dias por semana.

Por isso, as que tinham talento dominavam às demais; arbitravam as críticas, estabeleciam o tom em cada aula, eram objeto de constantes adulações e ninguém as contrariava. Maggie se deu conta no primeiro dia de que a cabeça era uma jovem francesa, rica e atraente, chamada Berangère Jacquard; tinha sua idade, mas era exatamente o contrário dela em todo o resto. Berangère era loira, e ela morena, a francesa era delicada e Maggie corpulenta, e o que ela tinha de afável, sua companheira tinha de cruel. A única coisa que

as duas moças tinham em comum, além da idade e da posição social, era o talento. A senhorita Jacquard era uma desenhista excelente, e retratava tudo o que lhe punha na frente com incrível semelhança, até o ponto de que o resultado tivesse podido passar por uma fotografia. Só em seus melhores sonhos Maggie poderia ter tido a esperança de desenhar tão bem.

Naquela época, Maggie se sentia deprimida; estava sozinha, à exceção de Hill, em um país estrangeiro, sentia falta da sua família, não tinha amigos, e suas companheiras de classe riam dela por seu sotaque e seus estranhos costumes ingleses. Além disso, pela primeira vez em sua vida, não era a melhor artista, nem sequer entre as garotas de sua classe.

Um dia chegou cedo ao estúdio de pintura e, depois de sentar-se frente a seu cavalete, enquanto esperava que a assistente de madame Bonheur terminasse de preparar o pedestal, ficou pensando se não seria melhor fazer a mala e retornar à Inglaterra. Momentos depois, entrou a professora e, depois de jogar uma olhada a seu redor para comprovar que todo mundo prestava atenção, deixou cair uma coisa branca e miúda no pedestal que havia na parte dianteira da sala de aula.

— É da última ninhada da cadela de minha sobrinha. — explicou com voz rouca, antes de acender um dos cigarros marrons que fumava habitualmente.

Maggie ficou olhando a bolinha de pelo que se retorcia no centro de um bocado de fruta e vegetais, e sentiu que lhe despertava uma profunda ternura.

— Não espera que pintemos isso — exclamou Berangère Jacquard, rindo, de trás de seu cavalete.

Madame Bonheur exalou um fino fio de fumaça azulada.

— E por que não?

— Mas... se não para de mover-se!

A professora olhou o cachorrinho.

— Sim, é verdade. E o que quer que faça mademoiselle Jacquard? Que o mate?

Maggie deixou escapar uma exclamação e a professora se voltou para ela.

— Não se preocupe, mademoiselle Herbert — disse esboçando um sorriso — Os franceses amam os mascotes tanto como os ingleses. E agora, juvenzinhas, deixem de queixar-se e comecem a pintar.

Maggie pôs mãos à obra em seguida. O cachorrinho não deixava de mover-se, andava de um lado para o outro do pedestal olhando o chão, atemorizado, e ladrava porque não se atrevia a saltar. Mesmo assim, Maggie fez um retrato lindo. O resultado foi tão bom que, ao terminar a aula, quatro horas depois, madame Bonheur se aproximou, ficou olhando a tela e, sem dizer nada, tirou-a do cavalete e a colocou no batente da janela, apoiada no vidro. Logo se aproximou do cavalete de Berangère, pegou seu retrato e o pôs junto ao de Maggie. Foi então quando a moça fez um assombroso descobrimento.

Sua pintura era melhor que a de sua companheira. Muito melhor.

Certamente não era perfeita. As uvas tinham um tom muito verde, e teria que trabalhar mais o fundo; além disso, os pêssegos não tinham ficado bem, pois eram muito grandes para o primeiro plano. Mas tudo aquilo, como apontou a reconhecida artista, era secundário; o importante naquela pintura era o cão. Mademoiselle Herbert não tinha pintado o aspecto do cão, e sim o que era realmente; tinha conseguido captar a alma do animal. A professora explicou que o retrato refletia à perfeição que seu modelo era ligeiramente panaca, nervoso, mas de bom caráter. Era um cão único, com uma personalidade própria, com suas preferências e aversões, e umas qualidades diferentes das dos demais.

Assinalando a tela de Berangère, madame Bonheur comentou que o aspecto do cão tinha ficado perfeitamente retratado no tecido. Mas, como explicou à classe, aquele animal podia ser qualquer cão, não tinha personalidade. Os olhos poderiam ter sido de vidro, pois não expressavam nada, não havia neles nenhuma emoção nem alegria. A artista afirmou que talvez um estranho pagasse por aquele quadro, o pendurasse sobre a chaminé e se sentisse satisfeito de que fosse parte de sua coleção, mas, alguém que conhecesse aquele cão preferiria o de Maggie. No mundo da pintura de retrato, o público encarregava a um artista de desenhar um membro da

família, fosse animal ou humano, e o que queria era que o quadro refletisse sua personalidade, e não só seu aspecto.

Por essa razão, concluiu a professora, mademoiselle Herbert seria uma grande pintora de retratos, enquanto que mademoiselle Jacquard seria uma a mais entre tantos.

Berangère, indignada, exclamou que se o cão não tivesse ficado movendo-se todo o tempo, teria feito melhor, ao que madame Bonheur respondeu que, desgraçadamente, não havia muitas pessoas que encomendassem retratos de cadáveres.

Depois disso, sem dizer uma palavra mais, a professora foi até o pedestal, pegou o cachorrinho, deixou-o no colo de Maggie e saiu da sala de aula. Não foi até quatro anos mais tarde, quando a moça se converteu na melhor aluna da academia e gozava da confiança da ilustre pintora, quando lhe perguntou como tinha sabido que desejava ficar com o cão. Madame Bonheur simplesmente tinha sorrido e havia lhe dito: "Querida, qualquer um que olhasse o quadro teria sabido que tinha gostado dele. Eu só te dei o que, em seu coração, já te pertencia."

Aquela resposta tinha parecido a Maggie um tanto irônica, tendo em conta que, quase desde o primeiro momento, tinha começado a chamar o cachorrinho de Jerry. Não era que Jeremy Rawlings lembrasse um cachorrinho branco e suave. É obvio que não. Mas, durante aqueles primeiros meses longe de casa, não passava um momento sem que pensasse nele. Perguntava-se sem cessar o que estaria fazendo, como se sentiria, o que pensaria. Estava preocupada com ele. A Índia era muito longe, e sua família nunca recebia notícias dele. Só as relações de lorde Edward com altos cargos da guarda montada lhe mantinham informado de como estava seu sobrinho. Mas dado que Maggie não estava em Herbert Park, perto da mansão Rawlings, e sim do outro lado do canal, muito pouco dessa informação chegava até ela. Além disso, seus pais nunca lhe mencionavam o duque de Rawlings, pois o assunto se converteu quase em tabu.

Por isso, a sós com seus pensamentos, não cessava de dar voltas às tentações de que devia estar rodeado Jeremy naquela terra longínqua; as exóticas princesas com uma pedra preciosa no

umbigo, as atraentes esposas de outros oficiais, ou inclusive alguma camponesa hindu, com um cântaro de água na cabeça. Quando começava a pensar nesse tipo de coisas, não podia conciliar o sonho, algo incomum nela até então, e o dia seguinte passava cansada e irritável.

A moça sabia que sua atitude era ridícula. Não tinha direito a estar ciumenta, pois tinha rechaçado sua proposta de casamento, perdendo assim qualquer prerrogativa que pudesse ter sobre ele.

Além disso, era absurdo supor que, depois de sua negativa, continuaria sendo-lhe fiel. Absurdo e muito pouco realista. O duque de Rawlings era um homem viril... mais que viril; um espécime de ser humano masculino fora do comum. E, como todos os homens, tinha suas necessidades. Dado que ela tinha recusado seu direito de satisfazê-las, era evidente que outra teria que fazê-lo.

Era muito infantil supor que Jeremy não estivesse com outra mulher... a quem talvez cortejasse, e a quem inclusive possivelmente propusera casamento, e ela aceitara. Havia muitas possibilidades de que retornasse da Índia com uma esposa formosa e submissa, que desempenhasse à perfeição o papel de duquesa e a quem gostasse do tipo de coisas que interessam às aristocratas, como a roupa, as jóias e as fofocas. Em contrapartida, a única coisa com a qual Maggie poderia contribuir em um casamento teria sido seu amor pela arte e um detalhado conhecimento dos hábitos dos cachorrinhos peludos.

Entretanto, às vezes Maggie se permitia fantasiar sobre o que podia ter acontecido se tivesse aceitado a proposta de casamento. O que teria ocorrido se tivesse ido com ele a Gretna Green? O que teria sido dela se tivesse feito amor com Jerry àquela noite em seu dormitório?

Poucas vezes se atrevia a pensar nisso, porque quando o fazia, sentia como se lhe faltasse o ar; só a idéia do corpo nu de Jeremy junto ao seu lhe produzia um desejo tão intenso que geralmente acabava pondo a coleira no cachorrinho levando-o para dar um longo passeio.

A moça pensava que devia haver algo nela que não estava bem, por ter aquele tipo de pensamentos. E em lugar de melhorar com os

anos, sua obcecação se intensificou. À medida que suas habilidades artísticas melhoravam, as classes começaram a ser mais avançadas, até que se inscreveu em cursos de pintura com modelos humanos, que sempre estavam nus, e alguns dos quais eram homens. A possibilidade de observar de perto pela primeira vez em sua vida o corpo de um homem aumentou a frequência de suas fantasias sobre Jeremy. Às vezes surpreendia a si mesma formulando-se estranhas perguntas. Teria o peito tão largo como Philippe, o modelo de posturas? Seria tão musculoso como Étienne, da aula de anatomia? Seriam os ligamentos inguinais do duque tão bem definidos como os do Gérard? E, é obvio, tirava o chapéu, horrorizada, perguntando-se como seriam seus genitais, comparados com os dos homens que pintava; se seriam tão grandes, escuros, com o pelo tão espesso...

Imaginou que estava obcecada. Também as outras garotas da academia estavam obcecadas com os homens, seus amantes, seus noivos, o leiteiro ou o garçom do café da esquina, e falavam deles constantemente. Berangère Jacquard, que, depois da crítica de madame Bonheur era muito simpática com ela, não falava de outra coisa. De fato, a jovem inglesa era a única que não o fazia; em cinco anos, nunca pronunciou o nome de Jeremy. Que sentido tinha falar dele? Em um momento de temor infantil, por medo a perder o controle, o tinha perdido para sempre. Maggie considerava que alguém tão covarde não merecia uma segunda oportunidade, assim não tinha nenhuma esperança. Jamais, durante aqueles cinco anos, lhe ocorreu que Jeremy tivesse falado a sério quando lhe pediu que lhe enviasse uma carta se mudasse de opinião a respeito de sua proposta. Não havia nenhum homem que, uma vez rechaçado, arriscasse seu coração pela segunda vez com a mesma mulher. Maggie não sabia muito a respeito dos homens, mas já sabia qual teria sido sua resposta.

Que nunca falasse de Jeremy não significava que não lembrasse. Ao contrário, nunca deixava de pensar nele. De fato, na maioria dos dias no meio da manhã, deixava uns momentos o pincel e dizia a si mesma: "meu Deus, são quase onze horas e não pensei em nada mais que no Jeremy." E esse pensamento ia sempre acompanhado

de uma tristeza e uma dor que não a abandonavam até que se deitava.

Quando despertou naquela manhã e encontrou o duque sentado na beira de sua cama, Maggie ficou petrificada. O que mais a surpreendeu não foi sua mudança de aspecto, embora fosse impressionante, mas o fato de que estivesse ali. Por que estava sentado em sua cama? Ele a tinha esquecido, não era verdade? Estava certa de que não teria pensado nela nem um só instante durante todo aquele tempo. Por que, então, quando já não havia nada entre os dois, tinha reaparecido em sua vida?

O mais provável era que não soubesse que estava instalada em sua casa. Com certeza, se soubesse, teria tido o tato de evitá-la... especialmente quando se tinha em conta que a Estrela do Jaipur o acompanhava. Embora talvez se deixasse levar pela emoção de voltar a estar entre amigos. Sim, seguramente se tratava disso. Eram amigos de infância, nada mais.

Tinha decidido lhe contar que tinha posto seu nome ao cão por aquela mesma razão; porque era um bom e velho amigo. Certamente, não era porque nunca tivesse deixado de pensar nele, nem porque esse dia, cinco anos atrás, tivesse-lhe ficado gravado na memória; tampouco porque Jeremy Rawlings se converteu em seu ideal masculino, e não houvesse nenhum homem, nem sequer seu noivo, que lhe igualasse...

Naquele preciso instante, sentada à mesa do café da manhã, enquanto esperava que Jeremy aparecesse, Maggie se lembrou de Augustin.

Por Deus santo! Seu noivo! Esqueceu-se dele!

Não havia outra explicação; tinha perdido o juízo. Já lhe podiam reservar uma cela no manicômio, porque não demoraria muito a chegar. Tinha ficado sentada na cama a altas horas da madrugada conversando com um homem que uma vez tinha lhe proposto casamento, e tinha se esquecido por completo de que estava prometida. Oh, Deus. Era a garota mais ingrata e egoísta do mundo. No que devia estar pensando, sentada de camisola conversando com Jeremy enquanto Augustin dormia muito perto dali?

Entretanto, o fato de que não merecesse os cuidados de seu noivo não era tão importante quanto que tivesse esquecido por completo mencionar sua existência ao duque. Sabia que não ia importar lhe. É obvio que não! Ele tinha à Estrela do Jaipur! Mas, mesmo assim, deveria haver-lhe dito...

De qualquer modo, aquele era um problema de fácil solução. Só tinha que comentá-lo à hora do café da manhã, enquanto lhe oferecia uma explicação sobre o nome do cão. Sim, era isso. "Jeremy, pus seu nome no cachorro porque é um bom amigo de infância e, por certo, sabia que estou prometida e vou casar-me? Passa-me a manteiga, por favor?"

Mas o duque não se apresentou para tomar o café da manhã, e às dez, quando só faltava meia hora para o primeiro compromisso do dia, Maggie começou a zangar-se. Queria lhe falar de Augustin enquanto ainda tinha coragem. Onde teria se metido? Perguntou a Evers, cuja resposta foi das mais insatisfatórias, sua excelência ainda dormia. A seguir tentou lhe arrancar onde estava a Estrela do Jaipur, mas foi igualmente inútil. Segundo o mordomo, só se utilizava um quarto anexo ao seu. A moça estava certa de que Jeremy não a teria acomodado em um hotel, assim a única explicação era que compartilhasse o quarto com ela. Isso explicaria por que dormia até tão tarde, pois de seu quarto tinha ido direto...

Só de pensar nisso ficava doente.

Assim, em vez de continuar dando voltas, recolheu suas coisas e pegou o ônibus até o lugar de sua primeira entrevista. Era com lorde e lady Chettenhouse, que queriam lhe encomendar um retrato de sua filha maior, uma senhorita mimada da alta sociedade. Ao cabo de uma hora já tinham decidido o vestido, a postura e a remuneração, assim, ao meio-dia, Maggie estava de volta em casa... mas lhe disseram que o duque ainda dormia.

A moça conteve uma expressão de desgosto e almoçou com calma. Logo se entreteve tanto tempo quanto pôde em seu quarto, e quando se deu conta de que estava se comportando como uma estúpida pegou o ônibus e foi ao seu estúdio. Ali passou cinco horas pintando, sem pensar no homem que a tinha visitado naquela noite. Só quando deixou o pincel e notou o braço dolorido, perguntou-se se

Jeremy já teria se levantado. Depois de organizar o estúdio, retornou à casa de Park Lane, e durante o caminho se preparou para um desagradável encontro com seu dono. Usava um vestido de tartan azul, de saia muito larga e com babados, e um corpete apertado que terminava bem acima do abdômen. Sabia que não estava muito elegante, mas tinha certo estilo. Ao menos, o cabelo continuava bem arrumado; se o penteado se mantivesse em seu lugar durante o transcurso de seu encontro, tudo iria bem.

O que a moça não tinha previsto era preparar-se para um encontro com a amante do duque, e, entretanto, foi a ela a quem encontrou esperando no vestíbulo, quando entrou pela porta principal.

CAPÍTULO 14

Maggie se deu conta em seguida de que a Estrela do Jaipur era tal como seus piores temores a tinham levado a imaginar: pequena, exótica e formosa. De fato, a seu lado, a moça se sentia como um desajeitado bovino.

A princesa indiana tinha os olhos mais escuros e grandes que já tinha visto, apesar de estar envolta com uma capa de arminho e veludo, tinha um aspecto tão elegante e gracioso que lhe parecia que podia sentar na palma de sua mão. Sob a saia do sári de seda rosa sobressaíam sapatos com incrustações de pedras preciosas, e nas mãos, que tinha tirado da capa de peles, tinha pesados anéis de rubis e esmeraldas.

Mas se por acaso tudo isso fosse pouco, ao vê-la entrar, a princesa indiana lhe sorriu. Aquele sorriso doce e amável fez com que Maggie se enrolasse com a barra do vestido, desse um tropeção e estivesse a ponto de quebrar um vaso de rosas em botão que havia em uma pequena mesa de mármore junto à porta.

“Meu Deus. — pensou a moça, consternada, enquanto se apoiava na mesa para recuperar o equilíbrio — Por que, além de bonita, tem que ser amável?”

— Desculpe. — disse uma melodiosa voz masculina atrás dela, com um pouco de sotaque, mas em um bom inglês — Você está bem?

Maggie inspirou profundamente e disse a si mesma que ia sobreviver àquilo; estava decidida a não morrer tentando. Tudo o que tinha que fazer era saudá-la com educação, subir a escada e...

Fazer as malas. Porque não podia ficar naquela casa nem um minuto mais.

Maggie se virou devagar e viu um homem magro, muito alto, com um pequeno gorro escarlate com um pompom no cocuruto. Estava muito bem barbeado, e tinha uma expressão inteligente no rosto, que, embora não fosse belo, era agradável. Não se atreveu a adivinhar sua idade, mas supôs que era mais jovem do que aparentava.

Sem saber muito bem como, a moça conseguiu esboçar um sorriso.

— Estou bem. — respondeu — Foi a surpresa de encontrá-los aqui.

— Ah. — O homem sorriu, assentindo, e logo se voltou para dizer algo incompreensível à bela a indiana. Falava em um idioma melódico e cantante, sem nenhum som gutural. Ao ouvi-lo, Maggie se lembrou do jogo que ela e Jeremy jogavam quando eram crianças, e do som do vento que fazia sussurrar as folhas naquelas tardes de verão, na casa Rawlings.

Quando a Estrela do Jaipur respondeu, algo em sua voz doce e aflautada fez com que o pelo dos braços da jovem se arrepiasse. Quando terminou de falar, o cavalheiro indiano se dirigiu de novo à moça.

— Me permita que me encarregue das apresentações. Esta é a princesa Usha Rajput do Rajastán. Eu sou Sanjay, seu intérprete. A princesa quer que saiba que você é bem-vinda a sua casa. Quer saber se veio vê-la ou ao coronel.

— Em sua... — A voz de Maggie foi apagando-se. Por Deus bendito! Aquilo era pior do que jamais teria imaginado. Jeremy ia casar-se com essa... mulher. Tinha assumido que a tivesse aceitado como acompanhante, mas era evidente que tinha intenções de desposá-la. Ou ao menos essa era a impressão que parecia ter a princesa. A menos que... já estivessem casados!

— Hum... — gaguejou — De fato, a nenhum dos dois. Veja, estou vivendo aqui...

— Ah, — exclamou o homem — assim você é do serviço? Perfeito! Porque necessitamos que alguém nos pegue os casacos — continuou enquanto assinalava a pesada capa de arminho da bonita dama e a sua própria, da mesma cor escarlata que o gorro — O homem que nos abriu a porta era muito grosseiro. Disse que esperássemos aqui e logo desapareceu. E isso já faz bastante tempo, mas ainda não retornou, e a princesa está cansada de esperar e precisa sentar-se.

A jovem assentiu; zumbiam-lhe os ouvidos como se uma abelha tivesse se metido na sua cabeça e estivesse tentando sair. Nem em

seus piores pesadelos teria podido imaginar uma situação tão violenta. Supunha que Evers, ao abrir a porta, tinha sentido o mesmo. Se não, como se explicava que os tivesse deixado esperando no vestíbulo? Um mordomo de ofício jamais deixava aos convidados naquela situação; ou os fazia passar e os acomodava no salão ou lhes pedia que partissem.

Mas Maggie não o reprovava, pois compreendia seus sentimentos perfeitamente. Aquilo era mais do que um inglês, ou uma inglesa, era capaz de compreender. Que o marajá do Rajastán, poder supremo da província depois de sua majestade tivesse devotado a sua sobrinha como recompensa e que Jeremy a tivesse aceitado era inconcebível.

Maggie sentiu náuseas, e deu graças a Deus de que tivessem se passado várias horas desde que tinha comido.

E, entretanto, decidiu comportar-se como teria feito qualquer cidadão inglês decente.

— Sigam-me, por favor. Mostrarei o salão, — disse com tanta elegância quanto foi capaz, engolindo o amargo sabor da boca — e, é obvio, me deem seus casacos. Guardá-los-ei com muito prazer.

— Obrigado. — respondeu Sanjay com um sorriso — Muitíssimo obrigado. Viajamos de muito longe, e estamos cansados. Temo que não estejamos acostumados a este frio, é muito fatigante.

A jovem sorriu, embora temesse que sua expressão parecesse forçada.

— Pedirei que lhes tragam chá em seguida. — então deu meia volta e abriu as portas do salão.

Ao cabo de uns minutos, a princesa e seu intérprete estavam convenientemente acomodados. Quando Maggie percebeu que não precisavam de nada mais, além do chá, que estava a caminho, decidiu partir. No momento de despedir-se, a princesa pegou-lhe a mão, e ao observar o encantador rosto voltado para ela, a moça entendeu por que Jeremy não tinha recusado o oferecimento do marajá; a Estrela do Jaipur honrava seu nome. Além de grandes e hipnotizantes olhos, a bela indiana tinha a boca perfeitamente perfilada, a pele cor avelã, uma cabeleira longa e negra como o ébano e o porte tão gracioso e magro como o de uma bailarina.

Embora estivesse certa de que desagradaria a Pegeen, pois desaprovava o presente do marajá por considerá-lo, talvez acertadamente, traficante de seres humanos. Não havia dúvida de que o duque tinha encontrado uma duquesa perfeita para Rawlings, alguém que saberia levar com dignidade a pesada tiara de diamantes que correspondia ao título.

A princesa reteve a mão enluvada de Maggie uns momentos enquanto falava rapidamente no que Maggie supôs que era o idioma hindu. Quando terminou, Sanjay traduziu seu breve discurso.

— A princesa Usha quer que saiba que sua amabilidade não ficará sem recompensa. Pela generosidade que mostrou conosco esta tarde, a partir de agora será considerada membro do serviço pessoal de sua alteza. Por isso, queria conhecer sua experiência como dama de camareira, e se sabe ler.

A moça demorou um minuto inteiro para conseguir articular uma resposta, mas, quando o fez, comprovou com satisfação que podia fazê-lo sem rir... ou vomitar.

— Sinto-me muito lisonjeada, — começou lentamente — mas não sou uma criada, e sim uma convidada da casa, e agora tenho que ir; desejo-lhes que passem uma boa tarde.

Sem esperar a resposta da princesa, deu meia volta e se apressou a sair. Tudo o que queria era trancar-se em seu quarto. Entretanto, momentos depois de entrar, sua camareira saiu do closet com um traje de cetim branco entre as mãos.

— Aqui está, por fim. — exclamou enquanto Maggie se deitava dramaticamente na cama, com vontade de chorar — Chegou tarde. Só tem alguns minutos para trocar-se.

— Me trocar? — repetiu, abatida — Para quê?

— Para o baile de lorde e lady Althorpe. — respondeu a criada, sacudindo a cabeça — De verdade, senhorita Margaret, você está sempre nas nuvens.

Maggie afogou um grito.

— Oh, Deus, não! Tinha esquecido por completo!

O baile! Que estúpida era! Tinha estado atormentando Augustin durante semanas por medo de que lady Althorpe se esquecesse de convidá-la para aquele importante acontecimento social. Todas as

damas da alta sociedade londrina estariam lá acompanhadas de suas filhas, e veriam o retrato de Cordelia Althorpe que acabava de terminar, em cuja honra celebravam seus pais aquele baile. Maggie sabia que era uma oportunidade única para que lhe apresentassem ao tipo de gente que podia lhe encomendar um retrato. Se caísse nas graças dos ricos e influentes amigos de lorde e lady Althorpe, nunca voltaria a lhe faltar dinheiro.

— Felizmente, o senhor Veygoux não o esqueceu. Virá apanhá-la dentro de meia hora. Ao menos é o que dizia a mensagem que deixou à primeira hora da tarde. Vamos, tire isso, temos muito que fazer se quisermos que esteja pronta quando seu noivo chegar.

Com um suspiro, a moça se deixou cair para frente, afundando a cabeça entre os braços.

— Oh! — exclamou — Não pode nem imaginar o dia que tive.

— O dia que teve? — repetiu a criada tirando o chapéu de sua senhora — Essa sim que é boa! Pois se prepare, porque o que vou dizer lhe fará que seja muito pior.

— Oh, não. — se lamentou enquanto se levantava, com uma súbita opressão no peito — Não recebeu más notícias de Herbert Park, verdade?

— Por Deus, não. — respondeu a criada, enquanto começava a lhe tirar as forquilhas do cabelo— Nada disso. É só que... bom, que...

A única vez que Maggie tinha visto Hill tão preocupada tinha sido na noite em que tinha querido despedi-la, pouco depois que seu pai decidiu deixar de lhe pagar a pensão. Quando, finalmente lhe confessou que não tinha dinheiro, a criada simplesmente tinha levantado o queixo e tinha respondido com gravidade: "Sua mãe me pediu que cuidasse de você quando tinha dezesseis anos. Se ouvisse que ia abandoná-la agora, quando mais precisa de mim, se revolveria em sua tumba. Não se preocupe com o dinheiro, senhorita. Daremos um jeito nisso. Sempre o fizemos."

— Do que se trata, então? — perguntou a jovem, que sentia curiosidade por saber o que podia ter alterado tanto àquela mulher de caráter impassível — Evers fez algo que tenha te incomodado?

Sei que é uma pessoa difícil, mas deve tentar se dar bem com ele. Somos hóspedes nesta casa.

— Não, senhorita, desta vez não se trata do senhor Evers. — A camareira pegou a escova da penteadeira e começou a lhe desembaraçar a espessa e emaranhada cabeleira — É ele.

Maggie franziu o cenho, tanto por desconcerto como pelos puxões que lhe dava a criada no cabelo.

— Ele? Quem?

— Senhorita Margaret... — Hill fez uma pausa para dar maior dramatismo ao que ia dizer, e acrescentou — O duque retornou da Índia.

— Oh! — respondeu a jovem.

Ao ver que sua senhora não desmaiou ao ouvir aquelas notícias, a criada se deteve para olhá-la nos olhos.

— Você já sabia! — exclamou após escrutinar a expressão da moça uns momentos — Soube desde o começo!

— Bom... — começou devagar.

Hill se endireitou e encetou um novo ataque desumano ao cabelo da jovem.

— Não posso acreditar que sabia que havia voltado e não me disse.

— Ah! — queixou-se a senhorita Herbert — Juro que o descobri por minha conta.

Entretanto, a camareira não tinha piedade, e a fazia girar a cabeça com brutalidade de um lado ao outro para lhe desfazer os nós.

— Deveria lhe dar vergonha! O que diria sua mãe se soubesse que estamos sozinhas em uma casa com um homem solteiro? E não qualquer homem, mas o duque de Rawlings! Não gostaria nada, e você sabe.

Maggie suspirou.

— Sim, sei. Tem razão.

— Mais que isso, — insistiu a faxineira — tenho toda a razão. — continuou enquanto deixava a escova e começava a lhe fazer uma trança — Não podemos ficar aqui com um homem que mantém relações com uma infiel.

Surpreendida, a moça ficou olhando o reflexo de sua criada no grande espelho da penteadeira.

— Uma infiel? A que te refere?

— Eu sei do que falo. — murmurou com um tom de mistério — Refiro a quem chamam Estrela. Estrela! — Hill soprou — Essa sim que é boa.

— Oh... — respondeu Maggie com um fio de voz — Entendo. Mas...

— Mas o quê? — a criada sujeitava as forquilhas com os dentes, de modo que a frase seguinte soou um tanto confusa — Não há mas que valham. Menos mal que lorde e lady Edward voltam esta noite, porque se não, iríamos partir agora mesmo. Não podemos ficar a sós aqui com ele.

— E aonde iríamos? — perguntou Maggie olhando a sua camareira — Já sabe que não tenho dinheiro para alugar um apartamento... um lugar decente, em uma vizinhança na qual possamos sair e passear com Jerry de noite sem medo. Suponho que poderia pedir a Berangére...

A criada pareceu horrorizada.

— Essa francesa que tem o estúdio de pintura alugado frente ao seu? — exclamou.

— Vamos, mulher. Mas se é uma boa amiga minha. — respondeu a senhorita Herbert com um olhar receoso — Estou certa de que se tiver um quarto livre, nos deixaria ficar tanto tempo quanto...

— Não viverei com uma francesa. — declarou com decisão — E você tampouco. Embora tenha dinheiro, essa mademoiselle Jacquard não é uma dama, por isso você não vai compartilhar a casa com ela. Sei como são as mulheres como ela... essas artistas.

— Hill, — respondeu Maggie com suavidade — eu também sou uma artista, lembra-se?

A criada deu um pisão no chão, furiosa.

— Você não irá comparar-se com essa senhorita. Conheço outras mulheres como ela, e sei como vivem. Não são melhores que a infiel com quem o duque vai se casar. Por certo, se sua excelência fosse um verdadeiro cavalheiro não haveria posto você em uma situação tão embaraçosa. Não lhe parece? Vocês dois já não são crianças, e

sua relação não pode continuar sendo como antes. Agora ele é um homem, e você uma dama, apesar do que pensam alguns membros de sua família. — Hill, leal à sua senhora, desaprovava profundamente o tratamento que lhe dispensavam seu pai e suas irmãs há algum tempo — Veremos o que diz lady Edward quando voltar. Estou certa de que vai dizer algumas coisas a seu sobrinho, por mais que seja duque e herói de guerra. E espero estar lá para ouvi-la.

Maggie se olhou com tristeza no espelho. Esperava não estar perto quando Pegeen repreendesse seu sobrinho. Tinha visto a dama de mau humor em outras ocasiões, e não era um espetáculo agradável.

“Deus, — pensou com um suspiro — minha vida é um verdadeiro desastre... E tudo por culpa desse maldito Jeremy!”

CAPÍTULO 15

Até onde Jacob Evers conseguia lembrar-se, sua família sempre tinha servido aos duques de Rawlings. Seu pai, seu avô, e inclusive seu bisavô, tinham trabalhado como mordomos, fosse à casa da cidade ou na mansão de Yorkshire. E durante todo esse tempo, só um conselho tinha passado de pais para filhos; uma única norma se transmitiu de geração em geração, e pelo que Jacob sabia, nunca ninguém a tinha transgredido. Até esse dia.

O mordomo estava de pé, vacilando, frente à porta do dormitório do duque, a habitação que lorde e lady Edward costumavam ocupar quando estavam na cidade. Sabia que o castigo pelo que estava a ponto de fazer não se faria esperar. Ao menos não tinha que temer uma longa agonia, mas mesmo assim, não podia evitar perguntar-se se o duque simplesmente o demitiria, ou somaria uma surra à demissão. Embora Evers não tivesse ouvido contar nenhum episódio de brutalidade sobre o filho de lorde John, armou-se de coragem para confrontar um tratamento desumano. Afinal, dispunha-se a fazer algo inimaginável:

Acordar um Rawlings.

O criado aproximou os nós da porta, chamou várias vezes e retrocedeu em seguida, como se temesse que inclusive a porta fosse aplicar uma surra.

Depois de alguns minutos, a porta se abriu, deixando entrever o grande quarto, cujas janelas, que então cobriam os cortinados, davam para o Hyde Park. As paredes estavam pintadas de um acolhedor verde oliva combinado com um marrom tão claro que parecia malva.

Entretanto, o mordomo se deu conta imediatamente, com o coração encolhido, de que não havia nada de acolhedor na expressão do homem que tinha ante si. Era Peters, o valete de sua excelência, um jovem que tinha lutado sob as ordens do duque, mas que não tinha nem a menor idéia de como devia se comportar o criado de um cavalheiro. Além disso, só tinha uma perna, pois tinha perdido a maior parte da outra em uma batalha. O moço havia

tirado a perna-de-pau que usava ao chegar, e tinha horrorizado à cozinheira e apavorado às criadas. No momento, Peters não tinha conseguido ganhar a simpatia de outros membros do serviço do número vinte e dois da Park Lane.

— O quê? — sussurrou o jovem com expressão estupefata — O que quer, companheiro? Já sabe que o coronel está dormindo...

Antes que Evers pudesse abrir a boca para expressar sua indignação por tê-lo chamado de "companheiro", ouviram uma voz inexpressiva que provinha de um lugar indeterminável do quarto.

— Corrija, — disse Jeremy — o coronel estava dormindo.

Peters ficou olhando o mordomo com expressão séria.

— A que vai se armar. Não sabe que jamais deve despertar o coronel? Acaso quer morrer?

— O que ocorre? — perguntou o duque com tom imperioso.

— Não se encontra bem, sabe, companheiro? Precisa dormir. — murmurou o valete na soleira da porta.

Jacobs pigarreou.

— Não teria me atrevido a perturbar o sono de sua excelência a não ser por uma circunstância extrema.

— Então é uma circunstância extrema, não é? — disse Jeremy.

Aliviado, o mordomo acreditou perceber na voz de sua excelência um toque de humor. Pela primeira vez desde meia hora antes, quando tinha aberto a porta aos visitantes, pensou que possivelmente, e só possivelmente, conseguiria conservar seu emprego depois de comunicar as terríveis notícias.

— Se as circunstâncias são tão extremas que Evers acreditou ser necessário me acordar será melhor que o deixe passar, Peters.

Mordendo o lábio com desaprovação, o jovem tirou a perna de pau do caminho, pois obstruía a entrada do mordomo, e retrocedeu para lhe deixar passar. Jacobs o fez com a cabeça bem erguida... até que seu olhar se encontrou com o da figura que estava estendida na grande cama de dossel, a poucos metros dele. E só graças a seus anos de aplicada aprendizagem, pôde dissimular uma expressão de extrema surpresa. Não obstante, não pôde evitar exclamar:

— Por Deus santo!

— Oh, vamos, Evers. — respondeu Jeremy com um sorriso zombador — Certamente viu coisas piores.

O criado recuperou a compostura e atravessou rapidamente o quarto na penumbra, procurando não tropeçar em nenhum dos numerosos objetos espalhados pelo chão, que Peters tinha deixado ao desfazer a bagagem.

— Temo que não, excelência. — respondeu com fria formalidade — Rogo-lhe que perdoe meu atrevimento, mas sugiro que me permita mandar procurar o médico. Há um excelente no final da rua, o doutor Wallace, e não tenho dúvida de que estará aqui em seguida.

O duque pareceu surpreso, ou ao menos tanto como pudesse parecê-lo um homem com febre alta deitado na cama.

— Morda a língua, Evers. — replicou — Os médicos não podem fazer nada mais por mim. Só tenho que suar um momento, e dentro de meia hora estarei fresco como uma rosa.

— Não se preocupe. — Peters tinha fechado a porta do dormitório e avançava coxeando até um baú que, ao que parecia, tinha estado esvaziando — A febre do coronel baixa com a mesma rapidez com que sobe. Não estranharia que se levantasse para o jantar.

— Falando do jantar... — Jeremy, com o torso nu, estava apoiado sobre vários travesseiros, muitos dos quais estavam enrugados como se um par de mãos febris as tivessem estado retorcendo — O que vai fazer Maggie esta noite?

— A senhorita Margaret, excelência? — inquiriu o mordomo, a quem a pergunta tinha pegado totalmente de surpresa — Sua camareira me disse que ela e monsieur de Veygoux irão a um baile que o conde de Althorpe está oferecendo.

Uma expressão de profundo desgosto cruzou o rosto do duque.

— O quê? — exclamou, levantando-se na cama com brutalidade — Está me dizendo que esse francesinho vai ser seu acompanhante?

— Sim, é obvio, excelência. — respondeu — Afinal, é seu noivo. Excelência permita-me lhe sugerir que vista uma camisa. Quando se tem febre, é recomendável que...

— Maldita seja. — murmurou Jeremy, afastando os cobertores, então, o mordomo comprovou que o duque dormia nu sob os suaves

lençóis de linho — Peters. — ordenou com tom autoritário — Meu uniforme, por favor.

— Excelência! — exclamou Evers, desviando o olhar — Realmente acredito que...

— Seu uniforme, coronel? — perguntou o valete enquanto coxeava até a borda da cama para ajudar o duque a levantar-se, segurando um dos musculosos braços.

— O uniforme de gala. — resmungou Jeremy enquanto descia da cama alta — Necessitarei da espada, das luvas brancas, das condecorações...

— Sério, coronel? — perguntou Peters, que parecia agradavelmente surpreso — As condecorações também? Todas?

— Todas. — nu Jeremy se levantou e se voltou por acaso para o mordomo, que o olhava com uma expressão próxima ao terror — Obrigado, Evers — disse com amabilidade — Pode se retirar.

— Mas... excelência, não estará pensando em sair, verdade? — aventurou Evers com um estremecimento.

— É obvio que sim, — respondeu o duque com um sorriso — de repente, tenho muita vontade de fazer uma visita ao conde de Althorpe.

— Mas... — Evers negou com a cabeça como um cão que sacode a água das orelhas — Excelência, devo me opor. É evidente que está doente e tem febre alta. Seria uma loucura de sua parte sair à rua com este frio.

— Por Deus bendito, velho. — resmungou Peters com desgosto, enquanto punha uma camisa branca e limpa sobre os largos ombros de seu senhor — Contenha-se. Acaso não sabe com quem está falando?

— É obvio que sei. — respondeu o mordomo, ofendido — Estou falando com o décimo sétimo duque de Rawlings.

— Não, senhor. — murmurou o valete — Está falando com o tenente coronel Jeremy Rawlings. Um homem que, como demonstram suas medalhas e condecorações, não tem medo de nada nem de ninguém.

— Lustrou minhas botas? — perguntou Jeremy enquanto colocava um braço pela manga da camisa.

— Sim, senhor. E as poli com um pano seco. — respondeu o moço enquanto desdobrava umas calças de cor bege — Tal como gosta.

— Muito bem. — embora tivesse conseguido vestir a roupa íntima sem ajuda, o duque teve que apoiar uma mão no ombro de seu criado para colocar as pernas nas estreitas calças — Evers ordene que preparem minha carruagem para sair imediatamente depois de Maggie. Por certo, ainda temos aquele par de cavalos cinza que meu tio ganhou do príncipe de Gales?

— Sim, excelência. Mas...

— Perfeito. — disse o duque enquanto vestia a jaqueta escarlate de elegante corte, com abas até os joelhos. O criado se apressou a pentear as franjas dos pesados galões dourados, que refletiam a luz dos candelabros. O jovem se voltou para examinar seu reflexo no espelho de corpo inteiro que havia no canto mais afastado do quarto e, com olhar crítico, colocou para trás algumas mechas de cabelo negro que lhe caíam sobre a larga frente— Peters, você conduzirá.

— É obvio coronel. — respondeu o moço, contente — Acredito que, embora já faça muito tempo que não vinha por aqui, saberei conduzir pelas ruas de Londres.

Evers não pôde conter-se mais.

— Excelência! — exclamou — Está doente. Devo insistir em que me permita mandar procurar o médico. Ao menos, fique em casa esta noite e descanse. Tem um aspecto horrível, meu senhor. Verdadeiramente horrível.

Isso fez com que Jeremy se olhasse no espelho com mais calma.

— Sério? — perguntou, surpreso — Isso é porque Peters ainda não colocou as minhas condecorações. Espere e verá. Reluzo como uma dama enfeitada.

Imperturbável, Evers continuou:

— Seria absolutamente impróprio, excelência, que se apresentasse no baile de Althorpe sem ter sido convidado.

— Acaso pensa que o conde negaria uma taça de ponche ao décimo sétimo duque de Rawlings? — o jovem sorriu com cinismo para seu próprio reflexo — Eu acredito que não. Peters poderia fazer algo com meu cabelo?

— Certamente, coronel. — assentiu o criado brandindo umas tesouras — Só necessita um retoque. Mas antes, deixe que lhe ponha uma toalha sobre os ombros para lhe proteger a jaqueta.

— É uma loucura. — murmurou Evers — Uma absoluta loucura. — E, com voz mais alta, continuou — Temo, excelência, que não me deixa outra escolha. Sua falta de consideração para sua própria saúde me obriga a tomar a decisão de notificar a lorde e lady Edward logo que cheguem que...

Antes que pudesse terminar a frase, Jeremy tinha se virado e, com um só movimento, tinha agarrado o criado pelas lapelas e o tinha levantado quase um palmo do chão. Jacob, que por fim parecia haver ficado sem palavras, olhou o chão e logo viu o encolerizado rosto de seu senhor, que, aparentemente, não estava tão fraco como tinha acreditado.

— Pobre de você. — resmungou o duque com uma voz que fez estremecer o mordomo — Atreva-se a dizer uma só palavra sobre minha doença e terá que se ver comigo. Entendeu o que estou dizendo?

O servente, petrificado e mais convencido que nunca de que no Extremo Oriente sua excelência se converteu em um demônio, gaguejou:

— Mas, mas... excelência, vão perceber logo que lhe virem. Estou seguro de que...

— Eu mesmo o direi. — Informou-lhe o jovem com aspereza — Mas à minha maneira. Não preciso que ninguém vá contar a meus tios o que faço ou deixo de fazer. Não quero que lhes diga nenhuma só palavra. Entendido?

O criado tremia a tal ponto que era incapaz de responder.

— Não se preocupe com ele, coronel. — disse de maneira cordial o valete, adiantando-se tranquilamente — Se lhe escapa algo, eu me encarregarei. Dar-lhe-ei seu castigo como aqueles indianos do Jaipur... — e, para ilustrar o que queria dizer, passou o dedo pela garganta enquanto produzia um espantoso ruído sibilante.

— Não lhes direi nada. — assegurou Evers engolindo saliva — Nenhuma palavra. Juro!

Jeremy observou o rosto do criado, sem saber que seu próprio rosto tinha tomado uma expressão de tal ferocidade que ninguém que lhe tivesse visto quando criança o teria reconhecido então. Jamais tinham negado algo ao duque de Rawlings.

Ao menos, até pouco tempo.

— Espero que assim seja. — resmungou enquanto deixava o mordomo no chão com bastante suavidade, sobretudo tendo em conta seu estalo de cólera momentos antes.

Evers se apoiou no dossel da cama, aliviado de haver se salvado de uma surra daqueles imensos punhos que o tinham sustentado no alto. O coração lhe palpitava com força, e tinha a boca seca. Deus santo! O que ia fazer? Era o empregado de um louco. Nunca, na história de sua família, um Evers tinha recebido semelhante tratamento de um Rawlings.

E o que esperava? Talvez fosse verdade o que se dizia sobre a origem do duque. Certamente podia esperar um comportamento como aquele do filho de uma prostituta.

— E agora, — disse Jeremy por fim, enquanto Peters lhe punha uma toalha sobre os ombros e começava a lhe cortar o cabelo— o que era que tinha vindo me dizer?

Deus santo. Tinha esquecido por completo. Depois de limpar a garganta, o mordomo se endireitou e disse:

— A Estrela do Jaipur está lá embaixo, no vestíbulo.

O duque olhou com curiosidade o reflexo do criado no espelho.

— Não, não está. — respondeu.

— Como diz, excelência? — respondeu Evers com certa indignação

— Não teria perturbado seu sono se não tivesse estado absolutamente seguro de que...

— A Estrela do Jaipur está ali — afirmou o jovem, um pouco confuso, voltando o olhar para os baús empilhados no chão — Bom, em algum desses baús. Onde a guardou, Peters?

— Aqui, coronel. — O valete se inclinou para frente, e após procurar em uma das valises, levantou-se com uma pequena bolsa de veludo na mão.

— Aí a temos. — disse o duque — Jogue-a para mim. — o moço fez o que lhe pedia, e Jeremy pegou a bolsa no ar com uma mão.

Logo a abriu e a virou para que seu conteúdo caísse sobre a palma de sua mão e estendeu o braço para o mordomo, que contemplou uma pedra preciosa do tamanho do punho de um bebê e da cor do mediterrâneo — Ei-la aqui, Evers. A Estrela do Jaipur. Sã e salva.

Confuso, Evers ficou olhando a safira.

— Rogo-lhe que me perdoe excelência... Se isso é a Estrela do Jaipur, quem é a dama indiana que espera no vestíbulo?

O medo que tinha feito o mordomo temer por sua vida pouco antes não foi nada em comparação com o que sentiu ao espionar a expressão do rosto do duque ao assimilar aquelas palavras.

CAPÍTULO 16

A filha maior do conde de Althorpe não era uma moça a que se pudesse considerar bonita. De fato, com seus dentes de coelho, um buço e uma figura um tanto obesa por causa da quantidade de doces que comia, só a podia qualificar de feia... embora, certamente, Maggie tivesse procurado não retratá-la como tal. Afinal, tinha tido muita sorte de que a tivessem escolhido para pintar o retrato da aristocrática senhorita Althorpe. Vários artistas de muito mais prestígio disputaram aquela honra, e as centenas de libras que a acompanhavam, mas ao fim os condes se decidiram por ela.

Porque, embora outros fossem mais célebres, nenhum tinha sabido realçar, no esboço que apresentaram o único traço formoso de Cordelia Althorpe: seus verdes olhos quase iridescentes, que pareciam pedras preciosas. Ao observar, à beira do desespero, a pobre Cordelia em busca de algum traço atraente, nenhum desses artistas reparou em seus olhos, quase ocultos atrás de dobras de gordura.

Maggie pensava, enquanto bebia champanhe e olhava o retrato com satisfação, que, embora aquela moça sorridente e de olhos brilhantes da pintura se parecesse muito pouco com a séria Cordelia, ao menos seus pais estavam contentes, e lhe tinham entregado o atraente e tão bem-vindo cheque segundo o previsto, da mesma forma que ela tinha terminado o retrato a tempo para a festa que celebravam em honra de sua filha.

— Isto é quase um milagre. — disse uma voz, com tom divertido, bem atrás da jovem.

Maggie voltou a cabeça e sorriu para seu noivo.

— Estou de acordo contigo. — disse com zombeteira solenidade — O fato de que alguém chegue a pagar tanto dinheiro por um pedaço de tecido manchado de tinta é realmente incrível.

— Não me refiro a isso, mademoiselle Herbert, — riu entre dentes Augustin de Veygoux — falo de como pintou Cordelia Althorpe, conseguiu que uma jovem pouco agraciada passe por bonita sem cometer perjúrio.

A jovem desviou o olhar, mas não pôde conter um sorriso.

— Ofende-me, monsieur. Sou uma pintora de retratos. Eu não embelezo ninguém, simplesmente pinto o que vejo.

— Então eu gostaria de ver o mundo através de seus olhos, — riu ele — pois são as lentes mais benevolentes que se possa imaginar. Descubrem beleza em qualquer lugar, e em especial onde não há.

— *Vous êtes un homme horrible.* — Reprovou-lhe a artista, brincando, enquanto lhe golpeava o peito com o leque — A honorável senhorita Althorpe é uma jovem de formação muito completa; canta e toca de maneira admirável. O que lhe falta em beleza lhe sobra em talento.

— Em dinheiro, quer dizer. — Augustin olhou o outro extremo da sala de baile, onde a jovem em questão devorava um grande pedaço de bolo de massa folhada, sem prestar atenção a nada nem a ninguém — A única razão pela qual um homem poderia querer casar-se com ela é por seu dinheiro.

Maggie começou a abanar-se. Embora estivesse em pleno mês de fevereiro, o salão, que não era particularmente grande, começava a esquentar-se por causa da multidão que tinha ido à festa.

— Que desagradável. Não precisa ser tão cruel.

— Não sou eu quem é cruel, *ma chérie*, é o mundo. — respondeu de Veygoux com despreocupação — Se não forem atraentes nem interessantes, as mulheres como Cordelia não podem esperar casar-se por amor, a menos que encontrem a um homem com seus mesmos defeitos. Mas isso não ocorre muito frequentemente. Sinto te desapontar, mademoiselle, mas o único encanto da honorável senhorita Althorpe é o dinheiro de seu pai.

A jovem ficou olhando seu noivo.

— Talvez seja verdade, mas não precisa dizer em voz alta. Não imagina o quanto sou grata por não ter que me preocupar nunca de ouvir alguém dizer algo assim de mim.

Augustin sorriu.

— Vamos, *ma chérie*, qualquer homem se casaria contigo embora fosse mais pobre que um rato.

— E eu sou. — recordou-lhe a moça — Era a isso que me referia. Ninguém se casaria comigo por meu dinheiro, porque não tenho.

— Sim. — assentiu o cavalheiro francês — Mas tem algo muito mais interessante.

— Ah, é? — perguntou Maggie, duvidosa — O quê?

O senhor de Veygoux a olhou com um sorriso travesso.

— *Votre silhouette, naturellement.* — disse, e observou com deleite como o rubor enchia as bochechas de sua noiva, tal como sabia que aconteceria.

Margaret, consciente de que aquela referência a sua figura a tinha feito ruborizar, olhou nervosa ao redor para ver se alguém os tinha ouvido. Por mais sofisticada que acreditasse ser, os comentários sobre seu aspecto ainda a incomodavam. Seria de pensar que, depois de cinco anos em Paris, deveria ter se acostumado às adulações, que inclusive lhe aborrecessem; diferente dos ingleses, os franceses eram muito loquazes ao expressar sua admiração por uma mulher, inclusive em lugares tão formais como um salão de baile, e Maggie tinha recebido elogios onde tinha ido. Apesar de que o espelho o desmentisse, a moça continuava considerando-se a menina alta e desajeitada que tinha sido, e desconfiava de todo aquele que afirmasse vê-la de outro modo.

Isso não significava que desconfiasse de seu noivo. Ao contrário, pensava Maggie enquanto lhe olhava através das rendas de seu leque. Apesar de sua tendência a adulá-la em excesso, Augustin de Veygoux era o homem mais amável e digno de confiança que conhecia. Era um jovem alto e carismático, um pouco mais de dez anos mais velho que ela, que costumava visitar o estúdio de madame Bonheur por algo além de generosidade com os excelentes cigarros que fumava. A família de Veygoux era muito respeitada no mundo artístico, tinha galerias de arte em sete cidades europeias, além de uma nos Estados Unidos, e se dizia que sua coleção de pinturas renascentistas era uma das mais valiosas do mundo. Augustin estava sempre procurando novos talentos para promovê-los em seu salão de Paris, e madame Bonheur, que era tão hábil para os negócios como para a pintura, encarregou-se de que visse alguns dos retratos de Maggie. O jovem comprou o quadro de Jerry antes de conhecer a artista, e pouco depois que a apresentaram, seu projeto para promover suas pinturas tinha se tornado mais pessoal.

A jovem não estava certa de quando tinha começado seu interesse por ela, mas durante os dois últimos anos de sua estadia na capital francesa, o comerciante costumava passar com ela quase todas as tardes.

Maggie não estava apaixonada por ele. Isso sempre tinha estado fora de dúvida. Quando Augustin se declarou, duas ou três semanas depois de conhecê-la, a moça pôs-se a rir, pensando que era uma brincadeira. Entretanto, quando, dada sua insistência, deu-se conta de que falava a sério, não ficou outro remédio que lhe dizer que não correspondia a seus sentimentos.

Quando Augustin entrava no salão onde ela se encontrava, não lhe acelerava o coração, e quando a beijava não sentia nada. Ela sabia o que era estar apaixonada... sabia perfeitamente. Por isso, frequentemente dizia a seu noivo que ele merecia algo melhor. Além disso, podia conseguir a mulher que quisesse, pois era rico e bastante bonito, desde que ela não reparasse muito em sua espessa e chamativa cabeleira ruiva e ondulada.

Mas, ao que parecia, Augustin preferia o desafio de cortejar a única mulher no mundo que estava irremediável e irrevogavelmente apaixonada por outro homem, embora Maggie não estivesse certa de que seu noivo tinha consciência disso. A única ocasião em que esteve a ponto de admitir a existência de outro homem em sua vida foi quando sua mãe faleceu.

Quando Margaret soube da gravidade da doença de sua mãe e decidiu retornar à Inglaterra, Augustin insistiu em acompanhá-la; Veygoux estava ali quando o doutor Parks declarou com solenidade o falecimento da dama, e foi testemunha da terrível reação de sir Arthur. O jovem francês falou com o pároco para preparar o funeral, mandou uma mensagem a Anne, a irmã maior de Maggie, que estava em Londres no nono mês de sua quarta gestação, e consolou os serventes enquanto estes cobriam com tecido negro os espelhos do salão.

Aquele dia, Augustin encontrou a moça chorando no terraço de seu quarto, apesar do frio outonal. Embora soubesse encontrar as palavras adequadas à situação, preferiu não dizer nada, e simplesmente pôs sua jaqueta sobre os ombros trementes da jovem

e se sentou a seu lado, olhando o horizonte como se estivesse no teatro da ópera de Paris. Quando decidiu falar, foi para lembrá-la de que a senhora de Veygoux ainda vivia, e que se aceitasse casar com ele, seria como uma mãe para ela. Era verdade que seria só sua sogra, mas, mesmo assim, era melhor que não ter mãe.

Embora o inapropriado comentário teria feito Maggie rir entre lágrimas em qualquer outro momento, naquelas circunstâncias a envergonhou; pela primeira vez em todo o dia não chorava por sua mãe, mas sim por si mesma. Apesar dos esforços de suas irmãs por ocultar-lhe, aquela manhã tinha lido uma notícia no *Times* em que se relatava a esmagadora vitória de Jeremy em Jaipur; o jovem, quase sem ajuda, tinha derrotado a facção rebelde que queria queimar o Palácio dos Ventos, e o marajá tinha lhe presenteado com uma incomum recompensa. O *Times* falava daquela gratificação como de uma curiosidade, que tinha provocado risos galhofeiros por toda Londres. E pensar que naqueles tempos ainda se oferecia a um ser humano como recompensa! Os abolicionistas gritaram tão alto que chegaria ao céu!

Mas para Maggie, aquele pequeno detalhe sobre o que tinham dado ao duque, e que aparentemente ele tinha aceitado — pois o jornal não dizia que tivesse rechaçado o presente do marajá, que consistia em uma princesa hindu —, não era uma simples curiosidade, nem lhe parecia absolutamente engraçado. Na realidade, ficou desolada. Tinham passado quase cinco anos desde que tinha visto Jeremy pela última vez, e em todo esse tempo não tinha recebido nenhuma só carta dele que lhe fizesse supor que se lembrava dela. Mas por que ia escrever-lhe? Era só uma garota com quem tinha tido um devaneio nas cavalaria, nada mais. Se podia ter a uma princesa indiana, para que iria querer Maggie Herbert?

Embora fosse ridículo chorar por algo tão absurdo no dia do falecimento de sua mãe, isso era o que estava fazendo quando Augustin lhe propôs casamento pela última vez. E foi a última vez porque, quando conseguiu recompor-se, respondeu-lhe que sim.

Apesar da tristeza que a embargava, Maggie se dava conta totalmente do que Veygoux fez por sua família durante os terríveis últimos dias de vida de sua mãe. E o que tinha feito Jeremy

Rawlings por ela? Nada! Em todo o tempo que estava longe de casa, não tinha lhe escrito nenhuma só vez, nem tinha lhe enviado uma só mensagem através de sua família. Estava claro que o duque não havia tornado a pensar nela desde o episódio no estábulo. Não podia rechaçar a proposta de casamento de um jovem encantador por outro homem que nem sequer se incomodou em lhe enviar uma carta durante anos, e que, além disso, ganhou uma princesa indiana nesse intervalo.

E Augustin fazia tanto por ela! O mínimo que podia fazer era tentar fazê-lo feliz. Maggie sabia muito bem que nunca amaria outro homem que não fosse o duque de Rawlings, mas ela e o jovem de Veygoux eram bons amigos, e tinha-lhe muito afeto; amizade e afeto era mais do que tinham muitos casamentos.

Assim, em lugar de rechaçar sua proposta de novo, como teria feito se não tivesse lido o jornal aquela manhã, Margaret a aceitou. Que outra coisa podia fazer?

Sem deixar de abanar-se, a moça observou como seu noivo se voltava para saudar uns conhecidos. Não havia dúvida de que sua massa de cabelo ruivo era um pouco chamativa. Em uma mulher talvez fosse exuberante, mas em um homem... destoava, como havia dito Berangére. E sua mãe! A senhora de Veygoux tinha um caráter realmente difícil. Mas, apesar disso, Augustin seria um bom marido.

E ela precisava de um bom marido. Não podia passar vida suspirando por um homem que não tinha pensado nela nem um instante durante cinco anos. Cinco anos! Oh, havia aquela carta que dizia que tinha lhe escrito. Possivelmente fosse verdade, mas o que significava uma só carta? Nada. Era evidente que ela não significava nada para o duque. Só tinha sido uma de tantas garotas com quem tinha passado uma tarde agradável. Naquela época, ela era inocente e inexperiente, e tinha se apaixonado por ele, mas estava decidida a esquecê-lo, custasse o que custasse. Não passaria o resto de sua vida amando Jeremy Rawlings. Nem pensar.

Tão absorta estava em seus pensamentos que, em um primeiro momento, não ouviu o repentino silêncio que se fez a seu redor. Apesar de suas afirmações cinco anos antes, de que um salão de

baile era o último lugar da terra no qual poderia sentir-se à vontade, Maggie tinha se acostumado ao ruído, o calor e à agitação daqueles ambientes. Por isso, não havia nada que chamasse mais sua atenção em um salão que um sussurro. Maggie pegou o leque e olhou com curiosidade aos interlocutores de seu noivo; reconheceu em seguida a lorde e lady Mitchell, cuja coleção de pintura flamenca rivalizava com a da família Veygoux, e com quem Augustin competia amigavelmente em muitos leilões. De costas para ela, os Mitchell e Augustin observavam alguém no salão de baile.

— Não tenho a mais remota idéia de quem pode ser. — disse lorde Mitchell em voz alta. Era evidente que não lhe importava que lhe ouvissem — Nem me interessa. Não entendo por que me trouxe aqui, Letícia. Sabe que não suporto aglomerações.

— Mas tem que ser alguém importante. — insistiu sua esposa — Os Althorpe não convidam a qualquer um para o baile de debutante de sua filha.

“Ah. — pensou Maggie, desdobrando o leque — Viram entre a multidão o rosto de alguém que não reconhecem, isso é tudo”, e sorriu intimamente. Augustin era curioso; em sua fascinação pelo grande mundo, comportava-se quase como uma mulher.

Pobre Augustin. Nunca tinha sido bom em ocultar seus sentimentos, em especial o entusiasmo, que às vezes parecia lhe ultrapassar. Tinha sido difícil a moça lhe convencer de que contivesse sua alegria quando aceitou sua proposta de casamento, uma vez que ele queria proclamar aos quatro ventos que era o homem mais feliz do mundo. Tinham que manter seu compromisso em segredo até que tivesse passado um tempo razoável de luto por sua mãe. Aquele tinha sido um ano difícil para o jovem de Veygoux; além disso, sir Arthur acabou de complicar-lhe ao expressar a mesma desaprovação por seu compromisso que sentia por sua vocação de pintora. Segundo seu pai, a filha mais nova tinha o dever de cuidar dele. O cavalheiro tinha esperado que a moça voltasse para Herbert Park para ocupar-se dele, embora duas de suas filhas vivessem relativamente perto de sua casa.

Ao pensar em seu pai, Margaret se abanou com mais energia que a necessária. O que diria sir Arthur quando se inteirasse de que o

duque de Rawlings havia retornado da Índia... e com uma noiva da realeza? Perguntou-se. Não gostaria; seu pai sentia uma inata desconfiança por todo o estrangeiro. Não lhe seria fácil inclinar-se ante uma duquesa que não falava nenhuma palavra de inglês. E os tios de Jeremy! Ao ouvir falar pela primeira vez da Estrela do Jaipur, Pegeen esteve a ponto de sofrer um enfarte. Assim ver a princesa Usha servir o chá no salão dourado da mansão Rawlings podia ser muito para ela.

Maggie fechou os olhos. Hill tinha razão, ia ter que encontrar um apartamento em seguida. Não podia continuar vivendo sob o mesmo teto que essa... essa mulher.

Para não mencionar o homem.

— Caramba. — exclamou Augustin com admiração — Olhava atentamente como o faziam as mulheres. Inclusive captou a atenção da honorável senhorita Althorpe. Jamais acreditei que renunciaria a seu bolo por um rosto bonito.

Lady Mitchell soltou uma breve gargalhada.

— Não acredito que esse cavalheiro possa ser considerado um rosto bonito, monsieur de Veygoux. Mas que mulher resistiria a um homem com uniforme? Já se sabe o êxito que tem a guarda montada nos desfiles. Os membros da cavalaria têm algo especial...

— Eu lhes direi o que é, — respondeu seu marido com grosseria — o fedor de excremento de cavalo que os segue aonde vão.

— Vamos, James. O fato de ser muito torpe para montar a cavalo segurando uma espada não te dá direito a ser tão grosseiro com os que podem fazê-lo. — respondeu lady Mitchell entreabrindo os olhos — E este é realmente alto. E quantas medalhas. Deve ter sido muito valente em alguma batalha.

— Na Índia, suponho, — interveio Augustin — onde mais sua pele poderia ter adquirido um tom tão bronzeado? É moreno como um cigano.

Foi nesse instante que Maggie, que escutava sem prestar muita atenção, sentiu que seu coração se acelerava. Era impossível. Não podia ser Jeremy, pois nem sequer conhecia o conde de Althorpe. Talvez seu tio, sim, mas ele? Como ia conhecer lorde e lady Althorpe?

Como os Mitchell e Augustin lhe tampavam a vista, a moça foi apoiar se em uma coluna de onde podia ver todo o salão.

Naquele momento, o seu coração deixou de palpitar.

A orquestra não deixou de tocar a valsa, nem a sala ficou em silêncio. Tampouco os casais que dançavam se separaram como o mar Vermelho, para abrir espaço através do salão de baile. Entretanto, pareceu a Margaret que tudo isso ocorria porque, de repente, não ouviu nada mais que o som de sua própria respiração entrecortada, e não viu ninguém além do cavalheiro alto e uniformizado no outro extremo do salão. Deus santo. Era Jeremy.

A última vez que o tinha visto tinha sido ao amanhecer, na penumbra de seu quarto, ainda meio sonolenta. Ao princípio se assustou que houvesse um homem em seu quarto, e logo depois que fosse o duque. Apesar de que não havia dúvida de que o jovem que estava de pé a uma dúzia de metros dela, com uma taça de champanha na mão e escrutinando com descuido os casais que dançavam entre eles, era o duque de Rawlings.

Naquela madrugada tinha lhe parecido que tinha péssimo aspecto, com aquele tom amarelado na pele e o nariz quebrado, mas tinha se equivocado. Não havia dúvida de que já não era tão incrivelmente bonito como cinco anos antes, mas tinha um ar muito mais masculino e, portanto, muito mais atraente. Maggie se perguntou por que todas as mulheres do salão não estavam rendendo-se a seus pés, como temia que ela fizesse. O duque usava uma jaqueta de corte impecável. Os galões realçavam a curvatura de seus largos ombros; tinha o porte orgulhoso de um almirante, como se o chão da sala de baile fosse o deque de um dos grandes navios de guerra de sua majestade, e ele estivesse a ponto de ordenar aos canhoneiros que abrissem fogo.

Seu porte emanava uma sensação de perigo mal contida que o fazia parecer um bandoleiro ou um foragido. Talvez fosse seu cabelo de cachos alvoroçados, impossíveis de pentear e que, até recém-cortados, caíam-lhe sobre a testa. Ou possivelmente fosse seu olhar desdenhoso, com que observava a todos os que lhe rodeavam. Mas, fosse o que fosse não teria surpreendido à moça vê-lo com um pendente de ouro em sua orelha.

O duque se apresentava com uma assombrosa autoconfiança. Maggie nunca tinha visto nenhum homem encher um salão só com sua presença, e não tinha a mais remota idéia de como o conseguia. Ela, ao menos, era incapaz de desviar a vista de sua alta e elegante figura.

Embora, é obvio, ela estivesse apaixonada por ele.

Foi esse pensamento o que a devolveu de repente à realidade. Por Deus santo! O que estava fazendo, olhando-o desse modo, como uma simples criada? Era evidente que o jovem procurava alguém. “A mim? — disse-se com o coração encolhido — Certamente não.” Para que ia procurar a ela tendo a uma mulher como a Estrela do Jaipur? E, por certo, onde estava sua princesinha? Margaret olhou por toda parte, mas não conseguiu localizá-la. Não obstante, isso não significava que não estivesse no baile, e Maggie não estava disposta a ser testemunha de seu reencontro. Não tinha comido muito naquela tarde, mas, mesmo assim, um espetáculo como aquele podia lhe fazer devolver o pouco que tinha comido.

Entretanto, reagiu muito tarde. Só foi um instante, mas não precisou mais. Apesar de todo mundo se mover de um lado para o outro do salão, o duque detectou seu movimento e, de repente, seus olhares se encontraram. A jovem ficou paralisada, impotente, enquanto Jeremy estudava atentamente seu penteado, a curva nua do pescoço e seus ombros; abriu um pouco mais os olhos ao posar a vista no generoso decote, e os entreabriu ao descer pelas curvas da saia branca que terminava em uma longa cauda.

Com toda a dignidade que foi capaz de reunir sob aquele insultante olhar, Maggie se inclinou, levantou a cauda do vestido e deu as costas com frieza ao duque de Rawlings.

CAPÍTULO 17

Jeremy esteve a ponto de rir. Sua querida Maggie estava fugindo. Aonde acreditava que ia? Não havia nenhum lugar no mundo onde pudesse escapar dele. Ele a seguiria até as entranhas do inferno se precisasse.

Embora imaginasse que não seria necessário chegar a esse extremo.

Maggie só estava ofendida. E que mulher não estaria? Se acreditasse, como parecia pensar o resto de Londres, que a Estrela do Jaipur era da espécie animal, e não mineral, seu aborrecimento lhe era totalmente compreensível. Bom, talvez não totalmente, pois afinal, ela tinha se comprometido com esse gabacho. E ainda tinha a desfaçatez de estar zangada com ele? Que hipócrita.

Perguntava-se se teria continuado zangada se tivesse lido seus pensamentos enquanto a olhava do outro extremo do salão. A imagem de Maggie tão bonita, com a fria elegância daquele vestido de noite branco como a neve, de onde penduravam pequenas gotas de cristal como pedaços de gelo, e com os ombros descobertos, e o tinha deixado estupefato. Embora houvesse no salão mulheres mais belas, nenhuma lhe acelerava o pulso como ela.

E quando recolheu a cauda do vestido, o coração tinha começado a lhe palpitar tão depressa que lhe pareceu que ia parar. Inclinar-se para frente com um vestido como aquele, e com semelhante figura, teria que ser considerado um pecado capital. Seus seios, que o espartilho parecia estar a ponto de liberar de sua opressão, tinham ameaçado sair do decote. Jeremy olhou ao redor ciumento, para comprovar se algum outro homem tinha podido contemplar o que acreditava ser sua propriedade. Onde estava seu noivo? Como se atrevia a deixá-la só usando um vestido assim? Só por isso, esse homem merecia uma boa surra.

Rápido e sigiloso como uma serpente, o duque atravessou a sala, se esquivando dos casais que dançavam e sentindo o roçar da cauda dos vestidos das damas nas pernas. Tinha visto como Maggie desaparecia atrás de uma enorme coluna, mas quando chegou, só

havia um cavalheiro alto e ruivo, e um casal bastante ostentoso que o olhava com surpresa.

— O que ocorre? — perguntou-lhes — Nunca viram um membro da guarda montada de sua majestade?

Sem esperar resposta, apressou-se para o único lugar pelo qual a moça poderia ter escapado, uma porta de painéis dissimulada na parede. Ao cruzar a soleira se encontrou em uma sala na penumbra, com uma decoração muito masculina, que supôs que era a biblioteca. A sala sem luz só estava iluminada pela luz que se filtrava por um par de altas janelas que havia na parede em frente, mas não era muita, porque a lua só aparecia pela metade.

Mesmo assim, era suficiente para refletir a barra com contas transparentes do vestido de Maggie. A jovem estava em frente a uma das janelas, com as mãos enluvadas fechadas em punhos aos lados do corpo.

— Oh, Jerry! — exclamou exasperada, dando uma patada no chão — O que quer? Por que me segue? — Talvez se equivocasse, mas pareceu ao duque que soluçava — Por que não me deixa em paz?

De repente, Jeremy já não tinha vontades de rir. Acabava de dar-se conta de que não havia absolutamente nada de engraçado naquela situação.

— Já o fiz. — respondeu enquanto fechava com cuidado a porta atrás dele, amortecendo assim a música da orquestra e as risadas dos convidados. A biblioteca estava em silêncio, pois nem sequer havia fogo crepitando na chaminé, e fazia muito frio. Entretanto, e apesar do indecente decote de seu vestido, Maggie não parecia senti-lo.

Havia lhe virado as costas, mas daquela vez estava encurralada, e sabia, por isso tinha cruzado de braços em posição defensiva. Ao falar, seu fôlego embaçava o vidro da janela.

— O que quer dizer? — perguntou ela com aspereza — O que quer dizer, como já o fez?

— O que disse. — Jeremy estava consciente de que, embora dissimulasse, a moça o olhava de esguelha, então colocou as mãos nos bolsos das calças para que não se sentisse ameaçada. Lembrava-se à perfeição do medo que lhe provocava, como se seu

encontro em seu dormitório de Herbert Park tivesse sido no dia anterior — Queria que te deixasse em paz, e o fiz. Durante cinco anos, para ser exato.

Maggie engoliu saliva.

— Pois parece que cinco anos não foram suficientes.

— Percebi. — observou ele — Sabe, Mag? Às vezes põe à prova minha paciência. Tem sorte de que sou muito calmo, porque qualquer outro homem já teria começado a sentir-se desprezado. Sobretudo depois de haver te esperado cinco anos. — lentamente, e com o olhar fixo na esguia figura, passou em frente ao extremo do sofá de couro.

— Parece que esteve bem ocupado enquanto isso. — insinuou a moça.

— Ah, é? — inquiriu Jeremy enquanto rodeava uma mesa com tabuleiro de marfim.

— É. — replicou Maggie — Seus heroicos gestos no Extremo Oriente que relatavam os jornais mantinham a todos muito distraídos.

O duque estava agora tão perto dela que poderia tocá-la, mas não tirou as mãos dos bolsos. Não queria, depois de ter conseguido chegar até esse ponto, que tudo terminasse com um bofetão. Além disso, se não se lembrava mal, a moça não dava bofetões, e sim murros.

— Sim, soube que o *Times* informava com rigor de meus movimentos. Não obstante, há algumas coisas importantes sobre as quais se equivocou.

— Duvido. — replicou Maggie com frieza — O *Times* é o jornal mais lido no mundo, e estou certa de que seus jornalistas relatam muito bem.

— Há uma história em concreto, — continuou Jeremy com suavidade — um fato sobre o qual se equivocaram.

Aquilo captou a atenção de Maggie, que se voltou e, surpresa de que tivesse conseguido aproximar-se tanto sem que se desse conta, retrocedeu até que limpou com as omoplatas o vidro embaçado.

— Pare. — disse com voz tremente.

— O quê? — Jeremy ficou onde estava, pois lhe pareceu que, se desse outro passo adiante, a moça atirar-se-ia pela janela.

— Já sabe a que me refiro. — espetou-lhe Maggie. O jovem não podia ver-lhe os olhos, mas, por seu tom de voz, supôs que estavam alagados de lágrimas — Sei que a história é verdadeira. Ontem à noite reconheceu que havia trazido a Estrela do Jaipur, e eu mesma a vi no vestíbulo faz menos de duas horas.

Jeremy arqueou uma sobrancelha, mas foi o único músculo que moveu ao responder.

— Você viu à princesa Usha, não a Estrela do Jaipur.

Maggie estava tão zangada que sentiu que ia ter um ataque. Levantou o leque dobrado como se empunhasse uma arma e apontou ao peito do duque.

— Jerry, — resmungou com a mandíbula apertada — a princesa Usha é a Estrela do Jaipur.

— Em sua opinião, talvez. — respondeu ele, encolhendo os ombros — De fato, muitas pessoas a chamam assim, incluindo seu tio. É um apelido. Mas a verdadeira Estrela do Jaipur não é uma mulher, e sim uma pedra preciosa.

A moça manteve o leque onde estava lhe apontando o coração com atitude ameaçadora.

— O jornal dizia que lhe tinham dado a Estrela do Jaipur como recompensa por salvar o Palácio dos Ventos. E, segundo o *Times*, é a sobrinha do marajá.

— De acordo, — assentiu ele rapidamente — há algo de verdade nisso. O marajá quis me dar sua sobrinha. Como compreenderá, foi uma situação muito embaraçosa, porque, na Índia, é considerada uma grande honra que lhe ofereçam uma sobrinha ou filha. E em especial se for uma mulher como a princesa, a qual muitos nativos acreditam que é muito bonita de se ver.

Ao ouvir aquilo, Maggie não pôde evitar suspirar, mas o jovem fingiu não havê-la ouvido.

— O que estou tentando dizer, — continuou impassível — é que não podia dizer a um marajá que muito obrigado, mas que ficasse com seu presente. Isso teria sido um insulto muito grave. Os ingleses não são muito populares sabe? E uma coisa assim teria

estragado qualquer oportunidade de manter uma relação amistosa com o governo local da província.

A jovem parecia estar a ponto de lhe cravar o leque no olho a qualquer momento.

— Falta muito para o final? — perguntou.

Jeremy sorriu. Não havia nenhuma outra mulher na terra, à exceção possivelmente de sua tia, que costumasse ser tão grosseira com ele. Talvez por isso a amasse.

— Não, já termino, Mag. O que está claro é que o *Times* não contou o que ocorreu depois, certamente porque não é tão espetacular; a verdade é que voltei para palácio e disse a sua alteza que, embora me sentisse muito honrado por seu oferecimento, eu já tinha uma garota me esperando em meu país. — o jovem começou a procurar nos bolsos — Aceitou até bem, e em troca me deu isto.

Tirou a mão do bolso, abriu o punho e mostrou a Maggie a Estrela do Jaipur, que resplandecia mesmo à débil luz da lua. Tinha um pouco de penugem da malha da calça, mas mesmo assim, era evidente que se tratava de uma pedra preciosa como jamais se viu.

Entretanto, Maggie não afastou o leque. No que pareceu ao duque uma típica reação dela, a moça não se alterou nem pareceu impressionada pela beleza e o valor da pedra.

— Se o que acaba de me contar é verdade, — começou com severidade — o que então fazia a princesa Usha no vestíbulo esta tarde?

— Isso também é um mistério para mim. — respondeu o duque, fechando o punho com um suspiro e colocando a gema no bolso — Como saberá Usha mal fala inglês, mas pelo que pude tirar de seu intérprete, parece que está louca por mim e que, apesar de minhas negativas, quer casar-se comigo.

Maggie lançou o leque com todas as suas forças. Por sorte, Jeremy tinha previsto o ataque e se afastou a tempo, e o leque se estatelou contra um dos braços do sofá de pele e caiu tamborilando no chão. Agachado, o moço levantou a vista com surpresa.

— Sabia! — gritou ela — Sabia! Jerry, como pôde?

— O quê? — o duque levantou os braços para proteger-se da jovem, que movia as mãos no ar. Sua atitude o fazia suspeitar que,

em sua ausência, tinha adquirido o hábito de distribuir bofetões — O que fiz agora?

— O que fez? — repetiu Maggie com voz rouca — Eu te direi o que fez, estúpido! Fez que a princesa se apaixonasse por ti...

“... como fez comigo”, terminou intimamente. Só de pensá-lo ficou tão furiosa que teve vontade de bater em algo, e como Jeremy estava frente a ela, pestanejando e mergulhado em uma profunda confusão, pareceu-lhe o objeto perfeito para descarregar sua raiva. Entretanto, o duque, adivinhando suas intenções, deteve o punho com o antebraço, embora não pudesse conter uma careta de dor.

A moça continuava tendo um bom gancho. E se tivesse em conta que ele era quem tinha lhe ensinado a bater desse modo, aquilo lhe era totalmente humilhante.

Jeremy detestava machucá-la, mas detestava ainda mais que ela mesma o fizesse, e pelo modo com que se movia e sacudia a mão, parecia que tinha tornado a machucar-se tentando lhe bater. Assim, embora naquela posição o generoso decote oferecesse uma deliciosa vista, decidiu pôr fim àquela briga e, como bom militar, o fez com rapidez e decisão.

Talvez pegar Maggie pela cintura e deitá-la no sofá não fosse a forma mais delicada de fazê-lo; tampouco deitar-se sobre ela instantes depois para evitar que se levantasse, nem que lhe segurasse os pulsos ao lado da cabeça. Entretanto, e apesar da súbita palidez da jovem, aquilo deu uma interessante virada na situação.

— Levante-se imediatamente. — ofegou Maggie.

— Nem pensar. — respondeu Jeremy enquanto admirava o movimento de seus seios no decote, onde a abertura deixava entrever os rosados mamilos. Se continuasse respirando daquele modo, supôs que não passaria muito tempo antes que o espartilho liberasse um pouco mais dos preciosos seios, assim seria uma estupidez de sua parte não ficar ali para vê-lo — Tive que esperar cinco anos da última vez que me fez me levantar para poder te ter entre meus braços. E, se aprendi algo na cavalaria, querida, é que a oportunidade é tudo, e que a retirada não conduz a nada.

— Jerry... — começou Maggie. Mas, antes que terminasse, o duque descobriu que tampar sua boca com a sua era um bom modo de fazê-la calar.

CAPÍTULO 18

— Jerry. — disse Maggie quando finalmente o duque a deixou respirar.

— O quê? — perguntou o jovem enquanto lhe beijava o pescoço, começando por onde o pulso lhe pulsava tão depressa como o seu, e subindo para o lóbulo da orelha direita.

— O que acontecerá se entrar alguém? — continuou ela com respiração entrecortada, voltando a cabeça para que Jeremy alcançasse mais facilmente seu objetivo.

— Pedirei que se vá. — sussurrou-lhe ao ouvido, enquanto lhe beijava a orelha.

As sensações que despertou aquele beijo fizeram Maggie ofegar. Não estava certa do que tinha ocorrido, pois um minuto antes estava furiosa com ele e só tinha vontade de matá-lo. Durante muito tempo se preparou mentalmente para sua volta, pois sabia que voltaria. Tinha ensaiado o que ia dizer, como ia comportar-se...

Mas nunca, nem em suas fantasias mais loucas, tinha chegado a imaginar que vinte e quatro horas depois de sua chegada estaria outra vez entre seus braços, deixando-se beijar atrás da orelha.

E isso não era tudo o que fazia, Jeremy tinha lhe soltado os pulsos e, com ambas as mãos sobre seus seios, acariciava uma parte de seu corpo que só ele havia tocado antes. Maggie não podia evitar arquear as costas ao sentir o contato de seus calosos dedos sobre sua suave pele, nem parecia poder controlar o movimento de seus braços, que lhe tinham rodeado o pescoço para que aproximasse a cabeça e a beijasse de novo. O que podia fazer se sua boca se sentia irresistivelmente atraída para a dele? Como conter o suave gemido que tinha lhe provocado o contato de sua língua? Aquele pequeno gemido tinha excitado mais ao duque, que apertava ainda mais seu corpo contra os mamilos duros como pedra por causa do desejo e do frio.

O única coisa em que ela podia pensar era: "Este é Jeremy."

E, por alguma razão, aquilo a fazia sentir-se bem.

Mas não era como da primeira vez. Absolutamente. Cinco anos antes ela era uma menina, e não tinha entendido o que lhe acontecia. Naquela ocasião, em troca, e embora continuasse sendo completamente inexperiente, compreendia um pouco melhor as reações de seu corpo. Ao menos sabia, pois Berangère tinha lhe contado que aquela tensão entre as pernas era normal. E quando Jeremy baixou a cabeça para beijar um dos firmes mamilos, soube a razão da conseqüente e repentina umidade que notou entre as pernas. Já não era tão ignorante para acreditar que o objeto firme e duro que sentia contra o abdômen era o punho de uma faca; sabia exatamente o que era, e por um momento estremeceu ao pensar que ficou assim por ela. Tão encantada estava por aquela idéia que não pôde evitar deslizar a mão com vacilação e roçar o membro viril com a gema dos dedos para certificar-se de que era o que acreditava... e que era dela.

Jeremy tinha ficado sem fôlego ao sentir o primeiro contato de sua mão, e Maggie se surpreendeu quando decidiu correspondê-la e começou a acariciá-la entre as pernas.

Maggie não tinha nem idéia de como tinha conseguido colocar a mão por debaixo da roupa íntima, mas, pela primeira vez, agradeceu que fosse um homem experiente. Nunca em sua vida havia sentido nada tão prazeroso como os dedos de Jeremy, abrindo-se com suavidade e acariciando-a. Tão submersa estava em seu gozo que não se ruborizou quando ele levantou a cabeça para olhá-la nos olhos enquanto deslizava um dedo rodeando a coxa. Escapou-lhe um inaudível gemido, era uma sensação tão agradável! Mas não ruborizou, nem sequer quando ele apertou a mão, impregnada de seus fluidos, contra o osso púbico e começou a massageá-lo, fazendo com que arqueasse as costas para apertar-se contra ele, presa do desejo.

Embora a moça não soubesse, com aquela reação acabava de responder a uma pergunta que tinha estado atormentando o duque desde que tinha recebido a última carta de Pegeen, em que lhe informava do compromisso de Maggie. Durante meses, esteve se torturando com a idéia de que outro homem tivesse explorado o território que desejava fazer seu há tantos anos. Mas o gemido da

jovem ao sentir suas primeiras carícias em seu quente sexo não deixava lugar a dúvidas: ainda era virgem, estava seguro. Mesmo assim, entregava-se com mais paixão que nenhuma das experimentadas mulheres com quem tinha compartilhado a cama.

— Me acaricie também. — sussurrou-lhe então com voz trêmulo.

Maggie soube em seguida a que se referia. E não duvidou em lhe agradar; deslizou a mão até a parte dianteira das calças e, com dedos trêmulos, desabotoou-a sem dificuldade. De repente, sentiu o contato de seu membro viril, e se surpreendeu de sua firmeza e o modo em que vibrava contra a palma de sua mão. Então notou que ele pressionava com mais urgência a mão entre suas pernas, e isso a inflamou de desejo e lhe provocou uma sensação de vazio que de repente soube que só podia encher-se com...

Foi naquele preciso instante quando a porta da biblioteca se abriu de repente, e sobreposta à música da orquestra e as estridentes risadas femininas, ouviram uma voz masculina:

— Marguerite? *Est-c que vous êtes ici?*

Maggie reagiu tão depressa que tudo o que Jeremy viu foi um impreciso brilho branco. A moça, que, abraçada a ele lhe acariciava com suavidade e parecia à beira do orgasmo um instante antes, de repente estava de pé a poucos passos dele, com o vestido em seu lugar, embora sem deixar de respirar rápida e entrecortadamente, como se acabasse de terminar uma corrida.

— Ah, olá, Augustin. — disse com uma voz que não traía suas emoções — Sim, estou aqui. Estava me procurando?

Jeremy, ainda deitado no sofá, começou a fechar lentamente as calças, sentindo um intenso calor no peito. Infelizmente, tratava-se de uma sensação conhecida: a que costumava notar justo antes de matar alguém.

Olhou por cima do respaldar do sofá o homem que estava na soleira da porta, uma silhueta negra contra a luz da brilhante iluminação do salão de baile. Tudo o que o duque podia dizer daquele homem era que parecia alto. E que não sabia pronunciar o nome de Maggie.

— Por que se escondeu aqui, *ma chérie*, neste lugar frio e escuro?
— inquiriu de Veygoux com um doce tom de recriminação — Estou

com a marquesa de Lynne. Quer encomendar um retrato de seus netos... — se interrompeu ao ver Jeremy, que acabava de levantar-se — Ah, mas quem está contigo, *chérie*?

A moça olhou uns momentos por cima do ombro nu, como se acabasse de dar-se conta da presença do jovem.

— Refere-se a ele? — perguntou tentando ganhar tempo, com a esperança de que tudo aquilo fosse um pesadelo do qual estivesse a ponto de despertar — É, bom...

Ao dar-se conta de que a moça ia responder com uma evasiva para evitar apresentá-los, o duque interveio.

— Meu nome é Rawlings. — disse rodeando o sofá, consciente do que ia fazer — Sou o tenente coronel Rawlings, da guarda montada de sua majestade.

— Sério? — Augustin entrou e fechou a porta atrás dele, com o que amorteceu o ruído e entrou na biblioteca na penumbra — Que casualidade! *Marguerethe*, verdade que seu pai é o administrador do duque de Rawlings?

Maggie só pôde assentir, pois lhe pareceu que tinha perdido a capacidade de falar.

— E, me diga coronel, — continuou o jovem francês — é parente do duque? Conheço seus tios, mas ainda não tive o prazer de ser apresentado a sua excelência.

— Bem, pois teremos que retificar essa situação, não lhe parece? — quando de Veygoux fechou a porta, Jeremy se deu conta de que o noivo de Maggie devia ser tão alto quanto ele, ter sua idade. Entretanto, era ruivo, com intensos reflexos avermelhados. Então se lembrou de que era o mesmo homem que tinha ficado lhe olhando no salão de baile, por isso já tinha outra razão para que lhe desagradasse — Estou seguro de que poderia apresentar-lhe.

— Ah, de acordo, que maravilha! — exclamou de Veygoux enquanto dava uns passos para frente com a mão estendida — Permita-me que me apresente, coronel. Sou Augustin de Veygoux, noivo de mademoiselle Herbert...

As coisas não podiam estar melhores para Jeremy, exceto se tivesse conseguido deflorar Maggie no sofá de pele de lorde Althorpe.

— O quê? Está noiva, Maggie? — exclamou voltando-se para ela com uma expressão de fingida perplexidade.

Maggie fechou os olhos, com a esperança de que quando voltasse a abri-los estivesse em sua cama de Herbert Park, longe, muito longe de Londres. Entretanto, não teve essa sorte, pois, quando os abriu, os dois homens a olhavam, um confuso e o outro aparentemente enfurecido.

— Jerry... — suspirou — Queria dizer isso, mas...

— Jerry? — repetiu Augustin interrompendo-a e olhando ao duque com receio — Mas esse não é o nome de seu cachorrinho, *ma...*?

— Ela não é sua *chérie*. — Ihe cortou Jeremy com brutalidade — Maldito bastardo gabacho.

E, sem uma palavra mais, apertou o punho e golpeou com todas suas forças o rosto de Augustin de Veygoux.

CAPÍTULO 19

— Devo presumir que esse era o duque de Rawlings. — disse Augustin, com a voz amortecida pelo lenço de linho empapado de sangue que lhe tampava a boca.

— É óbvio que era ele! — exclamou a moça, furiosa, revolvendo-se no assento do coche — Quem se não ele ia ter a desfaçatez de esmurrar meu noivo?

O jovem de Veygoux pestanejou, olhando pela janela da carruagem a rua envolta em névoa e fracamente iluminada pelas lâmpadas de gás.

— Não sabia que suas relações com ele fossem de tal natureza que se sentisse impelido a agredir seu noivo. — comentou. Ao falar, deu-se conta de que com o nariz inchado podia pronunciar melhor os sons ingleses que até então era incapaz de articular — Acredito que há algo que se esqueceu de me contar.

Incapaz de falar, Maggie negou veementemente com a cabeça, e os brincos de diamante de sua mãe balançaram com brutalidade. Sentia pena de Augustin, pois o pobre tinha o nariz quebrado por sua culpa, mas estava muito furiosa para falar. Queria deixar o comerciante em casa e voltar para Park Lane... onde ia ter uma discussão tão desagradável com Jeremy que talvez também acabasse com o nariz quebrado.

Deus santo, como a tinha envergonhado! Primeiro, tinha estado a ponto de deflorá-la na biblioteca de lorde Althorpe e logo tinha batido em seu acompanhante. Sua violenta reação não tinha sido consequência de nenhuma provocação, e Augustin ficou muito confuso para defender-se. Com um só murro o tinha jogado contra o aparador, onde tinha quebrado vários sinos de vidro que cobriam pássaros dissecados e arranjos florais. Como não podia ser de outro modo, o estrépito tinha atraído todo mundo, incluindo o anfitrião. E embora Jeremy ficasse ali de pé, incitando Augustin para que se levantasse e brigasse como um homem, ninguém havia lhe dito nenhuma palavra de recriminação. Ninguém. Maggie ruborizou só de recordá-lo.

Afinal, era duque.

Duque ou não, Maggie teria gostado de lhe dizer algumas coisas, mas não se atreveu a fazê-lo na presença de outros convidados de lorde e lady Althorpe, dos quais tinha tido a esperança de conseguir algum trabalho. Disso já podia esquecer-se, certamente. Quem ia encomendar um retrato a uma pintora que podia provocar uma briga e fazer um desastre no aparador de sua casa? Todos os seus esforços daquela noite, as apresentações e os sorrisos não tinham servido para nada, porque esse ato presunçoso e desastrado de Jeremy Rawlings, filho de uma prostituta, e sim, isso é o que era, tinha colocado tudo a perder.

E tudo, por quê? Por seu estúpido e abominável orgulho. O duque não a amava; só a desejava porque ainda não a tinha feito dele. Como se atrevia a fingir indignação porque se comprometera com outro homem, depois de cinco anos sem receber notícias dele? Acaso tinha acreditado que o esperaria para sempre? Para quê? Para converter-se em sua amante? Nunca tinha ouvido que fosse costume na Inglaterra tentar seduzir à futura esposa no sofá da casa de um completo desconhecido.

Mas se arrependeria. Oh, sim, Maggie ia se assegurar. Certamente lorde Althorpe tinha lhe dado um tapinha nas costas antes de lhe oferecer uma bebida dizendo algo como: "Oh, os jovens, já se sabe", enquanto seus serventes limpavam o sangue e recolhiam os cristais quebrados. Mas ela não ia permitir que saísse assim. Quando voltasse para casa ia arremeter contra ele como ninguém o tinha feito antes; se acreditava que os tigres da Índia eram ferozes era porque nunca tinha visto Maggie Herbert zangada.

— Suponho que nunca houve algo entre vocês dois. — a voz amortecida de Augustin interrompeu seus pensamentos. Sobressaltada, a moça ficou olhando a débil luz da lâmpada a óleo do coche — Sim. — disse Augustin escrutinando seu rosto emoldurado por um fino marco de arminho — Sim, houve algo, não o negue, *chérie*.

— Não. — respondeu ela com voz rouca. Antes de continuar, pigarreou — Nunca houve nada entre nós. Eu tinha dezesseis anos e ele era... maior que eu. Foi só uma criancice de uma tarde. — Ao ver

a expressão do jovem, apressou-se a acrescentar — Não aconteceu nada. Ele foi pra um lado e eu pra outro. Isso foi tudo.

Ao terminar, voltou a cabeça e ficou olhando pela janela. Sabia que seus olhos podiam traí-la tanto como sua roupa íntima, ainda úmida pela excitação provocada pelas carícias de Jeremy.

Entretanto, apesar de seus esforços para ocultar a verdade, seu noivo parecia dar-se conta de que mentia.

— Isso não foi tudo. — replicou com a mesma voz carinhosa com que lhe advertia que estava pondo muito gesso em uma tela — Talvez fosse para você, mas está claro que não foi para ele. *Marguerethe*, não acredito que alguém quebrasse o nariz de seu noivo se isso fosse tudo.

Maggie fechou os punhos dentro da capa de peles.

— Equivoca-se, ele não sente nada por mim. O que aconteceu aquela tarde há cinco anos foi só um passatempo para ele. Nada mais. Além disso, agora está com outra mulher. — acrescentou tentando evitar que lhe tremesse a voz — Estou certa de que o leu no jornal. É uma princesa. Uma princesa da Índia.

— Então, por que me bateu?

— Porque é tudo o que sabe fazer — começou a moça com desgosto — Quando era pequeno sempre batia em todo mundo. Ao que parece, a única diferença é que na Índia outros lhe devolviam o golpe.

— Pois da próxima vez que o vir, *chérie*, eu também o devolverei.

A jovem se voltou para lhe olhar com expressão horrorizada.

— Oh, não, Por Deus, Augustin! Ele te mataria!

Augustin sorriu com amargura sob o lenço empapado de sangue que lhe tampava a parte inferior do rosto, assim ela não pôde vê-lo.

— Tem tão pouca fé em minhas habilidades como boxeador, *chérie*?

Ao dar-se conta de seu engano, a moça reagiu em seguida.

— Não, não é isso. Mas é que...

Justo nesse momento, o chofer se deteve e um dos lacaios do jovem de Veygoux abriu a porta, impaciente para levar seu senhor para casa, onde os esperava um médico a quem os criados, avisados por Maggie, já tinham ido procurar. Só havia uma coisa pela qual

podia estar agradecida, e era que a senhora de Veygoux ainda estivesse em Paris. Só Deus sabia o que teria dito se tivesse sido informada da agressão de que tinha sido vítima seu filho preferido.

— Assegure-se de que faça tudo o que diz o médico. — disse a jovem ao lacai enquanto este ajudava seu noivo a descer do coche — Augustin, faça o que o médico te disser.

— Eu não gosto de nada disso.— respondeu-lhe ele da rua. Compunha uma triste figura, sob a neve que caía, um homem alto com cartola que segurava um lenço tingido de sangue sobre o nariz — Eu não gosto que volte para casa sozinha. O que fará se ele estiver lá, te esperando?

Maggie não teve que lhe perguntar a quem se referia.

— Não se preocupe por mim. — respondeu com decisão — Lorde e lady Edward já devem ter chegado de Yorkshire, assim não estarei sozinha. Além disso, sei cuidar de mim mesma.

Sem esperar que o fizessem os lacaios, a moça fechou a porta do coche antes de recostar-se no banco estofado de pele. Deus, que noite! E ainda ia ser pior. Ao menos, para alguém.

Mas quando Maggie chegou à casa de Park Lane, Evers lhe informou que sua excelência ainda não havia retornado. Maggie não estranhou; com toda probabilidade, ainda estaria desfrutando de um dos excelentes vinhos de lorde Althorpe enquanto jogava bilhar, um jogo em que Jeremy sempre tinha se dado bem. “Que país! — pensou a moça enquanto desabotoava o casaco— Um homem pode golpear a um convidado e destroçar um aparador e ser perdoado imediatamente só porque é o décimo sétimo duque de Rawlings. É vergonhoso.”

— Evers, quero que me avise quando sua excelência chegar. — disse laconicamente ao mordomo, enquanto lhe entregava o casaco — Imediatamente. Não importa a hora que seja.

— Sim, senhorita. — respondeu o criado — É obvio.

— Ah, e não precisa dizer a lorde e lady Edward. — acrescentou com fingida despreocupação — Refiro-me a que queira ver o duque esta mesma noite.

— Lorde e lady Edward não retornaram ainda de Yorkshire. — respondeu o servente em voz baixa.

Maggie se voltou para olhá-lo, com os olhos como pratos.

— O quê? Mas eu acreditava que os esperava esta tarde!

— E assim era, mas suponho que se atrasaram. — Evers sacudiu o casaco antes de dobrá-lo sobre o braço — Suponho que terá sido por uma tempestade de neve. Ou talvez lady Edward tenha chegado ao momento de...

— Oh, céu santo. — Maggie cobriu o rosto com as mãos, incapaz de ocultar sua consternação — Evers, se não voltarem... não posso ficar aqui só com...

— Eu não me preocuparia senhorita Margaret. — respondeu Evers em um tom amável, inusitado nele — O mais provável é que sua demora seja consequência do mal tempo. Nesta época do ano, é frequente que os trens de Yorkshire não cheguem à estação até depois da meia-noite. Se quiser, avisá-la-ei quando chegarem.

Maggie mordeu o lábio. O que ia fazer? Todo mundo se inteiraria de que tinha passado a noite só em casa do duque de Rawlings...

Embora, depois daquela cena na festa de lorde Althorpe, fosse difícil de imaginar que algo pudesse afundar ainda mais sua reputação.

De repente, ao olhar a porta do salão, um pensamento ainda mais funesto assaltou a moça.

— Evers... — murmurou antes de morder o lábio.

— Sim, senhorita?

— Quantos visitantes chegaram esta tarde... — começou, sem saber como tirar o tema.

— Refere-se à princesa? — perguntou o mordomo encolhendo ligeiramente os ombros.

— Sim. Onde...

— A princesa e o senhor Sanjay se hospedam no hotel Dorchester, onde reservaram várias suítes.

— Oh. — disse Maggie, tentando fazer com que não se notasse o alívio que sentia — Obrigado, Evers.

— De nada, senhorita.

Apesar daquela reconfortante resposta, o comprido banho quente e a infusão calmante que lhe preparou Hill, a moça permaneceu acordada na cama, acariciando ociosamente as orelhas de Jerry,

enquanto esperava ouvir o ruído de uma carruagem. Quando os minutos se converteram em horas e os sinos da igreja deram meia-noite, e logo uma hora, Maggie começou a ficar nervosa. Não havia sinais do duque nem de sua família. Onde estavam? A demora de Jeremy era até certo ponto compreensível; supunha que devia ter medo de voltar para casa, e que se sentia muito envergonhado para olhá-la no rosto. Que covarde.

Entretanto, o duque era um herói militar condecorado. Temeria um homem assim uma confrontação como aquela? Isso caso a estivesse evitando propositalmente, pois também era possível que tivesse passado em algum outro lugar. Possivelmente... estava com a princesa no hotel! Maggie se levantou, totalmente desperta, e consultou a hora no relógio da mesa de cabeceira, ao reflexo da morticã luz das brasas. Eram duas da madrugada. Onde poderia ter ido, se não ao hotel? Nem sequer em Londres havia muitos lugares abertos a essa hora, nem mesmo para um duque. Não havia dúvida; estava com a princesa. Em que outro lugar poderia estar?

E por que não? A princesa não tinha lhe jogado seu leque, não tinha lhe golpeado o braço, nem tinha noivado com outro homem. A bela indiana não tinha lhe soado como uma lavadeira, não tinha lhe tratado com desprezo e sarcasmo nem tinha sido desagradável com ele, nem, em geral, comportou-se de uma maneira tão desagradável desde que havia retornado como Maggie. Que homem não preferiria a companhia de outra mulher, qualquer que fosse, à de Maggie, desagradável que tinha sido aquela noite?

Oh, Deus! Tinha que ser isso! Estava com Usha, a bela princesa de olhos amendoados, com seus sapatos com jóias incrustadas, os pequenos e torneados seios e aqueles dedos longos e morenos...

A suave chamada à porta não a despertou. Fazia tempo que estava consciente de que aquela noite lhe seria impossível dormir. Ao abrir os olhos, pestanejou ofuscada pela chama da vela. Só instantes depois reconheceu Evers, que não vestia traje negro e lenço engomado como de costume, mas camisola, bata e um gorro de dormir de um vermelho brilhante.

— Sinto despertá-la, senhorita Margaret, — sussurrou o mordomo, que, apesar da educada desculpa, estava visivelmente preocupado

— mas simplesmente meu juízo está no limite de suas forças. Alguém tem que fazê-lo raciocinar.

A jovem pestanejou, com o olhar fixo no criado.

— Fazer quem raciocinar? — perguntou ela com a voz rouca, por causa de não ter falado durante um longo momento — Que horas são?

— Três e meia. O duque, senhorita. Temo que...

— O duque? — Maggie meneou a cabeça com desconcerto — Retornou?

— Oh, sim. Mas...

A moça se apressou a procurar a bata de lã.

— O quê? — inquiriu enquanto colocava os braços pelas mangas. Então se deteve de repente e se voltou para olhar o mordomo — Oh, Meu deus. Não estará doente, verdade?

— Doente, não. — Evers engoliu saliva antes de continuar — Apunhalado, temo.

— Apunhalado?

Sem esperar mais explicações, a jovem passou como uma flecha frente ao criado e se precipitou para o corredor.

CAPÍTULO 20

Jeremy tinha se equivocado.

Sabia e não se importava de admiti-lo. Teria que ser um homem muito valente para fazê-lo, e Jeremy era tão valente quanto um homem podia ser. Equivocou-se. Tinha estragado. Tinha arruinado tudo. Tinha complicado as coisas.

Dada a situação, só restava perguntar-se como arrumar tudo.

Tinha que admitir que bater no francesinho não tinha sido a decisão mais inteligente de sua vida, mas tampouco acreditava que pudessem lhe pedir contas pelo que tinha feito em um momento como aquele. Afinal, tinha estado há alguns minutos, ou possivelmente a alguns segundos, de conseguir o que estava tanto tempo desejando.

Alguns homens sonhavam construir pontes. Outros, ganhar uma guerra. Havia os que desejavam curar enfermidades e acabar com a fome, e também havia quem só se interessava por dinheiro. Jeremy entendia todos aqueles sonhos, e estava preparado para lidar com os homens que os acalentavam, mas para ele, só havia uma coisa que valia a pena investir todo seu tempo e energia; um só objetivo, que tinha lhe impulsionado durante os últimos cinco anos. E aquele sonho se chamava Maggie Herbert.

Tinha estado muito perto de consegui-lo, mas suas esperanças se viram truncadas de repente por um francês desajeitado e ruivo.

Com uma palmada nas costas, Althorpe o tinha despertado de seu sonho.

— Vamos, excelência, — disse-lhe — não é para tanto. Esses sinos de cristal não deviam valer mais de dez ou vinte libras. E os objetos que protegiam... não eram mais que uns estúpidos pássaros dissecados. Não faça caso do que diz minha esposa. A verdade é que, de minha parte, me alegro de perdê-los de vista. Vamos, tome outro brandy.

Sentado no mesmo sofá no qual um momento antes tinha estado a ponto de alcançar a sorte pela qual passara cinco anos suspirando, Jeremy estendeu a taça ao conde para que a enchesse de novo.

“Pus tudo a perder”, murmurou enquanto lhe servia. Sabia que se estava ficando muito sentimental, mas não podia evitá-lo. Tinha estado tão perto...

— Vamos. — respondeu lorde Althorpe, endireitando-se para examinar o conteúdo do decantador de vidro que sustentava — Nada disso. Compre um bracelete e o perdoará. Sempre o fazem.

— Não. — respondeu o duque com um suspiro — Ela não.

— Tolices. É obvio que sim. É uma mulher, não?

— Sim...

— Então o perdoará. — o conde suspirou enquanto se deixava cair na poltrona. Tinham acendido a lareira e a biblioteca estava bem iluminada, assim como excessivamente quente, mas lorde Althorpe não parecia percebê-lo. Jeremy sabia que o anfitrião estava encantado, pois o incidente tinha lhe dado uma desculpa para continuar bebendo com ele depois que os outros convidados partiram.

Não obstante, não lhe era muito reconfortante falar sobre o amor de sua vida com um conde quarentão completamente bêbado. Embora, no momento, não houvesse remédio. Também podia voltar para casa, mas isso só lhe traria mais problemas. Sabia que Maggie estaria ali, mas que não lhe deixaria tocá-la nem aproximar-se dela, furiosa por ele ter batido em seu noivo. Tinha-a visto depois de ter quebrado o nariz do francesinho, e sua expressão não era precisamente indulgente. E aquele frio “nos veremos em casa” tinha sido dito mais como uma ameaça do que como uma promessa de retomar o que de Veygoux tinha interrompido.

Não, não havia nada a fazer, tinha colocado tudo a perder.

— De acordo, de acordo. — continuou Althorpe, arrastando as palavras — Talvez um bracelete não. Mas o que me diz de uma casa na cidade? Uma casinha só para ela. Não há mulher que possa resistir a isso. Poderá decorá-la a seu gosto, pendurar cortinas de renda e essas coisas. Uma casa na cidade é o melhor, meu amigo. Por que não procura algo em Cardington Crescent? Minha irmã vive lá e está encantada.

O duque olhou com pesar para o seu anfitrião, tudo aquilo não lhe era de nenhuma ajuda. Entretanto, ao menos, lhe entretinha. De

qualquer modo, lorde Althorpe parecia incapaz de dar-se conta da magnitude do erro de Jeremy. Porque aquilo não tinha começado ao esmagar o nariz do francesinho, e sim meses antes, na Índia, quando ouviu pela primeira vez aquele estúpido rumor sobre que iam lhe oferecer a mão da sobrinha do marajá em casamento. O jovem coronel riu, sem dar crédito ao que ouvia, até que o marajá em pessoa lhe fez a proposta.

Mas mesmo então, tinha-lhe parecido engraçado, e tinha acreditado que não era mais que uma fastuosa brincadeira. Devia ter-se dado conta antes, especialmente quando a princesa tinha começado a aparecer nos atos públicos, e a olhá-lo com uma expressão tão sedutora que seus homens se davam cotoveladas de cumplicidade. Nas recepções privadas às quais Jeremy tinha a obrigação de comparecer, Usha tinha lhe parecido uma jovem agradável, mas só tinham trocado algumas palavras através de seu intérprete, e o coronel sempre se mostrou distante. Entretanto, quando um funcionário da embaixada o levou à parte e lhe falou das possíveis consequências de partir o coração de um membro da família real do Rajastán, o moço se deu conta de que o que tinha considerado um simples gesto por parte do marajá, era sério. A princesa acreditava estar noiva dele, e a embaixada via nisso um risco diplomático...

Uma breve conversa em particular com o tio da jovem era tudo o que precisava para resolver o assunto... ao menos para o coronel, porque as aspirações da princesa Usha não iam se desvanecer com algumas palavras, e sua aparição em sua casa aquela tarde era boa amostra disso. O duque de Rawlings ficara furioso ao encontrá-la no salão... e, pela primeira vez, deu-se conta de que a imprensa britânica tinha convertido o que ele tinha acreditado um ameno episódio de suas aventuras no estrangeiro em um assunto de primeira ordem. Era evidente que a Estrela do Jaipur não significava o mesmo para ele que para o resto da população de Londres, e muito menos para Maggie.

Tinha sido então que Jeremy, com crescente inquietação, começou a suspeitar a razão que se escondia sob o súbito compromisso de Maggie: acreditava que ele também estava comprometido.

Conhecendo-o, a moça deveria ter sabido que nunca poderia amar a outra mulher, mas àquela nova luz, era muito mais fácil de entender. A partir de então, Ihe apresentava o monumental trabalho de Ihe demonstrar que Usha não significava nada para ele. Entretanto, a princesa não ia Ihe facilitar as coisas, como tinha demonstrado aquela tarde, quando, ao vê-lo entrar no salão, tinha Ihe pegado os braços. Dava graças a Deus que Maggie não estava ali para vê-lo!

— Coronel duque! — tinha exclamado Usha apertando seu ágil corpo contra o seu — Olá!

Pondo os olhos em branco, Jeremy a tinha tirado amavelmente de cima enquanto se dirigia ao intérprete, um homem decente que se graduou na mesma universidade da qual tinham expulsado o duque cinco anos antes.

— Deus santo, Sanjay. O que está fazendo aqui? Seu tio sabe que veio?

O intérprete negou tristemente com a cabeça, sacudindo de um lado ao outro a orla de seu turbante de seda.

— Não, excelência. Insistiu em viajar até aqui com nomes falsos. Acredito que era parte da emoção de... Como se diz? Ah, sim, fugir de casa.

— Mas não podem ficar. — respondeu Jeremy — O melhor será que escreva ao marajá, e rápido. Só me faltaria que acreditasse que raptei a Estrela do Jaipur.

— Já o fiz, excelência. — respondeu Sanjay — Deixei-Ihe uma carta quando a princesa não estava olhando.

— Bem feito, — assentiu o duque olhando a bela indiana, que o observava com expressão de aberta adoração nos negros olhos. Entretanto, havia em seus lábios um gesto calculado, e Jeremy desviou a vista, incomodado.

— Ouça Sanjay, isto é muito grave. Não podem ficar aqui.

— Não se preocupe excelência. Apesar dos protestos da princesa, reservei várias suítes no Dorchester, — disse voltando-se para Usha, que continuava com o olhar fixo no duque — com a desaprovação da princesa, é obvio. Estava convencida que iria preferir que ficasse aqui com você.

— Mas já tínhamos falado disso, — começou o jovem, com tom lento — e eu acreditava que...

— Tentei lhe fazer entender o que nos explicou no Jaipur, que estava comprometido com outra mulher,— interrompeu-lhe o intérprete, aflito — mas tem que compreender que se não se casar com ela, sua única alternativa será unir-se ao homem a quem está prometida desde que nasceu, o marajá de uma província afastada do Rajastán.

— Isso não parece tão mal. — respondeu Jeremy.

— Mas é, porque a princesa não seria a primeira esposa, como exige sua condição, e sim a terceira, o que significa que teria que obedecer às outras duas. Casar-se com você é a única esperança que resta para manter a qualidade de vida que levava no Palácio dos Ventos. Por isso sua negativa é um assunto tão grave. — as palavras de Sanjay não expressavam recriminação, limitava-se a expor fatos. — Essa é uma razão, e a outra é que, como compreenderá a princesa não está acostumada a ser rejeitada. Em nosso país, os rajputas são conhecidos por não aceitar jamais um não como resposta. São uma tribo guerreira, a estirpe de muitos dos grandes líderes militares do país e das mais famosas belezas.

Aquela triste história não comoveu Jeremy.

— E por que não se nega a casar-se com esse homem a quem seu tio escolheu?

— Isso seria uma desonra para a família. — respondeu Sanjay com gravidade — Expulsariam a princesa do palácio e a privariam de todas as comodidades a que está acostumada. As únicas riquezas que possui são as que seu tio se digna a lhe conceder, se fizer algo que o incomode, não terá do que viver.

O intérprete se interrompeu quando a princesa, que tinha se acomodado em uma *chaise longue* com o sári de brilhantes cores estendido a seu redor, começou a falar, olhando o duque de soslaio. Quando terminou, Sanjay suspirou e traduziu com evidente relutância.

— A princesa quer que saiba que, depois de pensar muito nisso, está disposta a aceitar que se case com a outra mulher. Desde que

fique claro que ela, Usha, é a primeira esposa, e que, portanto, a segunda esposa deverá obedecê-la.

Jeremy revirou os olhos de novo.

— Deus. Disse-lhe que a bigamia é ilegal neste país?

— É obvio excelência, — respondeu o intérprete, ofendido — mas temo que sua alteza seja incapaz de entender que um herói militar, que, além disso, é membro da nobreza, não possa ter duas esposas.

Frustrado, o duque soltou um suspiro que soou quase como um grunhido.

— Olhe Sanjay, — começou — isto foi muito longe. Não me importa como o consiga, mas tem que fazer entender a sua senhora que sob nenhuma circunstância vou casar-me com ela. Jamais. Não é nada pessoal, mas simplesmente não me interessa. E agora, se me perdoam, tenho um compromisso importante e devo partir...

Mas, quando deu meia volta, a princesa se levantou e tentou detê-lo lhe rodeando o pescoço com os bronzeados braços, negando-se a aceitar que seu "coronel duque" se fosse. Foram necessários os melhores dotes de Sanjay, e algumas maldições de Jeremy, para convencê-la de que o soltasse. E mesmo então, o duque escapou com a sensação de que aquilo não ia terminar ali. De certo modo, admirava a tenacidade da princesa Usha. Aparentemente, quando a Estrela do Jaipur queria algo, não se detinha ante nada. Nesse sentido se pareciam bastante, pensou o jovem; a única diferença era que Usha se enganava se acreditava que Jeremy poderia chegar a apaixonar-se por ela, e o duque estava certo de que Maggie o amava.

O problema era conseguir que o admitisse.

Mergulhado nesses sombrios pensamentos, olhou casualmente a seu anfitrião, e se deu conta de que finalmente tinha sucumbido a Morfeu; lorde Althorpe adormeceu sentado na cadeira, com o queixo apoiado nas sedosas dobras do lenço de pescoço, e a cada poucos segundos um suave ronco escapava de seus lábios. Com um suspiro, o duque deixou a taça na mesa e se levantou; por alguns momentos, pareceu-lhe que a sala dava voltas a seu redor. Perguntou-se se seria um dos persistentes sintomas da malária, ou

simplesmente o excesso de álcool. Fosse o que fosse, decidiu que tinha chegado a hora de voltar para casa.

Não obstante, isso era algo mais fácil de dizer que de fazer. Embora Peters fosse um valete excelente, não era bom cocheiro, e demorou bastante a encontrar Park Lane. Quando por fim se deteve frente ao número vinte e dois, eram quase três da madrugada, e Jeremy sentia mais frio do que jamais havia sentido. Fevereiro era um mês cruel, e pensou que talvez por isso fosse o mais curto; quem ia aguentar trinta dias inteiros com esse frio que transpassava até os ossos? O duque de Rawlings, certamente, não. Aquele vento gelado o tinha debilitado até o ponto de que não pôde descer da carruagem por seu próprio pé, e teve que pedir ajuda a seu criado. Peters se apressou até a portinhola e ofereceu o ombro a seu senhor para que se apoiasse. Entretanto, com a perna-de-pau, o jovem não era um suporte muito estável sobre o chão gelado, e os dois homens avançavam aos tropeções, como se estivessem completamente bêbados.

Não havia luz nos postes, e a rua estava completamente às escuras. Acaso o faroleiro, amedrontado pelo frio, teria desistido de fazer a ronda? Ou alguém teria apagado a luz de propósito? Fosse qual fosse a razão, Jeremy não se lembrava de jamais ter visto Park Lane tão escura, nem haver sentido tanto frio ali, mas como precisava centrar toda sua atenção em manter-se em pé, não parou para pensar. Mais tarde o reprovaria: teria que haver-se dado conta antes, que dois homens manifestamente bêbados, às escuras em uma rua exclusiva, a essas horas da madrugada eram um banquete muito tentador para os ladrões.

Entretanto, o ataque pegou os dois militares despreparados. Peters estava ajudando o duque a subir o primeiro degrau do número vinte e dois de Park Lane quando uma figura alta, envolta em uma capa negra, saiu das sombras da entrada de serviço, onde aparentemente tinha estado aguardando-os, e se lançou sobre eles. Jeremy só teve tempo de levantar a vista e dizer: "Que demônios...", antes que o atacante lhe afundasse no ombro um objeto brilhante que segurava na mão direita.

O criado chiou com voz quebrada e ficou frente a seu senhor para protegê-lo, mas o agressor se movia com mais rapidez e certeza; o desconhecido se voltou para as costas do duque e levantou de novo a arma, mas o jovem coronel previu seu movimento. Embora o primeiro golpe não tivesse doído, Jeremy não ia consentir que lhe dessem outro. Desta vez, quando viu vir o braço, deteve-o com o punho, um movimento que pegou o assaltante de surpresa. Aquilo devia lhe doer bastante, pois soltou um forte grito.

Quando o duque se dispunha a arremeter de novo contra ele, a figura vestida de negro escapou como uma aranha que se retira depois de perder uma pata, deixando o coronel e seu criado ofegando, incrédulos, ao pé da escada.

— Deus santo! — exclamou Peters, que foi o primeiro a recuperar a voz — Encontra-se bem?

Jeremy tinha inclinado para frente e tinha apoiado as mãos nos joelhos para não perder o equilíbrio.

— Acredito que sim. — assentiu — Tirou-lhe a carteira?

— Não. E a você?

— Não. — respondeu apalpando o bolso da jaqueta — Nem sequer tentou.

— É um comportamento um tanto estranho para um ladrão.— observou Peters.

— Sim, — admitiu seu senhor — se é que era um.

— O que podia querer, senão dinheiro?

O jovem entreabriu os olhos e olhou na direção em que tinha desaparecido o assaltante.

— Não consigo imaginar. Londres mudou muito desde que estive aqui pela última vez.

— Tem razão, senhor. Quer que vá chamar um lacaio? Talvez devêssemos lhes dizer que avisem à polícia... — o criado se interrompeu e abafou um grito— Senhor, está sangrando!

— O quê? — O duque olhou-o — Mas o que diz? Estou bem...

Então olhou a neve a seus pés, e as manchas de sangue que, pulverizadas como pétalas de rosa, pareciam gotejar de seu peito.

— Maldito seja. — resmungou encolerizado.

CAPÍTULO 21

— Querem deixar de armar tanto alvoroço? Disse que estou bem.

Essas foram as primeiras palavras que Maggie ouviu ao cruzar a soleira da porta do quarto do duque, e o tom de irritação em que foram pronunciadas a fez sentir-se imediatamente aliviada. Se Jeremy podia queixar-se desse modo, não devia ser grave.

Não obstante, seu aspecto assustava. Estava deitado na cama, recostado sobre uns travesseiros, com o torso nu. A moça não podia ver se usava calças, pois os lençóis lhe cobriam da cintura para baixo. Estava branco como a cera, e tinha uma bandagem no ombro direito.

— Só quero certificar-me de que deixou de sangrar. — respondeu, com agressividade, um homem que Maggie nunca tinha visto e que parecia ser um criado do duque. O jovem tinha subido a escada que havia ao lado da enorme cama e estava tentando olhar por baixo da bandagem. Entretanto, não lhe estava sendo fácil, e sua tarefa se via paralisada pela resistência de seu senhor e pelo que pareceu a Maggie, um pau de madeira que tinha preso à perna direita, abaixo do joelho. A moça supôs que não devia ser fácil manter o equilíbrio com uma só perna em um degrau de escada.

Ao servente lhe resultou ainda mais difícil continuar em pé instantes depois, que Jeremy levantou o olhar e viu a moça na soleira da porta. Com uma careta de dor, o duque se levantou com brutalidade, e o valete perdeu completamente o equilíbrio; entretanto, graças a seus rápidos reflexos, agarrou-se às cortinas do dossel e evitou a queda.

— Você! — o duque trocou de mão um copo do que parecia ser uísque e apontou para Evers, que tinha seguido Maggie com atitude submissa até a habitação. — Está despedido! Já pode começar a fazer as malas, porque o quero fora amanhã pela manhã.

— Oh, Por Deus! — exclamou o mordomo, tremendo.

Margaret ficou olhando a figura deitada na cama.

— Oh, Jerry, cale-se. Não pode despedir Evers. Avisou-me porque não queria que chamassem o médico...

— Ou à Scotland Yard. — interveio o criado, queixoso.

— Também lhe proibi que a despertasse. — replicou o duque, carrancudo — Desobedeceu a uma ordem direta. Evers pode vir buscar seu pagamento a semana que vem. E agora, fora.

— Não, Evers. — respondeu a moça ao servente, que se retirava apressadamente — Fique onde está.

O mordomo se deteve e olhou por cima do ombro.

— Acredito que será melhor que faça o que sugere sua excelência. — objetou pesaroso.

— Tolices. — foi a lacônica resposta de Maggie, antes de voltar-se para a cama — É grave? — perguntou ao valete, que a olhava com a boca aberta desde que tinha entrado na habitação.

— Pois... — começou o jovem olhando seu senhor.

— Quero a verdade. — disse Maggie cruzando os braços.

— Ficar bem logo. A clavícula deteve a faca, só feriu um pouco a carne. Isso teria matado a qualquer outro homem, mas o coronel é forte como um touro, assim...

— Peters. — resmungou Jeremy com irritação.

— O quê? — perguntou o jovem criado, que parecia divertido — Também vai despedir-me, coronel?

— Ninguém vai despedir ninguém. — assegurou a moça imperiosamente — Que enfermidade aflige o duque, Peters?

— Malária, é obvio. — respondeu o servente, encolhendo os ombros.

Isso já foi demais. Que tivessem apunhalado Jeremy, e que lhe dissessem que, além disso, sofria de malária, era mais do que Maggie podia suportar. Por sorte, havia um baú no chão, perto de onde estava, e se deixou cair sobre ele com brutalidade, como se tivessem lhe falhado os joelhos.

— Malária... — murmurou — Por que não me disse isso, Jerry? Por quê?

— Mag, — respondeu o duque, agitando o copo de uísque — não é o que parece...

— Não. — respondeu ela, aflita, meneando a cabeça — Contigo nunca é o que parece, não é mesmo?

O jovem ficou olhando, com os olhos cinza entreabertos. A única luz que havia no quarto provinha de um abajur junto à cama e do fogo que chispava na chaminé. A moça não podia ver sua expressão, mas lhe pareceu que havia um tom de preocupação em sua voz.

— Peters, — ordenou ao valete — sirva uma taça à senhorita Maggie. Acredito que necessita.

— Não, não, — replicou ela, com um débil gesto da mão — estou bem.

Mas não era verdade. Apunhalado? Malária? Apunhalado?

Entretanto, antes de poder formular outra pergunta, o criado apareceu a seu lado com um copo contendo um líquido ambarino.

— Aqui está, senhorita, — disse com amabilidade, enquanto lhe punha o copo na mão — beba. E não se preocupe com o coronel. É o homem mais forte que conheci. Vi-o brandir a espada mesmo com o cotovelo quebrado. Quando os médicos de Nova Delhi lhe disseram que a viagem de volta à Inglaterra poderia matá-lo, pôs-se a rir.

Maggie pestanejou e olhou para Jeremy. O desejo de matá-lo que tão ardentemente tinha bulido em seu interior um momento antes se desvaneceu por completo, convertendo-se em uma onda de adoração. Que homem mais teimoso! No que devia estar pensando para querer retornar ainda convalescente de uma enfermidade mortal? Era verdade, a viagem poderia tê-lo matado, para não falar da súbita mudança de clima. Não era de estranhar que tivesse passado o dia na cama! Não tinha estado vadiando como tinha acreditado, estava lutando contra a febre.

Mas apunhalado?

A jovem levou o copo aos lábios. O aroma do uísque lhe ardeu os olhos, por isso os fechou e bebeu o copo de um só gole, notando que o líquido abrasador lhe descia pela garganta.

De repente, sentiu náuseas e começou a tossir. Peters lhe deu uns tapinhas nas costas, pensando que se engasgara.

— Não, não. — conseguiu dizer por fim — Estou bem.

E era verdade, sentia-se melhor. O uísque tinha lhe esquentado o corpo, e parecia ter recuperado a força nos joelhos. Talvez tudo aquilo não fosse tão grave como tinha acreditado.

— Apunhalado? — repetiu incrédula.

— Vamos, — disse Jeremy da cama — não foi nada. Peters e eu tivemos um pequeno contratempo.

Maggie suspirou.

— Não é de estranhar. Onde estavam tão tarde? Em Vauxhall? Já sabe que não é um lugar seguro...

— Oh, não foi no Vauxhall. — informou Peters com entusiasmo — Um homem atacou o coronel bem na porta, ao pé da escada.

— Peters! — resmungou o duque em tom de advertência. Mas já era muito tarde. Depois de deixar o copo de uísque em cima do baú, Maggie se levantou e avançou para a cama.

— O quê? — gritou com voz rouca — Alguém te apunhalou aqui mesmo, em Park Lane?

— Vê senhorita? — interveio Evers, da soleira da porta — Já disse. Deveríamos avisar à Scotland Yard, mas sua excelência...

— Evers. — o interrompeu a jovem, fazendo um esforço para controlar-se — Por favor. Prossiga Jerry.

— Por que será que as mulheres gastam tanto dinheiro na roupa para sair de casa e tão pouco na que usam quando estão na intimidade do lar, que é a que os homens veem mais frequentemente? — perguntou-se o duque, depois de observar com atenção a bata que usava a moça.

Aos pés da cama, Maggie se olhou de cima abaixo. Era verdade, a bata de motivos escoceses era um pouco opaca, mas...

— Não mude de assunto, — replicou com irritação — quero saber como lhe apunhalaram.

— Oh, Mag, — disse ele deixando-se cair sobre os travesseiros, tomando cuidado de não bater o ombro — não sei. Temos que falar disto agora? Estou seguro de que há coisas mais importantes...

— Pois eu acredito que foi esse francês. — o interrompeu Peters.

— O quê? — Maggie ficou com a boca aberta.

Da cama, o duque lançou a seu valete um olhar furioso.

— Obrigado, Peters. Pode se retirar.

— Está bem. — concluiu o criado — Mas você mesmo o disse não faz nem dez minutos...

— Augustin nunca faria... — exclamou Maggie, horrorizada.

— Sim, sim, Maggie. — tentou acalmá-la Jeremy — Sabemos. Certamente foi só um trombadinha que queria me tirar a carteira, nada mais.

Entretanto, a moça não pareceu convencida, ficou olhando-o com os olhos muito abertos, aferrando-se com uma mão a um poste do dossel. A bandagem não era grande, mas já estava manchada de sangue, embora não empapada. Não havia dúvida de que alguém tivesse tentado lhe fazer mal de verdade. Uns centímetros mais abaixo, e lhe teriam cravado a adaga no coração. Augustin era capaz de fazer uma coisa assim? Teria que estar muito zangado, o bastante para querer vingar-se...

Mas de Veygoux não era o tipo de homem que espera escondido na escuridão, brandindo uma adaga. Longe disso! Era uma pessoa decente, serena... e Maggie teve que admitir que também um pouco torpe. Aquela idéia era absurda.

Entretanto, quem mais lhe podia guardar rancor? Além dela, claro.

Jeremy não pôde evitar sentir-se incomodado ante o inquietante olhar da jovem. Não podia adivinhar o que estava pensando, mas não gostava de sua expressão, não gostava nada. Apesar de seus protestos, estava decidido a despedir Evers, e também Peters, parecia que ambos se aliaram para humilhá-lo diante dela. Ia mandar os dois para a rua. Ultimamente parecia impossível encontrar pessoal de serviço decente...

De qualquer modo, pensou que teria que tentar tirar o melhor daquela penosa situação, assim fechou os olhos e soltou um gemido.

— Jerry?

O duque entreabriu um olho e viu que Maggie o olhava com expressão preocupada, mordendo o lábio. Perfeito. Fechou de novo o olho e gemeu, deixando cair a cabeça sobre o travesseiro.

— Coronel? — a voz do valete tinha um tom de receio, não de preocupação — Encontra-se bem?

Jeremy fingiu que as pálpebras lhe pesavam muito para poder abrir os olhos, e pestanejou várias vezes com expressão lenta.

— Sim, — suspirou — mas gostaria que me deixassem sozinho.

O despachado Peters não pôde conter um sorriso.

— Oh, entendo. — disse — De acordo. O verei pela manhã, então, senhor. — e se voltou para retirar-se à cama que tinha posto no quarto de vestir anexo.

— O quê? — exclamou Maggie atônita — Vai dormir?

O criado a olhou com surpresa.

— Sim, senhora. O coronel quer que lhe deixemos sozinho, assim vou deitar-me.

— Mas se está doente!

O moço olhou com expressão crítica a figura que estava estendida na cama.

— Sim, mas sua excelência não quer nada mais de mim.

— Alguém tem que cuidar dele. — insistiu a jovem.

— Possivelmente sim, mas não serei eu quem o fará. — respondeu o servente assentindo bruscamente — Talvez não lhe importe que lhe despeça, — continuou, assinalando ao mordomo com um gesto da cabeça — mas eu não quero lhe dar motivos. Boa noite.

Peters partiu coxeando, deixando Maggie e Evers olhando o um para o outro. O criado pigarreou.

— Até onde minha memória alcança, sempre houve um Evers servindo na casa dos Rawlings... — começou com dignidade.

— É obvio. — lhe confortou Maggie — É absurdo que queira te despedir...

Jeremy, alarmado ao ouvir aquilo, levantou a cabeça e olhou o mordomo com uma expressão tão envenenada que Evers retrocedeu assustado. A moça, que estava de costas para o duque, não viu o acontecido, e não compreendeu por que o criado procurava a maçaneta da porta com tanto nervosismo.

— Não queria ser eu a acabar com esta longa tradição familiar — gaguejou — Se precisar de mim, excelência, é só tocar a campainha.

E, com uma brusca inclinação de cabeça, abriu a porta e partiu a toda pressa. Quando o mordomo fechou a porta atrás dele e Maggie se voltou para a cama, viu que o doente tinha os olhos entreabertos.

— Jerry... — começou com desconfiança. Mas era muito tarde. O jovem tirou um braço de entre os lençóis, pegou-a pela cintura e a

puxou até que a moça ficou deitada em uma posição pouco decorosa sobre seu colo.

Então ela descobriu, sem sombra de dúvidas, que o duque estava nu debaixo do lençol.

CAPÍTULO 22

— Jerry! — exclamou Maggie, indignada, falando com dificuldade, com o rosto no colchão — Que pensa que está fazendo?

O duque levantou a aba da bata até o quadril, e notou com interesse que através da camisola de algodão se adivinhavam as arredondadas nádegas em forma de coração.

— Eu? — perguntou com tom inocente — Continuar de onde paramos faz algum tempo...

— Deus santo! — a moça tentou escapar, mas ele a segurava firmemente pelo quadril — Jerry, por favor! — reprovou-o por cima do ombro — Acabam de tentar assassiná-lo! Como pode pensar em fazer amor em um momento assim?

— Querida Mag, — respondeu ele com segura — Se posso pensar em fazer amor contigo enquanto centenas de balas bengalíes assobiam sobre minha cabeça, não é estranho que possa pensar nisso em um momento como este. — e, inclinando-se para lhe beijar as costas, acrescentou ao ver que ela abria a boca para replicar — E não me pergunte pelo ombro. Não me dói, nem acredito que fazendo amor se abra a ferida.

A moça inspirou.

— É um animal, — respondeu-lhe enquanto tentava com relativo êxito de livrar-se de seu abraço — como tem a desfaçatez de acreditar que vou deitar-me contigo depois do que fez?

— O que fiz? — perguntou o jovem, arqueando uma sobrancelha.

Maggie comprovou consternada que o peito nu do duque, cheio de cicatrizes, também estava coberto de espesso pelo. Os cachos negros formavam um denso manto que se abria para descobrir os planos mamilos, e que se estreitava ao descer pelo liso e musculoso abdômen, desaparecendo sob o lençol em forma de uma provocante flecha. Entretanto, Maggie não ia investigar o que essa flecha assinalava.

Ou ao menos, isso dizia a si mesma.

— Sabe muito bem o que fez. — lhe reprovou, apartando o cabelo do rosto com gesto altivo — Você...

E quase sem dar-se conta, de repente se encontrava sob o corpo de Jeremy. Embora estendesse os braços para afastá-lo, em seguida sentiu que segurava com força os pulsos contra o colchão, como se suspeitasse que ia tentar lhe bater, como tinha feito na biblioteca de lorde Althorpe, para não falar daquele dia nas cavalariças da mansão Rawlings, cinco anos atrás. Com todo o peso de seu corpo sobre ela, Maggie mal podia mover-se, por isso um contra-ataque era impensável.

— Solte-me imediatamente, idiota. — resmungou com o olhar fixo no rosto do duque, a poucos centímetros do seu.

Ao jovem, encantado pelo contato desse corpo sedutor, custava-lhe um pouco respirar. Estava consciente de que à moça acontecia o mesmo, pois seus seios, apertados contra seu peito, moviam-se de um lado para o outro com rapidez. Inclusive pareceu sentir os batimentos de seu coração, que faziam tremer brandamente os seios. Era pela mesma paixão que a embargava, ou só por medo? Só havia uma maneira de saber.

— Tem medo, Mag? — perguntou com indiferença, arqueando uma sobrancelha.

— Nem em sonhos... — ela começou a dizer com indignação.

Mas antes que pudesse terminar a frase, o jovem apertou os lábios contra os seus.

Por uns momentos, Maggie foi invadida pelo pânico e fechou os punhos contra o travesseiro, tentando articular um protesto. Não porque não gostasse. Mas aquilo...

Aquilo era sério.

Jeremy não a ouviu protestar ou, se o fez, não a entendeu. Tudo o que sabia era que, por fim, depois de cinco longos anos, tinha Maggie exatamente onde sempre tinha querido que estivesse: deitada sob seu corpo. E naquela ocasião, assegurou-se de que não haveria interrupções; não haveria tios proferindo ameaças, mordomos intrometidos, nem noivos com pretensões. Só eles dois, como devia ter sido sempre, e teria sido a não ser pela teima que ambos tinham mostrado durante esses últimos anos. Pois bem, isso não voltaria a acontecer, não enquanto ele vivesse. Por fim, ela era dele...

Aquilo compensava todas as desditas e infortúnios que tinha sofrido para consegui-la. O duque tinha estado com muitas mulheres, mas nunca tinha estreitado uma entre os braços que o fizesse sentir-se tão bem, nunca tinha experimentado a perfeita completude de seus corpos. Seu corpo magro, gracioso e de seios generosos resultava profundamente feminino. O seu, em troca, de ombros largos, quadris estreitos e músculos duros como pedras pelas longas horas de cavalgada e de empunhar a espada, era a personificação da masculinidade. Não havia dúvida de que pertenciam um para o outro.

E se ela não o via do mesmo modo, Jeremy se encarregaria de fazê-la entender antes que chegasse a manhã.

Entretanto, a julgar por sua reação, a jovem já parecia estar dando-se conta disso; ao primeiro contato de seus lábios, pareceu fundir-se em seu abraço, e toda a tensão nos braços, que até então ele tinha mantido imobilizados sobre o colchão, desvaneceu-se. Maggie separou os lábios com a mesma naturalidade daquela tarde nos estábulos, e o mesmo desejo que na biblioteca umas horas antes, e se entregou ao beijo com um inocente entusiasmo. Não obstante, naquela ocasião, e para o voluptuoso deleite do jovem, levava muito menos roupa. Quando lhe soltou um dos punhos para levar a mão ao local onde seu coração retumbava com mais força, não lhe precisou retirar camadas e camadas de vestido e regata, só teve que desabotoar um botão de madrepérola. Onde pousava os dedos, sentia só pele nua, suave e acetinada que, apesar do frio que fazia no dormitório e sua relativa nudez, desprendia um intenso calor.

Ao sentir o contato de seus dedos na delicada pele do peito, Maggie deixou escapar um gemido. E quando a mão do jovem deslizou com impaciência para baixo, abriu ainda mais o decote da bata e deixou descoberto um dos grandes e bem torneados seios, a moça afastou a cabeça e ficou olhando Jeremy com os olhos entreabertos, assombrada da miríade de sensações que estava despertando em seu interior. De repente, sentia-se mais viva que nunca durante os últimos cinco anos; o que tinha experimentado na biblioteca, um tempo antes, não era nada em comparação com

aquilo. Era como se seu corpo, ao que Jeremy tinha lhe infundido vida nas cavalações aquele dia há tanto tempo, tivesse permanecido em hibernação até aquele momento, no qual todas as emoções e sensações que havia sentido então reapareciam com maior intensidade.

Para Jeremy, a expressão de profunda surpresa no rosto da moça teve um efeito imediato; de repente se deu conta de que tinha que ir devagar e com cuidado; não podia esquecer que, apesar de sua extraordinária sensualidade, Maggie era virgem. Se não queria assustá-la teria que tomá-la com calma, e permitir que fosse ela quem ditasse o ritmo.

Entretanto, quando seu olhar se encontrou com aqueles grandes e preciosos olhos castanhos, e logo contemplou os úmidos lábios entreabertos, todo o seu autocontrole se desvaneceu. As mãos sobre as quais sempre tinha acreditado exercer um completo domínio começaram a fazer coisas que ele não lhes tinha ordenado, tentavam a custo desabotoar a bata, e subir a camisola. Sentia-se alagado de desejo, e perdido em sua própria paixão.

Felizmente, Maggie parecia sentir o mesmo. Em vez de retroceder ante seu desenfreio, como teria feito qualquer outra juvenzinha inocente, mostrava a mesma avidez, e respondia a seus ardentes beijos com veemência. De repente, sentiu a vital necessidade de sentir o contato de sua pele nua e, enquanto o jovem lhe arrancava o resto dos botões da bata, começou a tirar a camisola. Momentos depois, o duque, inconsciente da ferida do ombro, acabou de lhe tirar a bata com brutalidade, e a lançou longe da cama. Por uns instantes, seu torso moreno reluziu com a cor do bronze à luz das chamas da lareira, e Maggie pôde contemplar, com olhar de artista, seu espetacular corpo, tão masculino e perfeito como o *Davi* do Michelangelo.

Entretanto, aquela obra de arte era de carne e osso, e não de frio mármore.

Com uma exclamação de triunfo, Jeremy terminou de desabotoar o último botão que mantinha fechada a camisola, descobrindo assim o que tinha esperado tanto tempo para contemplar. A moça sentiu o morno calor do fogo na lisa e branca pele dos seios, por fim livres da

malha de algodão. Ao notar a respiração entrecortada do duque, Maggie levantou o olhar e se sentiu desconcertada ao ver que seus lábios esboçavam um sorriso de satisfação; entretanto, sua expressão a convenceu, mais que seus beijos e a evidente paixão que despertava, de que aquele homem a desejava. E não só a desejava, mas também precisava dela. Aquela certeza fez com que o que tinha começado como uma sutil tensão entre as pernas se convertesse em um ardor que sabia que só podia apaziguar de uma maneira...

Então o jovem voltou a deitar-se sobre seu corpo e deslizou as mãos por ele até rodear com elas seus seios brancos. A jovem estremeceu ao sentir as calosas palmas sobre a sensível pele de seus mamilos, mas aquilo era só o princípio de uma doce tortura: um instante depois, as mãos foram substituídas pela boca, e Maggie teve que abafar um grito ante aquela sensação desconhecida, produzida pela quente umidade em seu mamilo ereto. Ao contato da língua, seus dedos que tinham afundado instintivamente na espessa cabeleira se fecharam brandamente entre os escuros cachos, e seus quadris, sem que ela se percebesse, começaram um movimento ondulatório contra o membro viril em ereção.

Entretanto, Jeremy, totalmente consciente disso, teve que fazer um esforço para não abandonar-se a seu prazer naquele mesmo instante. Com a mandíbula apertada, levantou o rosto de entre os seios e olhou à moça, que, com a cabeça afundada entre os travesseiros, o comprido cabelo escuro estendido como uma espessa cortina sobre os lençóis e os olhos entreabertos, respirava entrecortadamente. Quando Maggie se deu conta de que a olhava, não tentou ocultar sua nudez; era evidente que se sentia mais cômoda nua que vestida, um fato incomum, pois sua experiência lhe dizia isso, nas mulheres de seios volumosos. O descobrimento o agradou... embora não tanto como a visão de suas longas e bem torneadas pernas, e em especial o rincão coberto de pelos que havia entre elas.

O sedoso triângulo lhe era muito mais estimulante que o de qualquer outra mulher que havia conhecido. Sentia uma atração para ele semelhante a que a lua exerce sobre a água. O duque se

deitou até que seu corpo voltou a cobrir por completo o da moça, e procurou seus lábios com a boca... enquanto com os dedos se aventurava naquela escura sinuosidade da virilha.

O conhecimento de Maggie sobre o ato sexual se aperfeiçoou grandemente desde que tinha deixado o colégio, graças, sobretudo às aulas de desenho e à informação que tinha lhe proporcionado Berangère com suas fofocas. Tinha visto outros homens nus, embora nunca com um membro viril tão grande como o de Jeremy, e sabia aonde ia cada coisa. Entretanto, ninguém tinha lhe explicado o que sentiria. A jovem acreditou que ia morrer de prazer ao notar que lhe beijava os mamilos, mas quando o duque introduziu em seu interior primeiro um dedo, e logo outro, não estava absolutamente preparada para as sensações que aquilo lhe provocou. Teve que fazer um grande esforço para não pegar o aveludado sexo masculino que com tanto cuidado tinha acariciado na biblioteca de lorde Althorpe e fazê-lo entrar em seu interior. Mas se seu amante se mostrou tão surpreso então, quando só o tinha roçado, não podia imaginar o que pensaria se fizesse aquilo...

Não obstante, não tinha com que preocupar-se. Jeremy não se surpreendeu que abrisse as pernas ao sentir seu contato, nem tampouco que seu sexo estivesse úmido e escorregadio; quando, com um suave gemido, ela levantou os quadris instintivamente para provocar a fricção da base da mão contra seu ponto mais sensível, o jovem teve a doce certeza de que estava preparada.

Durante uns momentos mais continuaram na mesma posição, com os eretos mamilos da moça contra o felpudo peito, respirando entre ofegos enquanto o jovem apertava com suavidade os dedos no sexo. O duque estava fascinado pela profundidade dos olhos da moça, que pestanejou sob seu intenso olhar.

Jeremy baixou a cabeça e beijou os suaves lábios, e ao mesmo tempo retirou os dedos e os substituiu por aquela parte de seu corpo que desejava entrar nela.

Maggie emitiu um grito ao sentir que a penetrava; era uma sensação muito diferente da dos dedos que com tanta facilidade deslizaram em seu interior. De fato, quando a ponta do duro membro começou a abrir caminho nela, a garota pensou que aquilo

não ia funcionar que seu sexo era anormalmente pequeno, e o dele muito grande, por isso sua união física seria impossível. De repente, voltou a sentir o mesmo medo que naquela noite em seu quarto de Herbert Park...

Entretanto, quando estava a ponto de protestar e de lhe pedir que parasse, apesar de saber que depois a acusaria de covarde, sentiu que algo se rasgava em seu interior. Seus dedos, que tinha apoiado sobre o amplo peito em um esforço de último momento para apartá-lo dela, cravaram-se na pele nua, lhe afundando as unhas, até que aquele tamanho impossível se deslizou por completo em seu interior, e a dor desapareceu milagrosamente.

Jeremy ficou petrificado, dentro dela, consciente de que a tinha machucado, não só porque lhe tivesse cravado as unhas, mas sim porque tinha parado o movimento dos quadris. Por alguns momentos, entrou em pânico. O que ia fazer? A última coisa que queria no mundo era lhe fazer mal. E ele tinha acreditado que estava preparada! Não havia dúvida de que estava muito úmida... Oh, Deus! Por que tinha tido a infelicidade de apaixonar-se por uma virgem? Por que não poderia ter se apaixonado por uma prostituta, como seu pai?

— Maggie... — sussurrou — Sinto muito. Eu...

Mas não lhe escutava, e uns momentos depois o duque entendeu por que. Seus quadris começaram a ondular de novo, timidamente primeiro, e logo, ao confirmar que a dor tinha desaparecido totalmente, com mais confiança. O jovem ficou sem respiração ao notar que a pele em torno de seu sexo retrocedia ainda mais ao lhe atrair mais dentro dela. Mas em seguida o afastou o quadril, lhe liberando da tensão... para oscilar de novo, instantes depois, apertando-o de novo junto a seu corpo. Jeremy, quase perdendo a cabeça, compassou seus movimentos aos da jovem, que murmurava de prazer sob seu corpo, com a cabeça afundada entre os travesseiros.

Além da satisfação de estar por fim possuindo Maggie, pareceu-lhe que aquele era o sexo mais suave e quente que já havia sentido. Sentia seu corpo vibrando debaixo do dele, a doce pressão das coxas rodeando seu quadril, e os dedos, enrolados em seu cabelo,

puxavam-no com doçura para que a beijasse de novo. Acariciando-lhe os seios com suavidade, Jeremy a penetrou profundamente com a língua e o membro ao mesmo tempo.

E Maggie respondeu com a mesma paixão.

A moça não demorou muito em sentir que a tensão que tinha estado experimentando, especialmente entre as pernas, convertia-se em um intenso impulso que a levava a aproximar-se cada vez mais do sexo de seu amante. Entretanto, não esperava nada semelhante à sensação que lhe provocou um enérgico avanço, que lhe pareceu que ia lançá-la fora da cama; de repente, e embora fisicamente se abraçasse ao duque mais que antes, pareceu-lhe que deixava seu corpo e flutuava em muitas cores, dourado, azul safira, cobre em pó... Mais do que já tinha sido capaz de conseguir com sua caixa de pinturas, e mais do que, com a certeza do artista, sabia que existiam. Viu-as reluzir sob suas pálpebras fechadas em uma explosão de luz que a envolveu como uma chuva de brilhantes cores, e com uma sensação de profunda satisfação, estendeu os braços para pegar todas as que pudesse.

Quando o jovem se deu conta de que Maggie chegava ao clímax, invadiu-o um profundo júbilo; nunca, em toda sua experiência com as mulheres, tinha estado tão seguro de que sua parceira tinha alcançado o êxtase, e de que não o estava fingindo para satisfazê-lo... ou a sua carteira. Com ela não tinha a menor dúvida. Tinha-a satisfeito, ou mais que isso, a julgar por sua expressão de profundo gozo.

Então, ao contemplar seu rosto e o comprido pescoço branco, com a cabeça jogada para trás, Jeremy alcançou também o clímax, com tal intensidade que a jovem, que ainda não havia tornado totalmente a si, temeu durante uns momentos que a partisse em duas. Ao liberar toda sua tensão, afundou o corpo de Maggie no colchão e soltou um grito de prazer tão forte que a moça teve certeza de que tinha despertado toda a criadagem.

Momentos depois o duque relaxou sobre ela, apoiando a testa úmida no espaço entre o pescoço e o ombro; respirava entrecortadamente, e o coração lhe retumbava tão forte que por uns momentos a jovem se perguntou se teria sofrido uma apoplexia.

Entretanto, não pôde evitar pensar com orgulho que ela tinha sido a causadora de tal reação. Só ela.

Aquela idéia foi-lhe quase tão gratificante como as sensações provocadas pelo clímax.

Um momento depois que Jeremy se separou dela para deitar-se a seu lado, viu que Maggie fazia um gesto, e ao olhar os lençóis, o duque descobriu por que.

— Meu deus! — exclamou levantando-se com as palmas das mãos sobre o colchão, sem se importar com a pontada de dor que lhe transpassava o ombro — Está bem, Mag?

Maggie, que não sabia do que falava, seguiu a direção de seu olhar.

— Oh, não. — disse quando viu a mancha carmesim no branco linho — Como vamos explicar isto?

— Não se preocupe por isso. Está bem ou não? — perguntou ele com o cenho franzido.

A moça ficou olhando com expressão divertida.

— É obvio. Um pouco dolorida, mas isso é tudo. Talvez se os deixarmos de molho a noite toda...

— Não se preocupe com os malditos lençóis. — resmungou ele — Amanhã comprarei outros.

— Oh, tinha esquecido! — disse ela sorrindo — Deve ser maravilhoso ser rico.

O duque esteve a ponto de lhe dizer que, quando se casassem, ela também o seria, mas decidiu que não era o melhor momento para tocar no assunto. Por fim tinha conseguido possuir seu corpo, mas ainda tinha que certificar-se de que era também o dono de seu coração.

Não obstante, enquanto isso ia aproveitar ao máximo o tempo.

Maggie devia ter entendido o brilho de seus olhos, porque de repente disse:

— Oh, Jerry. Outra vez não. Tenho que voltar para meu quarto antes que Hill...

Mas não a deixou terminar, pois lhe pareceu que o que tinha a dizer sobre o assunto não iria lhe agradar.

CAPÍTULO 23

Jeremy estava convencido de que estava sonhando. Tinha-lhe ocorrido antes, e esses sonhos sempre acabavam igual: quando despertava, a deliciosa figura que estava deitada a seu lado entre os travesseiros se desvanecia.

Mas naquela ocasião, o duque tinha idealizado uma forma de que não ocorresse; simplesmente, não despertaria. Manteria os olhos fechados para sempre, se precisasse, mas valeria a pena, porque poderia aconchegar-se contra o calor de Maggie, e isso era tudo o que queria. Quem precisava de comida ou bebida quando podia abraçar àquela maravilhosa mulher? O jovem não se lembrava de haver se sentido tão feliz em toda sua vida. Nem louco ia colocar tudo a perder abrindo os olhos.

Então ocorreu algo que não tinha-lhe acontecido em nenhum sonho; a figura que estreitava entre seus braços se virou e recostou a cabeça entre seu pescoço e seu ombro.

Por uns momentos, sentiu uma pontada de dor, e isso também não tinha ocorrido em um de seus sonhos. Jeremy abriu os olhos.

Deus santo! Seu sonho tinha se tornado realidade! Despertou e tinha Maggie Herbert em seus braços!

Também era verdade que-lhe doía o ombro, e muito. O lugar onde-lhe tinham cravado a faca na noite anterior-lhe abrasava. Mas quando viu Maggie a seu lado, contemplou a espessa cabeleira negra estendida sobre o travesseiro e sentiu o contato de seus seios nus contra seu peito, a dor pareceu desaparecer. Fazia muito tempo que não despertava em companhia de uma mulher. Ter relações com as mulheres locais era mal visto entre seus companheiros da guarda montada, por isso o coronel se viu obrigado a frequentar casas de prostituição, onde não era recomendável passar a noite.

Se não se lembrava mal, a melhor maneira de despertar uma mulher apaixonada, e não tinha dúvida de que Maggie o era, era beijá-la atrás do lóbulo da orelha...

O duque afastou as mechas de cabelo e se inclinou para pousar com suavidade os lábios sobre seu pescoço, onde sentiu o rítmico

palpitar de seu coração. A moça se revolveu, e a sensação debaixo da orelha lhe fez mover um pouco o ombro enquanto seus lábios esboçavam um sorriso, como se estivesse sonhando com algo agradável. Aquela reação animou o jovem, que beijou aqueles lábios sorridentes e ficou encantado ao ver que ela correspondia com doçura e com a perfeita inocência de uma menina.

Mas não era a menina que lhe interessava, era a mulher em que se transformou.

Mesmo assim, queria ir devagar. A inocência de seu beijo inconsciente era cativante; inclusive em sonhos, a moça beijava como alguém que não está acostumado, mas que está desejoso de aprender. Extasiado, inclinou-se para provar de novo o sabor de seus lábios.

Quando voltou a beijá-la, a moça lhe surpreendeu de novo, deixando escapar um suspiro. Aquela era uma reação muito alentadora, sobretudo porque com esse suspiro Maggie entreabriu os lábios, convidando-o a entrar. Jeremy deslizou a língua em sua boca, e a resposta da jovem lhe pareceu muito mais sensual que a de qualquer outra mulher que tivesse conhecido; no momento em que suas línguas se entrelaçaram, deixou escapar um rouco gemido e se voltou, interrompendo o beijo. Entretanto se aproximou mais dele e, como estava de costas, apertou a possante ereção entre a suave curva de suas nádegas.

O duque notou que o coração lhe palpitava depressa, e começou a sentir como se inflamava a paixão em seu interior.

De repente, o que tinha começado como um jogo para despertá-la transformou-se em desejo, e o jovem se deu conta de que não ia poder deter-se embora seus sentimentos ao despertar não fossem os mesmos que demonstrava durante o sono.

Por isso, decidiu desfrutar disso enquanto durasse, embora a disposição de Maggie se devesse a seu estado de inconsciência. Só Deus sabia quando poderia voltar a estreitar aquela mulher entre seus braços.

O duque levantou uma mão e a deslizou por seu corpo, detendo-se ao chegar à turgidez de seus seios; rodeou com a palma o seio suave e pesado e sentiu que o mamilo se endurecia, do mesmo

modo que seu sexo entre suas nádegas. Era possível que lhe desejasse mesmo dormindo? Perguntou-se.

Passou um braço por cima da estreita cintura, até que alcançou com os dedos o suave vale sob seu púbis, e ao separar com cuidado as dobras aveludadas entre suas coxas, confirmou suas suspeitas: estava úmida. Em seguida notou os dedos impregnados de sua essência. Esse descobrimento o excitou até um ponto que sabia que não tinha volta, e sentiu seu membro viril duro contra a delicada pele de suas nádegas. A umidade e o calor de seu sexo o atraíram irresistivelmente; tudo o que tinha que fazer era mover-se um pouco...

Ficou assombrado com a facilidade com que seu membro deslizou em seu interior e, uma vez dentro, maravilhou-se novamente da perfeição com que parecia adaptar-se a ele, como uma mão. Com um braço ao redor de sua cintura, apertando brandamente a pequena protuberância por debaixo do osso púbico com uma mão, e com a outra lhe acariciando os seios, começou a entrar e sair dela lentamente, com seu peito apertado contra suas costas, e com os olhos fechados, como ela, deleitava-se com sua recompensa entre os braços.

Então não tinha sido um sonho. Era realidade. Fizeram amor durante toda a noite até que, exaustos, tinham caído em um profundo sono. Jeremy sabia muito bem que, frequentemente, o que se sussurrava na penumbra perdia valor à luz do dia, e não ia permitir que aquilo ocorresse com Maggie. Desejava que fosse totalmente sua; não queria lhe ouvir dizer que à noite anterior tinha perdido a cabeça; não permitiria que a noite desculpasse o que o amanhecer trouxera.

Quando ouviu que lhe acelerava a respiração, aumentou a pressão dos dedos entre suas pernas, e o movimento dos quadris dela, que lhe facilitava a penetração por trás, fez que aumentasse a pressão contra os dedos calejados. Com a cabeça afundada na fragrante cortina de seus cabelos, o duque a ouviu gemer, ainda adormecida, e sentiu como seu corpo se abria a ele e respondia a seus avanços. Cada vez penetrava mais profundamente nela, deleitando-se de sua

carinhosa reação, da umidade que lhe empapava os dedos, dos ofegos irregulares ao penetrar em seu corpo...

De repente sentiu que toda ela se esticava e arqueava as costas, apertando a pélvis com avidez contra sua palma. O sexo, que, quando ele se retirava, estreitava seu membro como se não quisesse deixá-lo escapar, estremeceu-se e contraiu espasmodicamente. Naquela ocasião, Jeremy não pôde separar-se dela; estava apanhado na armadilha que ele mesmo tinha preparado, e da qual não tinha nenhum desejo de escapar. Em vez disso, pegou os quadris de Maggie e explodiu em seu interior, alagando-a de seus ardentes fluidos. A moça gemeu de prazer, tremendo depois do clímax.

Só quando ele se esgotou dentro dela, Maggie abriu os olhos, e o duque pôde contemplar a profundidade daquelas pupilas que conhecia tão bem.

— Bom dia. — disse Jeremy com doçura. Entretanto, por causa do recente orgasmo, sua voz era rouca e entrecortada, muito diferente da habitual.

Maggie pestanejou e o olhou. Tinha os lábios avermelhados pela barba de Jeremy, e ainda respirava entrecortadamente, como se tentasse recuperar o fôlego.

— Isso foi uma armadilha.— disse afônica.

O jovem arqueou uma sobrancelha. Ainda enterrado dentro dela, apoiou o cotovelo na cama e recostou a cabeça sobre a mão.

— O que foi uma armadilha? — perguntou com expressão inocente.

— Sabe muito bem a que me refiro. — respondeu ela, que não parecia absolutamente perturbada. E, dizendo isto, separou-se dele, deitou-se de barriga para cima e começou a esticar-se como um gato, roçando sem querer o ombro enfaixado de Jeremy. De repente, abriu os olhos de par em par e a memória os alagou como se fossem lágrimas. O duque, que estava deitado a um palmo dela, olhava-a fascinado quando sua íris passou de marrom a negro.

— Jeremy, — disse a moça agarrando os lençóis e levantando-lhe até ao queixo com expressão horrorizada — o que fizemos?

O jovem encolheu os ombros, e o movimento lhe provocou uma pontada de dor.

— Eu não fiz nada. — replicou com fingida indignação, em tom zombador — Estava dormindo calmamente, e um lascivo ataque me despertou. Defendi-me como pude, mas me foi impossível refrear sua paixão, Mag, e temo que por fim me deixei levar por suas luxuriosas exigências.

— Oh, Deus. Como pode brincar sobre isto? — exclamou enquanto se levantava e o liso cabelo lhe escorregava pelos brancos ombros — Alguém tentou te matar ontem à noite, e nós... E nós...

— Fizemos amor desenfreadamente durante toda a noite? — terminou — Sim, já tinha me dado conta. Por certo, não tinha nem idéia de que era tão selvagem. Se tivesse sabido que tudo o que tinha que fazer para te seduzir era sangrar, teria deixado que tentassem me matar muito antes.

— Oh, Jerry! — murmurou Maggie levando as mãos às bochechas, que se tinham alagado de um intenso carmim. Começava a dar-se conta da enormidade do que tinha ocorrido; fizera amor com o duque de Rawlings, e não uma vez, mas várias. De fato, ainda sentia a comichão de seu contato na pele. E se por acaso isso não fosse prova suficiente, os lençóis estavam manchados de seu sangue! Tinha perdido a virgindade! E com um homem que nem sequer era seu noivo!

No que estava pensando? O que tinha feito?

O duque, absolutamente alheio ao suplício pelo que estava passando a jovem, entrelaçou as mãos atrás da cabeça e, feliz, ficou com o olhar perdido no dossel da cama. Aquele movimento lhe provocou certa tensão no ombro, mas como ao fazer amor suas articulações relaxaram e mal notou a ferida.

— Bem, — suspirou — e o que vamos fazer hoje, Mag? Quer que peguemos um trem para irmos à Yorkshire, saudar a família? Ou prefere que fiquemos em Londres, vamos às compras ou ver algum espetáculo? Faz cinco anos que não vou ao teatro. Não me importaria em ver um musical... — e, enquanto falava, olhou a moça e viu que estava tentando vestir a camisola cujos botões tinham arrancado na noite anterior — Aonde vai?

— Ao meu quarto, é obvio. — respondeu, sem mais — Viu minha bata?

— Não é isto? — perguntou o duque arqueando uma sobrancelha, enquanto levantava um objeto que havia a seus pés — Mag, seriamente, acredito que deveria comprar algo mais atrevido que uma bata de motivos escoceses. Talvez uma com transparências, ou plumas...

Maggie lhe tirou a bata das mãos.

— Vamos, cale-se! — resmungou — Como se nota que não é você que tem que escapular corredor abaixo como se fosse um criminoso...

— E por que vai fazer uma coisa assim? — perguntou o jovem, tentando não pôr-se a rir ante sua adorável indignação.

A moça o olhou com irritação.

— Por causa de Hill, certamente!

— Sua criada? — perguntou ele, arqueando as sobrancelhas.

— Pois claro, quem se não ela, — disse Maggie enquanto colocava os braços pelas mangas da bata — espero que ainda não tenha se dado conta de minha ausência.

— E o que importa o que pensam os criados? Segue meu exemplo; se te disser alguma rabugice, despede-a.

— Despedi-la? — a moça se voltou para lhe olhar, com uma expressão de desgosto nos serenos olhos — Jerry, se por acaso não sabe, Hill é o único membro de minha família ou... bom, a única pessoa de Herbert Park que me apoiou durante estes últimos meses. Não posso despedi-la. — continuou, puxando com brutalidade a manga — Embora, de qualquer modo, o mais provável é que hoje mesmo parta por seus próprios pés.

— Por quê? — perguntou ele com curiosidade.

— Porque nenhuma criada respeitável iria querer servir a alguém como eu. — replicou Maggie com certa exasperação — Se por acaso não era suficiente que me acotovelasse com artistas e boêmios, e que minha família tenha me renegado, agora arruinei completamente a reputação que podia me restar passando a noite à sós com o duque de Rawlings...

— Como a sós? Não estamos a sós absolutamente. Não sabe o que me custou tirar todas essas pessoas que não paravam de entrar e sair do caminho.

— Oh, Jerry, os criados não contam. Estávamos sem a companhia de alguém respeitável. Seus tios teriam que ter retornado ontem à noite, mas algo deve tê-los atrasado...

— Graças a Deus... — murmurou Jeremy.

—... E se chegarem a saber que você e eu estivemos sozinhos na mesma casa...

De repente, ocorreu ao duque uma idéia espantosa, e o sobressaltou.

— E o que tem se souber? Que importância tem? Não está preocupada com o que vai pensar esse francesinho, verdade?

— Estou preocupada com o que vai pensar todo mundo, e em especial seus tios, que devem estar a ponto de chegar. — respondeu a moça enquanto fechava a bata — E deixa de chamar Augustin de Veygoux de francesinho.

Jeremy abriu a boca para responder, quando alguém bateu brandamente à porta. Maggie se voltou com expressão assustada, e o jovem a olhou levando o dedo indicador aos lábios — Shh... — riu entre dentes — Não se assuste, é Peters. É o único membro do serviço que se atreveria a acordar a um Rawlings.

Longe de seguir seu conselho de não deixar-se levar pelos nervos, Maggie desceu com urgência a escada da cama, enredou-se com a bata e esteve a ponto de cair. Quando recuperou o equilíbrio, olhou furiosa ao duque, para quem seu nervosismo parecia engraçado.

— Oh, você não tem nada a temer, — balbuciou — nem tem que se preocupar com a reputação de ninguém.

— Está equivocada. — respondeu ele com fingida gravidade — Sua reputação me preocupa muito; tanto que vou pedir a Peters que distraia Hill para que possa voltar para seu quarto...

— Não. — disse entrecortadamente — Não o faça...

Mas já era muito tarde; Jeremy estava chamando seu valete, que entrou coxeando e olhou distraidamente à moça sem nenhuma curiosidade — Bom dia, senhor. Senhorita Herbert. — começou, educado — Que tal o ombro, senhor? Ainda dói?

— Nem o noto. — respondeu o jovem com calma — Por certo, viu a criada da senhorita Herbert esta manhã?

— Sim, senhor. — o servente se aproximou da janela e tinha começado a abrir as longas cortinas de veludo — Tomei a liberdade de armar um pequeno desastre abaixo que a senhora Hill está limpando agora. Se a senhorita Herbert quer retirar-se para seu quarto, é o momento ideal.

Maggie não duvidou nem um instante; avançando sem fazer ruído pelo chão de madeira, apressou-se até a porta. Entretanto, voltou-se para olhar o duque. Estava sentado no meio da grande cama de dossel, os olhos brilhantes e a pele morena contrastavam intensamente com os imaculados lençóis.

— Hum. — comentou. Deus santo, aquilo lhe era muito incômodo. Tinha acreditado que lhe falaria sobre casamento, ou ao menos sobre amor. Afinal, ela tinha se entregado completamente, enquanto que a maioria das garotas esperava até depois de casar-se. O duque tinha sugerido que fossem ao teatro, mas não havia dito nenhuma palavra de levá-la ao altar.

Oh, céus! Que presunçoso de sua parte haver pensado sequer nessa possibilidade...

— Sim, sim. — sorriu ele — Corre, ratinha, antes que o gato te pegue.

Maggie abaixou a cabeça para que a longa cabeleira lhe cobrisse as bochechas ruborizadas, e saiu do quarto sem dizer uma palavra mais.

— Felicito-lhe, senhor, — comentou Peters com jovialidade, quando a porta se fechou atrás dela — vejo que por fim conseguiu...

— Cuidado com o que diz moço,— interrompeu-lhe o duque, sem o mais leve tom de malevolência — está falando de minha futura esposa.

— Com todos meus receios...

— Não se preocupe. — feliz, Jeremy se deixou cair entre os travesseiros. Embora fosse fevereiro, parecia que o sol nunca tinha reluzido tanto, e que os pássaros jamais tinham gorjeado tão maravilhosamente — Peters, veja se lhe serve de lição; já vê que

com um pouco de encanto, ingenuidade e paciência, um homem pode conseguir o que quiser.

— Você é um exemplo para todos nós, senhor. — respondeu o valete enquanto segurava o decantador de uísque que estava na mesinha auxiliar — Mas temo que a criada da senhorita Herbert vá representar um verdadeiro problema.

— Daremos um jeito nisso imediatamente. Dentro de uma hora, você e eu iremos ao centro para obter uma permissão especial. E pela tarde, a senhorita Herbert se converterá na décima sétima duquesa de Rawlings; assim Hill não poderá dizer nada.

Encolhendo os ombros, Peters serviu uma generosa quantidade de uísque.

— Rogo-lhe que me perdoe coronel, mas acredito que hoje vai ser difícil conseguir essa permissão especial. — e, aproximando-se da cama, estendeu-lhe o copo. Jeremy ficou olhando com uma só sobrancelha arqueada.

— Uísque para tomar no café da manhã? — perguntou com curiosidade — Não podem ser tão más notícias.

— São, senhor. — respondeu o moço — E acredito que estará de acordo comigo. — depois de colocar o copo entre os dedos de seu senhor, Peters desdobrou o jornal que levava sob o braço e o estendeu ao duque, aberto na página de sociedade, em que, com grandes letras, lia-se o seguinte título: “Herói militar retorna a Londres para casar-se com uma princesa indiana.”

Depois de lê-lo, Jeremy levou o copo de uísque aos lábios e o bebeu em um só gole.

CAPÍTULO 24

— Não sei. — declarou a baronesa do Lancaster — O azul é bonito, mas acredito que o branco é mais apropriado.

— Oh, mamãe! — choramingou Fanny, sua filha de dezesseis anos — Só as meninas pequenas vão de branco, e eu já sou maior. Quero vestir azul.

— É que... — titubeou a dama — Não me parece adequado. O que você pensa senhorita Herbert? — lady Lancaster sorriu com condescendência; ao que parecia, a jovem estava sonhando acordada. E o que esperava de uma artista? Lavínia Michaels havia lhe dito que a moça tinha tendência a ensimesmar-se. Certamente teria passado a noite em claro em alguma festa boêmia. Mas o retrato que tinha feito da sobrinha de Lavínia era tão bonito! Tinha pintado a jovem com tal mestria que mal se notava a papada — Senhorita Herbert?

Era verdade, Maggie tinha passado a noite em claro, mas não em uma festa. De fato, ainda não podia acreditar no que tinha acontecido; fizera amor com o duque de Rawlings, e não uma vez, nem duas, mas três, ou talvez quatro vezes... tinha perdido a conta. Aquela tinha sido a noite mais emocionante e extraordinária de toda sua vida.

Entretanto quando, durante o café da manhã, abriu o jornal na página de sociedade, que estava costumava ler para conhecer seus clientes potenciais, deu-se conta de que também tinha sido a noite mais humilhante.

Ao menos, entendeu por que o duque não tinha lhe proposto casamento.

— Senhorita Herbert? — a dama ficou olhando com impertinência a jovem sentada na beirada da *chaise longue*. Não parecia que se encontrasse mal; só estava um pouco pálida, mas isso devia ser pela falta de sono. Por outro lado, com aquele vestido de lã escuro e o chapéu preso com cuidado a um engraçado penteado com cachos, seu aspecto era bastante apresentável. Embora, é obvio, não parecesse ser alguém da classe de lady Lancaster, para a preciosa

senhorita Herbert era suficiente. Então, o que lhe acontecia? Estava há cinco minutos com o olhar fixo na mesma rosa do tapete.

— Senhorita Herbert... — disse Fanny, batendo novamente o pé no chão no chão com insolência, fazendo soar as campainhas das pastoras de Dresde que pendiam da chaminé. Isso chamou a atenção da artista.

— Sim? — perguntou a jovem com surpresa.

“Ah, já voltou a si”, disse-se lady Lancaster.

Maggie só demorou alguns minutos para convencer Fanny de que o branco era a única cor apropriada para o vestido de uma jovem de quem pintam o primeiro retrato. Esquecido isso, acordaram a hora para a sessão; seria na terça-feira seguinte à uma em ponto. Pouco depois, a jovem pintora recolheu seus cadernos de esboços e seus lápis-de-cores, e se despediu da baronesa e de sua filha.

Ao sair ao Grosvenor Square, o frio e o cortante vento devolveram a cor às pálidas bochechas. A moça inspirou profundamente algumas vezes, em um intento de que o gélido ar a limpasse antes de pegar o ônibus para retornar a seu estúdio. Sentia como se tivesse uma terrível ressaca. Era verdade que tinha dormido pouco, mas não era a primeira vez que passava a noite em claro, e nunca havia se sentido tão desanimada no dia seguinte. Supôs que descobrir que o homem com quem acabava de perder a virgindade estava comprometido com outra mulher não devia ajudar muito a recuperar o ânimo. Pela enésima vez naquela manhã, disse a si mesma que se sua mãe ainda vivesse, certamente teria sabido o que deveria fazer.

Mas, agora, Maggie não tinha a ninguém a quem pedir conselhos. Nenhuma de suas irmãs lhe dirigia a palavra, e mesmo que o fizessem, tampouco teria podido lhes contar seus problemas, pois teriam ficado horrorizadas. Sabia muito bem o que Hill, que adorava Augustin por tudo o que tinha feito por sua senhora, lhe diria sobre o assunto. Também sabia que, se recorresse a Pegeen, a tia de Jeremy, que a tinha apoiado incondicionalmente com os problemas de sua família, recomendaria que não deixasse o duque escapar. Assim não tinha ninguém imparcial a quem pedir conselhos.

Mais tarde, de volta ao seu estúdio, Maggie observava com ar taciturno o quadro que estava terminando para sua exposição de

sábado; era o retrato de um par de crianças loiras que sorriam com doçura, agarrados ao pescoço de um paciente cão. Tão absorta estava que não se deu conta de que alguém abria a porta às suas costas, e levou um bom susto ao ouvir uma voz rouca que sussurrava às suas costas.

— O que é isto? A alegre mademoiselle *Marguerethe* parece triste. *C'est impossible!*

A jovem olhou por cima do ombro e forçou um sorriso ao ver Berangère Jacquard apoiada no batente da porta, com os braços cruzados sobre o peito. Como era habitual nela, estava vestida na última moda parisiense, embora não tivesse intenção de sair de seu estúdio de pintura, para o outro lado do vestíbulo.

— O que ocorre? — disse estalando a língua enquanto atravessava com elegância o iluminado estúdio — acreditava que as mulheres inglesas nunca se permitiam o luxo de se mostrarem zangadas.

— Não estou zangada. — respondeu Maggie com um suspiro— Bom... não muito.

— Ah, não? Então é uma grande atriz, *princesse*. — Berangère mordeu o lábio ao fixar-se na pintura frente à qual estava sentada sua amiga — Ugh! *Quel horreur!* Suponho que devem ser pelo menos condes, *non?*

— Este é o herdeiro de um marquesado, — corrigiu — e o outro bebê é seu irmão.

— Entendo. Su *papa* y su *mamandevem* estar muito orgulhosos de seus rebentos. Devia havê-los pintado enquanto metiam o dedo no nariz; estou certa de que é o que fazem a maior parte do tempo.

Encolhendo os ombros, separou-se do quadro e se aproximou do batente da janela, onde Maggie tinha uma garrafa de vinho tinto para ocasiões como aquela. Depois de servir uma taça, a jovem francesa se aproximou de um sofá baixo no qual se amontoavam várias almofadas e se deixou cair com um delicado suspiro. Todos os seus movimentos eram estudados e de uma elegância felina. De fato, para Maggie lembrava muito uma gata, pulcra e travessa, e lhe pareceu que tinha um estilo parecido ao da princesa Usha. Ela, ao contrário, sentia-se como um grande cão de movimentos torpes e desajeitados.

— Vamos, *princesse*, — começou a jovem parisiense, depois de tomar um gole de vinho — Agora diga a *tante* Berangère o que é o que te fez sentir tão *malheureuse*.

— Oh... — respondeu Maggie, abatida — Não saberia por onde começar.

— Ah, — respondeu sua amiga, olhando a taça de vinho, em que flutuava um pedacinho de cortiça; com o longo dedo indicador, tirou-o com delicadeza — suponho que não tem nada a ver com o fato de terem quebrado o nariz de seu querido Augustin ontem à noite, não é?

Maggie a olhou com surpresa.

— Como soube?

— *Là*, e quem não soube? — respondeu Berangère Jacquard com um gesto da mão — As pessoas não falam de outra coisa.

Maggie soltou um gemido. O edifício no qual se localizavam seus estúdios era velho e estava deteriorado; ali tinham seu local de trabalho outros pintores e um par de escultores. As duas amigas eram as únicas mulheres do bloco, por isso eram objeto de constantes especulações entre outros artistas, que falavam de suas idas e vindas em seus círculos sociais.

— Oh, Berangère... — disse a moça tampando o rosto com as mãos — O que vou fazer?

— Fazer? — perguntou sua amiga após sorver um pouco de vinho — Com o que, *princesse*?

— Com o Jerry, é obvio! — Maggie elevou a cabeça e arrumou uma mecha de cabelo que tinha lhe soltado do penteado, deixando uma mancha de cor violeta na branca e resplandecente testa.

Sua amiga sorriu com condescendência.

— Qual é o problema com o Jerry? Voltou a urinar atrás do sofá?

— O quê? — Apesar do desgosto que a embargava, a jovem pôs-se a rir — Oh, não. — exclamou — Não se trata desse Jerry. Não falo do cão, mas sim de Jeremy Rawlings.

Berangère franziu o cenho, juntando as sobrancelhas precisamente depiladas.

— Jeremy Rawlings? Mas não é o soldado que quebrou o nariz de Augustin? — ao ver que sua amiga assentia, olhou-a com

cumplicidade — Ah, agora estou começando a entender. Jeremy Rawlings. Tenho a impressão de ter ouvido este nome antes. — Berangère deu uns tapinhas nos brancos incisivos com um dos longos dedos de unhas perfeitas — Onde já ouvi esse nome?

— Deve ter lido no jornal desta manhã, com certeza. — suspirou Maggie.

— *Pardon?* — perguntou a jovem francesa arqueando uma fina e loira sobancelha.

— Hoje, na página de sociedade, anunciava-se seu compromisso com a princesa Usha do Jaipur.

— Ah. — respondeu Berangère com cumplicidade — Sim, agora me lembrei. Então ele é o homem por quem esteve suspirando desde que te conheço? — Margaret assentiu vacilante; não gostava de admitir que sempre tinha estado apaixonada por Jeremy, e muito menos que suspirasse por ele. Sua amiga continuou — Já vejo. Não estranho que esteja tão triste. Retornou da Índia com uma princesa, quebrou o nariz de seu noivo, e agora você não sabe o que fazer.

Maggie assentiu de novo.

— Pfuf! — exclamou Berangère. Sempre que algo lhe parecia incrível, fazia aquele curioso som; era como uma minúscula explosão dos lábios, que lhe levantava as espirais douradas que lhe caíam sobre a testa— Eu sempre tinha acreditado que era muito lambida, *princesse*, mas nunca tinha imaginado que fosse *stupid*.

— Não sou estúpida! — respondeu Maggie com atitude defensiva — Mas não sei o que fazer. Jamais tinha me encontrado em uma situação assim.

— Nunca dois homens brigaram por você? — perguntou, surpreendida — *Ma pauvre princesse!* Então você nunca viveu de verdade. Não há nada mais delicioso que dois homens brigando por você. Pode acreditar, tem que tentar prolongar esta situação tanto quanto possa.

— Está louca? — exclamou a moça olhando a sua amiga — Isto é sério. Alguém... tentou apunhalar Jerry ontem à noite, e ele suspeita que tenha sido Augustin.

A jovem francesa se levantou, e seus delicados traços tomaram uma expressão de entusiasmo.

— Seriamente? *Trés romantique!*

— Romântico? — Maggie encolheu os ombros — É terrível.

— Terrivelmente *romantique!* Pensa que foi Augustin? — perguntou perplexa — Nunca teria pensado que Augustin pudesse matar alguém. Em um duelo, possivelmente, mas assim *non*. Entretanto, com esse cabelo tão ruivo não se pode estar certa de nada...

— Berangére! — a jovem cobriu o rosto com as mãos — Não tem nenhuma graça, nem tampouco é romântico. Alguém tentou matar Jerry ontem à noite, e não posso evitar pensar...

Mas sua amiga a interrompeu.

— *Nom de Dieu*. — sussurrou. E algo em sua voz rouca fez que Maggie levantasse a cabeça para olhá-la, desconcertada. Berangére tinha a vista fixa nela, com os olhos abertos como pratos, e uma expressão de estupefação — Você e esse Jerry fizeram amor.

— Berangére!

— Não posso acreditá-lo. *Ma petite princesse!* Não é de estranhar que Augustin tentasse matá-lo. — a jovem aplaudiu, entusiasmada — Como foi? Você gostou? Maravilhoso não é verdade?

Maggie ficou olhando com os olhos muito abertos, consciente de que não valia a pena negá-lo.

— Como... o soube?

— Nota-se. — respondeu, encolhendo os ombros.

— Não é verdade! — exclamou Maggie, horrorizada.

— Sim, *princesse*. Sinto lhe dizer isso, mas é assim. Só um estúpido, ou o próprio noivo, não se daria conta.

— Não pude evitar. — gemeu, cobrindo o rosto com as mãos manchadas de tinta — Oh, Deus, não pude evitar. Eu não queria. Nunca tinha acreditado que algo assim pudesse acontecer. Mas me disse que não estava noivo!

A jovem francesa soprou.

— Todos dizem isso.

— Mas eu acreditei! Disse-me que a Estrela do Jaipur não era uma mulher, mas uma pedra preciosa.

— Não continue. — respondeu sua amiga, incrédula — Acredito que com isso já disse tudo.

— Oh, coloquei tudo a perder! — lamentou-se, sem poder conter um soluço — Sei que procurei isso, e que não mereço a compaixão de ninguém. Mas estava certa... acreditava que queria casar-se comigo. Não entendo o que me aconteceu.

— Eu sim.

Maggie levantou a cabeça, pestanejando, com os olhos alagados em lágrimas. Para sua surpresa, sua amiga estava de pé ao seu lado, com uma taça de vinho em cada mão.

Estendeu-lhe uma, e logo a conduziu com delicadeza até o sofá, onde se sentou junto a ela, em um movimento que pareceu um tanto complicado por causa dos volumosos mirinhaques de ambas.

— Sei exatamente o que te aconteceu. — prosseguiu Berangère — *L'amour*. Brindemos a ele, que acha? — e, dizendo isso, aproximou sua taça da de sua amiga e logo bebeu quase um terço de seu conteúdo.

Indecisa, Maggie bebeu um gole, nunca tinha tomado vinho antes da hora do chá. Mas também nunca tinha perdido a virgindade antes, assim supôs que a ocasião merecia. Para sua surpresa, sentiu que o forte Borgonha lhe esquentava o corpo e a reanimava, assim tomou outro gole.

— Então... — perguntou com cautela — não me despreza profundamente?

— Te desprezar? — aquela pergunta surpreendeu Berangère a tal ponto, que esteve a ponto de cuspir o vinho que ainda tinha na boca com uma careta que sua amiga jamais tinha visto — Por que ia te desprezar?

Maggie fungou com expressão triste.

— Se minhas irmãs soubessem... o que Jerry e eu fizemos não voltariam a me dirigir a palavra nunca mais.

— Tampouco o fazem agora, — recordou-lhe Berangère — igual o fizeram muitas mulheres antes que nós, seu único crime foi tentar ganhar a vida com o talento que Deus lhe deu. — a jovem sacudiu a cabeça, fazendo oscilar os caracóis dourados — É uma artista! Não há nada de mal nisso. Não é o mesmo que ser uma... uma... — interrompeu-se, enquanto se esforçava em pensar na pior ocupação que pudesse imaginar — uma prostituta!

— Não. — admitiu Maggie, com pesar — Mas suponho que para elas, as pintoras levam uma vida dissipada e escandalosa. E como vê, agora demonstrei que têm razão. — e, com um desconsolado suspiro, acrescentou — Sou uma mulher perdida.

Berangère esboçou um sorriso irônico, enquanto se inclinava para trás para apoiar as costas no espaldar.

— *Ma chérie*. Se você for uma mulher perdida, estremeço só de pensar no que devo ser. Eu adoraria conhecer suas irmãs, *princesse*. Como é possível que tenha crescido em uma família tão *bourgeois* e mesmo assim tenha tanto talento para a pintura?

— Não acredito que minha família seja *bourgeois*. — respondeu Maggie, na defensiva — Ao menos, não mais que a média. Simplesmente acredito que sou amaldiçoada por ter uma natureza mais... carnal que minhas irmãs. Estou certa de que nenhuma delas fez amor com seus maridos antes do casamento. E Anne, menos ainda; é tão afetada. Quando mamãe ainda vivia, era muito mais... tolerante, mas agora que já não está, parece como se sentisse na obrigação de me dizer sempre o que tenho que fazer.

— Mas você não lhe deu atenção. — respondeu sua amiga — É muito... como disse? *Oui*, carnal. Eu gosto dessa palavra. Sorte que encontrei a um marido carnal igual a você.

— Augustin? — Maggie virou a taça de vinho — Augustin não é absolutamente carnal.

— Augustin, não, *imbecile*. — bufou Berangère — Esse Jerry de quem fala.

— Jeremy? — a moça pestanejou — Mas não posso me casar com ele.

— Por que não?

— Como por que não? Não escutou o que acabo de te dizer? Porque está comprometido com outra mulher!

— Pfuf! — foi a cética resposta de Berangère.

— A Estrela do Jaipur é uma mulher exótica e bonita. Você não a viu. É... — Maggie se deteve justo antes de dizer "como você". Em vez disso, terminou — Não poderia imaginar.

— *Oui, chérie*. Mas com quem Jerry passou toda a noite? Com essa pedra bruta, essa Estrela do Jaipur, ou contigo?

Maggie meneou a cabeça.

— Não entende? Se, por algum milagre, Jeremy quisesse se casar comigo, não poderia aceitar...

— Por que não?

— Porque estou comprometida com Augustin! Não posso romper meu compromisso assim. — Maggie estalou os dedos — Não seria justo, sobretudo tendo em conta como foi bom comigo.

— E o quê? — Berangére entrelaçou os dedos atrás da cabeça, recostou-se nos travesseiros e ficou olhando pela claraboia o invernal céu cinza — Você não pediu que se comportasse bem contigo. Ele o fez porque quis. E não tem que se casar com ele por isso. Simplesmente lhe agradeça e o deixe.

— Mas isso é ruim! Deixei que acreditasse que correspondia a seus sentimentos, mas eu nunca deixei de amar outro homem.

Sua amiga revirou os olhos.

— É uma estúpida. Case-se com o soldado e pronto. Se quiser, eu me encarregarei de Augustin. Mas que conste que não suporto os homens ruivos. — concluiu com um expressivo encolhimento de ombros.

— A que te refere como se encarregará de Augustin? — perguntou Maggie com receio.

— Exatamente isso.

— Quer dizer...? — a moça se endireitou — Quer dizer que você...? — de repente se interrompeu, turvada — Oh, Berangére — murmurou — Não deveria...

A gargalhada de Berangére ressoou por todo o estúdio, ricocheteando na claraboia e estalando contra o chão de madeira como se fosse de cristal.

— *Ma pauvre princesse!* — exclamou — Eu te escandalizei!

— Isso é precisamente ao que me refiro. — respondeu Maggie com tristeza — Não sou uma princesa, e nunca serei. Você é a única que pensa que sou. E Jerry, o soldado, como você diz, não é só isso. É duque. Mesmo se me pedisse em casamento, não poderia aceitar, porque teria que me converter numa...

— *Duchesse?* — a jovem Jacquard se levantou e deu uma palmada, entusiasmada com a idéia — *Oh, Marguerethe, c'est*

magnifique! Seria uma *duchesse* encantadora. Aí poderá me convidar para todos os jantares de recepção, e aos bailes, e conhecerei muitos homens ricos e bonitos! — exclamou com os olhos cintilantes — Oh! É maravilhoso! A *princesse* se transformará em *duchesse*.

— Não, Berangére. — insistiu Maggie — Só sou uma princesa à seus olhos. De fato, segundo as normas sociais inglesas, sou um completo desastre. Em contrapartida, essa mulher, a Estrela do Jaipur, é uma princesa de verdade, será muito melhor duquesa do que eu jamais poderia ser.

Sua amiga, recostando-se de novo no sofá, entreabriu os olhos como um gato que, ao descobrir uma presa, concentra-se antes de lançar-se sobre ela.

— Entendo, — começou, pouco a pouco — então está disposta a renunciar a ele só porque pensa que não seria uma boa duquesa.

— Não é só isso. Já te disse que nem sequer me pediu isso.

Berangére tinha deixado a porta do estúdio aberta, e se ouviram passos na entrada. Nesse piso, o último do edifício, só havia os estúdios das duas amigas. Assim, quem quer que fosse que se aproximava ia visitar uma delas.

— E se lhe pedisse? — insistiu Berangére — O que responderia?

Mas Maggie não pôde responder, pois nesse preciso instante Jeremy em pessoa entrou pela porta do estúdio.

CAPÍTULO 25

Jeremy não estava de muito bom humor. Embora fosse compreensível, pois além de que o *Times* tivesse anunciado seu compromisso com alguém com quem não tinha intenção de casar-se, acabavam de tentar assassiná-lo de novo.

Não é que isso lhe preocupasse muito. A verdade é que mal havia tornado a pensar no ataque da noite anterior e, com todos os problemas que lhe importunavam, aquilo lhe parecia insignificante. Mas, ao sair a toda pressa dos escritórios do *Times*, onde tinha ido exigir uma retratação pública, uma carruagem tinha estado a ponto de atropelá-lo.

Uma coisa era que tentassem apunhalá-lo no meio da noite diante de sua própria casa, pois podia atribuir o fato ao aumento da criminalidade em Londres, e outra muito diferente que tentassem pegá-lo frente à redação do jornal. Enquanto se levantava da neve suja e meio derretida sobre a qual se lançou para evitar o atropelamento, o duque decidiu que tinha chegado o momento de agir e ordenou a seu valete que seguisse Augustin de Veygoux para determinar se estava por trás das tentativas de assassinato. Não temia por sua vida, mas lhe era muito aborrecido ter que sair pela rua defendendo-se e atirando-se no chão, se esquivando de adagas e cascos de cavalo. Além disso, se de Veygoux estava tentando matá-lo, teria a desculpa perfeita para acabar com ele. Em um duelo mataria dois coelhos com uma cajadada: se livraria do infame que tentava assassiná-lo, e Maggie já não teria um noivo.

— E pela conta que te traz, assegure-se de que Maggie não te veja. — advertiu o duque a seu criado — A única maneira de convencê-la de que esse homem é quem tentou me matar é agarrando-o em flagrante. Mas se descobrir que o estamos seguindo, pensará que o estamos importunando e sentirá pena dele.

— Não tema, coronel! — exclamou Peters, erguendo-se — Pode contar comigo para levar a cabo a missão. Não falharei.

Feito isso, o duque voltou para casa, trocou a roupa e rapidamente, ficou um pouco mais apresentável e voltou a sair

imediatamente. Sua primeira parada foi Dorchester, onde encontrou a princesa Usha rodeada de alfaiates e chapeleiros. Aparentemente, a Estrela do Jaipur tinha decidido que os sáris estavam fora de moda, e queria que lhe fizessem um vestido de noiva ao estilo ocidental. Entretanto, lhe estava resultando difícil fazer a encomenda por causa da ausência de seu intérprete, que devia ter se escapulado pouco antes para mandar outra carta ao marajá. Por essa mesma razão, foi extremamente difícil para o duque fazê-la entender seus sentimentos a respeito da notícia daquela manhã no *Times*... ao menos para a princesa, porque os alfaiates lhe entenderam à perfeição, a julgar pelos olhares nervosos que trocavam quando Jeremy saiu pela porta. Não era bom agouro confeccionar um vestido de noiva para um casamento com um noivo tão resistente, e todos os presentes sabiam, à exceção talvez da princesa.

Depois de ter fracassado ao tentar impressionar a Usha com suas expressões de desgosto, Jeremy decidiu concentrar-se na igualmente difícil tarefa de encontrar Maggie e reparar as feridas que a notícia pudesse ter lhe causado. Sua esperança de que não tivesse lido o jornal naquela manhã se desvaneceram pouco depois do café da manhã, quando tinha ido até seu quarto para lhe dar explicações e Hill abriu a porta.

— Bom dia, excelência. — havia lhe dito a criada com frieza ao recebê-lo — A senhorita Margaret já saiu para sua primeira entrevista. Por certo, felicito-lhe. Espero que você e a princesa sejam muito felizes. Estou certa de que seus tios devem estar encantados...

Jeremy sabia, sem sombra de dúvida, que seus tios não estariam encantados, mas justamente o contrário. Oh, supunha que se a amasse de verdade, a teriam aceitado de boa vontade... ao menos até que a princesa se distanciasse deles por causa de seu absoluto e total desprezo pelos sentimentos dos outros; isso acabaria ofendendo a qualquer um.

O interrogatório à obstinada Hill tinha sido muito decepcionante. Só tinha conseguido lhe arrancar o endereço do estúdio de sua senhora, e para isso tinha tido que utilizar todos seus recursos. Embora fosse melhor que nada.

Quando chegou ali, o duque ficou petrificado; nunca tinha visto um edifício mais estropiado, à exceção talvez de algumas imitações de arquitetura europeia em Bombaim. Aquilo era tudo Maggie que podia permitir-se? Nesse caso, já tinha outra razão para estar irritado com sir Arthur; seu orgulho obrigava sua filha a alugar uma sala em um edifício inabitável. Não era de estranhar que os apartamentos daquele prédio se converteram em estúdios de artistas; as únicas pessoas que podiam habitar um lugar como esses eram os pintores e escultores, que viviam em seu próprio mundo.

O jovem tinha conseguido arrancar da criada o endereço do estúdio, mas não o piso, nem número, por isso o duque começou a dar voltas pelos compridos e sombrios corredores, procurando pela moça. No ar fluava um forte cheiro de aguarrás, misturado com o do ópio, que o duque reconheceu por uma breve incursão que tinha feito a Burma. Enquanto perambulava pelos vestíbulos e corredores, entreviu muitos artistas pintando mulheres nuas, com modelos robustas de aspecto estranhamente desagradáveis que tiritavam sentadas no assoalho, ou estendidas em posturas bastante toscas sobre sujos divãs. Mesmo assim, alguns dos quadros eram bastante bons. De repente, ao passar frente ao estúdio de um homem que não estava pintando uma mulher, mas um homem nu, Jeremy foi assaltado por uma idéia inquietante. Teria Maggie pintado a algum homem nu? Nesse caso, talvez ele não tivesse sido o primeiro a quem a moça tinha visto sem roupa...

A imagem de Margaret em companhia de um homem nu que não fosse ele o fez sentir-se muito incomodado, e aumentou seu desejo de encontrá-la logo. Momentos depois enfiou a cabeça pela porta entreaberta de um estúdio no terceiro andar e perguntou a um jovem que limpava calmamente os pincéis em uma bacia cheia a ponto de transbordar.

— Desculpe-me, poderia me dizer onde encontrar a senhorita Herbert?

O pintor levou um susto, voltou-se para olhar o visitante e tirou da boca a pipa de ópio.

— Refere-se à Maggie? — perguntou com uma voz surpreendentemente aguda.

— Sim. — respondeu Jeremy. Acaso a moça se relacionava com todos esses homens? Quando se tornasse duquesa de Rawlings, teria que pôr fim aquele excesso de confiança — Qual é seu estúdio?

— Sexto andar, porta esquerda. — foi a lacônica resposta — Mas não te incomode em lhe pedir que pose para você. Nem ela nem essa puta francesa, não tiram nem o casaco. Acredite em mim, já tentei. — levou a pipa aos lábios e aspirou com frouxidão — Todos o pedimos.

Jeremy pigarreou.

— De acordo. Obrigado, de qualquer modo.

— Entretanto, vá se gosta de tomar algo de vinho, — acrescentou o jovem quando o duque estava a ponto de partir— as mulheres que pintam são todas iguais; não tiram a roupa, mas são generosas com o álcool. — continuou, olhando com ar taciturno a tela que descansava sobre um cavalete no centro do estúdio — Claro que elas podem pintar-lhe. Todo mundo quer que lhe pintem um retrato, mas quase ninguém compra um quadro das portas da prisão de Newgate.

O jovem Rawlings desviou o olhar da deprimente tinta.

— Sim. Boa tarde. — se despediu com pressa antes que o pintor pudesse lhe mostrar outra de suas obras de arte.

Depois de subir três lances de ruinosa escadaria, Jeremy ouviu a doce voz de Maggie ao final do corredor. Não entendia o que dizia, nem estava seguro de com quem falava, mas o coração se acelerou de alegria, e todo o resto deixou de importar. Por fim tinha encontrado Maggie.

E, com passo firme, transpassou a porta aberta do estúdio.

CAPÍTULO 26

Maggie o olhou, incrédula. Partiu do número vinte e dois de Park Lane pensando que, se alguma vez voltasse a ver Jeremy, não seria tão cedo. Assim, vê-lo entrar tranquilamente em seu estúdio lhe causou uma impressão da qual lhe ia custar recuperar-se.

Não era que o duque tivesse mau aspecto. Absolutamente. Estava vestido com traje formal; não com uniforme de gala, mas com um traje de noite na moda. Vestia um casaco negro forrado de pele de castor sobre uma jaqueta e umas calças também pretas de corte impecável, camisa branca e colete, e um lenço no pescoço. Tinha os sapatos lustrados, e as luvas brancas, impecáveis. Segurava uma cartola na mão e parecia que tinha tentado pentear-se, embora estivesse claro que nem o melhor cabeleireiro poderia controlar seus cachos. Apesar disso, pareceu a Maggie incrivelmente bonito.

A moça olhou furtivamente para Berangère, que, a julgar pela expressão de admiração com que observava o duque, devia estar pensando o mesmo.

— Oh, aqui está. — disse com indiferença, como se acabassem de encontrar-se na rua — Posso entrar?

— Ah, estou, olá. — gaguejou Maggie, desviando o olhar de sua amiga ao duque. O que lhe ocorria? Supunha-se que estava zangada com ele, muito zangada! Tinha lhe roubado a virgindade... em realidade, não podia negar que ela a tinha entregado, mas acreditou que tampouco teria que discutir por essas minúcias. Fosse como fosse, aí estava ela, se levantando apressadamente do sofá e arrumando a saia. Quando se deu conta de que levava o blusão de pintar sobre o vestido, apressou-se a desatá-lo. Enquanto isso pensava: “Este homem te enganou. Fez isso de forma traiçoeira e premeditada. Não deve se mostrar amável com ele.”

— Gostaria de tomar algo? — balbuciou pondo todo seu empenho em soar indiferente como ele — Um pouco de vinho, talvez?

— Eu adoraria, muito obrigado. — respondeu Jeremy. Mas o duque já não a olhava. Depois de entrar no amplo estúdio de teto alto, começou a observar com curiosidade as pinturas sem terminar

que estavam apoiadas nas paredes, as prateleiras de madeira com obras terminadas, o acolhedor fogo que crepitava na lareira, a bacia para limpar o equipamento cujas bordas estavam manchadas de tinta e, sobretudo, a jovem loira que, com atitude felina, estava recostada no sofá diante da janela.

— Olá. — disse a Berangère.

A moça sorriu com expressão sedutora.

— Olá. Você deve ser Jerry. — respondeu, fazendo vibrar os erres com sensualidade, apesar do olhar de advertência de sua amiga.

— Sou sim. — respondeu o duque — E você, quem é?

— Chama-se Berangère Jacquard, — interveio Maggie com um tom mais áspero de que teria querido — e estava a ponto de sair. — Tanto Jeremy como Berangère se voltaram para olhá-la, pestanejando, assim à moça não ficou outro remédio que encarregar-se das apresentações — Excelência permita-me que o apresente à mademoiselle Jacquard. Mademoiselle Jacquard, sua excelência, Jeremy, duque de Rawlings.

A pintora estendeu a esbelta mão ao duque.

— *Je suis enchantée.* — murmurou em um arrulho.

— O prazer é meu. — disse Jeremy enquanto segurava a mão estendida e a levava aos lábios.

Maggie se deu conta de que, com cavalheiresca galanteria, deu um beijo no ar a poucos centímetros da mão da moça. Entretanto, não a soltou em seguida, mas sim pareceu estudá-la.

— Está posando para um retrato, mademoiselle Jacquard?

— *Moi?* — riu a jovem com voz aveludada — *Non, non...*

— Berangère era uma de minhas companheiras de classe na academia de Paris. — interveio Maggie imediatamente — E, como eu, veio a Londres para tentar a sorte pintando retratos. Tem um estúdio alugado do outro lado do vestíbulo. De fato, estava a ponto de voltar para o trabalho, não é, Berangère?

Durante todo esse tempo, a jovem Jacquard não tinha afastado o olhar do rosto de Jeremy, e não tinha lhe soltado a mão.

— *II est superbe, princesse.* — disse a sua amiga — *Un duc diabolique. Vous êtes une vraie imbécile.*

Maggie fechou os olhos e deu graças a Deus intimamente de que seu amante não falasse nenhuma palavra de francês.

— Perguntei-lhe se tinha estado posando para um retrato, mademoiselle Jacquard, porque não vejo que tenha restos de tinta nos dedos. — o duque continuou examinando a mão da pintora com ar pensativo — Maggie sempre as tem manchadas.

— Ah, — exclamou Berangère — é que, diferente de *Marguerethe*, uso luvas para pintar. As substâncias com as quais trabalhamos como o aguarrás ou o óleo de linhaça, são muito agressivas para a delicada pele das mulheres. E eu quero manter as mãos o mais suaves possível.

Que idiotice era aquela? Maggie tirou o blusão de pintar. Ela estava de coração partido, e esses dois conversando sobre a pele das mãos de Berangère! Tinha que pôr fim àquela conversa imediatamente.

— O que o traz pela Chelsea, excelência? — inquiriu enquanto enrolava o blusão e o atirava com displicência a um canto, antes de se aproximar da mesa onde guardava o vinho para servir uma taça a Jeremy.

O duque se endireitou e pegou a taça com uma mão enquanto balançava o chapéu com a outra.

— Pensei que poderia passar por aqui para te perguntar quais são seus planos para esta noite. Tenho duas entradas para o balé, e pensei que poderíamos ir jantar...

— Para o balé? — repetiu Berangère, endireitando-se.

Jeremy a olhou por cima do ombro; era evidente que não entendia mademoiselle Jacquard, nem tampouco sua amizade com Maggie.

— Sim. — respondeu voltando a atenção para Maggie — O balé. E antes, ou depois, poderíamos ir jantar.

A jovem francesa se recostou no sofá de modo que podia olhar o duque sem que a visse.

— *Je l'adore!* — sussurrou sua amiga com descaramento.

Maggie, consciente de que comparada com ela devia parecer um completo desastre, com as mãos e a testa, embora não soubesse,

manchadas de tinta, e um vestido de lã um tanto opaco, decidiu que tinha chegado o momento de deixar de fazer o papel de anfitriã.

— Não acredito que seja apropriado, excelência, que se deixe ver acompanhado de outra mulher que não seja sua noiva. — Ihe espetou com aspereza.

Jeremy tomou um gole de vinho.

— Oh. — respondeu com exasperante naturalidade — Não se preocupe por isso. Já me encarreguei desse pequeno detalhe.

— Pequeno detalhe! — repetiu Maggie com incredulidade. Do sofá, Berangère voltava a cabeça de um para o outro como se estivesse no teatro — Jerry, esse pequeno detalhe é a futura duquesa de Rawlings!

— Não. — negou o duque — Não é.

— Ah, não? — Maggie se sentia a ponto de explodir. Como se atrevia a negar o que ela e todos os outros leitores do jornal mais famoso do mundo tinham lido aquela manhã? — Pois será melhor que o diga aos redatores do *Times*, porque, diferente de mim, eles não acreditaram na sua ridícula desculpa de que a Estrela do Jaipur não é uma mulher, mas uma pedra.

— Eu gosto desta parte. — comentou Berangère do sofá — Refiro-me à parte da pedra bruta. Acho muito criativa.

— Não é criativa. — resmungou o jovem — É a verdade. E não é uma pedra bruta, é uma safira. De vinte e quatro quilates, para ser exatos.

— Disse vinte e quatro quilates? — exclamou a jovem francesa, endireitando-se— Vinte e quatro?

— Vamos não me venha com histórias. — Ihe espetou Maggie com as mãos nos quadris — A Estrela do Jaipur mede pelo menos um metro e meio e pesa uns quarenta e cinco quilos, tem os olhos escuros, pés muito pequenos e um intérprete pessoal, que é o que sem dúvida eu precisaria, pois sem saber muito bem como, converti-me na amante do homem com quem vai casar se.

— Você não é minha amante. — resmungou o duque, que fazia evidentes esforços para manter a calma— Nem tampouco vou casar-me com ela.

Maggie revirou os olhos.

— Entendo. Suponho que acontecem tão poucas coisas no mundo que aos redatores do *Times* não fica mais remédio que inventar histórias para entreter seus leitores...

— Eu não disse que inventaram. — interrompeu o jovem — Só disse que a informação está incorreta. Além disso, já falei com os responsáveis, e se retratarão do publicado na edição de amanhã.

— Oh, claro que sim. — replicou a moça com sarcasmo — E safiras de vinte e quatro quilates também cairão do céu.

— Vem alguém. — disse Berangère de repente, levantando-se do sofá.

Jeremy ignorou seu comentário.

— De verdade pensa que tenho intenção de torná-la minha amante? — perguntou com evidente tom ferido, e em voz bem mais baixa.

Maggie desviou o olhar de seu rosto. Se alguém lhe tivesse formulado a mesma pergunta meia hora antes, teria respondido com um sonoro sim. Mas naquele momento, olhando o sério rosto do duque e sua expressão quase desesperada, lembrou-se das horas que tinham passado juntos, do modo em que a abraçava, e não pôde evitar pensar que...

— Augustin! — exclamou Berangère em um tom de entusiasmado alvoroço, levantando-se de um salto do sofá.

Maggie se voltou; de repente, zuniam-lhe os ouvidos. Não era possível. Aquilo não podia estar acontecendo.

Mas estava. Augustin estava de pé na soleira da porta, com a cartola e a bengala em uma mão e um grande ramo de rosas brancas na outra. Por estar discutindo com Jeremy, a moça não tinha ouvido seus passos no corredor.

— Boa tarde. — disse de Veygoux com um tom levemente doído. Não era de estranhar que se sentisse ofendido, pensou Maggie ao desviar a vista do colete de seu noivo, que também ia vestido formalmente. Ao olhá-lo no rosto, a moça mal pôde suprimir um grito ao ver os hematomas ao redor de ambos os olhos, e o inchaço do nariz aquilino. Levava algodões tingidos de sangue nos orifícios nasais, e depois de subir seis lances de escada, respirava com dificuldade.

E aquele era o homem a quem Jeremy acusava de tentar matá-lo! Era evidente que aquele jovem quase inválido estava tão dolorido que teria sido incapaz de brandir uma adaga mesmo que quisesse. Oh, não é que culpasse o duque por suspeitar dele, mas a idéia era absurda. Não era seu noivo quem tinha tentado matá-lo, ele não era capaz de algo semelhante...

Pobre Augustin! Que mal tinha feito a ele! Então a moça se deu conta de que não podia olhá-lo nos olhos. O que ia fazer?

Tão cavalheiresco como sempre, de Veygoux entrou no estúdio e, com uma inclinação de cabeça, estendeu à sua noiva o ramo de rosas.

— Para ti, *ma chérie*. — disse, e a Maggie não passou inadvertido o olhar furtivo que dirigiu a Jeremy, como se o desafiasse a lhe contradizer — Minhas desculpas pelo ocorrido ontem à noite. Lamento que tivéssemos que interromper a maravilhosa festa por aquele... desafortunado incidente.

A moça pegou o lindo ramalhete e agradeceu intimamente que a florista tivesse se preocupado em tirar os espinhos dos caules, embora soubesse que sua espantosa traição merecia pior castigo que algumas espetadas. Oh, Deus, como iria contar-lhe isso? Sabia que aquilo iria feri-lo muito.

— Então... — começou, com um arrependimento tão profundo que quase lhe dava náuseas. Entretanto, esperava que não se notasse muito. O diria mais tarde, disse-se a si mesma, quando estivessem sozinhos — Muito obrigada. Não tinha por que fazê-lo. Sou eu quem deveria me desculpar...

— Não. — interveio Jeremy com sua voz grave e calma. Maggie lhe lançou um olhar de advertência, temendo que repetisse a desastrosa cena da noite anterior. Entretanto, o duque continuou falando com um tom de extraordinária cortesia — Sou eu quem deveria desculpar-se. Comportei-me de forma vergonhosa com você, senhor de Veygoux. Quero lhe apresentar minhas mais sinceras desculpas. — terminou enquanto estendia a mão com serenidade.

Augustin não foi o único que o olhou com incredulidade. Tanto Maggie como Berangère, depois de trocarem um olhar fugaz, voltaram-se também para ele, perplexas. "Que demônios pretende"?

Pensou Maggie, aflita. Acaso a malária tinha lhe prejudicado os miolos? Era possível que quisesse ganhar a amizade de seu noivo? Mas por quê?

De Veygoux foi o primeiro a recuperar-se, inclinou-se para frente e estreitou a mão enluvada do duque. Nenhum dos dois homens deixou entrever seus sentimentos, mas Maggie supôs que guardavam rancor.

— Aceito suas desculpas, excelência. — disse o comerciante com cordialidade — Devo lhe dizer que me alegra que se mostre tão protetor com mademoiselle *Marguerethe*. Suponho que está ciente de que ninguém de sua família a apoia, assim é bom saber que ao menos há alguém que cuida dela.

— Entretanto, acredito que ontem fui muito longe. — respondeu Jeremy com aspereza enquanto lhe soltava a mão, ruborizado pelas palavras do francês — Maggie sempre foi... como uma irmã para mim. E bem, eu só quero que seja feliz.

— Eu também, excelência. — assentiu o jovem levando um braço ao redor dos ombros de sua noiva e lhe dando um apertão. Olhando-a com adoração, repetiu — Eu também.

Margaret forçou um sorriso. Oh, Deus, aquilo ia ser terrível.

— E bem? — disse de repente de Veygoux, com um tom de voz excessivamente alegre para o ambiente que reinava no estúdio — O que lhe traz por aqui, excelência? Queria ver a artista trabalhando? Aqui há coisas maravilhosas. Veio em um bom momento, amanhã os empacotarão para levá-los à Bond Street. Sabia que no sábado inauguramos uma exposição de suas obras em minha galeria? Virá à inauguração, não é?

— É obvio. — respondeu o duque, olhando Maggie, que fazia gestos com a cabeça desesperada para que recusasse o convite — Não perderia isso por nada.

— Ótimo. — exclamou o comerciante — Não tenho a menor dúvida de que vai ser um êxito estrondoso. Não me surpreenderia que lhe pedissem que expusesse na Real Academia das Artes no próximo mês de maio. Não me surpreenderia absolutamente. Nem tampouco estranharia que recebesse uma encomenda da própria rainha. Esta garota é excepcional.

— Certamente é. — afirmou o duque, sem tirar os olhos de Maggie.

De repente, Augustin pareceu dar-se conta da direção do olhar de Jeremy, e de que seu descaramento tinha ruborizado sua noiva.

— Veio ver as pinturas de *Marguerethe*, não é, excelência? — perguntou com aspereza.

O coração da moça acelerou-se ao ver a expressão de Jeremy, quase de diabólica complacência. “Oh, Meu deus — pensou aterrada — Vai dizer a ele.” Ela desejava que seu noivo soubesse o que tinha acontecido, mas não queria que se inteirasse daquele modo.

— De fato. — começou o duque — Vim...

— Sua excelência veio para ver-me. — Berangère, que tinha se levantado do sofá de repente, interrompeu-lhe a frase pela metade — Por que me olham tão surpresos? — exclamou rindo, ao ver que todos, inclusive Jeremy, voltavam-se para ela, incrédulos. A jovem meneou a cabeça e os cachos dourados lhe caíram com graça sobre a testa; foi colocar-se junto a ele e lhe pegou do braço com ambas as mãos. Era tão pequena que, comparada ao duque, tão alto, atlético e corpulento, parecia uma boneca. Maggie não pôde evitar pensar no casal que faria com a princesa Usha, e sentiu como se lhe atravessassem o coração com uma faca — Vai me levar para jantar. Os duques também comem, sabem? Igual aos outros mortais.

Augustin sorriu, manifestamente satisfeito com o rumo que tinham tomado os acontecimentos.

— Que coincidência. — exclamou — *Marguerethe* e eu também vamos jantar. — e, ao ver o olhar confuso de sua noiva, acrescentou com tom ferido — Não esqueceu, verdade? Prometemos a lorde e lady Mitchell que jantaríamos com eles. E se não queremos chegar tarde, será melhor que te acompanhe até em casa para se trocar, *chérie*. Meu coche está nos esperando abaixo. Está preparada?

Maggie começou a sentir as pontadas de um princípio de dor de cabeça atrás do olho direito.

— Sim, claro. — respondeu, evitando o olhar de Jeremy — Só me deixe pegar o casaco.

“Por favor — começou a rezar a moça intimamente — Meu Deus, não permita que diga nada a Augustin. Por favor, não deixe que diga

nada como 'Veremo-nos em casa, verdade, Mag?' Quero contar o ocorrido a Augustin à minha maneira, no momento oportuno."

— Então, boa noite. — disse o jovem Rawlings apartando-se para deixá-los passar.

— *Bonsoir.* — respondeu de Veygoux, agarrando Maggie pelo cotovelo e conduzindo-a para a porta.

— Boa noite. — murmurou ela, com voz tão baixa que duvidou que o duque a tivesse escutado.

Quando estavam a ponto de chegar à escada e Maggie acreditava que já estavam a salvo, ouviu a voz de Jeremy, que dizia:

— Oh, por certo. — a moça ficou paralisada, com uma mão na balaustrada e um pé no primeiro degrau — Nos veremos em casa, verdade, Mag?

CAPÍTULO 27

— Está fazendo tudo errado. — comentou Berangére enquanto cortava e comia outro camarão.

Do outro lado da mesa, Jeremy estava sentado com o queixo apoiado na mão, e com o cotovelo junto à terrina na qual a jovem francesa deixava a carapaça dos crustáceos que devorava com invejável apetite. Dentre as coisas que levaram para jantar, o duque não tinha podido ingerir nada mais que duas doses de uísques. Berangére, ao contrário, tinha engolido uma dúzia de ostras, uma terrina inteira de caviar, e iniciava seu segundo prato de frutos do mar.

— Não tenho dúvida de que estou fazendo algo errado. — assentiu o jovem com amargura — Estou sentado em um restaurante que não suporto, com uma mulher a quem nem sequer conheço, e gastei uma fortuna em duas entradas para o balé que não vou utilizar. Enquanto isso, a mulher a quem amo está Deus sabe onde com um homem que está tentando me assassinar. Sim, tenho a impressão de que estou fazendo algo errado, com certeza.

Com sua graça habitual, Berangére terminou de mastigar, engoliu e pegou a taça de champanha.

— É uma pena que desperdice as entradas, — disse depois de esvaziar o conteúdo da taça — depois do que fez para consegui-las. As entradas para este balé se esgotaram há semanas. Onde as comprou?

Jeremy encolheu os ombros.

— Paguei uma fortuna a um revendedor de rua.

A moça ficou olhando e soltou um carinhoso "*imbécile*".

— Como diz? — perguntou o duque, pestanejando.

— Já me ouviu. Gastou uma fortuna em duas entradas, e *Marguerethe* nem sequer gosta do balé.

— Ah, não? — inquiriu cético — Eu acreditava que todas as mulheres adoravam.

— *Béte*. — o acusou a jovem francesa enquanto segurava outro camarão — *Marguerethe*, não. Diz que ver essas mulheres dançarem

nas pontas dos pés a faz sentir-se desajeitada como um elefante. — colocou os dedos por debaixo da carapaça, e em um instante tinha entre seus dedos a suave carne — Sempre me encantou a *pompe* do balé. Acredito que teria podido ser uma grande bailarina. Sou muito magra, e tenho os pés muito bonitos. — disse coquete, olhando seu acompanhante — Quer que lhe mostre Jerry?

Jeremy a olhou e pestanejou. Berangére era uma mulher muito bonita, inclusive mais que Maggie, embora não tanto como Usha. Tinha o cabelo dourado, a pele de porcelana, uns impressionantes olhos azuis e uma boca rosada com a forma do arco do Cupido. Aquela noite, a jovem tinha insistido em que parassem em sua casa para que pudesse se trocar para o jantar, e ao vê-la sair da penteadeira com um vestido de noite, o duque se deu conta de que, embora delicada como uma menina, a figura de Berangére não tinha nada de infantil; tinha os seios pequenos, mas arrebitados, a cintura estreita e umas nádegas bem definidas que um mirinhaque de rosas de seda fazia ainda mais atraente. Em qualquer outra circunstância, o duque teria saltado da cadeira ante o convite de olhar os pés de uma mulher como Berangére Jacquard.

Entretanto, naquele momento, tinha tanta vontade de fazê-lo como de assistir ao balé.

A jovem francesa não se mostrou absolutamente ofendida por seu desinteresse. De fato, pareceu encantada.

— Ah. — disse mordiscando o camarão que acabava de cortar — Parece-me ótimo.

O duque ficou olhando com expressão triste. A orquestra tinha começado a tocar uma polca e, no cenário, as bailarinas levantavam os calcanhares e agitavam as saias, mostrando as ligas de veludo negro.

Não sabia se era pelo uísque, o ruído, ou pelo fato de que Maggie estivesse em algum lugar de Londres com outro homem, mas começava a lhe doer a cabeça.

— O que disse?

— Que me parece muito bem. — repetiu Berangére — Por *Marguerethe*.

— Me alegro de que te pareça bem. — respondeu o duque rindo com amargura — O problema é que Maggie não parece pensar o mesmo.

— Esse não é o problema.

Jeremy soprou.

— O problema é esse francesinho.

— Não, esse tampouco é o problema. — replicou a garota com o cenho franzido.

— Não vai me dizer agora que o problema é Usha. — disse o duque pondo os olhos em branco.

— Não. O problema é *Marguerethe*.

— Maggie? — inquiriu olhando a jovem francesa com curiosidade

— A que te refere?

Então foi Berangère quem revirou os olhos.

— *Mon Dieu!* Pense um pouco, Jerry.

— Pensar não é meu forte. — respondeu ele com franqueza — Me dou muito melhor em destroçar coisas com as mãos.

Ela ficou olhando as mãos grandes e bronzeadas que seguravam o copo de uísque e pigarreou incomodada.

— Sim, já notei. Mas estamos falando de amor, e não de abafar uma rebelião. Para seduzir *Marguerethe* é necessário *finesse*, não murros.

— Me ajudaria a conquistar Maggie? — perguntou ele com receio.

A jovem pareceu surpreendida.

— Ela é minha amiga. — repôs, indignada.

— Sério? — inquiriu Jeremy com ceticismo — Mas se nem sequer a chama por seu verdadeiro nome.

— *Non.* — objetou a moça com certeza — É você quem não a chama por seu verdadeiro nome. Ela se chama *Marguerethe*, e não esse horrível som gutural de Maggie. — argumentou, encolhendo os ombros — Ah! Nunca entendi como é possível que os ingleses escolham nomes tão bonitos para logo danificá-los...

— Está bem. — o duque a interrompeu antes que pudesse começar outro discurso a respeito da superioridade da cultura francesa em relação à inglesa. Durante aquela noite já tinha tido que

suportar vários desses sermões — De acordo. Dizia que Maggie é sua amiga.

— Sim. E eu quero que minhas amigas sejam felizes. — começou a moça encolhendo graciosamente os ombros — Especialmente ela. É a garota mais doce e boa que já conheci. — explicou enquanto se lançava de forma irritante sobre outro camarão — Sua família a tratou de uma maneira horrível. Às vezes entrava em seu estúdio e a encontrava chorando, chorando, diante do cavalete. E tudo pelo modo como seu pai e essas irmãs dela a tratavam, ora! Abandonaram-na, quando poderia ser tão feliz, agora que vê reconhecido seu talento — Berangére elevou o olhar e o fixou nos olhos de seu acompanhante — Eu gostaria de vê-la feliz. E se para sê-lo precisa de você, farei o que estiver ao meu alcance para que a consiga... embora isso signifique conspirar contra ela.

Jeremy tirou o chapéu pestanejando de novo, olhando perplexo a jovem francesa. A veemência com a que se expressou lhe lembrava um pouco a de sua tia... entretanto, sabia que Pegeen nunca se ofereceu para mostrar os pés a ninguém em um restaurante.

— De acordo. O que sugere, então?

A primeira sugestão de Berangére foi pedir outra garrafa de champanha, pois sua taça estava vazia. A seguinte, que devia convencer à família Herbert de que aceitassem a decisão de Maggie de se dedicar profissionalmente à pintura de retratos.

— E, como supõe que devo fazer isso? — inquiriu o jovem, resistente.

A moça sorriu enquanto o garçom lhe servia mais champanha.

— E eu é que sei! — exclamou quando este se retirou — É duque. Não pode ordenar que o façam?

— É obvio que não. — replicou Jeremy. Berangére pareceu surpresa.

— Então que graça tem ser duque se não pode obrigar as pessoas a fazerem o que quer?

— Nenhuma. Isso é o que intento fazer as pessoas entenderem. Tudo isso é uma mentira.

— Hum. — a jovem francesa deu uns tapinhas impacientes na base de sua taça de champanha — Pois isso não pode ser.

Marguerethe precisa de sua aprovação, entende? Diferente de mim, lhe importa muito o que sua família pensa. O fato de que não lhe dirijam a palavra a machucou muito. Eu acredito que se agarra a Augustin porque é a única pessoa que esteve ao seu lado quando seu pai deu esse... Como se diz? Ah, sim, ultimato. Por isso, se conseguir fazê-los mudar de opinião, conseguiria transferir esse agradecimento do Augustin para você.

— Por quê?

Berangère elevou o olhar ao céu.

— *Stupide!* Porque para que deixe de sentir-se em dívida com o Augustin, tem que sentir-se em dívida com outra pessoa. Se você conseguisse lhe devolver o amor de sua família, se daria conta do grande favor que lhe fez, e iria querer oferecer algo em troca.

— De acordo. — assentiu o duque — O farei. — ainda não sabia como, mas teria que fazê-lo. Faria o que fosse, o que fosse — Alguma outra idéia?

Berangère tomou o resto da taça e a deixou na mesa.

— *Oui.* Tem que lhe propor casamento. Estou certa de que é o que uma garota como *Marguerethe* gostaria, sobretudo depois de ter feito amor pela primeira vez. — a moça ficou olhando o duque com cumplicidade — As jovens inglesas são muito antiquadas.

Jeremy arqueou uma sobrancelha. Maggie havia contado que tinham feito amor? Deus santo, não tinha nem idéia de que as mulheres falassem dessas coisas.

Acaso não tinha lhe pedido casamento aquela manhã? Depois de refletir uns instantes, deu-se conta de que talvez não. Resultava-lhe difícil lembrar-se. Fizeram amor meia dúzia de vezes, e então...

Não, não tinha pedido. Que descuido! Não estranhava que estivesse tão zangada.

— Feito. — disse olhando a jovem francesa — E agora, posso te perguntar algo?

— É obvio. — respondeu Berangère com uma majestosa inclinação de cabeça.

— Qual é a verdadeira razão que a leva a me ajudar? — disse olhando-a fixamente — Não é porque assim poderia dizer a todo mundo que é amiga da duquesa de Rawlings?

— É obvio. — sorriu a jovem francesa.

Jeremy também sorriu.

— Suponho que ser duque também tem suas vantagens.

— Oh, certamente que sim, Jerry. — assentiu a moça com gravidade — Certamente que sim.

CAPÍTULO 28

Quando Maggie chegou a Park Lane, estava cansada e com dor de cabeça. Foi um verdadeiro alívio entrar em seu quarto e fechar a porta, embora estranhasse não haver se encontrado com Jeremy na escada. Não tinha se atrevido a perguntar a Evers se sua excelência estava em casa, pois não queria chamar a atenção sobre o fato de que provavelmente voltariam a passar a noite a sós na mesma casa.

Entretanto, depois da desagradável cena em seu estúdio, era possível que Jeremy tivesse encontrado outro lugar onde dormir. Com a princesa, por exemplo.

Maggie tentou com todas suas forças deixar de pensar nisso, não era assunto dela. Por ela, tanto fazia se dormia aos pés da cama de Usha. Tudo que queria era ir para a cama, sozinha. Mas antes tinha de tirar todas essas forquilhas que Hill tinha colocado para tentar controlar sua cabeleira de escuros cachos e escovar o cabelo, doía-lhe o couro cabeludo.

— Hill? — chamou ao entrar em seu quarto. Alguém tinha acendido a lareira e tinha preparado a cama, mas não havia nem rastro de sua camareira. Jerry, o cão, saltou de entre os travesseiros da cama e se aproximou de sua dona, ladrando com entusiasmo.

— *Bonsoir*, Jerry. — disse a moça enquanto o levantava do chão e lhe arranhava as orelhas — *Ça va?* Hill já o levou para passear? — pelo modo em que o animal tinha jogado a cabeça para trás enquanto o acariciava, era evidente que não tinha vontade de sair — Já vi que sim. E onde está agora, em? Deve estar lá embaixo, de bate-papo.

Maggie se aproximou da campainha que havia ao lado da cama e puxou a corda uma só vez. Então se sentou na penteadeira, colocou Jerry no colo e começou a retirar as luvas, compridas até os cotovelos. Pensou que talvez fosse melhor se arranjar sem a criada, não queria ter que suportar outro discurso a respeito de quão inapropriado era permanecer naquela casa sem lorde e lady Edward. Ao chegar e perguntar a Evers, este tinha confirmado que os senhores continuavam em Yorkshire e, a julgar pelo modo em que

tinha desviado o olhar ao pegar o casaco da jovem, era evidente que o mordomo desaprovava aquela situação tanto quanto Hill.

Outra noite sem companhia, pensou Maggie taciturna. Outra mancha em seu bom nome, um final digno de um horrível dia como aquele.

Maggie franziu o cenho enquanto deixava as luvas e começava a tirar as jóias. Tinha sido uma noite horrível. O que tinha começado com um espantoso desconforto havia terminado sendo simplesmente espantoso. Augustin decidido a demonstrar que, embora o duque lhe tivesse machucado o nariz, não tinha lhe ferido o ânimo, tinha insistido em levá-la de um local a outro depois de jantar, sem levar em conta nem suas dificuldades para respirar, devido aos algodões que lhe tampavam o nariz, nem o cansaço de sua noiva. A moça nem sequer se incomodou em fingir que estava gostando, embora aquilo não parecesse importar a de Veygoux; tinha decidido tratá-la atenciosamente, e estava resolvido a fazê-lo. Era como um homem possuído pelo demônio.

E Maggie sabia muito bem que esse demônio era Jeremy Rawlings.

A jovem entendia Augustin, e não lhe culpava pelo que tinha querido fazer. Compreendia seus sentimentos... ou ao menos acreditava que sim. Devia ser humilhante para um homem receber um murro na presença de sua noiva. Além disso, não tinha podido lhe devolver o golpe, pois o duque o tinha derrubado no primeiro. Se por acaso isso fosse pouco, no dia seguinte Jeremy tinha lhe pedido desculpas, por isso de Veygoux nem sequer tinha podido lhe desafiar; embora tampouco pudesse sobreviver a tal duelo. Fosse qual fosse a arma que tivesse escolhido, a pistola, a espada ou o corpo a corpo, o duque de Rawlings teria acabado com ele sem nenhuma dificuldade.

Pobre Augustin. Nem sequer sabia que tinha sido derrotado em outra área... E em nenhum momento durante toda a noite Maggie tinha tido a intenção de dizer-lhe. Ou, talvez aquilo não fosse totalmente verdade, mas não tinha encontrado o momento oportuno... se é que havia um momento oportuno para confessar ao

homem de quem estava noiva que tinha perdido a virgindade com outro.

Aquela noite, o jovem francês parecia estar de muito bom humor, e não parava de falar com entusiasmo sobre a exposição do sábado e os planos para sua futura carreira de pintora. Essa conversação evitou que Maggie tivesse que responder perguntas embaraçosas sobre o comentário de Jeremy quando tinham saído do estúdio. Se a tivesse interrogado, ela tinha decidido lhe assegurar, sem se importar que fosse verdade, que a tia do duque tinha retornado de Yorkshire, por isso não havia nenhum inconveniente para que dormisse em Park Lane. Entretanto, a cegueira de seu noivo ante o que ocorria diante de seu nariz quebrado não deixava de ser estranha. Era possível que de Veygoux não estivesse tão apaixonado por ela como tinha acreditado? Havia alguma possibilidade de que sua relação acabasse em uma boa amizade?

Não, deixar Augustin sem ferir seus sentimentos era pedir muito. Essas coisas não aconteciam; não choviam safiras de vinte e quatro quilates, os duques não deixavam uma princesa por uma pintora, e as moças não podiam abandonar seus noivos sem lhes partir o coração.

Ao pensar naquilo, lhe ocorreu que Jeremy devia estar com a princesa. O duque não era o tipo de homem que passa a noite sozinho. Assim, se não estava com ela, com quem ia estar? Depois que se mostrou desagradável com ele em seu estúdio, como ia querer passar a noite com ela? Não havia dúvida de que Maggie não tinha feito nada para dar a entender que seria bem-vindo em sua cama.

E, é obvio, não o era. E ia demonstrar. No dia seguinte, pediria um empréstimo a Augustin que poderia lhe devolver depois da exposição, e se mudaria para um hotel. Para o Dorchester não, é obvio. Seguramente seu noivo poderia lhe dar referência de um hotel decente; assim não teria que voltar a pensar em damas de companhia e princesas. Viveria por sua conta, como quando estava em Paris. Diria ao duque que, por ela, podia ficar com sua bonita princesa. Seria melhor assim. Muito melhor.

Entretanto, sentiria falta dele. A jovem esboçou um sorriso ao lembrar-se da surpresa que levou aquela manhã ao despertar nos braços de Jeremy... ou melhor, dizendo, com Jeremy dentro dela! Tinha-lhe parecido escandaloso, mas também maravilhoso. Como seria despertar cada manhã a seu lado, sentindo seu doce fôlego no cabelo? Valeria a pena? Perguntou-se enquanto desabotoava o corpete de cetim rosa. Despertar cada manhã entre os braços de Jeremy compensaria os inconvenientes de ser duquesa? Não estava certa.

Maggie deixou os brincos no suporte de cristal da penteadeira e se levantou. Depois de desabotoar os colchetes das costas, tirou o vestido, deixou-o cair no chão e começou a desamarrar a cintura do mirinhaque. Talvez Jeremy tivesse razão. Possivelmente pudesse ser duquesa e continuar pintando. Afinal, inclusive a rainha o fazia de vez em quando. Não organizava exposições, mas sempre encontrava tempo para pintar.

Não é que isso mudasse as coisas, pois o duque não tinha lhe pedido que se casasse com ele. Em nenhuma de suas conversas, nem antes nem depois de fazerem amor, tinha mencionado casamento. Oh, tinha lhe assegurado que não se casaria com a Estrela do Jaipur, mas não havia dito que queria casar-se com ela.

Vestida só com a calça e o espartilho, Maggie voltou a sentar-se em frente à penteadeira e ficou olhando sua imagem no espelho, enquanto tirava as forquilhas do cabelo. Como podia ter se enganado tanto com ele? Justamente ela, que o conhecia tão bem. Teria sucumbido a seu charme? Não tinha dúvida de que, apesar da cor amarelada da pele, sequela da malária, e o nariz um pouco torcido, era muito bonito. Na realidade, parecia à moça mais bonito que cinco anos antes. Embora, é obvio, cinco anos antes não tivesse tido o privilégio de vê-lo nu. Depois de sua noite juntos, sua opinião sobre o aspecto do jovem tinha melhorado multiplicando-se por mil. Inclusive enquanto dormia, seus bíceps eram impressionantes, e as linhas abdominais se marcavam no abdômen plano. A moça ruborizou só de pensar na esteira de pelo negro que descia até o meio das pernas. Não, não tinha a menor dúvida; em questão de físico, Jeremy era quase perfeito.

De fato, também era quase perfeito intelectualmente, e compensava o que lhe faltava de formação com sua vivaz inteligência. Além disso, era divertido, frequentemente a fazia rir, inclusive quando estava a ponto de chorar, pois gozava de um agudo sarcasmo e um engenho mordaz. Tampouco ninguém podia duvidar de sua valentia, embora possivelmente lhe pudesse acusar de temerário, já que frequentemente descuidava de sua própria segurança. Na noite anterior lhe tinham enfiado uma navalha no ombro, e tinha dado tão pouca importância que uma hora depois estava fazendo amor com paixão.

Se de verdade existia um homem perfeito, era Jeremy, apesar de sua tendência à violência. Maggie não podia culpar à princesa por haver se apaixonado por ele, afinal, tinha lhe ocorrido o mesmo.

Quando Maggie tirou a última forquilha que lhe segurava o penteado, a espessa e brilhante cabeleira lhe caiu sobre os ombros. Com um suspiro, pegou a escova de crina de cavalo e começou a desembaraçar a cabeleira, tentando alisar os cachos. Não era tarefa fácil, e logo lhe cansaram os braços. Aquela semana tinha pintado durante mais de dez horas cada dia para terminar alguns quadros para a exposição do sábado. Havia momentos nos quais lhe doíam tanto os punhos que lhe parecia que não poderia levantá-los, e aquele era um deles. Mal tinha descansado durante as últimas vinte e quatro horas, e sentia que não tinha forças nem para escovar o cabelo. Seria melhor que deixasse que Hill o fizesse na manhã seguinte.

Maggie deixou a escova e ficou sentada em frente a penteadeira com o olhar perdido em seu colo. Esperava que a exposição do sábado fosse um sucesso. Ao menos, assim poderia deixar de preocupar-se com seu futuro financeiro a curto prazo.

Não obstante, o que ia acontecer com seu futuro na área amorosa era outra história.

Enquanto estava ali sentada, ouviu que alguém entrava no quarto.

— Oh, Hill. Poderia desembaraçar meu cabelo? — disse sem levantar a cabeça, certa de que era sua camareira — Esta noite não tenho forças sequer para isso.

Então sentiu que lhe levantavam a massa de cabelo e deixou escapar um suspiro de alívio. Entretanto, em vez dos puxões da escova na nuca, a moça notou a cálida pressão de lábios. Com um grito abafado, levantou o olhar para o espelho, que lhe devolveu o sorridente reflexo de Jeremy.

CAPÍTULO 29

— O que está fazendo aqui? — exclamou Maggie, voltando-se no tamborete estofado de veludo.

Jeremy encolheu os ombros, com um amplo sorriso nos lábios.

— Vivo aqui, lembra-se?

O duque estava atrás dela, com um copo de uísque meio vazio na mão; não usava jaqueta, colete, nem lenço, desabotoou os primeiros três ou quatro botões da camisa e parecia completamente indiferente à explosão de fúria de Margaret. Estava arrebatador. A tênue luz da chama que crepitava na lareira lhe iluminava só meio rosto, mas mesmo assim, a jovem viu o brilho prateado dos olhos ao olhá-la, uma expressão que a fez ter plena consciência de que ela só vestia a roupa íntima. Maggie espiou a espessa mata de pelo negro que lhe cobria o peito através da gola aberta da camisa.

— O que me dizia de seu cabelo?

— Oh! — a moça se levantou com os punhos apertados ao lado do corpo — Acreditava que fosse Hill. O que fez a ela?

— À sua criada? — Jeremy arqueou uma sobrancelha — Nada. Por que sempre pensa o pior, Mag? É um defeito muito feio.

— Quando se trata de você, não posso evitar pensar mal. — ela espetou — E agora me diga onde está Hill.

— Sofreu um pequeno acidente. — respondeu o jovem com expressão sombria.

— Que tipo de acidente? — perguntou Maggie abafando um grito — Como lhe fez mal, canalha...

— Não, não se trata desse tipo de acidente. — respondeu o duque, revirando os brilhantes olhos — Acontece que tomou por acidente uma xícara de chá que era para mim, e agora deve estar dormindo no vestíbulo.

— Oh, entendi. De que maneira, uma xícara de chá que era para você? — A moça suspirou. — E, o que havia nesse chá, se posso saber?

— Nada que lhe possa causar um dano permanente. — assegurou-lhe — Só um pouco de ópio.

— Ópio! — Maggie ficou olhando com a boca aberta, sem poder acreditar no que ouvia — Drogou a minha criada?

Jeremy fez uma careta e lançou um olhar à porta do dormitório.

— Não lhe fará nenhum dano. E não levante a voz, está bem? Não droguei os outros criados. A menos que queira que Evers venha e jogue a porta abaixo, sugiro que...

— Então admite? — Maggie levou as mãos às bochechas — Admite tê-la drogado?

— É obvio que sim.— respondeu-lhe o duque com descuido, como se fosse a coisa mais normal do mundo — Depois do modo como ficou nervosa esta manhã pelo que pudesse dizer Hill sobre você e eu passarmos a noite na mesma casa sem companhia, pareceu-me o mais sensato. De que outra maneira poderia estar a sós contigo esta noite?

— Estar a sós... — Com o olhar fixo em Jerry, a voz da moça foi se apagando. Aquele homem estava louco, a malária devia ter lhe prejudicado os miolos. Estava sozinha em seu quarto com um lunático, que ainda por cima tinha drogado sua criada — Jeremy! — exclamou por fim — Não pode sair por aí drogando as pessoas!

— Por que não? — o jovem começava a cansar-se daquela discussão. Observar Maggie dar voltas pelo quarto em plena explosão de fúria tinha seu atrativo, sobretudo se levasse em conta que só usava o espartilho e a calça, entretanto, havia coisas mais interessantes para fazer, e decidiu que tinha chegado o momento de redirecionar a conversa para um objetivo mais proveitoso — Consegui o que queria: que você e eu voltássemos a estar sozinhos.

E para certificar-se de que continuaria sendo assim, o duque atravessou o quarto em três passos e se deteve diante da porta. Deixou com cuidado o copo de uísque a um lado, inclinou-se para frente e fechou a porta com chave para que ninguém pudesse entrar. Em seguida, olhando Maggie com expressão desafiante por cima do ombro, o duque tirou a chave da fechadura e a colocou no bolso da calça. Só então se ergueu e se voltou com um amplo sorriso que a moça só podia descrever como diabólico.

Un duc diabolique. Berangère não se enganara.

Margaret o olhava como a alguém que perdeu a cabeça. Por um lado, parecia-lhe engraçado que o duque de Rawlings se trancasse em um dormitório com a filha de seu administrador, mas, por outro, tudo aquilo não tinha a menor graça. De fato, só de pensar que estava trancada com ele em seu dormitório, lhe acelerava o pulso.

Não precisava ser um gênio para imaginar o que ia acontecer depois.

Não obstante, isso não significava que tivesse que aceitá-lo. Ao contrário. Quem pensava que era? Não podia sair por aí drogando as criadas e trancando-se no dormitório de uma mulher. Como um herói militar podia comportar-se daquele modo? Se o que tinha planejado era outra noite como a anterior, ia ter uma surpresa, pois Maggie não tinha nenhuma intenção de voltar a deitar-se com ele, nem agora nem nunca.

— Muito bem. — começou, cruzando os braços, com a esperança de que não notasse que o seu coração tinha começado a palpitar a toda velocidade — Suponho que está orgulhoso de si mesmo. Nas últimas vinte e quatro horas, quebrou o nariz de um homem desarmado, tentaram te assassinar...

— Duas vezes. — particularizou Jeremy.

— Duas vezes? — a moça não pôde evitar uma expressão de surpresa.

— Sim. Alguém quis me atropelar esta manhã, quando saía dos escritórios do *Times*.

— Oh. — disse Maggie — Depois de seduzir à noiva de outro homem, anunciou seu compromisso com uma princesa indiana no *Times*, drogou a uma criada e agora se tranca com uma mulher que te despreza. Felicito-lhe. Estou certa de que a rainha ficaria encantada de saber como se comportam seus oficiais quando não estão de serviço.

— Você não me despreza. — respondeu o duque com certeza.

— Ah, não? — Margaret arqueou uma sobrancelha, cética — Sério? Esqueceu-se de mim durante cinco anos, comprometeu-se com uma princesa da Índia, agrediu meu noivo e me roubou a virgindade. Sim, Jeremy, eu acredito que tenho boas razões para te desprezar.

— Eu não te roubei a virgindade, — esclareceu — você deu.

— Poderia havê-la rechaçado.

— Eu? — o jovem pôs-se a rir — Rechaçar o oferecimento de uma mulher bonita?

A moça assinalou a porta com aborrecimento.

— Saia daqui agora mesmo. — espetou-lhe, acompanhando cada palavra com uma batida do pé no tapete.

— Vamos senhorita Herbert... — exclamou o duque, encantado, ignorando sua petição para que partisse — Está com ciúmes!

— Tá! — exclamou Maggie com desdém, como resposta àquela revoltante sugestão — Nem de longe.

— Sim. — respondeu Jeremy, meneando a cabeça. Enquanto se aproximava com um sorriso, a moça viu como brilhavam os brancos dentes à luz do fogo. Deteve-se a um palmo dela, estendeu o braço e lhe pôs um dedo debaixo do queixo para obrigá-la olhá-lo — Sim. — repetiu com expressão de satisfação — É evidente, está claro que está com ciúmes, Mag. Mas por quê? Suponho que não acredita que houve algo entre a senhorita Jacquard e eu, verdade? Afinal, acredito que já deixei bem claro que você é a única mulher a quem já amei.

Maggie estremeceu e afastou a cabeça de uma sacudida. A proximidade do corpo masculino lhe entrecortava a respiração, já dificultosa por causa da opressão do espartilho.

— Estava com Berangére? Então... você e a princesa não... — calou, pois não tinha sentido terminar uma pergunta para a qual já tinha a resposta.

O duque negou com a cabeça; já não sorria, e tinha uma expressão de tristeza nos chapeados olhos.

— Meu deus, Mag. Por quem me toma? Não ouviu nenhuma palavra do que te disse? Para mim, só há uma mulher, e é você, embora não possa vê-lo porque seja mais teimosa que uma mula. Para que saiba, passei toda a tarde escutando sua amiga Berangére falar de você. — continuou enquanto lhe apartava alguns cachos da bochecha — É muito melhor amiga do que você é, consigo mesma.

Oh, Deus. O que teria lhe contado? Berangére era uma fofqueira nata, e adorava fofocar. Era de tão pouca confiança como a peixeira

da esquina. Só Deus sabia o que haveria dito a Jeremy.

— O que quer dizer com isso? — perguntou a moça, na defensiva.

— Porque a senhorita Jacquard está de acordo comigo. — respondeu. Depois de lhe afastar as mechas de cabelo, o duque lhe acariciou a bochecha, percorrendo com o caloso dedo indicador o suave arco da bochecha, a mandíbula e o ombro.

Maggie tentou dissimular o calafrio que lhe percorreu as costas com aquela carícia. Entretanto, era-lhe mais difícil ocultar o estremecimento, do que os mamilos que endureceram nas taças de encaixe do espartilho, e rezou para que Jeremy não se desse conta.

— No que está de acordo com você? — perguntou, com intenção de lhe distrair.

— Em que, se casar com Augustin, vai cometer uma estupidez. — respondeu ele com a voz mais suave imaginável, enquanto seguia com doçura o amarelado perfil da clavícula.

— E Berangère sabe que desapareceu de minha vida durante cinco anos? — perguntou a moça, notava a boca seca só de pensar que o duque podia dar-se conta de como suas carícias lhe tinham endurecido os mamilos — O que supunha que eu tinha que fazer? Sentar-me a esperar que te decidisse a voltar? Acaso não tinha o direito de viver minha vida enquanto isso?

— Tudo o que tinha que fazer era me mandar um bilhete, Mag. — o duque deslizou o dedo até o lugar onde começava a curva de seu seio direito, no ponto onde a jovem sentia que o coração lhe retumbava com mais força — Uma só linha teria bastado para que voltasse para casa imediatamente.

— De verdade? — inquiriu Maggie arrastando as palavras, procurando converter sua confusão em sarcasmo.

— Sim, é. — respondeu Jeremy. Estava tão perto dela que a jovem percebia o aroma de limpeza que emanava de seu corpo. Se tivesse estendido os braços, teria podido acariciar o felpudo peito, que via através da gola desabotoada da camisa — Esperei durante cinco anos que me escrevesse uma carta, que me desse alguma pista se havia alguma esperança, até que minha tia me disse que te tinha noivado com outro homem.

— Sua tia? — Maggie pestanejou confusa — Lady Edward?

— Escreveu-me faz alguns meses, me advertindo que tinha anunciado seu compromisso. — admitiu o duque. Satisfeito, viu que aquilo deixava moça com a boca aberta — Antes de ir à Índia, pedi-lhe que me mantivesse informado de todas suas atividades. Sempre que ouvia algo através de sua mãe ou suas irmãs, contava-me em suas cartas. Quando soube de seus planos de casamento, escreveu-me, e eu embarquei no primeiro navio que partia para a Inglaterra.

— Você... — Maggie estava consciente de que não deixava de abrir e fechar a boca, como um peixe que, sem querer, salta fora de seu aquário, mas não podia evitá-lo. Não podia acreditar no que Jerry acabava de lhe contar. Tinha voltado para a Inglaterra só porque sua tia tinha lhe escrito que se comprometera? Tinha viajado ainda convalescente de malária para evitar que se casasse com outro homem?

Isso significava que ele sempre tinha sabido, e que aquela noite no baile tinha fingido ignorá-lo só para divertir-se vendo como ela balbuciava uma explicação.

— Então, sabia! — exclamou furiosa, lhe tirando a mão do peito — Na noite que chegou em casa e se sentou em minha cama... E no baile, fingiu... — sentindo que estava a ponto de explodir, inspirou profundamente — Enquanto, eu me martirizava pensando em como ia lhe explicar isso. E veio à festa com a intenção de bater em Augustin, verdade? Queria me humilhar diante de todo mundo!

— Vamos, Mag... — respondeu Jeremy, elevando o dedo indicador com um gesto de advertência. Entretanto, em seus chapeados olhos cintilava uma expressão divertida — Não perca os estribos.

Maggie deixou escapar um grito afogado, e apertou os punhos.

Antes que o duque pudesse dizer algo mais em sua defesa, a moça se jogou sobre ele, com os punhos para frente. Graças a seu treinamento militar, o coronel se afastou a tempo para esquivar o primeiro murro, dirigido à boca. Não obstante, para sua surpresa, Maggie retificou no último momento e lhe deu um no estômago. O golpe não lhe doeu, pois a garota não tinha suficiente força nos braços e seus abdominais eram duros como o ferro, mas lhe deixou estupefato, sobretudo porque ele tinha lhe ensinado aquele gancho quando eram crianças.

— Bravo! — exclamou com um sorriso, endireitando-se — Já vejo que esteve aperfeiçoando este golpe.

— Você! — foi tudo o que pôde dizer ela entre dentes, por causa da dor na mão direita. Quem ia dizer que o estômago de um homem pudesse chegar a ser tão duro? Parecia-lhe que tinha batido em uma parede — Saia de meu quarto!

— Vamos, Mag... — respondeu Jeremy enquanto a olhava dar uma volta a seu redor, procurando um ponto fraco onde voltar a atacar — Isto é ridículo. Vai se machucar. Por que não conversamos como adultos? Afinal, já não somos pirralhos...

Com um chiado de pura raiva, Maggie se lançou de novo sobre ele, mas dessa vez com ambos os punhos, com a intenção de fazer-lhe o rosto em mingau. Mais alarmado pelo estranho alarido que pelo novo ataque, o jovem pegou a moça pelos pulsos, o que causou uma atrativa abertura no espartilho. Como não queria render-se sem lutar, Maggie lhe deu uma pancada na espinha, mas tudo o que conseguiu foi machucar os dedos contra o duro osso, e lhe escapou um grito de dor.

Então Jeremy perdeu a paciência.

— Está vendo? — repreendeu-a enquanto ela se retorcia entre seus braços, tentando libertar-se das fortes mãos que lhe seguravam os pulsos — Disse que ia se machucar. E olhe o que aconteceu.

— Me solte! — grunhiu a jovem.

— Não te soltarei até que tenha se acalmado. — lhe explicou — É uma ameaça para si mesma... Ah! — essa última exclamação foi provocada pela dentada de dentes pequenos, mas afiados que lhe afundaram nos dedos. Depois de comprovar com um rápido olhar que não tinha lhe saído sangue, embora não por falta de vontade, Jeremy ficou olhando Maggie com uma expressão de absoluta perplexidade — Será...

Maggie não ouviu que a chamava, porque na segunda sílaba sentiu que o ombro do duque lhe afundava no estômago, lhe cravando as baleias do espartilho nas costelas e deixando-a sem respiração. Um segundo depois, notou que lhe levantavam os pés do chão e a cabeça caía pendurando sobre as largas costas do jovem, de maneira que todo o sangue lhe subia até a raiz do cabelo.

— Que, demônios, pensa que está fazendo? — perguntou ofegante, quando conseguiu aspirar suficiente ar para falar.

— Algo que passei todo o dia esperando. — resmungou enquanto lhe passava um braço pelas nádegas, enquanto com o outro lhe segurava os tornozelos para evitar que lhe desse um chute enquanto andava.

— Desça-me, bárbaro! — balbuciou a moça. Além das calças de Jeremy, tudo o que via era como o chão se movia rapidamente sob sua cabeça. Estava tão enjoada que tinha perdido o senso da direção e não tinha nem idéia de aonde a levava. De repente, acreditou que ia levá-la ao corredor, ou inclusive a deixá-la na rua, assim começou a revolver-se com mais energia — Desça-me!

— Com muito prazer.

E, como se fosse um saco de batatas, a fez voar pelos ares. Maggie gritou aterrorizada ao sentir que o quarto começava a dar voltas a seu redor, mas, de repente, tudo se deteve quando aterrizou no brando colchão de sua própria cama. Apoiando-se sobre os cotovelos, com os nódulos, os dedos dos pés e as costelas doloridas, Maggie afastou umas mechas de cabelo do rosto e olhou para Jeremy, que a observava de pé ao lado da cama.

— Vai se comportar com sensatez? — perguntou-lhe com cortesia. Não obstante, enquanto percorria o corpo da moça com o olhar, seus chapeados olhos cintilavam com uma fúria e uma paixão que nada tinha de cortês.

Ela o olhou, tinha o cabelo alvoroçado e o peito coberto de pelo negro se movia de um lado para o outro tão depressa como o seu.

— Não! — respondeu-lhe com o mesmo ressentimento com que respondia a essa pergunta quando eram crianças, quando Jeremy lhe dizia que, como era o mais velho dos dois, era o mais maduro.

Os olhos chapeados cintilaram.

— Não? — os lábios esboçaram um sorriso de prazer, e a jovem sentiu que o coração acelerava — Não sabe como me alegra ouvir isso.

CAPÍTULO 30

Quando viu que Jeremy se lançava sobre dela, Maggie deu tal grito que o jovem agradeceu ter drogado a criada. A moça não se deu conta, é obvio, de que Jeremy pensava deter sua queda com os braços; tudo que sabia é que havia um homem de pelo menos noventa quilos que estava a ponto de desabar sobre ela. Convencida de que queria matá-la, tentou proteger a cabeça com as mãos, no caso de estar certa.

Mas matar Maggie não era o que o duque tinha em mente. De fato, nada mais longe de suas intenções.

Quando ficou em cima dela, e apesar de suportar quase todo o peso de seu corpo com os braços, conseguiu imobilizá-la lhe pondo uma mão a cada lado. Maggie não se atreveu a olhar entre os dedos com que tampou o rosto até ao menos um minuto mais tarde, quando a cama tinha deixado de balançar. Ao arriscar uma rápida olhada, viu que Jeremy a olhava com um sorriso diabólico.

— Já conseguiu o que queria, — disse sentindo o coração palpitando contra o espartilho — agora vá.

— De fato, — começou o duque, sorrindo ainda mais — nem comecei a conseguir o que queria...

Então, a moça sentiu que uma das suas pernas, que tinha ficado entre as suas, exercia uma ligeira pressão contra o centro da calça. Quando, surpresa, quis protestar, ele inclinou a cabeça e a silenciou com os lábios.

“Oh, não. — lamentou-se Maggie intimamente, sentindo o desenfreado pulsar do coração lhe retumbando no peito — Outra vez, não.”

Mas estava acontecendo de novo e, como nas demais ocasiões, sentia que não podia, nem queria, detê-lo. De repente, seus sentidos começaram a se embotar, até que tudo o que existia em seu mundo era Jeremy. Não se tratava exclusivamente da visão, que só percebia o rosto bronzeado, a covinha no queixo e a protuberante noz da garganta. Tampouco era unicamente o tato, embora a moça estivesse mais que consciente do áspero contato do pelo da barba

sobre a suave pele de seu rosto, e do calor que parecia irradiar de seu corpo pela gola desabotoada da camisa.

Não, eram, sobretudo outros sentidos, aqueles dos quais mal estava consciente até que o duque tinha entrado no quarto, os que pareciam tornar-se hipersensíveis em sua presença. Ouvindo a respiração irregular do jovem, perturbou-se profundamente ao pensar que ela era a causa daquela alteração. Por que os sons guturais de prazer que Jeremy emitia quando a beijava a faziam sentir tão fraca e lânguida? Era como se só a idéia de que o duque não pudesse controlar aqueles sons, por ter perdido o controle também, despertasse seu lado mais animal.

Aquele não era, entretanto, o único componente instintivo da atração que sentiam um pelo outro. Se a tivessem deixado com os olhos vendados em uma sala com uma centena de homens, Maggie teria reconhecido Jeremy por seu aroma; um aroma inconfundível... e excitante. Quando o sentia, seus mamilos sempre se endureciam, embora não entendesse o que podia ter de excitante em uma mescla de cheiro de sabão, uísque, tabaco, e um leve aroma de cavalo. Mesmo assim, quando sentia aquela peculiar e masculina fragrância, sentia-se invadida por um sentimento de satisfação, como se... Como se cheirasse seu lar.

Inclusive seu sabor parecia devolvê-la ao passado; era o sabor de algo bom, de alguma deliciosa sobremesa. Não era um sabor doce, mas tampouco azedo. Talvez um pouco amargo... mas nem um pouco desagradável. Nada desagradável.

Por quê? Por que tinha que ser daquele modo? Por que tinha que ser tão difícil deixar de amá-lo? Por que não podia cheirar a alho, como Augustin, pelos pratos que lhe preparava sua cozinheira parisiense? Por que tinha que ter um sabor tão bom, soar tão bem? Por que lhe atraía tanto?

Por que não tinha lhe ocorrido fechar a porta de seu quarto com chave ao chegar a casa?

Então os lábios do jovem deslizaram por seu pescoço, e a moça já não foi capaz de continuar pensando. Arqueando o pescoço, levantou os seios, com os mamilos duros sob os bojos da regata, para aproximá-los do peludo peito de Jeremy, que deixou escapar

um gemido. Um instante depois, o duque colocou as mãos por debaixo dos bojos de renda e lhe descobriu os seios para levá-los aos lábios, primeiro um e logo o outro. Quando a jovem começou a sentir a áspera barba na sensível aréola, que ele acariciava com a língua, afundou os dedos nos largos ombros e deixou escapar um leve gemido.

Aquilo pareceu incitar o duque a carícias de uma natureza mais íntima, e antes que pudesse dar-se conta, Jeremy tinha lhe desfeito o laço que lhe segurava a calça e tinha lhe baixado a roupa íntima abaixo dos quadris. Maggie se deu conta de que o objeto de algodão estava empapado de seu próprio desejo. Deus, ela, que tinha estado esforçando-se em fingir que lhe era indiferente! Retirou as mãos de seus ombros e tentou tampar o que acabava de lhe deixar descoberto, e o jovem riu entre dentes ante aquele súbito ataque de modéstia.

Em seguida, apartou-lhe os dedos e colocou os seus na cavidade úmida, com os olhos entreabertos, como se lhe pesassem as pálpebras e sentisse sono.

Na realidade, Jeremy estava bem acordado, e observava com atenção as reações de Maggie a suas carícias, desfrutando de cada ondulação de seus quadris, de cada suspiro. Como ainda tinha o espartilho fechado, respirava cada vez com maior dificuldade, mas o jovem não se decidia a desabotoá-lo, pois lhe dava um ar extraordinariamente feminino; a faixa de cetim rosa entre os grandes seios e os quadris nus terminava em uma enfática forma de "v", bem à altura do umbigo, como se apontasse a aquela parte de seu corpo que tanto o atraía.

O olhar não era tudo que atraía aquele triângulo negro; Jeremy já tinha começado um percurso de beijos pelo interior de uma das pálidas coxas. Maggie, com a cabeça arremessada para trás e os olhos fechados, com o comprido cabelo estendido sobre os travesseiros brancos, facilitou-lhe o acesso abrindo um pouco mais as pernas.

Então o duque inclinou a cabeça e, com os rebeldes cachos lhe acariciando as coxas, começou a explorar a úmida e espessa mata

de cachos negros, desta vez não com os dedos, mas com os lábios e a língua.

Maggie ficou a ponto de atirá-lo da cama com um empurrão. Instintivamente, fechou as nádegas, segurando a cabeça do jovem em uma postura que, embora lhe parecesse muito erótica, era também um tanto restritiva.

— O que está fazendo? — perguntou, perplexa, com a respiração entrecortada.

— Se me soltar a cabeça, lhe mostro. — respondeu o jovem com voz sufocada.

— Mas não é... não deveria...

Entretanto, enquanto falava, Maggie começou a relaxar, e voltou a se deixar cair sobre os travesseiros. Jeremy aproveitou a ocasião para deslizar as mãos entre suas coxas e separar um pouco as pernas.

— Mas, Jerry, é certo...

Não obstante, a frase acabou em um suspiro de intenso prazer, quando a língua do duque afundou entre as aveludadas dobras. Aquilo era algo sobre o que a moça nunca tinha ouvido falar com nenhuma das alunas da academia de madame Bonheur... mas lhe provocou a sensação mais prazerosa que jamais tinha experimentado, além de ter Jeremy dentro de seu corpo. Estendeu os braços e afundou os dedos na espessa cabeleira do jovem, lhe guiando assim a cabeça enquanto ele percorria seu sexo com a língua, maravilhada dos estremecimentos de prazer que aquilo lhe provocava.

Antes do que tinha acreditado possível, aqueles estremecimentos se converteram em intensas ondas que, em vez de ondular brandamente, começaram a quebrar em seu interior, cada vez mais forte. Entretanto, nenhuma dessas ondas parecia poder apagar o fogo que a consumia e que a fazia ter cada vez mais calor. Sua respiração irregular deu lugar a ofegos sufocados, e a moça fechou os punhos segurando mechas de cabelo como se fossem as rédeas de um cavalo desenfreado.

Então, quando o duque lhe pôs as mãos debaixo das nádegas para aproximar mais seu sexo dos lábios, a jovem deu outra

sacudida... mas naquela ocasião, de puro prazer. Porque, de repente, a Maggie pareceu que uma daquelas ondas a levantava, mais e mais alto, até que quebrou com ela em cima. Aquilo debelou a chama, empapando-a completamente. A moça gemeu de satisfação; todo o seu corpo tremia pela intensidade da experiência, como se realmente tivesse caído em um espumoso mar frio de cor turquesa. Quando tudo terminou, sentia-se esgotada e sonolenta, com uma sensação parecida com a que experimentava quando, ainda criança, saía do lago dos prados da mansão Rawlings nos quentes dias de verão.

Entretanto, só pôde regozijar-se em sua letargia durante uns instantes, antes que o rosto de Jeremy voltasse a aparecer em seu campo de visão. Olhava-a com uma expressão de satisfação que reconheceu em seguida, mas de uma vez, seus olhos tinham um brilho estranho. Maggie não soube por que, até que o duque ficou de joelhos e, com o olhar fixo nela, começou a desabotoar as calças. Quando seu membro viril em ereção se liberou da opressiva peça, a moça ficou boquiaberta. É obvio; aquela estranha expressão em seu olhar era necessidade.

Necessidade dela.

Por isso não se atreveu a lhe perguntar nada quando viu que se aproximava dela, pegou-lhe um travesseiro de debaixo da cabeça e o pôs debaixo dos quadris. Tampouco pronunciou uma palavra quando, sem nem sequer tirar a camisa, e com as calças a meia perna, Jeremy se deitou sobre ela apoiando os braços dos lados. Olhou uns momentos o rígido sexo, e pensou que não seria tecnicamente possível que algo tão grande entrasse em um espaço tão pequeno, apesar de que já tinha podido comprová-lo mais de uma vez nas últimas vinte e quatro horas.

Quando se deslizou em seu interior, imediatamente se deu conta para quê servia o travesseiro: levantava-lhe o quadril de modo que pudesse penetrá-la profundamente. Parecia-lhe que a ponta do membro de Jeremy chegava a lhe tocar a base da coluna, e não era uma sensação absolutamente desagradável. Entretanto, aquela não era a única função do travesseiro; também empurrava as dobras de pele bem abaixo de seu osso púbico contra seu abdômen, e isso

produzia uma excitação parecida com a das carícias de sua língua. Em um instante, a sensação de saciedade se desvaneceu, e a moça voltou a sentir-se impulsionada por um novo torvelinho de desejo... mas nessa ocasião, Jeremy ia com ela na crista daquelas incríveis ondas.

Maggie não soube quanto tempo transcorreu antes que o cristalino mar os arrastasse à margem. O tempo parecia haver parado... e de repente, enquanto tentava respirar, consumida em outro embriagador orgasmo, Jeremy soltou um grito ensurdecedor. Surpreendida, a moça o olhou, e viu que fazia uma careta como se algo estivesse lhe provocando uma intensa dor... até que um segundo depois, a expressão de angústia se converteu em uma de profundo gozo. O duque se deixou cair frouxamente, com o peito úmido de suor sobre o seu, ofegando junto a seu ouvido.

— Agora entende por que droguei sua criada? — sussurrou com uma voz tão lânguida que soou como um ronrono.

— Começo a compreender. — respondeu ela em tom coquete, mas igualmente sonolento.

— Começa a compreender? — suspirou — Já vejo que vai ser uma noite muito longa...

CAPÍTULO 31

Maggie despertou na manhã seguinte porque Jerry, seu cão, ofegava com um fôlego quente junto a seu rosto. A moça o afastou com um empurrão, mas não serviu de nada, pois o animal voltou a sentar-se diante dela.

Finalmente, Maggie levantou a cabeça para consultar a hora no relógio da mesa de cabeceira. Se era hora de Jerry se levantar, também o seria de que Hill chegasse e lhe preparasse o banho. Onde estava Hill? Maggie não podia ver a hora porque um largo ombro nu lhe tampava a visão. De repente, depois de esfregar os sonolentos olhos, deu-se conta horrorizada de que havia um homem em sua cama.

Um homem. Em sua cama.

Então a memória começou a alagá-la de novo, e a invadiu uma sensação de culpa que a fez ruborizar-se. Deus santo. Tinha passado a noite com Jeremy Rawlings.

Outra vez.

E tinha feito algo mais que passar a noite com ele. Quando a moça pensou nas coisas que tinham feito durante a noite, o rubor se intensificou e avermelhou ainda mais. Oh, Deus, como tinha podido permiti-lo?

Uma vez era perdoável; duas, embora reprovável, podia-se entender, tendo em conta o muito que tinha desfrutado da primeira. Mas três... não, quatro. Céus, quantas vezes já tinham sido? Tinha perdido a conta, mas eram muitas.

Entretanto, ainda não tinha lhe proposto casamento. Tampouco tinha lhe dado nenhuma explicação convincente a respeito de sua relação com a princesa Usha. Nem sequer um "te amo".

E ela se deixou levar para cama como uma rameira de periferia.

Outra vez.

Por que tinha permitido que voltasse a acontecer? Por quê?

Mas ao olhar Jeremy dormindo a seu lado, soube imediatamente a resposta. Deitado na cama, junto a ela, descoberto até a cintura e com a pele bronzeada em contraste com a impecável brancura dos

lençóis, lembrava um deus grego vencido pelo sono. Mas qual? Embora tivesse a mesma personalidade travessa, era muito corpulento para ser Pan. Era muito moreno para ser Apolo, mas inclusive quando relaxava, tinha uns músculos igualmente bem formados. Talvez fosse Vulcano com quem mais se parecesse; havia algo excepcionalmente diabólico nessas espessas e escuras sobranceiras, que quando estava acordado, sempre arqueava com expressão cética. Sim, tinha que ser Vulcano...

Maggie se levantou. Por todos os Santos, o que lhe ocorria? Deixava-se levar por suas divagações a mundos de fantasia, enquanto naquele preciso instante tinha um grave problema no mundo real. O que ia fazer com aquele homem que estava dormindo em sua cama?

A julgar pela cinzenta luz que se filtrava pelas finas e brancas cortinas, deviam ser ao menos nove da manhã. Hill ia entrar a qualquer momento... ou ao menos ia tentá-lo. Quando descobrisse que a porta estava fechada com chave, a camareira entraria em pânico, pois sabia que em casa dos Herbert nunca ninguém se trancou em seu quarto. Então, assustada, despertaria Evers, que sem dúvida chamaria os lacaios, e Jeremy teria que abrir para evitar que jogassem a porta abaixo. E todos os criados se inteirariam de que os dois...

A moça se virou para um lado e sacudiu o largo ombro.

— Jeremy... — sussurrou, apressada — Jeremy, acorde!

O jovem suspirou e deu meia volta, de modo que seu rosto ficou a poucos centímetros do dele.

— Jeremy. — sussurrou de novo — Falo a sério. Tem que se levantar.

Sem abrir os olhos, o duque estendeu um braço para lhe rodear a cintura nua. Até meio adormecido tinha uma força impressionante, e puxou a jovem para si como se fosse uma boneca de trapo.

— Bom dia, Mag. — murmurou contra seu cabelo.

— Não me dê bom dia. — resmungou — Tem que sair daqui antes que os criados se inteirem.

— Hmmm... — respondeu ele, afundando a cabeça entre seus cabelos para aproximar os lábios de seu pescoço— Sempre é tão

amável pela manhã. É uma das coisas que eu adoro de você; é muito intensa.

— Digo a sério. — replicou Maggie, fingindo não ter notado o estremecimento que tinha lhe produzido a pequena dentada no lóbulo da orelha — Hill vai bater na porta a qualquer momento.

— Oh, não se preocupe com Hill. — afirmou o duque enquanto lhe acariciava com vagar o seio esquerdo. Fascinado, observou como o mamilo se endurecia imediatamente ao sentir seu contato.

— O que quer dizer com isso? — Maggie entreabriu os olhos e o olhou com expressão receosa — Disse que a tinha drogado. Mas... — e, afogando um grito, perguntou — Não a matou, não é?

Jeremy arqueou uma sobrancelha.

— É óbvio que não. Por quem me toma Mag? O que ocorre é que o ópio que tomou ontem à noite tem um efeito debilitante no dia seguinte, sobretudo para as pessoas que não estão acostumadas.

— Quer dizer que...?

— O mais provável é que durma todo o dia. — concluiu o duque com um arrependimento pouco convincente.

— Jerry! — a moça estava tão horrorizada que nem sequer se deu conta de que, assustado por aquela exclamação, o cão se levantou e tinha começado a saltar entre os travesseiros, ladrando — Como pôde fazer uma coisa assim?

— Deixa de preocupar-se com essa mulher. — respondeu o jovem, aborrecido que Maggie se afastasse continuamente dele — Não lhe acontecerá nada. Aumentarei o seu salário.

— Como lhe aumentará o salário? Pois se faz seis meses que não posso lhe pagar!

O duque pestanejou.

— Oh, então lhe pagarei os meses atrasados, e um aumento para lhe agradecer sua lealdade.

Levantando-se, Maggie se recostou sobre os travesseiros e ficou olhando o jovem com expressão zangada.

— Acredito que a pessoa que drogou a criada tem que levar o cachorro para passear.

Jeremy arqueou uma sobrancelha. Parecia como se estivesse esforçando-se para franzir o cenho, mas fosse incapaz de conter o

traíçoeiro sorriso que aparecia em seus lábios.

— Acha mesmo?

— Sim. — afirmou a moça, assentindo com a cabeça enquanto se acomodava sobre os travesseiros, com atitude afetada.

O duque deixou de tentar franzir o cenho e a olhou com um amplo sorriso, descobrindo os dentes brancos e uniformes.

— De acordo. — respondeu, encolhendo os ombros — Vamos, Jerry. Papai vai te levar para passear.

O branco e pequeno animal se levantou de um salto e caminhou com dificuldade até a beira da cama, de onde saltou a um divã que sua proprietária tinha colocado para esse fim, e dali desceu até o chão. Jeremy afastou os cobertores e se levantou, não sem antes esticar-se até fazer ranger suas articulações. Maggie sabia que não devia olhar aquele corpo nu, mas se sentia incapaz de desviar a vista. As nádegas dele eram arredondadas e perfeitas e tinham uma fenda côncava de cada lado; entretanto, não estavam cobertas de pelo escuro, como o resto do corpo. Era um espécime perfeito de um ser humano masculino tanto de frente como de costas. Como madame Bonheur teria gostado de tê-lo como modelo na aula de anatomia! Inclusive tinha os ligamentos inguinais perfeitamente definidos.

— A coleira está pendurada em um gancho atrás da porta do quarto de vestir. — disse Maggie, e pigarreou enquanto observava seu amante vestir as calças que tinha deixado no chão na noite anterior.

O duque grunhiu intimamente e foi descalço até o quarto de vestir, onde encontrou a coleira.

— Vou um momento a meu quarto para me trocar. Acredito que daria muito que falar aos vizinhos se saísse para passear pela Park Lane às nove da manhã com um traje de noite.

— Como queira. — respondeu a moça com presteza.

Jeremy se agachou para pôr a coleira no cachorro, mas como o animal não deixava de retorcer-se e saltar de excitação, custou-lhe um bom momento encontrar a minúscula fivela dourada. Maggie os olhava da cama, divertida. Quando por fim conseguiu atá-lo, o duque se levantou e ficou olhando a moça.

Sentada na cama, com a escura cabeleira revolta sobre os ombros e cobrindo-se com modéstia com um lençol por debaixo das axilas, Maggie tinha exatamente o mesmo aspecto que tinha imaginado que teria depois de fazerem amor desenfreadamente durante toda a noite. Tinha os lábios um pouco inchados, e havia em seus olhos um brilho que não tinha visto antes. O moço teria desejado mais que qualquer outra coisa, voltar a enfiar-se na cama com ela. Maldito cachorro!

— Nem pense em se levantar antes que eu volte. — avisou-lhe — De acordo? Você e eu temos algumas coisas a falar.

Ao ver a expressão desafiante nos chapeados olhos, a jovem assentiu sem dizer nada. Não queria discutir com ele, pois Jerry precisava que o levasse para passear o quanto antes.

Satisfeito com a resposta, o duque pegou o trinco da porta. Ao dar-se conta de que não se abria, e ignorando o suspiro desdenhoso da moça, colocou a mão no bolso e tirou a chave; tinha esquecido que na noite anterior a tinha fechado para evitar interrupções. Depois de um último olhar de advertência para Maggie, abriu, colocou a cabeça para fora a fim de certificar-se de que não havia ninguém e escapuliu pelo corredor com o cachorro saltando de excitação atrás dele.

Na cama, Maggie sorriu para si. Jeremy tinha deixado a camisa, as meias três-quartos e os sapatos esparramados pelo chão, junto com sua própria roupa. Ao que parecia, o duque não era a pessoa mais organizada do mundo, nem ela tampouco. Possivelmente por isso se davam tão bem. Augustin, ao contrário, era extremamente organizado, e sempre a exortava porque não enrolava as luvas para enfiá-las no bolso, ou deixava os pincéis de molho toda a noite.

De repente, a moça se levantou como se tivessem lhe jogado um balde de água fria. Por Deus bendito, Augustin. A exposição. A inauguração era no dia seguinte. Os transportadores chegariam ao seu estúdio às onze e só faltava — Maggie olhou o relógio na mesa de cabeceira — uma hora e meia!

De um salto, saltou da cama e fez soar a campainha.

Ao final do corredor, Jeremy chegou à porta de seu quarto, entrou e atravessou o dormitório com o cachorro saltando entre suas

pernas, lhe cravando as unhas cada vez com mais energia.

— Sei. — reclamou, mal-humorado — Vou tão depressa como posso.

Abriu de repente a porta do quarto de vestir e despertou Peters, que dormia em um colchão debaixo do cabideiro, apesar de que lhe tinham dado um quarto no último piso, onde se acomodavam o resto dos criados. Entretanto, o valete preferia estar à disposição de seu senhor a qualquer momento.

— Coronel! — exclamou, contente de lhe ver, enquanto se levantava e esfregava os olhos — Valha-me Deus! Já é de dia? Onde esteve? Esperei-lhe levantado até que não pude mais...

— Sim, sim. — respondeu o duque com aspereza. E, estendendo-lhe a coleira, acrescentou — Leve-o para passear, sim?

Peters ficou olhando ao excitado cachorro, e o sorriso de seu rosto se desvaneceu.

— Coronel! Não fala a sério. Eu? Passear com isto? Seria a piada de...

— Faça-o. — interrompeu seu senhor de maneira sucinta — E agora me conte o que descobriu ontem à noite, quando seguiu o francesinho.

O criado franziu o sobrecenho, ainda mais carrancudo.

— Se for ele quem quer matá-lo, deve ter pagado a alguém para que o faça. O homem não saiu de casa, e a luz de sua janela se apagou a meia-noite. Nunca vi um homem menos capaz de empunhar uma adaga, ou tentar atropelar a alguém com um cupê.

— Onde está a bata? — perguntou enquanto procurava entre os trajes pendurados na barra sobre a cabeça do moço — A de seda.

Peters procurou a seu redor a perna-de-pau, e a atou debaixo das calças com que havia dormido.

— Aqui, à sua esquerda, coronel. Quer que continue lhe seguindo, senhor?

— Sim, é obvio. — Jeremy colocou os braços pelas longas mangas da bata, tecida com seda indiana e coberta de bordados que representavam perus reais e tigres — Não temos nenhum outro suspeito. Tem que ser ele.

— Se o senhor diz. — respondeu o criado.

Jeremy rodeou Peters para pegar a Estrela do Jaipur, que estava em uma bolsinha de veludo na primeira gaveta da penteadeira. Abriu a bolsa, virou-a e a pesada safira lhe caiu na palma da mão, reluzente inclusive a tênue luz do quarto de vestir. Lançou a pedra preciosa para o alto, apanhou-a no ar e a enfiou no bolso.

— Há algo mais, Peters?

— Só isto, senhor. — respondeu o criado enquanto tirava um envelope do bolso da calça. Com o coração encolhido, o duque reconheceu em seguida a esmerada letra de sua tia, apesar de que a carta parecia ter sido escrito a toda pressa. Tinham-na entregue em mãos, pois não levava carimbo, assim o portador devia ter viajado toda a noite da mansão Rawlings — Temo que tenham descoberto.

— Malditos jornais. — resmungou.

Jeremy abriu o envelope e leu a carta. Era verdade, tinham-no descoberto. E Pegeen estava furiosa. Aparentemente, não tinha podido retornar a Londres depois do funeral por causa de algumas complicações menores, mas o bastante graves para preocupar o médico. Por isso, Edward tinha ficado com ela. Apesar de estar prostrada em sua cama, a dama se inteirou de sua volta à Inglaterra. O jovem se lembrou, muito tarde, que sua tia tinha uma habilidade especial para tirar todo tipo de informação dos criados... embora estes estivessem a centenas de quilômetros.

Exigia-lhe que fosse para a mansão Rawlings imediatamente, com uma explicação tanto por seu noivado como por haver ficado tantos dias em Park Lane com Maggie sem companhia. Se não o fizesse, ameaçava mandar Edward buscá-lo.

“E se Edward não estiver aqui para o nascimento de nosso sétimo filho —dizia-lhe — porque teve que ir a Londres para te buscar, Jeremy, nunca lhe perdoarei isso. Sua tia, Pegeen.”

— Deus. — resmungou — Vamos de mal à pior.

— Já lhe fiz a mala com o necessário para passar uma noite fora. — disse o criado com tom inexpressivo, ignorando o cachorro que ladrava a seu lado — Supus que se tratava de uma emergência.

— Obrigado, Peters. — embora a Estrela do Jaipur não deixasse muito espaço livre, o duque colocou a carta no bolso. Talvez uma viagem a Yorkshire não fosse tão má idéia, disse a si mesmo. Queria

fazer as coisas direito, e sabia que isso significava falar primeiro com o pai. A idéia de pedir a sir Arthur a mão de sua filha não tinha graça, mas, naquelas circunstâncias, certamente era o melhor. E, como tinha lhe recomendado Berangère, não estaria mal, uma vez ali, tentar arrumar as coisas entre Maggie e sua família.

Jeremy calçou um par de sapatilhas indianas, com a ponta curvada para cima, e começou a dar ordens como se voltasse a ser um líder militar.

— Leve este animal ao parque, Peters, e se assegure de que não o perca. Se estivesse em seu lugar, eu não lhe tiraria a coleira.

— De acordo. — assentiu o valete — É tão pequeno, que possivelmente acabaria devorado por outro cachorro maior.

— Exato. E as possibilidades de me casar com a mulher que amo diminuiriam significativamente se meu assistente deixasse seu cachorro morrer em seu passeio matutino.

— Sim, senhor. — afirmou o moço com uma enérgica saudação — Pode confiar em mim. — quando Jerry, excitado, cravou as unhas das patas dianteiras na perna-de-pau, em vez de esboçar uma careta de dor, como tinha ocorrido a Jeremy, o criado pôs-se a rir — Sim, tigre, — disse inclinando-se para lhe arranhar as orelhas com afeto— acalme-se. Vou vestir a camisa e vamos.

O duque fechou o cinturão da bata ao redor da cintura e se apressou a voltar para o quarto branco. Nem por um momento tinha acreditado que Maggie ficaria na cama, como tinha lhe ordenado. Nunca tinha lhe obedecido em nada, e isso era parte de seu encanto. Quantas vezes alguém se atrevia a desobedecer a um duque? Tantas como a um coronel, quer dizer, muito poucas.

Entretanto, o jovem se surpreendeu de até que ponto a moça tinha lhe desobedecido naquela ocasião. Ao entrar em seu dormitório, ficou atônito ante as mudanças que tinha sofrido o quarto durante sua breve ausência. Tinha desaparecido toda evidência de sua presença... inclusive a roupa. A cama estava desfeita e a porta do quarto de vestir, aberta. Do pequeno quarto anexo lhe chegava o som de um vigoroso chapinho e o falatório nervoso de uma criada. Momentos depois, Maggie apareceu vestida

com a bata de quadros escoceses da qual ele zombou no dia anterior, e o cabelo úmido penteado em uma trança.

A moça abriu muito os olhos ao vê-lo na soleira da porta e, depois de um rápido olhar por cima do ombro para certificar-se de que a criada estava ocupada, resmungou:

— O que faz aqui tão rápido? Onde está Jerry? O que é isso que está vestindo?

— Minha bata. — respondeu o jovem ofendido, olhando-se de baixo à cima.

— Não me diga. — suspirou ela, enquanto se sentava diante da penteadeira.

— Pois olhe quem fala, — respondeu o duque — de onde tirou a que você está vestindo? Do brechó?

— Muito engraçado. — observou Maggie, enquanto segurava um pouco de creme de um pote com as gemas dos dedos e começava a espalhá-lo pelo rosto — Onde está meu cachorro?

— Peters o levou para passear no parque. — respondeu o duque. E depois de um olhar à porta do quarto de vestir, acrescentou — Você disse que...

— Não posso acreditar que tenha tido a desfaçatez de pedir a um coxo que passeie com meu cachorro. — objetou Maggie, com os olhos castanhos muito abertos, olhando-lhe da brancura do creme — É incrível, Jeremy.

Às suas costas, a porta do quarto de vestir se abriu de repente e entrou Pâmela, uma juvenzinha viçosa, filha de um dos arrendatários da mansão Rawlings, a quem tinham contratado para trabalhar na casa de Londres. Tinha um montão de roupa em cima do braço.

— Este é o vestido que queria? — perguntou bem antes de tropeçar em Jeremy — Oh! — com os olhos azuis abertos como pratos, a moça deixou cair toda a roupa que levava e, envergonhada, fez uma profunda reverência — Excelência! Rogo-lhe que me desculpe. Não o tinha visto.

— Não se preocupe. — disse Maggie. Acabou de passar o creme e se levantou com toda tranquilidade para ajudar a criada a recolher a roupa — O duque já estava de saída, não é, excelência?

— Em seguida, Pâmela. — respondeu o jovem, antes de inclinar-se para frente e pegar Maggie pelo braço — Mas preciso falar um momento em particular com a senhorita Herbert. — disse enquanto a arrastava até o quarto de vestir, onde ainda se viam indícios do apressado banho. Fechou a porta e, depois de voltar-se, repreendeu Maggie — Acreditei que havia dito que não saísse da cama.

— E eu acreditei que havia dito que passeasse com meu cachorro. — replicou.

— Seu cachorro está passeando. — esclareceu o jovem — Eu não descumpri minha parte do trato.

— E eu não haveria descumprido a minha, —assegurou-lhe, arrumando uma das lapelas da bata dele, que tinha se dobrado do avesso — se não tivesse me lembrado de que os transportadores chegarão ao meu estúdio às onze e tenho que estar lá para abrir a porta.

— Os transportadores?

— Sim, para a exposição de amanhã à noite, lembra-se? Têm que levar os quadros à galeria de Augustin.

Ao ouvir mencionar o nome do jovem francês, o duque franziu o cenho.

— Escuta, — começou apressadamente — tenho que falar com você de uma coisa.

— Sinto muito, mas não tenho tempo. Está ficando muito tarde, e já consegui transtornar Pâmela. Falaremos mais tarde...

A moça começou a caminhar para a porta, mas Jeremy a pegou pelo cinturão da horrível bata de quadros. Ela se voltou com um olhar inquisitivo, e um tanto zangada.

— Tenho que partir, — disse ele somente — assim, por favor, guarde isto enquanto estou fora, de acordo?

Desesperado como estava por lhe demonstrar o que sentia por ela, e ao ver que não poderia dizer-lhe pegou a Estrela do Jaipur e a enfiou no bolso da bata.

Surpresa, quase sem prestar atenção à enorme safira, Maggie ficou olhando as costas de Jeremy.

— Vai partir? — perguntou sem convicção — Aonde vai? Quando voltará?

Mas a única resposta que obtive foi o ruído seco da porta de seu dormitório ao fechar-se atrás dele.

CAPÍTULO 32

Maggie sabia muito bem que nenhum pintor gostava que ninguém, além dele, tocasse suas criações. Só o artista sabia o duro trabalho que havia atrás de cada obra e, vendo como um homem robusto que parecia não ter tomado um banho em anos a carregava e comentava com descuido que a pintura não era ruim... que artista não experimentaria certo desgosto?

Entretanto, para Maggie, o traslado de suas telas era a última de suas preocupações. Não podia deixar de pensar na incômoda cena daquela manhã no quarto de vestir. Quando foi capaz de recompor-se e ir procurar Jerry, descobriu que tinha falado a sério... partiu! Tampouco encontrou seu valete. Havia lhe devolvido o cachorro, é obvio, mas conforme lhe explicou Evers, indignado, o moço tinha desaparecido pela porta segundos depois.

Maggie supôs que não tinha tido muito tato com Jeremy e sua urgência em falar com ela. Não devia ter sido tão cortante. Mas estava tão preocupada com a exposição! Devia ser mais compreensivo com uma mulher de negócios e perdoar que tivesse um compromisso mais urgente...

Um compromisso! Só a palavra a fez levar a mão à testa. O que ia fazer com Augustin? Tinha que encontrar uma maneira de romper o compromisso naquele mesmo dia. Não podia permitir que continuasse acreditando que... bom, que poderia fazer com ele o que tinha passado dois dias fazendo com Jeremy. Aquilo era, simplesmente, impossível. Não estava absolutamente certa de que sua relação com Jeremy pudesse funcionar, exceto, talvez, no dormitório; na cama nunca parecia haver nenhum problema, mas fora dela, sempre ocorria algum desastre. Entretanto, acontecesse o que acontecesse, sabia que nunca poderia amar a ninguém mais. Por mais grata que estivesse a Augustin por tudo o que tinha feito por ela, nunca poderia deixar que... Oh, céus, só de pensar nisso ruborizava!

Todas essas preocupações fizeram com que o que deveria ter sido bem simples se transformasse em um verdadeiro pesadelo. Maggie

parecia incapaz de concentrar-se no que estava fazendo. Chegou meia hora atrasada, e Augustin a advertiu várias vezes que ia ter que pagar aos transportadores esse tempo, durante o qual tinham estado no corredor sem fazer nada.

— Não é típico de você, *Marguerethe*. — não cessava de lhe dizer — De outros artistas a quem represento teria podido esperar algo assim, mas de você? O que lhe aconteceu?

— Nada, não me aconteceu nada. — murmurou a moça após conter a respiração ao ver um dos homens levantar de barriga para baixo o retrato do marquês e seu irmão.

— Não é por criticar, mas se sabia que ia chegar tarde, poderia ter me deixado a chave e teríamos começado sem você.

— Mas não sabia que ia chegar tarde. Oh, cuidado! — exclamou com apreensão quando o marco de madeira que segurava a tela se abriu entre as mãos do tosco carregador — O bastidor!

O homem pestanejou, com o marco desmontado entre as mãos.

— Não foi minha culpa. — exclamou enquanto Augustin começava a amaldiçoar exasperadamente em francês.

— Oh, céus. — Maggie se aproximou para examinar a tela. Por sorte, a tinta não estava de todo seca, e não rachou — Talvez possa arrumá-lo. Se encarregue daquelas paisagens ali, sim? — disse com um gesto de mão — Deixe este que eu carrego.

Entretanto, a tinta “daquelas paisagens ali” não estava seca, como assinalou o comerciante quando já era muito tarde; o resultado foram quatro telas com grandes manchas de sujeira nas bordas. Consciente de que não podia vender os quadros nesse estado, a moça os pôs em vários cavaletes para repará-los; entretanto, de repente lhe pareceu que não se lembrava de como devia mesclar as sombras para dissimular as imperfeições. Por fim, os transportadores, confusos por suas nervosas ordens e incomodados pelos impropérios em francês de Augustin, deixaram no estúdio a metade dos quadros. Maggie e seu noivo tiveram que ir atrás deles, descendo a toda pressa os seis lances de escada; divertidos, outros artistas do edifício colocavam a cabeça para fora da porta de seus estúdios para animá-los em sua carreira.

Por volta de meio-dia, os transportadores acabaram de carregar todo o material. Entretanto, estavam de mau humor, pois tinham acreditado que o dono da galeria lhes pagaria então.

— *Oh, no, mes garçons.* — foi a maliciosa resposta do jovem francês — O pagamento será feito no momento da entrega.

Aquilo fez com que os transportadores resmungassem baixo todas as desgraças que podiam acontecer às pinturas da moça nas enlodadas ruas que levavam à Bond Street. Ao ouvi-los, Maggie sentiu que lhe falhavam as pernas e se deixou cair no sofá junto à janela.

— Oh, Augustin. — sussurrou — Vá com eles, por favor.

A dar-se conta da palidez do rosto de sua noiva, de Veygoux não pôde conter outra enxurrada de maldições.

— De acordo, irei com eles para me assegurar de que não arrastem seus quadros pelo barro. — resmungou finalmente com toda a dignidade de que foi capaz, enquanto segurava o chapéu — Você fique aqui e acerta as paisagens que se danificaram, de acordo?

Maggie assentiu, aturdida.

— Reúna-se a mim à tarde na galeria, para que, quando tivermos emoldurado os quadros, possamos pendurá-los de acordo com suas especificações.

Maggie assentiu de novo, embora estivesse tão entusiasmada pela disposição dos quadros como o tinha estado por seu traslado.

Augustin partiu tão aborrecido como ela, embora por diferentes razões. Ainda lhe doía o nariz, e estava nervoso e preocupado pela apresentação de uma nova pintora em sua galeria no dia seguinte. Se por acaso isso fosse pouco, a artista estava de tão mau humor que não podia contar com sua cooperação. Maggie sabia que deveria estar profundamente agradecida por todas as coisas maravilhosas que seu noivo fazia por ela, e pela paciência e tolerância que tinha tido.

Por que não podia amá-lo? As coisas seriam muito mais simples!

Entretanto, sabia que aquilo era impossível. O diria naquela mesma noite. Tinha que fazê-lo.

Maggie levou todo o dia para arrumar as paisagens, e chegou à Bond Street às cinco da tarde. Tinha apanhado frio na viagem de coche, carregada com os tecidos, e depois de haver bebido até a última gota de vinho que havia no estúdio, estava sedenta. Tinha acreditado que o vinho lhe daria coragem para repetir a Augustin as palavras que levava todo o dia ensaiando: “Augustin —diria-lhe — Sinto muito, mas não posso me casar com você. A verdade é que estou apaixonada por outro homem, e seria injusto que você...”

Sim, isso mesmo. Não era necessário mencionar que já havia se deitado com esse outro homem.

Mas no momento em que entrou pela porta, deu-se conta de que não teria nenhuma oportunidade de lhe fazer aquela confissão. De Veygoux gritava furioso a um de seus ajudantes, que aparentemente tinha atravessado a parede com um martelo, que tinha ido parar no mostruário de luvas de pelica da loja ao lado. Também viu outros ajudantes correndo de um lado para o outro com suas pinturas sob o braço, muito assustados por aquele ataque de fúria de seu chefe para aventurar-se a pendurá-las.

Com uma careta de desgosto, Maggie passou por eles, resolvida a entregar as telas, ainda frescas, ao carpinteiro que deveria emoldurá-las, e que estava trabalhando na sala, onde se guardavam as obras que ainda não estavam em exposição. Mas aquele homem, um artesão italiano que, ao que parecia, acreditou que Maggie era uma deficiente ou algo do tipo, pegou as telas e, quando ela quis entreter-se olhando como estavam ficando suas criações, pediu-lhe que partisse com um gesto de mão. Sem Augustin para traduzir, era-lhe impossível fazer o carpinteiro entender que ela era a artista e que, portanto, estava em seu direito de olhar como emoldurava seus tecidos. Embora tivesse apontado a si mesma e aos quadros, gesticulando como se pintasse, o italiano ficou olhando e soltou uma enxurrada de palavras estrangeiras ofensivas, de modo que à moça não ficou mais remédio que partir.

Na galeria, viu que seu noivo tinha pegado seu ajudante pelas orelhas; aquilo era mais do que a jovem podia suportar, assim saiu pela porta sem que ninguém a visse, e muito menos o comerciante.

Abatida, vagou pela gélida rua, deixando-se arrastar pelos distintos londrinos que faziam compras naquela sexta-feira à tarde nas caras e elegantes lojas de Bond Street. *Como podia ser tão covarde?* disse-se. *Com todo o vinho que tinha tomado e não tinha sido capaz de acabar com aquilo.* Era horrível.

Supôs que não restava mais remédio que voltar para Park Lane. O mero pensamento lhe provocou um profundo suspiro, que se materializou em uma espessa nuvem de vapor. Jeremy estaria lá, e pensou que não teria coragem para enfrentá-lo; cada vez que se encontravam, acabavam na cama, e isso não resolvia nada. Tinha muitas dúvidas, muitas preocupações sobre sua relação. Várias vezes hoje, perguntou-se por que teria lhe colocado a Estrela do Jaipur no bolso. Naquele mesmo instante notava seu peso no fundo da bolsa. Não acreditava que fosse uma boa idéia levar a preciosa pedra todo o dia consigo, mas resolveu não deixá-la em casa.

Só Deus sabia o que teria podido acontecer. Confiava plenamente em Hill e em Evers, mas não em outros criados.

Não, era melhor levá-la consigo. Mas por que Jeremy a tinha confiado a ela? Era um gesto estranho para com a pessoa com quem se passou a noite. A menos que fosse... uma amostra de afeto. Outros homens davam de presente um anel de compromisso, e Jeremy Rawlings, uma safira do tamanho de uma ameixa.

Talvez, pensou sentada no ônibus que estralava pelas ruas de Londres, tivesse sido uma forma de lhe propor casamento. Mas não, aquilo era absurdo. O duque já tinha lhe declarado uma vez, e ela o tinha rechaçado, assim não voltaria tentá-lo. Além disso, a safira não tinha sido nenhum presente; só tinha lhe pedido que a guardasse. Teria que ter em conta que alguém estava tentando matá-lo. Era um objeto de grande beleza; a moça o tinha tirado da bolsa uma só vez, quando o sol da tarde entrava pela claraboia de seu estúdio, e o tinha observado por todos os lados. Valia à pena matar por aquilo, certamente, mas não acreditava que esse fosse o motivo pelo qual estavam tentando assassinar Jeremy. Estava certa de que, se tivesse suspeitado que aquela fosse a razão, não teria lhe dado.

Quando o visse, perguntaria por que tinha lhe dado a pedra preciosa. Mas isso não era tudo o que lhe perguntaria. Também

queria saber por que tinha desaparecido, e o que tinha tanta vontade de falar com ela pela manhã.

E também quais eram exatamente suas pretensões no que se referia a sua relação.

Mas quando chegou a Park Lane, Evers lhe informou, enquanto lhe tirava tranquilamente o casaco, que sua excelência não estava em casa. Não tinha ido comer, e tinha avisado que tampouco iria jantar. Aquilo pareceu muito estranho à Maggie. Onde podia estar? Com a princesa?

Não, isso não era possível, porque a princesa também o estava procurando.

Claro que Maggie não soube até que entrou em seu quarto e se encontrou com Hill, que acabava de levar Jerry para passear. A jovem ficou tão surpresa de vê-los que esteve a ponto de desvanecer-se.

— Hill! — exclamou envergonhada de que seus problemas a tivessem feito esquecer-se da criada e de seu cachorro— Como está? Estava preocupada.

A camareira não tinha bom aspecto, mas ao menos estava viva.

— Oh, senhorita. — começou enquanto lhe desabotoava as cintas do vestido e Jerry saltava entre seus joelhos — Não imagina a noite que passei! Evers insiste em que deve ser algo que comi, mas a cozinheira diz que não pode ser, pois todos jantaram o mesmo e a ninguém mais caiu mal. Mas que noite! — queixou-se Hill, enquanto caminhava de um lado para o outro do quarto — Parece-me que nunca tinha tido tantas náuseas em toda a minha vida. Embora me deixe lhe dizer que também nunca tinha tido semelhantes sonhos. Eram uns sonhos maravilhosos. Oxalá me lembrasse de todos os detalhes.

A jovem, atordoada pelo remorso que lhe produzia ter sido a causa direta de sua enfermidade, pediu-lhe que se sentasse e descansasse, mas a criada se negou. Morria de vontade de falar e mexericar, enquanto a jovem, ao contrário, estava desanimada.

— E o que me diz do duque, em? — perguntou-lhe enquanto afofava os travesseiros.

— O quê? — perguntou a moça, nervosa. Hill olhou sua senhora com uma expressão de recriminação.

— Não me diga que não sabe.

— O quê?

— O que dizia o *Times* desta manhã.

— Oh. — respondeu a jovem, aliviada — Não. Por quê?

— Na segunda página. O senhor Evers me mostrou isso esta manhã. Se não o tivesse visto com meus próprios olhos, jamais o teria acreditado. — a camareira fez uma pausa carregada de dramatismo — Uma retratação!

— Uma retratação? — repetiu Maggie fracamente.

— Sim, senhorita. Retratam-se do publicado no artigo de ontem, onde se dizia que sua excelência ia casar-se com essa desavergonhada princesa infiel.

Deus santo! Havia falado a sério! Era verdade, não tinha intenção de casar-se com a princesa Usha. Apesar da escuridão que reinava no exterior, de repente a Maggie pareceu que reluzia o sol.

— Essa mulher, eu não gosto nada dela. — ia dizendo a criada — No momento em que a vi entrar pela porta me dei conta de que tinha o olhar esquivo, e a gente não pode confiar nos infiéis de olhar esquivo.

— Hill, — perguntou Maggie com curiosidade — quando você viu a princesa?

— Faz meia hora vieram ela e esse seu intérprete.

Maggie teve um sobressalto, e se levantou da poltrona junto à lareira, jogando Jerry de seu colo.

— O quê? — exclamou — A princesa esteve aqui? A princesa Usha veio?

— Céu santo, já lhe disse que sim. — respondeu a camareira, surpreendida — Por que fica assim? Quer que toda a vizinhança a ouça?

— Jeremy sabe? — inquiriu — Disseram a ele?

— Como íamos dizer se o duque partiu de trem para Yorkshire faz horas.

— Yorkshire? — exclamou Maggie — Jerry foi a Yorkshire? Tem certeza, Hill?

— É obvio que tenho. — disse Hill irritada.

— O quê? — exclamou de novo Maggie — Disse Jer... quero dizer, sua excelência, por que iria a Yorkshire? Há más notícias da mansão Rawlings?

— O senhor Evers me contou que trouxeram uma carta para o duque esta manhã. Acredito que era de lady Edward. Suponho que se inteirou de sua volta, e de que vocês dois estavam dormindo na mesma casa sem acompanhante.

Maggie ficou olhando sua criada.

— Pergunto-me como se inteirou. — disse, incomodada.

— Não tenho nem idéia. — respondeu Hill com inocência — Pelo senhor Evers, suponho. Não estranharia que tivesse sido ele. De qualquer modo, por que lhe é tão estranho que sua excelência vá visitar seus tios? — a criada se aproximou da poltrona que Maggie tinha deixado vazia e começou a afogar as almofadas — A verdade é que já passava da hora de ir vê-los. Se meu sobrinho se alistasse no exército, ficasse fora durante cinco anos e se comprometesse com uma infiel que queria levar seus Budas de sete cabeças à paróquia...

— Hill. — a interrompeu Margaret — Por favor. Não é uma infiel. Simplesmente tem uma religião diferente da nossa...

— Mas se a vi! — declarou a criada com firmeza — É uma infiel! Tudo o que digo é que se eu estivesse no lugar de lorde e lady Edward, me desgostaria muito que meu sobrinho não viesse ver-me logo que retornasse à Inglaterra.

— Sim. — murmurou a jovem — Suponho que sim. Mas é tão estranho. Vi-o esta manhã e não me disse nada... — sua voz foi apagando-se. Talvez, sua decisão de ir a Yorkshire tivesse sido fruto de sua conversa, durante a qual ela se mostrou bastante desagradável.

Ao contrário, de noite tinha sido mais que amável... isso também contava! Entretanto, possivelmente ele não o visse desse modo. Era possível que tivesse interpretado mal seus comentários sarcásticos e zombeteiros, e tivesse acreditado que falava a sério, quando, em realidade, ela só tinha querido dissimular sua tristeza. Talvez tivesse partido para Yorkshire convencido de que não sentia nada por ele.

Afinal, estava noiva de outro homem. Mas também era verdade que se entregou a ele...

Oh, Deus, pensou com um estremecimento. Que homem ia querer casar-se com uma mulher como ela? Oh, estava claro que o duque tinha desfrutado lhe fazendo amor. Tinha-o ouvido gemer de prazer na noite anterior, quando alcançou o clímax. Aquele não tinha sido o grito de um homem aborrecido, mas o de alguém que se sente liberto depois de um período de interminável encarceramento.

Mas logo partiu.

Por que insistir? Amava-o, e já era hora de que o admitisse. Se tivesse que tornar-se duquesa e deixar de pintar para estar com ele, o faria. Oh, Deus, o que estava lhe acontecendo? Nunca em sua vida tinha querido fazer outra coisa além de pintar, mas agora...

Agora queria Jeremy.

Justo quando ele não parecia ter o mínimo interesse nela. Ao olhar a cama em que na noite anterior tinha alcançado o gozo, Maggie começou a soluçar. Foi um som quase imperceptível, mas, infelizmente, Hill o ouviu.

— Por Deus! — exclamou enquanto saía do quarto de vestir, onde tinha ido preparar um banho quente — O que lhe ocorre? Mas se sou eu quem tem a cabeça a ponto de explodir. Por que chora?

— Por nada. — murmurou Maggie, tampando o rosto com as mãos.

— Aconteceu-lhe algo. Do que se trata? Acho que é porque não recebeu nenhum bilhete de seu noivo. Mas se lhe disse muitas vezes que um compromisso de casamento não se rompe porque o homem não escreva um dia. Nem que fossem dois. Talvez se passassem três dias, e no caso de que ele não estivesse fora do país, poderia começar a preocupar-se. Mas um só dia...

— Não é isso, Hill. — assegurou-lhe a moça enquanto elevava a cabeça, fungando. O que estava fazendo? Chorava porque o homem com quem tinha feito amor na noite anterior foi a Yorkshire? Tinha ficado louca? Não era uma menina perdidamente apaixonada, nem uma leiteira mentecapta, era uma artista! E certamente faria amor com dúzias de homens durante toda sua vida! Não podia pôr-se a chorar cada vez que alguém decidisse pegar o trem para ir ver sua

família no dia seguinte. Só tinha que se inspirar em Berangére; nunca a tinha visto chorar, jamais, e tinha tido dúzias de amantes, a alguns dos quais nem sequer lembrava-se uma semana depois de sua aventura. Maggie tinha que endurecer-se e fazer como Berangére, isso era tudo.

Entretanto, no íntimo, a jovem sabia que, por mais que tentasse, nunca seria como sua amiga. Ela não queria dúzias de amantes. Nem sequer podia imaginar-se fazendo amor com outro homem que não fosse Jeremy. Horrorizava-a só de pensar. Queria uma só pessoa, que estava a caminho de Yorkshire num trem, e que, além disso, era provável que voltasse à Índia.

Alguém bateu à porta, e Hill, murmurando para si, foi abrir. Maggie, que continuava tentando recompor-se, ouviu uns murmúrios, depois dos quais a criada fechou a porta e se aproximou da cama.

— Parece que esta noite você está muito solicitada, senhorita. — disse com voz doce — Acredito que lhe interessará saber que, conforme me disse Evers, o senhor de Veygoux está lá embaixo, e quer vê-la.

De repente, a moça sentiu náuseas.

— Poderia lhe dizer que parta, por favor? Esta noite não estou com humor para recebê-lo.

— Não estou disposta a fazer uma coisa assim. — respondeu a criada, indignada — É seu noivo, e não posso despedi-lo como a um pretendente qualquer.

— Oh... — disse Maggie, rompendo de novo em soluços.

A camareira olhou sua senhora e saiu apressadamente do quarto. Quando retornou, momentos mais tarde viu que a jovem secava o rosto banhado em lágrimas com o dorso da mão. Apressada, Hill começou a lhe enxugar as bochechas com seu lenço.

— Vamos senhorita. — sussurrou — Não se preocupe. Já partiu. Ficou muito compungido quando lhe disse que não se encontrava bem. Tem o nariz tão desfigurado e os olhos tão inchados que parece impossível que veja algo. Pobre homem. Trouxe-lhe mais rosas. — acrescentou assinalando um ramalhete que tinha deixado em cima da cama — As ponho na água, com as demais?

Maggie olhou o vaso repleto de flores, na mesa de cabeceira.

— Sim, acho que sim. — disse com abatimento — Oxalá deixasse de me trazer rosas. Já deve ter gastado uma fortuna com a floricultura.

— Pediu-me que lhe diga que as trouxe para desculpar-se por não havê-la visto esta tarde na galeria. Estava muito pesaroso; disse que não entende como pôde acontecer. Roga-lhe que o desculpe se tiver feito algo que a incomodou. — a criada começou a colocar as flores de talos longos no vaso, entre as do dia anterior — E que os retoques das paisagens... Eram paisagens, verdade? Sim... que ficaram perfeitos, e que a espera amanhã às dez em ponto para começar a pendurar os quadros. Falando de amanhã, suponho que quererá colocar o vestido de cetim branco para a inauguração; o engomarei à primeira hora. O problema é que falta um botão a uma das luvas que fazem jogo; não entendo como pode ser tão descuidada. Terei que ir ao armarinho, ver se encontro algum que fique bem. Olhe, — disse enquanto dava um passo atrás e contemplava o arranjo floral — ficou lindo, não lhe parece? E cheiram divinamente! É maravilhoso ver algo de cor no inverno.

Maggie olhou os botões de rosas.

— Sim. — disse, mas não pensava nas flores, mas em Jeremy — É verdade.

CAPÍTULO 33

Jeremy amaldiçoou em voz baixa enquanto abria com força a pesada porta de folha dupla da mansão Rawlings. O vento gélido e cortante que soprava nos campos tinha alcançado a força de um vendaval nas duas horas que o duque tinha levado para chegar à casa da estação de trem. Tinha esquecido como podia chegar a ser Yorkshire em pleno inverno. Tinha tido que alugar uma carruagem pelo triplo de seu preço, e logo, o maldito carro de quatro portas tinha estado a ponto de tombar em Post Road. A neve era tão cegadora que o chofer se negou a continuar, assim o jovem tinha tido que lhe oferecer cinco libras mais e a metade do conteúdo de sua garrafa de uísque para convencê-lo a prosseguir.

No vestíbulo, com os ombros e as botas pingando por causa da neve, Jeremy resmungou outra maldição, dessa vez por ter chegado muito tarde para que alguém o recebesse. Deviam ser mais de dez horas, e no campo, a essa hora todo mundo já teria se recolhido, ou estaria bêbado, pois beber era uma das poucas distrações de que dispunham os homens durante as noites de inverno. Deus, nem sequer havia alguém que lhe pegasse o casaco!

Cruzou o vestíbulo lajeado com passo firme, comprovando com desgosto que a maioria dos candelabros que pendiam do teto estavam apagados, e se deteve em frente a uma cadeira, sobre a qual começou a amontoar seus peças de agasalho empapadas. Tremia da cabeça aos pés, e estava desejando encontrar uma lareira onde esquentar-se; entretanto, supunha que não encontraria nenhuma acesa no piso principal. Tinha que encontrar Evers, John Evers, recordou, para lhe pedir que mandasse alguém acender a lareira em seu quarto. Que acolhida. Tinha que ter pedido a Peters que o acompanhasse. Ou talvez devesse ter ido diretamente a Herbert Park, para dizer umas boas a sir Arthur sem mais demora. Certamente, estava com um humor de cão, ideal para a ocasião.

Ou possivelmente não. Estava tão descontrolado que poderia dar um tiro no pobre homem, e isso só teria piorado as coisas. Nunca

poderia convencer Maggie a se casar com ele depois de assassinar seu pai.

Quando terminou de tirar o cachecol, viu o bruxulear da chama de uma vela que se aproximava dele, atravessando a escuridão que reinava no vestíbulo. Quando a lamparina esteve perto o bastante para iluminar seu portador, o duque se deu conta de que não a conhecia; era uma moça de quatorze ou quinze anos, com uma emaranhada cabeleira de cachos loiros que emoldurava um rosto gracioso e vagamente familiar. Usava uma bata de brocado da cor azul do céu, muito suntuosa para uma criada, e umas sapatilhas com um cóis de pele de coelho. Jeremy pensou que teria que falar com seu tio a respeito dos salários do pessoal.

Mas quando a moça se dirigiu a ele, soube que não podia tratar-se de um membro do serviço, pois sua tia nunca teria contratado a ninguém tão grosseiro.

— Quem é? — perguntou com um laivo de receio.

A jovem entreabriu os olhos e ficou olhando; tinha os olhos de um azul tão claro como sua bata.

— Ia te perguntar o mesmo. — respondeu.

— Sou Elisabeth Rawlings. —apresentou-se a garota, afetada — E vivo aqui.

— Pois eu sou seu primo Jerry. — esclareceu o duque após recompor-se da surpresa. A última vez que a tinha visto, Lizzie chegava ao quadril, e nesse momento a cabeça de cabelo encaracolado estava à altura de seus ombros — E também vivo aqui. De fato, esta casa é minha.

— Sei, — respondeu-lhe ela, pestanejando — meu primo Jerry está na Índia.

— Não, não está. — respondeu ele — O tem diante de si. Então, o que faz levantada? Sua mãe sabe que ainda tem por costume rondar pela casa às escuras? Acreditei que já tinha conseguido que deixasse de fazê-lo faz dez anos, quando a descobriu à meia-noite na cozinha, devorando os restos do bolo de aniversário de seu irmão.

Lizzie abriu muito os olhos e olhou o jovem, boquiaberta.

— Primo Jerry? — exclamou entrecortadamente — É você!

— É obvio que sim. — respondeu ele, deixando o cachecol na cadeira — Onde está todo mundo? Esta casa parece um cemitério.

— Mãe está na cama. — começou a garota, que não podia apartar os olhos dele — O doutor Parks lhe disse que não deve levantar-se até que nasça o bebê, mas ela não para de andar de um lado para o outro. E suponho que papai esteja lendo na biblioteca. Minhas irmãs estão dormindo, e meus irmãos, não sei. Por que tem uma cor de pele tão estranha?

— Estou moreno. Isto costuma acontecer quando se vive um tempo perto do Equador. — explicou-lhe — O que faz levantada?

— Não me fale como se fosse uma menina. — respondeu Lizzie, indignada — Tenho quinze anos, e posso ficar acordada até a hora que quiser.

Jeremy soprou.

— Certamente foi encontrar-se com um rapaz. De quem se trata? Um dos lacaios? O despedirei amanhã mesmo. — o duque pegou a sua prima pelo braço e se dirigiu a dupla escada que subia até a galeria que rodeava o vestíbulo por três de seus lados — E não pense que não o vou dizer a seu pai, certamente.

A moça deu um puxão com o braço, com uma força surpreendente para uma garota tão magra.

— Solte-me, palhaço presunçoso. — exigiu — Só desci para procurar o livro que estou lendo.

— Oh, é obvio. — replicou ele com ironia— E como se chama? Guia para juvenzinhas em suas primeiras aventuras amorosas?

— Pois, para que saiba, estou lendo “Escritos sobre educação” — resmungou a moça — É um tratado sobre os direitos das mulheres, de Catherine McCauley, contemporânea da Mary Wollstonecraft, admirada em seus dias pelos oito volumes de sua “História da Inglaterra”. — e, com a última palavra, Lizzie conseguiu livrar-se, pois Jeremy estava muito surpreso e a soltou sem dar-se conta.

— Deus santo! — exclamou — E por que está lendo isso?

A jovem Rawlings puxou a manga da bata com afetação e com o esmero de um gato.

— Porque o tema me interessa, ignorante. — disse com tom desdenhoso.

Jeremy deixou escapar um suspiro. Apesar de sua cabeleira loira, aquela menina era igual a sua mãe, certamente. Não se lembrava da última vez que tinha visto sua tia sem um livro de características similares entre as mãos. Perguntou-se como seria aquela moça dentro de uns anos; uma intelectual presa em um corpo de bailarina, e sentiu compaixão pelos homens que tivessem a desgraça de apaixonar-se por ela.

— Que demônios está acontecendo aí abaixo? — retumbou uma grave voz da galeria, por cima de suas cabeças.

O duque elevou o olhar e viu a alta silhueta de seu tio no alto da escada.

— Oh, olá, tio Edward. — disse com indiferença — Sinto havê-lo incomodado.

— Jeremy? — perguntou o cavalheiro enquanto tirava os óculos da ponta do nariz.

“Deus santo!”, esteve a ponto de exclamar o jovem. Edward Rawlings com a vista cansada? Que outras calamidades teriam acontecido enquanto não estava?

— Sim, tio. — respondeu Jerry com jovialidade — Sou eu. Estava tentando disciplinar sua filha mais velha, mas ela parece acreditar que sou eu quem precisa de educação.

— Jeremy! — embora Edward tivesse envelhecido durante a ausência de seu sobrinho, ainda era um homem atlético, e desceu a escada com presteza para dar um abraço ao recém-chegado.

— Por Deus santo! — exclamou Jeremy, incomodado, com a voz amortecida pelo robe de veludo de seu tio — Se soubesse que esta era a recepção que me esperava, nunca teria partido de Nova Delhi.

Surpreso por suas próprias amostras de emoção, Edward soltou o moço de repente, mas deixou uma mão apoiada em seu ombro.

— Bem vindo ao lar, menino. — disse com brutalidade — Sentimos sua falta. — e, olhando-o com os olhos entreabertos, acrescentou — Tem um aspecto horrível. Tomamos um uísque?

— Excelente idéia. — respondeu Jeremy enquanto os dois homens começavam a subir a escada. Edward se deteve de repente, voltou-se e olhou com severidade para sua filha, que escapulia para o salão, situado entre as duas escadas.

— E você, aonde pensa que vai? — inquiriu.

Sem deter-se, Lizzie o olhou com expressão ofendida por cima do ombro.

— Procurar meu livro, é obvio. Deixei-o no salão depois do jantar.

— Está bem. — respondeu seu pai, pigarreando com desaprovação — Anda, vá buscá-lo e volte para a cama. E que sua mãe não se inteire de que te deixo ler à mesa, ou me arrancará a pele a tiras.

— Sim, papai. — assentiu a moça com um suspiro de resignação.

Voltando-se de novo para seu sobrinho, Edward o olhou com um sorriso de desculpa.

— Tornam-se um pouco desobedientes quando sua mãe não está. Pegeen está há alguns dias de cama, e acredito que durante este tempo não vi a nenhum deles.

— E o sétimo resiste a sair, não é? — perguntou o duque com um sorriso.

— Um pouco, mas acredito que não demorará. — respondeu seu tio, com expressão risonha, enquanto subiam até o segundo piso— Acredito que quando te vir, sua tia ficará tão surpresa que entrará em trabalho de parto.

— Estou tão mal? — perguntou Jeremy levando a mão à mandíbula, coberta de áspero pelo escuro — Lizzie não me reconheceu, embora a verdade é que eu tampouco a ela.

— É o bronzeado. — disse após observá-lo uns momentos — E o nariz, é obvio. Por fim consegui que alguém o quebrasse, não é? Bom trabalho. Sabia que estava desejando te desfazer dessas feições tão retas que tinha herdado. — quando chegaram ao alto da escada e estavam a ponto de dobrar para o corredor, Edward se deteve e o olhou com uma sobrancelha arqueada — A verdade é que tinha pensado em quebrá-lo eu mesmo quando tivesse a falta de vergonha de voltar aqui.

Jeremy deu um passo atrás, ao lembrar-se da força com que seu tio batia.

— Se este falando da Estrela do Jaipur, posso explicar.

— Sério? — perguntou Edward com um tom ligeiramente zombeteiro — Certamente é interessante. Li a retratação esta manhã

no *Times*, assim suponho que não teremos uma nova duquesa de Rawlings como esperávamos.

— Eu não disse isso. — respondeu o moço — Mas não será a indiana. De fato, é de bem mais perto.

Muitos defeitos podiam ser atribuídos a Edward Rawlings, mas certamente, ninguém podia negar que era perspicaz.

— Então é verdade. — disse, sacudindo a cabeça — Pegeen me disse que voltaria para casa assim que soubesse que Maggie ficou noiva, mas eu não acreditei.

— Espero que não tenha apostado nada. — sorriu.

— De fato, temo que sim. Maldita seja! Agora devo cem libras ao lar Rawlings para órfãos. — negando com a cabeça, fingindo estar aborrecido, o cavalheiro se encaminhou para a porta da biblioteca — Santo Deus, Jerry. Já se passaram cinco anos. Não pode deixar a pobre garota tranquila?

De repente, o sorriso do rosto do jovem se desvaneceu.

— Não, não posso. — respondeu com frieza — e, ao que parece, você tampouco pode deixar minha tia tranquila.

Então foi Edward quem sorriu.

— *Touché!* — aquiesceu com a mão no trinco da porta.

Na biblioteca, Jeremy viu com grande alívio uma grande chama crepitando na lareira, e o decantador de uísque, destampado, sobre uma mesa auxiliar. Aproximou-se do fogo e estendeu as mãos para se esquentar, enquanto seu tio fechava a porta e servia duas generosas taças.

— Aqui está, — disse lhe estendendo uma— por sua volta.

— Obrigado. — Jeremy bebeu quase todo o uísque de um gole, e sentiu como o líquido abrasador começava a lhe esquentar as extremidades congeladas. Ainda não estava suficientemente recuperado para que uma noite de tórrida paixão e um dia inteiro viajando em diferentes meios de transporte não o deixassem exausto. Ao pensar que ainda tinha que lutar com sua tia, por não falar de convencer à família de Maggie, sentiu-se invadido por um profundo cansaço.

Seu tio lhe pegou amavelmente o copo vazio das mãos e o encheu pela segunda vez.

— Bem, — começou Edward com um suspiro, enquanto se deixava cair no sofá de couro. Aparentemente, minutos antes tinha estado lendo o jornal, pois havia um exemplar do *Times* mal dobrado no chão, a seus pés — deixe-me ver se entendi bem. Alistou-te na guarda montada e embarcou para a Índia, matou montes de rebeldes indianos, conseguiu uma promoção, salvou o embaixador da rainha em Bombaim de um tiro, o promoveram, evitou o saque e a destruição do Palácio dos Ventos de Jaipur, recompensaram-lhe com a Estrela do Jaipur... E diga se esqueci de algo...

— Absolutamente, — respondeu Jeremy, impressionado a seu pesar — aparentemente seguiu minha carreira militar até os mínimos detalhes. Entretanto, quero esclarecer que a Estrela do Jaipur é uma safira, e não uma princesa.

Seu tio pareceu aceitar aquilo com toda naturalidade.

— Ah, e o artigo de ontem no *Times*?

— A princesa parece ter certas dificuldades para aceitar minha decisão de preferir uma safira em seu lugar. — respondeu, encolhendo os ombros como se quisesse dizer: “O que quer que faça um pobre homem como eu?”

— Entendo. — pigarreou o cavalheiro— Devo admitir que conseguiu impressionar a muitos Lordes com sua valentia. Falou-se de te enviar para lutar contra os zulus, na Isandhlwana, para acabar de vez com os rumores sobre sua rebelião. Fiz o que pude para lhes tirar essa idéia da cabeça. Em minha opinião, acredito que seria muito mais útil aqui, na Inglaterra, como consultor em Whitehall.

— Whitehall? — inquiriu Jeremy enquanto se sentava frente à lareira para que o calor lhe penetrasse até os congelados ossos — Vamos, tio Ed, não acredito que eu gostasse disso absolutamente. Não é para que os almirantes aposentados revivam suas velhas glórias?

— Certamente que não. — respondeu Edward com indignação — Em Whitehall estão as mesas centrais das forças armadas de sua majestade. Será melhor que aceite se chegarem a lhe propor isso. Nenhum oficial vivo deixaria passar uma oportunidade assim.

— Suponho que Whitehall será melhor que Nova Delhi. — conveio o duque, encolhendo os ombros — Estou farto da Índia, não há

uísque e os mosquitos são do tamanho de sua mão.

— E aparentemente, não há mulheres. — respondeu o cavalheiro com aspereza — Além da princesa, quero dizer.

— Mas o que diz? Há milhares de mulheres. — replicou Jeremy com um olhar de desconcerto.

— Mesmo assim, continua querendo se casar com Maggie? — inquiriu cético.

— É obvio que sim. — retorquiu o jovem, um pouco na defensiva — Acredito que por fim a mereço.

Edward arqueou as sobrancelhas.

— Do que está falando?

— Não se lembra de nossa conversa depois de que... descobri-nos nas cavalariças? Acusou-me de ser um libertino e me disse que não merecia a uma garota como Maggie porque não tinha feito nada de proveito na vida. — Jeremy se inclinou para frente até apoiar os cotovelos nos joelhos, com o copo de uísque entre as mãos — Bem, acredito que estará de acordo comigo em que agora tenho feito muitas coisas de proveito, não pensa? Arrisquei-me centenas de vezes no serviço de meu país.

— Não me diga... — seu tio deixou o uísque, que mal havia tocado, na mesa auxiliar — Jerry, não me diga que fez tudo isto para demonstrar que merece Maggie.

— Acaso não pensa que ela o valha? — perguntou com rapidez, na defensiva. O cavalheiro pestanejou.

— Acredita que...? Mas, Por Deus santo, Jerry, não tem nada a ver. Estou surpreso, isso é tudo. Eu acreditei que a estas alturas teria esquecido completamente dela.

— Por quê? — perguntou o duque com rispidez — Há cinco anos me disse que seria uma excelente duquesa. Não mudou de opinião? Ou acaso sir Arthur o convenceu que pintar retratos não é adequado para uma mulher?

— Não é nada disso, — riu — só me referia a que cinco anos é um tempo relativamente longo para que um jovem de sua... natureza se mantenha... fiel a uma mulher. E em especial a uma mulher que, conforme entendi, anunciou recentemente seu compromisso com outro homem.

— Por que demônios pensa que retornei, então? — inquiriu o moço, que se levantou de repente e começou a andar de um lado para o outro da biblioteca.

— Deus santo! — exclamou Edward, olhando seu sobrinho dar voltas pela sala — Não tinha me dado conta antes, mas é pior que Pegeen. Quando coloca uma idéia na cabeça, não há quem lhe faça mudar de opinião.

— E o que tem de mal?

— Nada. Acho engraçado, nada mais. Então, já matou a seu noivo?

— Não. Embora tenha pensado nisso. Entretanto, acreditei que seria melhor me livrar dele de outro modo. É exatamente por isso que estou aqui.

— Sério? — perguntou Edward, interessado — Pois não o diga a Pegeen. Assim acreditará que, ao menos uma vez, teve consideração com ela.

Jeremy sorriu.

— Recebi sua carta, e me alegrei de que estivessem todos bem...

— Vamos,— interrompeu seu tio, com tom cético — nunca foi um janota, Jerry. Por certo, como conseguiu chegar tão longe no exército? Mas não, deixemo-lo. Melhor me contar o que é que realmente te traz a Yorkshire quando o amor de sua vida e seu noivo estão em Londres.

— Sua família. — respondeu o jovem de maneira sucinta.

— Sua família? — Edward pareceu confuso — O que tem a ver sua família com tudo isto?

— Tudo. Quero lhes fazer entender e que se deem conta de que sua desaprovação de que Maggie pinte é absurda. Além disso, quero que aceitem que me case com ela, em lugar desse francesinho. — Jeremy se deteve e se voltou para olhar seu tio de frente— Alguma objeção?

Edward pegou o copo de uísque que tinha deixado na mesa.

— E se tiver? — perguntou com um sorriso.

Seu sobrinho também sorriu, mas não havia nenhum pingo de humor em sua expressão.

— Então não ficaria outro remédio que te convencer a murros.

— Nesse caso, — respondeu Edward com fingida seriedade — não tenho nenhuma objeção.

O duque relaxou os punhos, surpreso.

— Fala a sério, tio Ed? De verdade está bem para você?

— De verdade. — respondeu Edward, encolhendo os ombros — Gosto de Maggie Herbert. Não suporta os cretinos, nem sequer os de sua família, e não posso evitar admirá-la por isso. Não obstante, não sei como vai conseguir convencer sua irmã Anne. Sua tia diz que desde seu último aborto não está nada bem, e não quero dizer fisicamente. Aparentemente, está convencida de que as mulheres que estão em idade de conceber e não o fazem vivem contra natureza. Suponho que Anne gostaria de ter muitos filhos mais, mas não pode, e não suporta que outra mulher, podendo, não os tenha.

Jeremy, que não gostava especialmente das crianças, pois lhe parecia que sempre estavam com as mãos sujas e não paravam de chorar, assentiu com uma fingida expressão compadecida.

Edward continuou:

— Anne nunca esteve de acordo que seus pais permitissem que Maggie fosse estudar em Paris, mas suponho que, tratando-se dela, uma academia de arte era... — olhou seu sobrinho com severidade e acrescentou —... um mal menor.

O duque arqueou uma sobrancelha ante aquela insinuação de ser um mal maior, mas como seu tio o tinha chamado de coisas muito piores no passado, não fez nenhum comentário.

— Quando Maggie anunciou sua intenção de viver da arte, Pegeen me disse que Anne perdeu os estribos. — continuou Edward — Não só era uma de suas irmãs a que desafiava a ordem natural das coisas, mas também, ao fazê-lo, manchava o bom nome da família Herbert.

— Entendo. — assentiu o jovem — Então esse é o problema que vou enfrentar, não é?

— Oh, isso não é tudo, — assegurou-lhe seu tio, divertido — esquece de sir Arthur. Anne alimentou seu rancor contra sua filha mais nova. Nunca o tinha visto tão inflexível sobre nada. Ele queria que Maggie voltasse para casa para cuidar dele, e não quer ouvir falar de que viva em Londres pintando os filhos dos ricos. Além

disso, estou seguro de que não gostará de nada que interfira em seus assuntos familiares, nem que queira te casar com sua filha. Já sabe que tem idéias firmes sobre ambas as coisas.

— Sei. — respondeu o jovem com expressão sombria — Por isso mesmo trouxe a pistola.

Edward arqueou uma sobrancelha.

— Oh... — disse — Compreendo. Bom, isso muda tudo, não?

Então foi o duque quem sorriu.

— Assim espero.

CAPÍTULO 34

Maggie, no meio da Galeria de Veygoux, mordida o lábio. Eram quase onze da manhã e Augustin ainda não tinha chegado. Não era próprio dele chegar tarde. Absolutamente.

Não é que incomodasse à moça, pois não tinha nenhuma vontade de lhe ver. Sabia que aquele dia não teria nenhuma desculpa, nem uma dor de cabeça, nem desajeitados transportadores, nem o desafortunado acidente de um ajudante, nem, talvez o mais importante de tudo, Jeremy.

Aquele dia ia ter que romper seu compromisso.

Por sorte, os ajudantes de Augustin estavam na galeria quando ela chegou, não fosse assim, teria congelado esperando na Bond Street. Era um típico dia de fevereiro, frio e com muito vento, com uma fina cortina de neve semi-derretida envolvendo tudo. Um dia ideal para inaugurar uma exposição, pensou a jovem, desgostosa. Com certeza as pessoas estavam desejando sair à rua com aquele frio para ver algumas pinturas, em vez de ficar comodamente em casa junto à lareira. Maggie sabia perfeitamente que ninguém assistiria à inauguração de sua exposição. E não lhe importava.

Augustin teria uma decepção, é obvio. Mas, para ela, seria um alívio. Com a turbulência emocional pela qual estava passando, não se sentia capaz de sorrir e escutar os cumprimentos, ou as críticas, das pessoas sobre seu trabalho. Pela primeira vez em sua vida, não importava o que alguém pudesse pensar sobre seus quadros. Que importância tinha um punhado de telas quando seu coração estava partido? Estava convencida de que era verdade, seu coração estava partido. Mas merecia isso, pois era a mulher mais infame sobre a face da terra. Uma moça que fazia amor com um homem quando estava comprometida com outro... não só merecia que seu coração se partisse, mas também que os jornais de domingo publicassem críticas ferozes sobre sua conduta. Isso era o que merecia de verdade, e confiava em que o *Times* não a decepcionaria.

Um dos ajudantes de Augustin, o mesmo a quem seu noivo tinha puxado as orelhas no dia anterior, parecia preocupado com ela; devia

ter um aspecto horrível, no centro da sala, com o guarda-chuva gotejando sobre o reluzente chão de madeira. O jovem se aproximou com acanhamento e lhe estendeu uma xícara de chá. Surpresa, Maggie a aceitou, e apenas se deu conta de que o moço lhe tirava o guarda-chuva do braço e o levava para guardá-lo. Depois de desculpar-se pelo atraso de seu chefe, perguntou-lhe se não gostaria de dar uma volta para comprovar que os quadros estavam pendurados à seu gosto.

Maggie não pôde dissimular sua surpresa; acreditava que a razão pela que havia ficado de ir à galeria aquela manhã era para decidir onde dispor as obras.

O jovem se ruborizou e, olhando-a com expressão de culpa, respondeu-lhe que tinha razão, mas que ele e seus companheiros tinham adiantado o trabalho na tarde anterior. Maggie pôde ler seus pensamentos, e compreendeu que o ajudante havia se sentido tão culpado por ter quebrado a parede com o martelo no dia anterior, que tinha trabalhado até tarde para impressionar seu chefe com sua diligência e iniciativa.

Mas seu chefe ainda não tinha tido a delicadeza de aparecer.

E aquilo não era próprio dele. Nada próprio de Augustin.

Maggie, comovida pela nervosa solicitude do moço, começou a sentir-se incomodada com seu noivo por sua falta de consideração. Respondeu que estaria encantada de dar uma volta, e o senhor Corman, que assim se chamava o jovem, quis acompanhá-la para explicar-lhe tudo.

As molduras eram lindas; de fato, em alguns casos pareceu a Maggie que eram muito melhores que a pintura. Além disso, era evidente que os tinham distribuído com muito cuidado, de maneira que os maiores não ofuscassem aos menores, e as paisagens se intercalassem entre os retratos, para que a vista não se cansasse de tanto verde ou azul.

Enquanto tomava o chá, a jovem não deixava de elogiar ao senhor Corman e seus companheiros, embora em realidade mal pudesse prestar atenção ao que lhe diziam. Não deixava de perguntar-se onde estaria Augustin; ele nunca chegava tarde.

De repente lhe ocorreu algo horrível. E se Jeremy tivesse razão, e era seu noivo quem tinha tentado lhe matar frente ao número vinte e dois de Park Lane e no dia seguinte nos escritórios do *Times*? Se fosse esse o caso, talvez Augustin o tivesse seguido até Yorkshire, para terminar seu trabalho.

Mas não, isso era ridículo. Augustin nunca tentaria matar ninguém. Era incapaz de uma coisa assim. Estava atrasado, isso era tudo. E Jeremy estava perfeitamente a salvo. Ao que parecia, tinha-a usado, e em seguida abandonado, mas com certeza estava a salvo.

Com estes pensamentos na cabeça, a jovem seguiu ao senhor Corman, que virou uma esquina para lhe mostrar, no lugar de honra, sob um abajur de óleo, um enorme retrato de Jeremy. Maggie ficou tão surpresa que a xícara e o pires estiveram a ponto de cair de suas mãos.

— De onde tirou isto? — perguntou, horrorizada, com os olhos muito abertos.

O ajudante pareceu confuso por aquela pergunta, pois, como lhe esclareceu em seguida, ela mesma o tinha feito levar de seu estúdio, junto com outros quadros.

— Oh, não... — exclamou — Deve ter sido um engano. Este não é parte da exposição. Os transportadores contratados por Augu... quero dizer, pelo senhor de Veygoux, devem tê-lo pegado por engano. Este quadro não estava destinado a que ninguém o visse!

— Rogo-lhe que me desculpe, senhorita. — respondeu o senhor Corman, com uma expressão preocupada no pálido rosto — Permita-me que lhe diga que esta é uma das melhores telas de sua coleção. Não pode nos pedir que o tiremos daí; o transformamos no centro da exposição.

Nesse momento, Maggie se deu conta de que, se não deixasse a xícara de chá em algum lugar, acabaria em pedacinhos contra o chão. Pousou-a com cuidado em cima de um pedestal e se deixou cair em um sofá de veludo azul colocado diante do retrato de Jeremy, como se fosse previsível que as mulheres desfalecessem ao vê-lo.

De fato, não teria surpreendido a artista que isso ocorresse. O retrato, pintado há anos, representava o duque com a aparência que

tinha naquela noite no terraço de Herbert Park, quando, ao Maggie lhe perguntar aonde ia, lhe respondeu: "Ao inferno." Tinha a mesma expressão, meio irônica, meio zangada, uma das sobrancelhas arqueadas de modo cético, e um meio sorriso nos lábios. O jovem estava retratado com um só pé na balaustrada, e com o corpo meio voltado para o espectador; levava o chapéu em uma mão e apoiava o punho fechado da outra na perna levantada. Na distância se divisava a mansão Rawlings, tal como a moça lembrava-se de havê-la visto nesse dia, anos atrás. Jeremy estava vestido com roupa de montar, que realçava os desenvolvidos músculos do corpo masculino. Maggie se ruborizou só de olhá-lo. No que estava pensando quando o pintou?

Enfim, isso era evidente.

Embora fosse impossível saber, tinha pintado o retrato totalmente de cor. Todas as linhas e os detalhes eram precisos, como se tratasse de uma fotografia. Entretanto, diferente de uma fotografia, o retrato mostrava o duque em todas suas facetas; não só seu aspecto, mas também sua essência, seu humor sarcástico, sua aguda inteligência... e, sobretudo, sua agreste sensualidade, tão evidente que à moça pareceu que seu amante ia sair do tecido, aproximar-se dela e beijá-la ali mesmo.

Graças a Deus que estava no sofá, porque lhe falhavam os joelhos e teria sido impossível manter-se em pé.

Tinha pintado aquele retrato fazia quase dois anos, em quatro dias somente; tinham sido quatro dias de trabalho febril, durante os quais não tinha permitido que ninguém visse o que estava fazendo, nem sequer Berangère ou madame Bonheur. Fazia pouco que tinha conhecido Augustin, e Maggie tinha acreditado que talvez, se pintasse Jeremy, conseguiria apartá-lo de sua mente e de sua vida.

Mas não tinha funcionado. Nunca tinha sido capaz de olhar a tela terminada, sem uma inexplicável sensação de opressão no peito. Por isso a tinha guardado, resolvida a não olhá-la nunca mais. E assim tinha sido.

Até então.

— Terá que tirá-lo. — disse fracamente.

O senhor Corman, que tinha trabalhado com muitos artistas e conhecia seu caráter temperamental, tentou acalmá-la.

— Entendo que deve estar nervosa pela inauguração desta tarde, mas insisto que este é seu melhor trabalho. Seria um crime não incluí-lo na exposição. Note-se quão bem fica com estas paisagens aos lados. Não há nenhum outro quadro da mesma medida para colocar em seu lugar.

— Já vi que não entendeu. — começou a jovem — Digo-lhe que terá que tirá-lo. Esta tela forma parte de minha coleção pessoal. Não está à venda, nem foi feita para ser vista por ninguém. Nem sequer pelo modelo, que... tampouco virá a inauguração.

Aquilo era algo no que Maggie apenas se atreveu a pensar. Não tinha nem idéia de por que Jeremy foi a Yorkshire, mas, embora soubesse que era uma estupidez, tinha a esperança de que estivesse ali no dia mais importante de sua vida.

Pela primeira vez, o jovem pareceu compreender.

— Ah, entendo. Mesmo assim, senhorita Herbert, não acredito que o cavalheiro se sentisse insultado. Estou seguro de que está ótimo neste retrato. — e, com os claros olhos voltados para a tela, acrescentou — A nenhum homem poderia desgostar que lhe pintassem tão... masculino.

Com um gemido, a jovem afundou o rosto entre as mãos. Estava naquela mesma posição quando a sobressaltou uma voz as suas costas.

— *Marguerethe?*

A moça se endireitou de repente, como se alguém tivesse puxado um fio que tivesse ligado à sua cabeça. Horrorizada, voltou-se e viu Augustin entrar apressadamente na galeria, tirando a jaqueta.

Então não tinha ido a Yorkshire matar Jeremy.

— Oh, céus... — murmurou com uma última olhada à tela. Afortunadamente, o senhor Corman pareceu entender sua angústia e ficou diante do retrato para tampá-lo.

— *Marguerethe?* — Augustin chamou-a de novo. Havia algo estranho em sua voz, mas Maggie não pôde determinar do que se tratava.

A jovem se levantou do sofá e conseguiu atravessar a galeria com surpreendente compostura, tendo em conta quão alterada estava momentos antes. Entretanto, não tinha se aproximado nem a três metros de seu noivo quando se deu conta de que estava mais chateado que ela. De fato, tinha um aspecto horrível. Mas seu aspecto ruim não se devia aos hematomas; na realidade, estes estavam desaparecendo bastante rápido, pois os que haviam debaixo dos olhos tinham uma cor amarelada, e o nariz estava muito menos inchado. Não, era outra coisa, mas a moça não sabia exatamente o que. Era algo diferente... estranho.

— Oh, *Marguerethe*. — exclamou de Veygoux, com um sorriso nervoso, enquanto se inclinava para lhe dar um beijo em cada bochecha — Sinto muito chegar tarde, *chérie*. Não sei o que me passou. Nunca em minha vida tinha dormido até tão tarde.

— Perdeu a hora? — perguntou Maggie franzindo o cenho. Custava-lhe acreditá-lo. Augustin sempre se levantava cedo; não obstante, era evidente que dizia a verdade, pois ainda tinha os olhos sonolentos. A jovem sorriu. — Augustin... — disse com tom de reprovação — Não tem vergonha! Seguramente saiu ontem à noite, depois de me levar aquele precioso ramalhete de rosas.

O jovem francês se voltou para dar a jaqueta a um de seus ajudantes.

— Não, não é isso. — respondeu. Mas o disse com tanto entusiasmo que a moça em seguida soube que mentia. Perguntou-se que demônios estava tentando ocultar — Acho que estou me resfriando.

— Oh, é claro. — respondeu ela — Um resfriado. Espero que não esteja descuidando de sua saúde.

— Não, absolutamente. — respondeu Augustin, que parecia ter a cabeça em outra coisa— O que aconteceu? — perguntou, percorrendo a galeria com o olhar — Já está tudo feito? Que trabalhadora, *chérie*.

Maggie ficou olhando. Estava acontecendo algo com seu noivo, estava certa. Mas o quê? Não conseguia adivinhar.

— Não fui eu. — respondeu com franqueza — Foram o senhor Corman e seus companheiros. Colocaram os quadros ontem à tarde,

para que estivesse tudo preparado quando eu chegasse. A verdade é que estou muito contente com o resultado. — Maggie mordeu o lábio. Dava graças a Deus de que Augustin não tivesse visto o retrato de Jeremy... embora não entendesse como poderia evitar que o fizesse. A tela parecia atrair a atenção de todo mundo, igual acontecia a seu modelo.

Enquanto falava, Maggie se deu conta de que os ajudantes do comerciante se mexiam, nervosos, esperando a reação de seu chefe ao inteirar-se de sua iniciativa. Ao ver suas expressões de assombro momentos depois, quando seu noivo os felicitou, percebeu que aquilo não ocorria frequentemente, e que de Veygoux só elogiava seus empregados quando realmente mereciam.

— *Superbe*. — disse olhando os quadros pendurados nas paredes — Estou encantado. E você, *Marguerethe*? Você gostou?

Maggie assentiu, e então se deu conta de por que estava achando Augustin estranho: evitava olhá-la nos olhos. Era isso! “Que estranho”, pensou. Pareceu-lhe que seu noivo agia como se sentisse culpado por algo. “Sou eu quem deveria me sentir culpada e, ao contrário, sou capaz de sustentar seu olhar.” perguntava-se o que devia ter acontecido para que se sentisse assim. Acaso era verdade que tinha feito algo a Jeremy? Mas não, isso não era possível. Se alguém tivesse lhe feito mal, teriam lhe informado. Ou não?

Ou não?

Enquanto Maggie dava voltas à questão, Augustin começou a falar com o mesmo tom de falso entusiasmo, sem olhá-la nos olhos.

— Agora, espero que esteja preparada para uma grande notícia, *chérie*. — disse enquanto ajustava o lenço — É uma notícia muito boa. Quando me disseram, não acreditei, mas esta manhã recebi uma carta de confirmação do primeiro-ministro. Está preparada?

Maggie não se sentia com ânimos para nada... exceto para sentar-se de novo em frente ao quadro de Jeremy.

— Sim, acredito que sim. — respondeu com sinceridade.

— Sua alteza real, o príncipe de Gales em pessoa, vai comparecer à inauguração esta noite. — anunciou de Veygoux, com tanta satisfação que a moça não pôde evitar sorrir, mas não pela visita do príncipe, mas sim pela emoção que parecia embargar seu noivo.

Para falar a verdade, estava um pouco decepcionada. Por uns momentos tinha acalentado a esperança de que lhe anunciasse a presença de seu pai, ou algo do gênero.

Mas supôs que devia estar contente.

— Que maravilha!

— *Vraiment!* Mas não parece entusiasmada! — exclamou de Veygoux — Acredito que não entendeu o que acabo de te dizer. O príncipe de...

— Sim, entendi. — interrompeu-o a moça com um sorriso forçado — E estou encantada.

— *Marguerethe...* — ao que parecia, Maggie tinha conseguido atrair toda sua atenção — Não entende? A rainha quer encomendar um retrato de seus netos, e o fato de que envie o príncipe de Gales à sua exposição quer dizer que está considerando a possibilidade de que você o faça.

Apesar de seu mau humor, aquilo a impressionou. Uma encomenda da rainha? Era a maior honra a que podia aspirar um artista.

Augustin forçou um sorriso, mas entre o nariz torcido e o fingimento, acabou em uma careta.

— O que me diz, *mademoiselle*, de irmos comer juntos no café da calçada em frente para comemorar? Assim poderemos falar de como devemos receber o príncipe de Gales.

Mas aquilo não era tudo de que iriam falar. Uma casa de chá não era o lugar ideal para romper um compromisso, mas não havia outro remédio. Faria tudo, absolutamente tudo o que fosse, para evitar que visse o retrato.

Embora, pensando bem, talvez estivesse se comportando como uma tola. Que mal podia fazer um pequeno quadro?

CAPÍTULO 35

— Como pôde?

Jeremy abriu um olho. Pareceu-lhe que aquela frase, pronunciada muito perto de seu ouvido, vinha de alguém que se encontrava bem a seu lado. Sem lembrar-se onde estava, estendeu os braços para abraçar Maggie, pensando que a encontraria aconchegada a seu lado.

Em vez disso, apalpou algo redondo e firme. Ao abrir o outro olho, o duque descobriu com consternação que se tratava da proeminente barriga de sua tia.

O moço afastou a mão e se levantou confuso.

— Tia Pegeen!

Mas a dama não pareceu perceber a surpresa de seu sobrinho.

— Como pôde? — perguntou de novo, de pé junto à borda da cama — Não tem vergonha, Jerry!

Jeremy olhou sua tia com apreensão. Apesar de seu avançado estado de gestação, tinha exatamente o mesmo aspecto da última vez que a tinha visto, cinco anos antes, à exceção de algumas finas rugas nos cantos dos lábios e dos verdes olhos, e umas poucas cãs na escura cabeleira que lhe caía soltas sobre os ombros. Era evidente que acabava de levantar-se da cama, e vestia uma volumosa bata de veludo verde, atada abaixo dos seios com um cinturão dourado.

Não tinha nem a mais remota idéia do que se referia com aquela pergunta; queria saber como podia haver-se comprometido com uma princesa da Índia? Ou como tinha podido estar tanto tempo fora e não lhes escrever?

— Acreditava que o doutor Parks te havia dito que guardasse repouso. — disse para mudar de assunto e evitar que sua tia seguisse por esse caminho.

— Que guardasse repouso! — gritou-lhe — Como vou guardar repouso quando fico sabendo que meu sobrinho acaba de voltar depois de cinco anos de ausência? E que, ainda por cima, está doente de malária? — Pegeen meneou a cabeça com expressão

recriminatória — Como pôde? Por que não nos escreveu para nos dizer isso. Se o tivesse sabido, nunca teria lhe contado sobre Maggie.

— Pois por isso mesmo não lhe disse. — murmurou o jovem.

— Mas malária! — Pegeen voltou a balançar a cabeça — Tem um aspecto horrível.

— Já me disseram isso. — Jeremy pensou que talvez devesse levantar-se, mas então se lembrou de que não vestia nada debaixo dos lençóis; não podia retirar os cobertores e ficar nu diante de sua tia. Em vez disso, queixou-se — Quem lhe deu permissão para entrar, hem? A bolsa não estourou, já?

— Não, ainda não. — respondeu Pegeen. E, para seu aborrecimento, viu que sua tia se sentava na beira da cama — E não banque o esperto. Que seja tenente coronel não significa que possa ser grosseiro com os mais velhos.

O duque suspirou.

— Tio Edward sabe que se levantou? Estou seguro de que quando souber não vai gostar nada...

— Mas se nem sequer sabe onde estão seus filhos, imagine sua esposa. — disse Pegeen, fazendo um gesto no ar com a mão — E agora me conte o que aconteceu entre você e Maggie. Foi muita falta de consideração de sua parte passar tantos dias na casa de Park Lane com ela, sem ninguém que lhes acompanhasse. O pobre Evers estava à beira do enfarte. Tudo que pude fazer para que não partisse no primeiro dia foi lhe oferecer um aumento. Além disso, lhe asseguramos que tinha a intenção de se casar com ela. Então, o que te respondeu?

— O que respondeu quem? — perguntou Jeremy, sem saber exatamente a quem ou a que se referia.

— Maggie, é obvio! O que respondeu quando lhe propôs casamento?

— Se quiser que te diga a verdade, não disse nada, porque ainda não pude expor a questão... — ao ver que sua tia inspirava para protestar, o duque revirou os olhos e acrescentou — Olhe, tia Pegeen, estou muito contente de vê-la, e quando tudo isto terminar,

vou te fazer uma visita como Deus manda. Entretanto, agora mesmo tenho coisas a fazer. E me parece que você também.

— Ainda vou estar em trabalho de parto durante algumas horas.
— respondeu ela com outro gesto de mão — A que te refere exatamente com que não pudeste expor a questão? Não me diga que deixou a pobre garota em Londres sem ter nem idéia de quais são suas intenções. Acreditei que Edward tinha te advertido...

— Está em trabalho de parto? — interrompeu-a seu sobrinho, quando por fim entendeu o que acabava de lhe dizer — Está em trabalho de parto agora mesmo?

A dama o olhou, pestanejando.

— Bom, só desde que amanheceu. Passarão ao menos duas horas antes que...

— Pegeen! — o ensurdecedor bramido lhes chegou acompanhado de um ruído de algo ao quebrar-se.

Lady Edward levou um susto e se virou para ver qual tinha sido a causa daquela comoção.

— Tinha entendido que ia ficar na cama. — disse seu marido da soleira da porta com um olhar furioso. Aquela frase foi pronunciada com tanta cólera contida que a Jeremy lhe arrepiou o pelo da nuca em sinal de advertência.

A dama jogou a cabeça para trás.

— Isso é o que pensam você e o doutor Parks, mas eu não compartilho dessa opinião.

— Pegeen. — o cavalheiro parecia estar controlando-se para não quebrar a primeira coisa que se colocasse em seu caminho — Volte para a cama agora mesmo.

— Não pode falar a sério, Jeremy. — continuou ela como se nada a tivesse interrompido, voltando-se para o moço — Alistair e Anne Cartwright estão abaixo no salão dourado, com sir Arthur. Conforme me disse Edward, quer falar com eles. Espero que lhes faça recobrar a razão. Comportaram-se de uma forma horrível com Maggie desde que... Oh!

Esta última exclamação foi proferida quando Edward, depois de aproximar-se de sua esposa, pegou-a nos braços sem esforço aparente.

— Desça-me agora mesmo! — gritou raivosa — Ficou louco?

— Não. — respondeu ele com aspereza, enquanto se dirigia para a porta — Mas é evidente que você sim.

— Isto é uma vergonha. Ao longo da história, e conforme a época, os homens trataram com indiferença ou condescendência às mulheres grávidas. — a voz começou a afastar-se, à medida que Edward levava a dama pelo corredor — Considerava-se que uma mulher em estado interessante era um ser irracional. Entretanto, quero que saiba que meu intelecto funciona perfeitamente.

— Isso é o que você pensa, mas eu não compartilho dessa opinião.

O duque estremeceu ao imaginar a reação de sua tia ao ouvir que lhe devolvia suas próprias palavras. Infelizmente, já estavam muito longe para ouvir a resposta de Pegeen à provocação de seu marido. Era melhor assim, Jeremy tinha coisas muito mais importantes a fazer que escutar as discussões de seus tios. Afastou os cobertores e se vestiu a toda pressa, embora com esmero; afinal, quem lhe esperava abaixo não eram quaisquer pessoas, mas seus futuros parentes, e queria lhes causar boa impressão.

Dez minutos depois, vestido e barbeado, o duque descia pela escadaria que conduzia ao grande vestíbulo, enquanto terminava de arrumar o lenço do pescoço. Maldita seja! Devia ter levado Peters consigo. Tão concentrado estava o jovem amarrando o lenço que esteve a ponto de se chocar com um criado que se dirigia ao salão com uma bandeja de taças de xerez nas mãos. No último momento, o mordomo viu o duque e esquivou o golpe.

— Desculpe excelência. — disse surpreso, e Jeremy levantou a vista.

— Evers? — perguntou, entreabrindo os olhos — É você, verdade?

— É obvio excelência. Meu filho tem a honra de lhe servir em Londres, e meu pai foi o mordomo desta casa durante muitos anos.

Ao jovem lhe pareceu que não havia nenhuma diferença destacável entre aquele homem e o que trabalhava em Park Lane, à exceção de que o mais jovem tinha um pouco mais de cabelo, penteado sobre a incipiente calva.

— Me alegro de voltar a ver-te. — disse o moço — Que tal está este último nó?

— Muito bem, senhor. — assentiu Evers após observar o lenço com atenção.

— Estupendo. — e assinalando a bandeja com a cabeça, acrescentou — Um pouco cedo para tomar xerez, não te parece?

— Certamente, excelência. Entretanto, sir Arthur pegou frio no caminho de Herbert Park até aqui, e pensei que...

O duque suspirou.

— Entendo. Está bem, dê-me isso. E, ante o olhar perplexo do criado, esclareceu — Minha tia está em trabalho de parto. Estou seguro de que precisarão de seus serviços em outra parte. Vá ferver um pouco de água.

Evers pareceu ofendido.

— Isso seria me intrometer nas funções da cozinheira.

— Então vá servir um brandy a meu tio. Tenho a impressão de que vai precisar de uma taça logo.

O mordomo inclinou a cabeça, mas era evidente que desaprovava a decisão de Jeremy de servir a seus próprios hóspedes.

— Como queira, excelência. — murmurou. Seu filho já tinha lhe informado que o novo duque tinha um caráter difícil, mas não tinha imaginado que pudesse chegar a tal extremo. Ia ter que falar disso com lorde Edward. Aquele tipo de coisa era inconcebível na mansão Rawlings; afinal, o duque tinha que cuidar sua reputação.

Jeremy se deteve frente à porta do salão dourado e utilizou a mão que estava livre para puxar a aba da jaqueta. No salão se ouvia um murmúrio de vozes, distinguia-se a voz de barítono de Alistair em contraste com o nervoso tom de soprano de sua esposa, sufocadas pelo irritável baixo de seu pai.

— Eu gostaria de saber por que me fizeram sair de casa, onde estava tão bem, — ouviu que dizia sir Arthur com aparente ar ofendido — para vir à casa de um homem que nem sequer pode nos receber como se deve.

— Certamente. — interveio Anne — Não acredito que seja um bom momento para vir a Rawlings, com a senhora indisposta e lorde Edward tão ocupado.

Jeremy não esperou para escutar a resposta de seu pai; abriu a porta de folha dupla e perguntou com indiferença:

— Alguém quer um pouco de xerez?

Sir Arthur, que estava sentado em um dos sofás estofados de veludo dourado escuro, com as mãos rechonchudas estendidas para a lareira, levantou-se de repente com uma rapidez surpreendente para um homem tão corpulento.

— Deus santo! — exclamou, com a papada rosada tremendo — É possível que seja...?

— Certamente. — assegurou-lhe o duque enquanto deixava a bandeja em uma mesa com tampo de marfim, junto à filha mais velha do cavalheiro, que o olhava estupefata — Como está, senhora Cartwright? — perguntou enquanto pegava galantemente uma das mãos enluvadas e a aproximava dos lábios — Faz muito tempo que não nos vemos, verdade? Muito tempo, diria eu. Está um pouco pálida. Quer um cálice de xerez?

Anne, uma mulher atraente, estava vestida de luto. Jeremy supôs que não era por sua mãe, que havia falecido há mais de um ano, mas sim pelo filho que Edward tinha lhe contado que tinha perdido. Tinha mudado pouco da última vez que a tinha visto, exceto possivelmente pela tez, que sempre tinha sido luminosa, e nesse momento tinha perdido a cor. Entretanto, não estava seguro se essa mudança se devia à impressão de lhe ver ou a algum desgosto recente.

— Eu, eu... — Anne mordeu o pálido lábio — Oh, céus. — murmurou — Não sabia que havia retornado Jeremy.

— Excelência, querida. — a corrigiu sir Arthur a toda pressa — Tem que chamar ao duque de excelência. Já é maior de idade. — o cavalheiro se afastou da lareira e se aproximou do jovem com a mão estendida — Não sabíamos que tinha retornado excelência. Que surpresa!

— Espero que seja uma surpresa agradável. — sorriu Jeremy enquanto estreitava a mão do pai de Maggie.

— Oh, certamente, certamente! — apesar de suas expressões de entusiasmo ao ver o duque de Rawlings, o cavalheiro parecia

nervoso — Mas você... está bem? Espero que não tenha retornado por causa de uma enfermidade.

— Sim, mas nada grave. — disse Jeremy lhe diminuindo a importância — Nada comparado com o que tiveram que passar vocês durante este último ano.

Sir Arthur ficou olhando os fios de cor esmeralda e dourada do tapete.

— Ah. — disse com tristeza— Então soube de nossa terrível perda.

— Uma terrível perda, certamente. — repetiu Jeremy enquanto, com gesto consolador, punha uma mão sobre o corpulento ombro do administrador. Não estava preparado para estrangular o pai de Maggie. Ao menos, ainda não — A notícia sobre o falecimento de lady Herbert me entristeceu muito. Acredito que não seria um exagero afirmar que sua esposa era uma dama muito querida por todos.

— É muito amável de sua parte, excelência. — conseguiu responder sir Arthur, e o duque viu com preocupação que o cavalheiro tinha os olhos inundados de lágrimas.

Arqueando as sobrancelhas, Jeremy se voltou para Alistair para lhe pedir ajuda com o olhar. O marido de Anne se levantou ao vê-lo entrar, mas tinha se afundado de novo em uma suntuosa poltrona, e algumas mechas de cabelo loiro lhe tinham caído sobre a testa. Jeremy observou que, além de umas poucas cãs, o senhor Cartwright estava exatamente como sempre. Alistair também era rico por herança, mas como não tinha nenhum título aristocrático, não ocupava nenhum banco na Câmara dos Lordes. Em consequência, tinha envelhecido bem menos que seu amigo, a quem se referia como o “feliz reformado”, Edward Rawlings.

Ao dar-se conta de que Jeremy o olhava, o senhor Cartwright encolheu os ombros e elevou a vista ao céu; embora amasse muito sua esposa, nunca tinha tido paciência com seu sogro. O duque se deu conta em seguida de que naquelas circunstâncias não ia ser-lhe de grande ajuda.

— Entretanto, pelo que entendi, também há boas notícias na família. — disse o jovem com fingido entusiasmo enquanto retirava a

mão do ombro de sir Arthur — Sua filha mais nova está noiva, não é verdade?

Anne foi primeira a reagir; deixou escapar um breve gemido e se levantou com brutalidade. Logo, sem saber muito bem o que fazer, aproximou-se de uma das janelas. Tentou aparentar que tinha ido exclusivamente contemplar a vista, mas Jeremy sabia que, no inverno, a vista do salão dourado era muito monótona, pois dele só se via a estepe coberta de neve frente à qual estava situada a mansão Rawlings.

— Ah, sim. — respondeu o advogado com incerteza, olhando as esbeltas costas de sua filha — Sim, Margaret está noiva, mas...

Sem apartar a vista de sir Arthur, Jeremy se deixou cair na *chaise longue* da qual Anne acabava de levantar-se.

— Sim? — inquiriu com um sorriso que possivelmente teria dado um alento a sir Arthur se o tivesse visto.

— Enfim, — continuou o cavalheiro forçadamente efusivo — como bem sabe, excelência, Margaret sempre foi muito... teimosa. Por isso acredito que há assuntos mais interessantes dos quais falar. Como suas aventuras no estrangeiro, por exemplo. Tivemos notícia de todas suas heroicas façanhas na Índia. Além disso, estamos impacientes para que nos fale dessa jovem... a Estrela da Índia.

— Do Jaipur. — o corrigiu o duque. Estendeu as pernas junto às almofadas de veludo verde, cruzou os tornozelos e colocou os dedos entrelaçados atrás da cabeça — Mas a verdade é que não há muito que dizer sobre ela. Correram rumores que asseguravam que íamos nos casar, mas não são certos. Agora, se me permite, preferiria que falássemos de sua filha Maggie.

— Mas... — o cavalheiro ficou olhando, confuso — Oh, céus. Mas devo protestar, excelência. É uma questão... uma questão...

— É uma questão em que tenho um grande interesse. — interveio Jeremy, arrastando as palavras, com o olhar perdido no teto abobadado — Um grande interesse pessoal, se me permitir.

Os olhos de sir Arthur, pequenos e ocultos atrás de dobras de gordura, abriram-se até o limite de suas possibilidades. Se não tivesse tanto rancor daquele homem, Jeremy até teria sentido pena.

— Mas, excelência. — exclamou — Talvez não saiba que... É obvio, seguro que não lhe disseram que Margaret... decepcionou-nos.

— Como? — Jeremy não pôde evitar rir ante a confusão do cavalheiro — O que Maggie pode ter feito que lhe deixe sem palavras, sir Arthur? Acaso não aprova o homem com quem vai se casar?

— Não, não... — respondeu o advogado, enquanto tirava um lenço do bolso da jaqueta para secar a testa empapada de suor. Ao que parecia, tinha passado o frio do qual se queixava momentos antes — Não se trata disso. Veja excelência. É que Margaret expôs a todos indo a Londres para...

Jeremy abriu muito os olhos, com expressão de horror.

— Deus santo! Não me diga que se uniu às coristas de Vauxhall!

— Basta! Já basta!

Jeremy se voltou, surpreso. Anne Cartwright continuava junto à janela, mas tinha se virado para olhá-lo. Entretanto, não se parecia com a moça a quem tinha conhecido quando criança, nem com a mulher que tinha visto momentos antes. Aquela dama não estava pálida, e sim tinha as bochechas acesas. E a expressão de seus olhos, que não se pareciam em nada aos de sua irmã, não era amável nem afável, mas gélida... embora ao duque parecesse ver que aparecia um par de lágrimas.

— Sabe perfeitamente o que fez. — afirmou com voz trêmula — Deveria ter me dado conta no momento em que cruzou a porta, Jerry. Deveria ter imaginado que tinha planejado algo. Mas nunca, nem em um milhão de anos, teria adivinhado que tinha a ver com minha irmã.

— Querida, por favor! — murmurou seu pai, confuso — Não grite. Não se dá conta de com quem está falando?

— Oh, é obvio que sei com quem estou falando, papai. — respondeu Anne — Estou falando com Jeremy Rawlings; o beberrão, briguento e insolente duque de Rawlings, a quem não lhe interessa nada mais que satisfazer sua lascívia...

— Escute senhora Cartwright, — começou o duque, ficando de pé — não digo que tudo isso não fosse verdade, mas é injusto que me

julgue pelo que era há alguns anos. Mudei. Trabalhei duro, e acredito que mereço uma segunda oportunidade.

Anne continuou como se não lhe tivesse ouvido.

— O jovem por culpa de quem meus pais se viram obrigados a enviar minha irmã mais nova a outro país, a fim de protegê-la de suas libidinosas inclinações...

— Já chega. — interrompeu-a Jeremy, com a mandíbula apertada — Para começar, minhas inclinações não são assunto seu. E, além disso, para que saiba, faz cinco anos que propus casamento à sua irmã e ela me rechaçou, assim não quero ouvir nenhuma palavra mais a respeito de que seus pais se viram obrigados a mandar sua filha a outro país por minha culpa, pois fui eu quem saiu perdendo.

— Você o quê? — exclamou Anne, quase sem fôlego. Seu pai parecia igualmente estupefato. De fato, deixou-se cair pesadamente em uma cadeira estofada que rangeu de forma inquietante sob seu peso.

— Já me ouviu. — replicou Jeremy, andando de um lado para o outro em frente à lareira — Pode me desprezar o quanto quiser. Não me importa. A única que me interessa é Maggie, e é ridículo que a tratem como se fosse uma criminosa, quando seu único delito é fazer o que verdadeiramente ama.

Anne pestanejou algumas vezes.

— Propôs-lhe casamento, — murmurou, como se ainda precisasse de que lhe esclarecessem aquele ponto — e ela te rechaçou?

— Exatamente. — respondeu Jeremy, que tinha deixado de andar, enquanto se virava para olhá-la — Posso lhe perguntar por que lhe é tão difícil acreditar?

— Mas... — Anne ficou pálida de novo — Maggie, duquesa de Rawlings? Não, senhor, isso é que não posso acreditar.

— Pois terá que começar a acreditar. — resmungou o jovem — Porque tenho intenção de me casar com ela logo que consiga convencê-la.

Anne pareceu não havê-lo ouvido.

— Mesmo que se casassem Jeremy, asseguro-lhe que ela não deixaria de pintar...

— Tampouco vou pedi-lo. Por que iria fazê-lo? Ama a pintura, e é uma grande artista. Viu algum dos quadros que pintou ultimamente, senhora Cartwright? São muito bons...

Sir Arthur pigarreou.

— Seria muito impróprio. — disse — Muito impróprio. Até insensato. Quase pior que se casasse com a jovem hindu. Estou seguro de que a rainha não o aprovaria.

— O que é insensato, e estou seguro de que a rainha não aprovaria, é sua atitude. — replicou Jeremy com firmeza — Estou farto de ouvi-los, assim vou pôr fim a tudo isto agora mesmo. — disse enquanto colocava uma mão no bolso da jaqueta e tirava o relógio — Há um trem que sai para Londres dentro de duas horas. Se houver algo que necessite para passar uma noite fora, senhora Cartwright, sugiro-lhe que mande um de meus criados buscar. O chofer estará aqui dentro de meia hora.

Anne o olhou fixamente.

— Do que... está falando?

— Vamos a Londres, — explicou o jovem pacientemente — a inauguração da exposição de sua irmã é esta noite na galeria de seu noivo, na Bond Street. Significaria muito para ela que você e seu pai fossem, assim vou encarregar-me de que assim seja.

— Mas... — a dama trocou com seu pai um olhar de estupor — Mas isto é uma loucura! Eu não vou à parte alguma!

— Sim. — replicou o duque com serenidade, enquanto guardava o relógio — Sim, vai.

— Nem pensar! — exclamou Anne dando uma cotovelada em seu pai — Papai, diga-lhe.

— Bom, — começou sir Arthur, vacilante — é que é o duque...

— Mas não pode fazer isto! — Anne se voltou para seu marido, que tinha se endireitado na poltrona e observava os acontecimentos com interesse — Alistair, diga-lhe que não pode fazer isto!

O cavalheiro olhou Jeremy. Deve ter lido a súplica escrita em seus olhos, pois suas palavras seguintes foram:

— Embora lamente te afligir, querida, temo que esteja de acordo com ele. Já passa da hora de que mostre um pouco de amor fraternal à sua irmã mais nova.

— Oh! — ela ficou olhando, com os olhos alagados em lágrimas — Como pode me fazer isto, Alistair? — e, tampando a boca com a mão para sufocar um soluço, levantou a saia e saiu apressadamente do salão. Seu pai a olhou sair, preocupado.

— Oh, céus. — disse — Suponho que deveria... Suponho que...

— Sim, — suspirou o duque — vá atrás dela, sir Arthur. E assegure-se de que estará pronta em meia hora.

— Como você disser excelência. — respondeu o cavalheiro antes de sair da sala, murmurando uma enxurrada de incoerentes desculpas.

Quando a porta se fechou atrás dele, Alistair, sentado na poltrona, começou a aplaudir lentamente.

— Bem feito, moço. — disse com sarcasmo — Bem feito. Eu não o teria feito melhor. Com essas habilidades diplomáticas, teria que seguir o exemplo de seu tio e ocupar um banco na Câmara dos Lordes.

Consciente de que estava caçoando dele, embora fosse com afeto, Jeremy encolheu os ombros.

— Ao menos não tive que utilizar a pistola. — disse.

CAPÍTULO 36

Quando Augustin, que nunca tomava o café com açúcar, jogou o terceiro torrão na taça, Maggie não pôde suportar mais.

— Não vai me dizer o que se passa? — reclamou.

Seu noivo levantou a vista da toalha e ficou olhando, surpreso.

— *Pardon, chérie?*

— A comida vai nos cair mal. — continuou a moça com voz mais suave — Comer com esta tristeza não pode ser bom. Por que não me conta o que te ocorre?

— Nada, *chérie*. — respondeu de Veygoux com açucarada condescendência enquanto segurava a mão de sua noiva, que estava do outro lado da mesa, junto a sua taça — Não me passa nada.

Mas Maggie sabia muito bem que mentia. Tinha passado toda a tarde lhe falando com o mesmo tom brando, primeiro na galeria e depois no salão de chá. Ainda evitava seu olhar, e nem sequer a tinha criticado quando ela pediu um pedaço de torta, como teria feito normalmente; Augustin sempre lhe dizia que as guloseimas deviam ser consumidas depois da comida, e não em seu lugar.

Maggie pensou que aquele homem não podia ser um assassino. O que o mantinha tão preocupado, então? Acaso teria se inteirado do ocorrido com Jeremy? Mas como? Sabia muito bem que não podia adivinhar que tinha perdido a virgindade, como tinha feito Berangère. Então, como podia sabê-lo? Estava certa de que Jeremy não tinha contado; a moça o conhecia bem e sabia que era incapaz de se gabar de algo assim com Augustin. Teria sido indigno dele; teria preferido lhe dar um tiro a admitir que tivesse deflorado sua noiva.

Berangère teria contado? A moça engoliu um pedaço de torta e assentiu com descuido para o garçom que lhe perguntava se queria mais chá. Maggie não o tinha contado a ninguém mais, assim se alguém a tinha delatado, só podia ser a senhorita Jacquard. Mas por que sua amiga ia fazer uma coisa assim? O que podia ganhar com isso?

Queria ajudá-la. Tinha que ser isso. Em um intento de ajudá-la a tomar a decisão correta sobre seu futuro, tinha contado a verdade a Augustin. É obvio. Acaso não havia lhe dito: “Eu me encarregarei dele”?

Quanto mais pensava nisso, mais convencida ficava de que aquela era a causa do estranho comportamento de seu noivo: Berangére tinha contado tudo a respeito da noite de paixão que tinha compartilhado com Jeremy. Assim, como sabia que de Veygoux era muito educado para tocar no tema, decidiu fazê-lo ela.

— Por acaso... — começou, vacilante — Por acaso se encontrou com o Berangére ontem à noite, quando saiu de minha casa?

Augustin pousou a xícara de café.

Por sorte, conseguiu pô-la sobre o pires e não se quebrou, embora parte de seu conteúdo tenha se derramado sobre a toalha branca. O ruído chamou a atenção de alguns clientes, que se voltaram para olhá-los, e Maggie, que observava a reação de seu noivo, ficou perplexa. “Oh, não. O contou! Vou matá-la. Por que não pôde deixar que eu o fizesse?”

Augustin esfregou brandamente a mancha com seu guardanapo, e em seguida limpou os cantos dos lábios.

— Como... sabe?

— Intuição. — respondeu com um sorriso sombrio.

— Não sei... não sei como pôde acontecer. — começou a dizer de Veygoux com a vista em seu colo. Continuava sendo incapaz de olhar a moça nos olhos.

Maggie estendeu o braço para lhe pegar a mão, como tinha feito ele momentos antes. O gesto lhe pareceu pateticamente inadequado, mas que outra coisa podia fazer? Assim disse a primeira coisa que lhe ocorreu, que não era parte do discurso que tinha preparado.

— Sinto muitíssimo...

Então Augustin levantou a cabeça e ficou olhando com expressão de agradecimento.

— *Vous êtes vraiment angélique...* — murmurou. Maggie pestanejou.

— Vamos, Augustin... — sussurrou — Não sou absolutamente *angélique*.

— Claro que sim! — respondeu ele lhe agarrando a mão entre as suas com desespero — Que outra mulher seria tão compadecida, tão indulgente? Sou o homem mais afortunado sobre a face da terra.

— Compadecida? — repetiu a jovem — O que é que tenho que compreender? Sou eu quem precisa de sua compreensão.

— Não. — exclamou ele, levando sua mão aos lábios e cobrindo-a de beijos — Não, eu sou quem pecou. Pequei contra meu amor! Ela me assegurou que não me perdoaria. Mas me perdoa! Compreende-me! *Oh, Marguerethe!* Não mereço uma mulher como você, sou um egoísta...

Maggie, perplexa, retirou a mão e o olhou fixamente.

— Do que está falando? Quem disse que não o entenderia?

— Berangére, é obvio. — Augustin sorriu — Disse-me que não lhe contasse isso, que não compreenderia, mas lhe respondi que se equivocava. Não há outra mulher no mundo como minha *Marguerethe*. Tão generosa, tão compadecida.

— Deixe-me ver se entendo. Poderia me dizer o que é que tenho que te perdoar exatamente?

— O quê? Pois minha infidelidade, *chérie*, — respondeu o jovem francês, pestanejando — ontem à noite.

Maggie se recostou na cadeira, atônita, mas risonha. Augustin tinha se deitado com Berangére?

— É que não o entende, *chérie*? — continuou o jovem. Falava com voz tão baixa e tão depressa, que a moça mal podia ouvir o que dizia com o ruído dos talheres, o murmúrio das conversas de outros clientes e o movimento dos saltos dos sapatos das garçonetes no chão — Quando saí de sua casa, tinha um pouco de apetite, assim fui a Vauxhall... Há um ambiente muito animado para meu gosto, mas admito que me sentia um pouco pesaroso. Encontrei Berangére, que também estava sozinha, então a convidei para jantar, *naturellement*...

— Oh. — assentiu Maggie, ao ver que de Veygoux fazia uma pausa, esperando sua aprovação — *Naturellement*.

— Foi um jantar estupendo, e bebemos um pouco de champanha, e logo um pouco mais... Suponho que tomamos muito, porque a seguinte lembrança é que Berangére me disse que o cordão do sapato dela tinha quebrado, e se podia acompanhá-la a seu apartamento para trocar-se. Um cavalheiro jamais permitiria que uma jovem partisse sozinha tão tarde, é claro, então lhe disse que sim, e quando chegamos a sua casa desenvolveu outra garrafa de champanha e...

— Oh... — repetiu Maggie. Sentia-se embargada por uma sensação que não podia descrever com exatidão. Era como se tivessem lhe tirado um enorme peso de cima, mas não dos ombros, como se costumava a dizer, mas sim do coração — Entendo.

Augustin esboçou um sorriso, mas evidentemente não de alegria, pois o que disse a seguir estava carregado de mais emoção do que jamais tinha expressado.

— Mas não significou nada para mim, *Marguerethe!* Fui um estúpido. Tinha bebido muito, e já sabe como é Berangére, é uma mulher atraente e encantadora...

— Oh, sim. — assentiu a moça. Custava-lhe conter um sorriso, provocado por sentimentos muito diferentes dos que tinham feito sorrir a seu noivo — Já sei como é Berangére.

Era a isso que se referia sua amiga ao dizer que ela se encarregaria de Augustin! Deus santo! Devia ter imaginado. Tinha-o seduzido! E se não se equivocava, de Veygoux parecia ter se deliciado muito com ela. Não havia dúvida de que por isso se sentia tão culpado; tinha traído sua noiva, e tinha sido muito prazeroso!

Talvez pudesse convencê-lo de que aquilo não era o fim do mundo... Ao contrário, podia ser o princípio de algo muito melhor que sua relação com Maggie.

— Está me dizendo que fez amor com Berangére sem sentir nada por ela? — perguntou-lhe com gravidade.

— Não, — respondeu o jovem, imediatamente — não queria dizer isso... não é que não sentisse nada, mas... Talvez se você e eu não nos tivéssemos conhecido, Berangére e eu... — Augustin meneou a cabeça, como se tentasse despertar de um sonho embriagador — Mas não é possível.

— Por que não? — perguntou a moça pondo os cotovelos em cima da mesa e apoiando o queixo em uma mão.

Augustin ficou olhando como se estivesse louca.

— Porque estou noivo de você, *Marguerethe!*

— E se casaria comigo embora estivesse apaixonado por outra mulher?

Augustin se ruborizou.

— Eu não queria dizer... não sei se...

Maggie sentiu uma onda de carinho pelo jovem e pegou-lhe a mão com um sorriso.

— Era uma brincadeira, sinto muito; não pude evitá-lo. Você e eu somos tão bons amigos, que brincar contigo é algo que me sai com mais naturalidade que... — e baixando o olhar, acrescentou —... outros sentimentos.

— Ah. É isso. — quando Maggie sentiu coragem de levantar a vista, deu-se conta de que de Veygoux não parecia especialmente abatido, mas apenas um pouco desanimado — Quer que sejamos só amigos?

— Não pensa que seria melhor? — perguntou lhe apertando um pouco mais a mão — A verdade é que não me parece que para casar-se seja suficiente um carinho... fraternal.

— Meus sentimentos para você não eram fraternais. — respondeu o jovem com um suspiro compungido. Quando, incomodada, a moça quis retirar a mão, Augustin a segurou com mais força e continuou — Mas não posso te culpar de que não me corresponda. Você sempre foi muito sincera comigo. Deixou muito claro desde o começo que não estava apaixonada por mim, mas eu pensei que possivelmente com o tempo... Agora vejo que isso nunca teria podido acontecer. Uma mulher como você não pode amar um homem como eu.

— Não diga tolices. — respondeu Maggie com severidade — Sabe muito bem que tem muito a oferecer. Mas deve encontrar a mulher adequada, e acredito que não sou eu.

— Talvez não. — disse ele, aflito — Mas...

— Mas o quê? — Maggie ficou olhando com curiosidade do outro lado da mesa.

De Veygoux meneou a cabeça, como se quisesse dissipar uma idéia, e lhe soltou bruscamente a mão.

— Não é nada. — respondeu — É só que... Você pensa que Berangére...?

A jovem teve que morder o lábio para conter um sorriso.

— É uma pergunta difícil de responder... — começou, tentando soar pensativa — Para ganhar Berangére teria que adotar uma estratégia eficaz. Não é tola, e estou certa de que com os estímulos adequados, poderia conquistá-la.

— Estímulos?

— Gosta muito de dinheiro. — sorriu.

— Ah, entendo! — exclamou Augustin, mais animado — E eu tenho bastante.

— Sim, tem. — riu a moça — Assim talvez se dedicar um parte a presenteá-la...

— A cobrirei de presentes. — decidiu o jovem — Jóias, peles, flores...

— Acredito que acertou em cheio. — assentiu Maggie com um sorriso — Assim é como poderá ganhar o coração de Berangére.

— Entretanto, agora que diz isso... — respondeu com um olhar carinhoso — E o que acontecerá contigo, *chère Marguerethe*? Sei que minha confissão não te quebrou o coração, mas eu gostaria de vê-la feliz. Esse teu duque... pois sei que é a ele e não a mim a quem sempre amou... Poderá te fazer feliz?

Surpresa, Maggie lhe deu uma resposta qualquer para sair pela tangente. Mas mais tarde, quando estava na carruagem de volta para casa, repetiu-se a pergunta intimamente. Poderá fazê-la feliz? Ao lembrar-se da noite que tinham passado juntos, soube que sim... sem lugar a dúvidas. E não só na cama.

Mas poderia ela fazê-lo feliz?

CAPÍTULO 37

Quatro horas mais tarde, continuava perguntando-se o mesmo.

Começavam a lhe doer os pés de usar os sapatos de salto com forros simples, tinha as bochechas cansadas do sorriso forçado com que saudava todo mundo, e a mão dolorida depois de tantos apertões de entusiastas amantes da arte. Embora lhe fosse muito adulator que todo mundo admirasse seu talento, a Maggie só importava a opinião de uma pessoa, que não tinha aparecido ainda.

Acaso não ia aparecer? Ao saber que saiu de Londres, a moça havia se sentido abatida; seu único consolo tinha sido a informação que tinha lhe proporcionado Hill sobre a carta da mansão Rawlings. Não tinha dúvida de que tinha chegado a hora de fazer uma visita a sua família, mas deixá-la durante tanto tempo...

Se havia partido no dia anterior! O que lhe ocorria? Parecia uma colegial apaixonada, suspirando por seu primeiro amor. E o que tinha se não chegasse a tempo para a inauguração? E se não retornasse jamais? Haveria outros homens, estava certa...

Entretanto, durante toda a noite, uma voz em seu interior tinha lhe estado sussurrando que não, que só haveria um homem em sua vida. Só Jeremy.

Aparentemente, equivocou-se pensando que ninguém sairia de casa com esse frio para ver algumas telas. A exposição tinha atraído uma dúzia de visitantes, ou talvez inclusive uma vintena, para quem o frio não parecia ter sido um obstáculo. Uma bonita jovencinha contratada para a ocasião lhes segurava os casacos quando entravam na galeria, e lhes dava uma tabuleta redonda com um número para que pudessem recolher sua roupa ao sair. Entretanto, como Augustin tinha decidido que houvesse garçons que oferecessem champanha, ostras gratinadas e tartaletas de cogumelos em bandejas de prata, poucos dos que entravam pareciam dispostos a partir. Ao cabo de pouco menos de uma hora do início da inauguração, junto a mais da metade dos quadros havia uma cinta de veludo vermelho que indicava que tinham sido vendidos.

Embora por volta das oito da tarde Maggie tinha estreitado a mão de ao menos uma centena de pessoas, nenhuma delas era a que havia passado toda a tarde esperando. E se não aparecesse? A galeria ia fechar em uma hora, e tinha organizado um jantar de celebração com Augustin e seus amigos. Não obstante, sabia que não poderia comer nada, pois não podia pensar em mais nada além de Jeremy. Como ia reagir quando lhe dissesse que já não estava noiva? Voltaria a lhe propor casamento? Era uma insensatez de sua parte acreditar que ia fazê-lo? E se ela se declarasse? Supunha que isso seria o mais justo. Afinal, ela o tinha rechaçado a primeira vez...

Mas estava certa? Estava realmente convencida de que podia fazê-lo feliz? Embora, o que importava tudo aquilo? Jeremy não ia voltar. Algo tinha ocorrido, estava certa. Talvez o trem de Yorkshire tivesse descarrilado, ou a carruagem tivesse tombado. Possivelmente aquele homem, o assassino misterioso que tinha estado espreitando-o desde sua volta da Índia, por fim tivesse conseguido lhe fazer mal, e naquele momento o duque estava na cama de um hospital, febril, chamando-a sem cessar. A jovem pegou uma taça de champanha de uma bandeja e bebeu seu conteúdo de um só gole.

De repente, teve um pensamento ainda mais funesto. Enquanto aceitava outra taça de champanha de um homem corpulento com um monóculo, que comparava efusivamente seu estilo artístico com o dos impressionistas, lhe ocorreu que possivelmente, uma vez na mansão Rawlings, Jeremy se desse conta de que ia ser uma péssima duquesa. E se naquele preciso instante o duque se reuniu com a princesa Usha, aquela bonita mulher a quem o papel de anfitriã da mansão Rawlings seria como anel no dedo?

Maggie bebeu a segunda taça de champanha. Não, isso não podia ser. Ele a amava. Estava certa. Tinha-a esperado durante cinco anos, cinco anos! Assim sendo ela tinha que ser capaz de lhe esperar uma noite; sobreviveria.

Desde que tinha quebrado o compromisso, tinha vontade de contar a ele e a todo mundo. "Muito obrigado por seus elogios, senhora. Sabia que estou apaixonada pelo décimo sétimo duque de Rawlings? Ah, não sabia? Pois é verdade", gostaria de dizer à dama de aspecto altivo que lhe estreitava a mão.

Fazendo um esforço, conseguiu se conter, inclusive quando as pessoas a felicitavam pela exposição e logo lhe perguntavam com curiosidade: “Quem é o jovem de cabelo escuro do retrato?”

A princípio, Maggie, horrorizada, não tinha sabido como reagir. Tinha pedido ao senhor Corman que tirasse esse quadro. Enquanto o jovem ia de um lado para o outro com a lista das vendas, tinha-o agarrado pelo braço e, com o coração em um punho, tinha-lhe rogado que o tirasse. Mas o homem tinha conseguido desfazer-se da mão enluvada puxando brandamente o braço enquanto lhe dizia com voz tranquilizadora:

— Francamente, senhora, se é o melhor de todos. Assinalei que não está à venda, mas não posso tirá-lo. É uma tela magnífica.

Além disso, o senhor Corman não era o único a quem o parecia. Quase todo mundo, incluído o crítico de arte do *Times*, o comentou. E como a moça não queria confessar o nome do jovem retratado, começaram a correr todo tipo de rumores. Entretanto, e para desgosto de Maggie, os Mitchell, a quem tinha conhecido no baile dos Althorpe, reconheceram-no.

— Mas este é aquele jovem que... — exclamou lady Mitchell. Inclusive seu imperturbável marido arqueou uma sobrancelha.

— Caramba, de Veygoux! — disse o cavalheiro— Não é esse o tipo que lhe quebrou o nariz a outra noite? Como pode permitir que pendurem seu retrato em sua galeria?

Augustin, que tinha estado muito ocupado para reparar no retrato antes de abrir as portas, pôs-se a rir como se tratasse de uma brincadeira. Mais tarde, durante uma breve pausa na maré de felicitações, o comerciante pegou à moça pelo braço e, com tom carinhoso, reprovou-lhe que nunca tivesse lhe mostrado aquele retrato.

— Embora talvez tenha sido melhor assim. — admitiu, em francês — Se o tivesse visto antes, teria entendido que jamais poderia acalantar nenhuma esperança contigo.

A moça ruborizou e tentou desculpar-se, mas de Veygoux a fez calar.

— Tolices. É uma ótima pintura. Se algum dia decidir vendê-la, rogo-te que a venda a mim. Com certeza seria muito útil tê-lo à vista

quando sentir-me muito cheio de mim.

Maggie estava muito envergonhada para responder. Já lhe era bastante difícil que seu trabalho estivesse à vista de todo mundo para que o estivessem também seus sentimentos. Mas ambas as coisas pareciam andar juntas. A diferença de Berangére, Maggie nunca tinha sido capaz de evitar expressar um pouco de si mesma em cada um de seus quadros, de modo que sua relação com seu trabalho era muito pessoal. Cada tela era quase como um filho, e cada vez que vendia um quadro, sentia uma pontada de remorso.

Enquanto olhava com tristeza como o senhor Corman pregava uma fita de veludo vermelho junto a uma das paisagens ouviu uma voz familiar a suas costas.

— *Bonsoir, princesse.* — sussurrou Berangére.

A moça voltou a cabeça e sorriu para sua amiga, que, como de costume, estava incrivelmente elegante; aquela noite, com um decotado vestido de veludo púrpura.

— Seu querido de Veygoux conseguiu reunir uma multidão para você, *princesse.* — observou Berangére atrás de um leque de plumas de avestruz — E não param de comprar! Deve estar contente.

Maggie aceitou uma terceira taça de champanha, que lhe oferecia um garçom.

— Oh, sim, estou muito contente. — respondeu enquanto levava a taça aos lábios, mas quase sem provar seu conteúdo — Mas já não é meu querido de Veygoux.

Berangére baixou o leque com um gesto de fingida surpresa que sua amiga reconheceu em seguida.

— *Non? Mon Dieu! O que passou, princesse? Inteirou-se do seu caso com o duc diabolique?*

— Não, não se inteirou. — respondeu Maggie. Ao dar-se conta de que os Mitchell estavam muito perto delas, pegou a sua amiga pelo braço, a levou até um canto da galeria onde havia menos pessoas e se inclinou para lhe falar ao ouvido — Sabe perfeitamente o que ocorreu. Não se faça de inocente comigo. Ontem à noite seduziu de propósito Augustin!

Berangére nem sequer se incomodou em negá-lo.

— Está muito zangada comigo, *princesse*? — perguntou-lhe com uma expressão de docilidade nos olhos azuis.

— Estarei se ferir seus sentimentos. — respondeu Maggie com severidade.

— Ferir seus sentimentos? — Berangére jogou a cabeça para trás, balançando os dourados caracóis — Pfuf! Essa sim que é boa! Eu lhe fiz o maior favor imaginável, e ainda tem a desfaçatez de me acusar de...

— Falo a sério. — a interrompeu Maggie com dureza — Augustin se apaixonou por você. Tem que tratá-lo bem; ele não é como os outros homens com quem paquera. É muito sensível.

— Pfuf! — repetiu Berangére elevando os expressivos olhos ao teto — Sensível! E eu o que sou, se pode saber?

— Insensível. — respondeu a moça sem vacilação — E se engana, pois estou muito agradecida.

— De verdade? — disse sua amiga sorrindo — Alegro-me. Sabia que não aprovaria meus métodos, mas estava farta de ver tão triste à *ma pauvre princesse*. Tinha que fazer algo. E, sabe o quê? Seu Augustin não é nada mal. Sabia que é ruivo por toda parte? — Berangére arqueou as sobrancelhas com expressão de cumplicidade, e sua amiga, incomodada, deixou escapar um riso nervoso. Por sorte, a jovem francesa mudou de assunto em seguida — E aí, onde está seu Jerry? Como recebeu a notícia de que está livre?

Maggie franziu o cenho. Começava a arrepender-se de ter aceitado a terceira taça de champanha. Talvez devesse comer uma ostra gratinada.

— É... ainda não sabe.

— Não sabe? — sua amiga fechou o leque de repente e apontou com ele o nariz de Maggie — Quem está paquerando agora? *Marguerethe*, deve dizer-lhe. Agora que já não está noiva, tem que se decidir. Quer ao duque ou não?

— Oh, é obvio que o quero! Mas...

— Não. — a interrompeu a jovem francesa levantando uma mão com a palma para fora — Não me diga que não o merece, e que seria uma duquesa terrível. Estou farta de te ouvir dizer isso. Ele acredita que será uma boa duquesa, e isso é o que importa.

Maggie, que não compartilhava do otimismo de sua amiga, olhou com expressão triste a seu redor procurando um lugar onde sentar-se. Todas as cadeiras estavam ocupadas, igual aos bancos com almofadas de veludo que tinham disposto por toda a galeria.

— Não tive oportunidade de dizer-lhe porque não o vi. Não sei por que, mas foi a Yorkshire e ainda não voltou. E a verdade é que... não sei se voltará.

— Não retornou? — Berangére arqueou as sobrancelhas tudo o que podia — Ah, deve ter encontrado alguma resistência inesperada...

Maggie deixou de procurar um assento com o olhar para voltar-se para sua amiga.

— Resistência? — inquiriu — A que se refere com isso?

A jovem francesa desdobrou o leque e começou a agitá-lo com energia, desviando a vista.

— Onde está o garçom com o champanha? Estou morta de sede. Faz muito calor aqui, não acha?

— Berangére... — disse Maggie com tom de advertência, mas não teve tempo de continuar, pois Augustin a pegou de repente pelo braço.

— *Marguerethe!* — exclamou sem reparar em Berangére, de tão excitado que estava — *Marguerethe, veio!* Por fim chegou!

O coração de Maggie deu um salto. Inspirou e se voltou para onde assinalava de Veygoux. Sentia a pressão de seus dedos no braço nu e viu que sua amiga ficou paralisada, com o leque na mão; entretanto, por um momento, pareceu-lhe que estava sozinha. A buliçosa multidão de mirinhaques e abas ficaram de repente em silêncio e se separou em duas, como se a empurrasse uma mão invisível. E então viu aproximar-se um homem alto, com a cabeça erguida e um sorriso nos lábios...

Mas não era Jeremy. Era um cavalheiro que Maggie pensava nunca ter visto, mas não era Jeremy. A moça sentiu que o coração recuperava seu ritmo normal. Soltou o ar e, com um ligeiro enjoo, tentou desfazer-se da mão que Augustin lhe rodeava em torno do braço, pois os dedos estavam lhe prendendo a circulação.

— *Nom do Dieu!* — ouviu que sussurrava Berangère — É o príncipe de Gales.

Maggie voltou a olhar aquele homem e se deu conta de que sua amiga tinha razão; era o príncipe de Gales. Era um cavalheiro corpulento, com uma barriga proeminente debaixo de um colete de cetim branco, que, a julgar por como estava vestido, parecia ter feito uma parada no caminho ao teatro. Em seu braço ia uma mulher a quem Maggie também reconheceu, mas que não era nem por indício a princesa de Gales. A não ser que à princesa de Gales tivesse despertado uma afeição pela maquiagem e as plumas de marabú, que aquela mulher levava profusamente.

— Sabia que viria. — disse Augustin entre dentes com tom triunfante — Sabia! A rainha está procurando um artista para que pinte seus netos. *Marguerethe*, seguramente escolherá você; não há nenhum pintor de retratos tão bom como você em toda a Inglaterra. Oh, este é o melhor dia de minha vida. O melhor!

Mas a moça não podia dizer o mesmo. Estava profundamente decepcionada, e se sentia enjoada. Quando de Veygoux tinha exclamado “Por fim chegou”, tinha estado certa de que se referia a Jeremy. Onde teria se metido? A que teria se referido Berangère quando havia dito...?

— Ah, senhor de Veygoux. — o príncipe se deteve diante de Augustin e o olhou com um sorriso benévolo — Tem uma galeria deliciosa. E que maravilha de exposição.

O jovem francês ficou com a boca aberta um instante, mas uma cotovelada de Berangère o fez recompor-se em seguida, e fez uma reverência inclinando-se da cintura.

— Muito obrigado, alteza. — gaguejou — Muitíssimo obrigado. É uma grande honra para mim...

— E você deve ser a senhorita Herbert. — disse o príncipe sorrindo para Berangère — Ouvi falar muito de seu talento, querida, mas devo dizer que sua beleza supera sua destreza com o pincel.

Com uma coquete queda de olhos, a francesa fez a reverência mais graciosa imaginável.

— *Merci beaucoup*, alteza. Sinto-me muito lisonjeada, mas eu não sou a artista. — a jovem se endireitou e, ao ver que sua amiga

tentava escapular atrás dela sem que ninguém a visse, afastou-se e lhe deu um firme empurrãozinho para frente — Apresento a *mademoiselle* Herbert, alteza.

A moça deu um par de passos adiante e, mortificada, flexionou ligeiramente os joelhos com a esperança de que não lhe falhassem as pernas.

— Alteza. — disse olhando o chão, sentindo que lhe ardiam as bochechas.

— Ah! — com um amplo sorriso, o príncipe de Gales estendeu a mão, e quando Maggie levantou a vista, deu-se conta de que esperava que lhe estendesse a sua. Quando o fez, maravilhou-se da suavidade da pele do herdeiro do trono — Querida, você é tão bonita como suas pinturas.

— Obrigada. — respondeu a moça, desejando que a terra se abrisse em duas e a engolisse.

— E agora me diga, — continuou o príncipe sem lhe soltar a mão — quem é esse jovem de olhar cintilante a quem retratou com tanta habilidade?

Confusa, Maggie levantou a vista e se deu conta de que estavam frente ao retrato de Jeremy.

— Oh, esse é... O décimo sétimo duque de Rawlings. — respondeu com a boca seca.

O príncipe arqueou as sobrancelhas.

— Sério? — e, olhando a sua acompanhante, acrescentou — Deve ser o sobrinho de lorde Edward, Bela. Aquele jovem que causou sensação com seu heroísmo em Jaipur.

— Ah... — disse Bela, separando os lábios pintados e deixando à mostra uns dentes amarelados e mal dispostos — É muito bonito.

Entretanto, o príncipe já não lhe prestava atenção.

— Diga-me, — disse a Maggie, olhando a tela diante deles com os olhos entreabertos — esses cavalos que se veem ao fundo, supõe-se que são cinza?

A moça se inclinou para frente para olhá-los.

— Sim, senhor. — disse ao cabo de uns momentos — São cinza.

— Maldita seja! — o príncipe se endireitou de repente e retirou a mão como se tivesse se queimado — São os que ganhou Edward

Rawlings, Bela! Os puros sangues.

— Sério? — perguntou a dama com desinteresse.

— Eu adorava esses cavalos. — continuou o herdeiro do trono com voz lastimosa. E logo, como se acabasse de ter uma grande ideia, voltou-se para a pintora e acrescentou — Por certo, querida, faz retratos de animais? Já sabe, cães e demais.

O interesse do príncipe pelo quadro de Jeremy tinha dissipado quase por completo as náuseas de Maggie, que não pôde conter um sorriso; sabia exatamente o que ia acontecer a seguir.

— Sim, senhor. — respondeu — De fato, faço-o bem frequentemente.

— Esplêndido! — exclamou o príncipe dando uma palmada — O que lhe pareceria fazer um retrato da maravilhosa égua que comprei a semana passada? É linda, toda de cor negra; batizei-a de Meia-noite. Poderia fazê-lo?

— Seria uma honra para mim, senhor. — respondeu a moça, inclinando a cabeça com gravidade. Entretanto, não pôde evitar que lhe tremessem os ombros pelo estremecimento de alegria que lhe percorreu as costas.

— Excelente! — sorridente, o príncipe deu uma piscada para Augustin — É um achado, de Veygoux. Um verdadeiro achado. Faça vir à moça na segunda-feira pela manhã, de acordo? Talvez inclusive possa apresentar-lhe à minha mãe. — e, depois de estender o braço para sua acompanhante, disse-lhe — Estou muito contente de que tivéssemos o incômodo de passar por aqui, não te parece, Bela?

A dama sorriu, mostrando de novo os horríveis dentes, e logo o herdeiro do trono a levou com tanta delicadeza como se fosse leve como as plumas que adornavam seu vestido e pudesse sair voando a qualquer momento.

Quando o príncipe de Gales já não os ouvia, Augustin rodeou Maggie com os braços e, para sua surpresa, levantou-a e começou a dar voltas como se ela também fosse feita de plumas de marabú.

— *Marguerethe!* — exclamou, emocionado — *Marguerethe sabe o que isto significa?*

— Desça-me! — suplicou-lhe a jovem agarrando-se a seus ombros — Oh, Deus, desça-me, que me enjoo.

O jovem francês fez o que lhe pedia, mas não a soltou.

— *Marguerethe*, este é o melhor dia de minha vida! Entende o que isto significa? Significa que, depois de anos de esforços, a família de Veygoux poderá vangloriar-se de ser um dos comerciantes da rainha da Inglaterra. Tem idéia de quão importante é isto para o negócio, e para minha família em Paris? *Mon Dieu*, tenho que lhes enviar um telegrama em seguida.

— Estupendo. — respondeu a pintora, rindo com afabilidade — Mas agora me solte. Bebi muito champanha, e se continuar dando voltas, vou devolver tudo...

Incapaz de conter seu entusiasmo, Augustin puxou a moça para ele e lhe deu um firme beijo nos lábios. Logo que a soltou, a multidão voltou a separar-se, naquela ocasião para dar lugar a alguém a quem Maggie conhecia muito bem.

— Jeremy! — exclamou feliz.

Mas toda a alegria que tinha lhe despertado sua chegada se desvaneceu de repente, porque atrás dele havia outras duas pessoas a quem também reconheceu, e a quem por nada do mundo tinha esperado ver na inauguração.

Maggie sentiu que todo o champanha que tinha bebido durante a tarde lhe subia à garganta.

CAPÍTULO 38

Jeremy não estava seguro de como reagiria Maggie ao vê-lo chegar com seu pai e sua irmã. Supunha que derramaria algumas lágrimas, ou inclusive que os recebesse com palavras de recriminação; sabia que a moça não se dava bem em ocultar seus sentimentos.

Entretanto, nunca teria esperado encontrá-la nos braços de outro homem.

Tão surpreso estava que nem sequer se deu conta da expressão de perplexidade da jovem quando conseguiu ver o casal que tinha entrado atrás dele. O duque se dirigiu a grandes pernadas para o noivo, que tinha empalidecido ao vê-lo. Não podia ser de outro modo, pois era evidente que Jeremy se dispunha a acabar com ele ali mesmo. Aquilo já tinha ido muito longe. Se Maggie não se decidia a se livrar do noivo, ele o faria, e com muito prazer...

Então ouviu uma suave e familiar voz a suas costas.

— Coronel duque?

O jovem ficou paralisado. Não, não era possível... Simplesmente... não podia ser.

Mas era verdade. Ao voltar-se lentamente sobre uma perna, deu-se conta de que Maggie e seu noivo não olhavam sir Arthur e sua filha mais velha, mas à princesa Usha, que vestia um reluzente vestido de noite branco decorado com pérolas, acompanhada de seu tradutor, Sanjay.

Oh, sir Arthur estava ali, é obvio. Não teria conseguido fugir mesmo que tivesse querido. Um homem tão corpulento não passava inadvertido. Entretanto, sua presença tinha ficado eclipsada pela radiante aparição da princesa, que olhava Jeremy com uma expressão de encantamento, ou de avareza, pois o duque nunca sabia o que queria realmente aquela mulher.

Deus santo, não estranhava que todo mundo os olhasse! Nem tampouco que Maggie parecesse tão surpresa como ficou ele ao vê-la nos braços de outro.

Jeremy retrocedeu, pegou a dama pelo braço e, sem fazer caso do que pudesse lhe dizer, a levou através da multidão, que se separou para lhe dar passagem. Talvez fosse o extraordinário magnetismo da jovem, ou a frieza que expressavam os chapeados olhos dele, mas, fosse qual fosse a razão, o certo é que a *intelligentzia* e os mecenas ali reunidos se apressaram a afastar-se de seu caminho.

— O que está fazendo aqui? — resmungou quando conseguiu arrastá-la a um canto da galeria relativamente solitário.

— Minhas mais sinceras desculpas, excelência. — disse Sanjay com uma inclinação de cabeça, quando chegou apressado logo atrás deles — Seguimos à senhorita Herbert até aqui, pois sabíamos que o encontraríamos onde ela estivesse.

Jeremy não podia acreditar no que ouvia. Seu maravilhoso plano de reunir Maggie com sua família, estragado por essa princesinha detestável e cabeça oca! O jovem viu de soslaio que o que tinha planejado estava acontecendo sem ele. Maggie tinha estendido graciosamente a mão a seu pai, que, pela primeira vez naquela tarde, ficou sem palavras. Durante a viagem, o cavalheiro não tinha deixado de falar. Sua filha Anne, ao contrário, não havia dito nada durante o longo trajeto de trem até Londres, sentada junto a seu marido, com as costas erguidas e a boca firmemente fechada. Jeremy teria desejado que sir Arthur seguisse seu exemplo, mas o cavalheiro não tinha feito nada mais que queixar-se pelas moléstias da viagem e seu absurdo propósito. O duque tinha estado a ponto de lhe apontar a pistola, com a esperança de que isso o fizesse calar.

Mas Alistair, ao dar-se conta de que a paciência do jovem estava a ponto de esgotar-se, tinha exortado a seu sogro, lhe recitando um parágrafo do Antigo Testamento sobre o dever dos pais de amar a seus filhos apesar de seus defeitos. Jeremy o tinha escutado com admiração, pois não sabia que o senhor Cartwright estivesse tão familiarizado com as Sagradas Escrituras. Não obstante, quando sua esposa apontou com severidade que na Bíblia não se dizia que os pais deviam tolerar que sua filha caçula se convertesse em artista, o duque se deu conta de que Alistair estava perdendo tempo.

A única coisa que fez sir Arthur calar foi ver o príncipe de Gales estreitar a mão de sua filha mais nova. Isso, e o convite que sua

alteza tinha lhe feito para que o visitasse no palácio de Kensington na segunda-feira, puseram ao pobre homem à beira de um enfarte... de alegria. Ao dar-se conta de que lhe falhavam os joelhos, seu genro o levou até um sofá baixo, onde se sentou murmurando:

— Sua alteza real, o príncipe do Gales, afirmou que seria um prazer gozar da companhia de minha filha na segunda-feira pela manhã. Ouviu isso, senhor Cartwright? Ouviu?

— Sim, homem, sim. — assegurou-lhe Alistair com uns tapinhas no ombro — Ouvi.

Inclusive Anne parecia perturbada pela cena. Ao entrar na galeria, estava muito nervosa; era evidente que esperava encontrar um punhado de fumantes de ópio seminus. Entretanto, só viu londrinos de vestimenta respeitável, muitos dos quais eram vizinhos de sua elegante vizinhança. E os quadros! Não havia telas obscenas de homens vestidos jogando cartas sobre a grama, com mulheres nuas em segundo plano; tampouco viu bailarinas de longas pernas, prostitutas estendidas na cama, nem nenhuma outra imagem escandalosa como as que pintavam muitos dos artistas modernos sobre os quais tinha lido. Aquilo eram cenas pastorais, ternas representações de crianças brincando, ou retratos de pessoas de aspecto normal. A dama os olhava pestanejando com perplexidade; essas pinturas não tinham nada de indecoroso. Em realidade, eram bastante bonitas. Teria se equivocado ao julgar a decisão de sua irmã de converter-se em artista? Teria um conceito errôneo do mundo da arte em geral?

Jeremy tinha se dado conta de que a senhora Cartwright lutava com sua própria consciência. Igual a Maggie, Anne era incapaz de ocultar seus sentimentos, e sua surpresa e admiração ao descobrir sua irmã menor em companhia do herdeiro do trono se fizeram quase tão evidentes como as de seu pai.

Aparentemente, só ao duque tinha impressionado mais o abraço da moça e seu noivo que os cumprimentos do príncipe. Tinha que reconhecer que Maggie tinha parecido contrariada e tinha pedido a de Veygoux que a soltasse. Mas era difícil de determinar até que ponto tinha lhe incomodado.

Naquele momento, Anne se aproximava de sua irmã e lhe falava em tom caloroso. Ou, ao menos, Jeremy supôs, pois não ouvia nada além da choraminação de Sanjay, que tentava justificar por que a princesa o tinha seguido até ali. Não obstante, a explicação não tinha nenhum fundamento. Era evidente que a intenção de Usha tinha sido pô-lo em ridículo e despertar a compaixão de outros. E assim tinha sido; seu aspecto era patético e extraordinário, embora fosse bela. Olhava-o com esses olhos cativantes, grandes e redondos, e com a paixão refletida no palpitar do coração no peito. Um grupo de artistas, entre os quais o duque reconheceu os pintores do edifício onde Maggie tinha seu estúdio, seguia à princesa indiana com o olhar, davam-se cotoveladas e sussurravam; parecia que se perguntavam quanto teriam que pagar àquela jovem para que posasse para eles.

Enquanto isso, do outro lado da sala, Maggie e sua irmã se sentaram em um banco, e Berangère Jacquard as olhava com ar de suficiência, desfrutando de um triunfo que correspondia só a Jeremy...

— Sanjay, — disse Jeremy com um sonoro suspiro— este não é um bom momento, de verdade.

— Entendo. — se desculpou o intérprete — Entretanto, preciso lhe perguntar uma vez mais se está totalmente seguro de que não quer casar-se com a princesa.

O duque o olhou estupefato.

— É obvio que estou. Levei quase um ano tentando lhes fazer entender isso. Nada mudou.

— Supunha-o. — respondeu Sanjay, assentindo com a cabeça — Só queria estar totalmente seguro...

— Porque vai retornar à Índia? — perguntou Jeremy, esperançoso.

— Oh, sim. — respondeu Sanjay — Vamos retornar em seguida. Mas só depois de...

Ao ver que Jeremy entreabria os olhos cinza, o jovem indiano não terminou a frase. Entretanto, não era a ele a quem olhava, mas à tela que até então sua silhueta tinha estado ocultando. Até esse momento, o duque não tinha visto o quadro que tanto tinha impressionado o herdeiro do trono e, ao contemplar uma reprodução

de si mesmo quase em tamanho natural, não pôde conter uma expressão de incredulidade.

Em um primeiro momento, não soube determinar por que tinha lhe impressionado tanto. Talvez fosse porque, de repente, enfrentava-se a um momento de sua vida que acreditava ter compartilhado com uma só pessoa, mas que, aparentemente, para essa pessoa tinha sido tão intrascendente que o tinha querido compartilhar com centenas de pessoas mais. Sabia exatamente o que o quadro representava; era o instante, cinco anos antes, em que, depois de sair do quarto de Maggie, tinha lhe perguntado aonde ia. "Ao inferno", tinha respondido ele. Então a moça tinha pronunciado umas palavras que o tinham acompanhado dia e noite durante os anos que tinha estado no estrangeiro: "Pois dê lembranças ao diabo de minha parte."

Tinha-lhe parecido uma frase própria dela, embora um tanto curiosa. Quantas garotas teriam se mostrado tão serenas nas mesmas circunstâncias? Em vez de uma recriminação ou uma manifestação de surpresa ante sua insolência, ela simplesmente tinha sorriso e tinha lhe pedido que desse lembranças ao diabo de sua parte.

E não era isso o que Jeremy tinha estado fazendo todos esses anos na Índia? Dando lembranças ao diabo de sua parte?

Maggie tinha imortalizado esse momento com vívidas cores, e o tinha posto à vista de todo mundo. Cada detalhe estava representado com extraordinária minúcia, desde sua expressão cínica e indiferente, até o modo em que a luz da lua iluminava os prados aquela noite, assim como o pasto dos puros sangues de seu tio. O quadro também transmitia uma emoção, mas o jovem não soube determinar qual. Arrependimento? Talvez. Nostalgia? Possivelmente. Mas era evidente que faltava algo, e era confiança. O homem retratado na tela era muito bonito, seguro de si mesmo, e cínico. Mas não era absolutamente digno de confiança; notava-se pela cruel careta dos carnudos lábios e o brilho sarcástico dos olhos chapeados. A artista teria podido intitular o quadro: Retrato de um libertino.

Então Jeremy se deu conta de que tinha sido um estúpido. Durante todos esses anos tinha lembrado aquela cena, uma e outra vez com um sentimento agri-doce enquanto esperava uma carta da moça, convencido de que um dia ou outro chegaria. Mas, durante todo esse tempo, ela a tinha lembrado como um libertino desonesto e lascivo.

Não estranhava que não tivesse lhe escrito, nem que tivesse ficado noiva de outro homem. Maggie nunca tinha acreditado nele, jamais tinha lhe acreditado. E aquele retrato era a prova de que nunca o faria. Podia seduzi-la cada noite, e arrastar sua família de Londres a Nova Delhi, ida e volta, mas mesmo assim, ela nunca aceitaria casar-se com ele. Naquele dia, anos atrás, a moça havia lhe dito que não aceitava sua proposta porque não confiava em si mesma, mas então entendeu que não se tratava dela.

Era nele em quem não confiava. A tela o demonstrava. Não confiava nele, e nunca o faria.

Ofuscado e aturdido, Jeremy se voltou para partir. Só podia pensar em sair imediatamente pela porta.

Entretanto, não chegou a fazê-lo, pois uma bala lhe roçou a orelha antes que ouvisse o disparo. O ensurdecedor ruído da detonação retumbou na abarrotada sala, e alguns garçons deixaram cair as bandejas com as taças de champanha, contribuindo ainda mais para a histeria geral que percorreu a galeria momentos depois.

CAPÍTULO 39

Maggie não via sua irmã Anne fazia quase um ano, e lhe pareceu que não tinha bom aspecto. Entretanto, supôs que ela tampouco, e muito menos depois da impressão que tinha lhe causado ver a princesa Usha na inauguração. Justo naquele momento estava pensando que talvez o duque tivesse decidido casar-se com ela, e vê-lo entrar com essa expressão séria no rosto, e com a princesa atrás dele...

A moça nunca tinha desmaiado em sua vida, mas naquele momento notou que lhe falhavam os joelhos.

Por sorte, Augustin se deu conta e a conduziu até um banco próximo. Maggie se deixou cair entre as macias almofadas, e antes de ter tempo de recompor-se, viu Alistair Cartwright mover-se nervosamente diante dela.

— Sentimos chegar tarde. — disse com sua costumeira jovialidade — Sua excelência nos fez vir tão depressa de Yorkshire que estávamos seguros de que chegaríamos às sete. Mas as ruas estavam geladas, e demoramos uma eternidade para vir da estação.

Nem então Maggie compreendeu; só quando Anne entrou em seu campo de visão começou a entender. Pareceu-lhe que demorava a processar cada pensamento, como se tivessem que passar, um por um, por uma estreita porta para chegar a sua mente. Quando Anne se sentou no banco a seu lado e levantou a mão, a jovem ainda não entendia o que estava acontecendo.

— Posso... poderia... falar contigo? — perguntou Anne segurando-lhe a mão com os dedos enluvados.

— Sim, é obvio. — respondeu ela, um pouco confusa pela vacilação de sua irmã. Embora Anne costumasse mostrar-se tímida com os estranhos, era muito franca com os membros de sua família.

Olhou a seu marido com expressão nervosa, e umedeceu os lábios com a língua.

— Só será um minuto. Não quero te incomodar nem te segurar no dia da inauguração de sua exposição.

Naquele momento, Maggie começou a voltar a si e a dar-se conta do que ocorria a seu redor. Viu, por exemplo, que seu pai se sentou em um banco, como o que ela estava, e que o senhor Corman o abanava e lhe aproximava um cálice de brandy do nariz. Também viu que Augustin falava com o crítico do *Times*, gesticulando com entusiasmo enquanto lhe descrevia algo, e ao outro extremo da habitação, distinguiu Jeremy falando com o intérprete da princesa.

— Não pretendo que me perdoe pelo modo como a tratei. — dizia sua irmã em voz baixa — Agora me dou conta de que estava enganada. Mas sei que as desculpas não são mais que isso... desculpas. Eu nunca fui como você, tão decidida e certa de você mesma. O único gesto de valentia que fiz em minha vida foi me casar com Alistair, e só porque me facilitou as coisas; pediu-me em casamento e só tive que dizer que sim. Por isso, porque esse foi meu único ato de coragem, dói-me muito ter fracassado...

— Fracassado? — aquelas palavras atraíram a atenção da moça — Do que está falando? É a esposa perfeita, e a mãe perfeita. A única coisa que estranho é que, com todos os cuidados que lhes dispensa meus sobrinhos não sejam crianças mimadas.

— Mas perdi tantos, que o mínimo que podia fazer era cuidar bem dos outros. — respondeu com voz quase inaudível.

O sofrimento de sua irmã provocou uma pontada de comiseração tão intensa em Maggie que inclusive lhe pareceu física.

— Por isso sente que fracassou? Pelos abortos? Mas isso é ridículo. Não pode se culpar por isso. E sabe muito bem que Alistair nunca...

— Sim. — Anne levantou a mão enluvada, como se quisesse deter as palavras que a jovem ia pronunciar — Sei. Suponho que sempre soube, mas só hoje me dei conta de até que ponto meu marido se preocupa comigo. O bastante para permitir que o duque de Rawlings nos fizesse vir até Londres quase à ponta de pistola para que nos reconciliássemos.

— À ponta de pistola? — repetiu Maggie sem um pingão de humor — Odeia-me tanto, que só vem ver-me se lhe ameaçam tirar-lhes a vida?

— Suponho que houve um momento em que era assim. — admitiu Anne com franqueza — Afinal, fez o que eu nunca fui capaz de fazer: seguir seu coração. Com isto não quero dizer que tivesse preferido outra coisa a ser a esposa de Alistair Cartwright e a mãe de seus filhos. É só que... Faltou-me a valentia para descobri-lo. Mamãe sabia, e por isso a preferia a todas as demais. Você foi a única valente, a que não tinha medo de nada; nem da escuridão, nem dos ratos, nem de altura, de nada...

— Anne. — a interrompeu a moça, pensando no acontecimento desse dia, cinco anos antes, nas cavalariças da mansão Rawlings — Isso não é verdade.

— Sim é. É obvio que é. E acho que sempre te invejei por isso. Era natural que mamãe te admirasse, porque sempre queria alcançar seus sonhos, por mais que lhe advertíssemos que havia coisas que não devia fazer. Incomodava-me que quisesse fazer coisas extraordinárias: pintar, ir a Paris, o duque de Rawlings... e que sempre as conseguisse. Você sempre conseguiu o que quis. E é duro para uma pessoa como eu, que nunca tive a valentia de admitir que houvesse nenhum desejo em meu coração, ver que sua própria irmã não só o admitia, mas também o conseguia.

— A carta. — disse Maggie com tom inexpressivo.

— Como diz?

— A carta que Jeremy mandou a Herbert Park depois de que mamãe morreu. — A moça falava com a certeza que em realidade carecia — Não se extraviou, verdade? Você a pegou.

Pela primeira vez, Anne parecia a ponto de chorar.

— Sim. — assentiu com um soluço — Eu a peguei

— Oh... — suspirou sua irmã, meneando a cabeça — Como pôde? Entendo que se sentisse incomodada pelo modo como me comportava com ele, mas essa carta... Como pôde?

— Eu não... Pensei que era o que tinha que fazer. — Anne, com as bochechas úmidas pelas lágrimas e o rosto emoldurado pelo chapéu de pele de castor, parecia lamentavelmente pequena — Você sempre conseguia o que queria, fosse o que fosse. E que tivesse também a um duque... não parecia justo.

Maggie, mais doída do que estava disposta a admitir, ficou olhando fixamente a ponta de seus sapatos.

— Sei que fiz mal. — continuou Anne — Mas não me dava conta de até que ponto me tinha equivocado até esta manhã, quando Jeremy nos confessou que tinha te pedido que se casasse com ele naquele dia há tantos anos... O certo é que não tinha nem idéia de que seus sentimentos fossem... correspondidos. Quero dizer que sempre soube que o amava, mas que ele... Não pode nem imaginar como me sinto mal. Sei que não acreditará, mas quando destruí essa carta, acreditei que estava te fazendo um favor. Nunca, nem em um milhão de anos, teria imaginado que o duque tivesse te proposto casamento. Por que demônios o rechaçou?

— Não sou tão valente como acreditava. — respondeu a moça, negando com a cabeça — O rechacei por medo, e por nada mais.

— Nunca o haveria dito. — respondeu Anne, com expressão de surpresa — Você nunca tinha medo de nada.

— Tinha medo de muitas coisas. — replicou sua irmã, que de repente se sentia muito cansada — Mas nunca o demonstrava.

— Então, talvez devesse ter sido atriz, em vez de pintora. Poderá me perdoar, Maggie?

A jovem estava a ponto de responder que sim, sem duvidá-lo nem um momento, quando o ruído de um disparo retumbou por toda a galeria, e um rechonchudo mecenas, que fingia não escutar a conversa entre a artista e sua irmã, soltou um alarido de alarme.

— Deus santo! O que foi isso? — exclamou Anne, sobressaltada.

Mas Maggie soube imediatamente: era o assassino de Jeremy. Tinha-o localizado; por fim e tinha o surpreendido em um momento de vulnerabilidade.

Em seguida se levantou e, enquanto a multidão saía correndo, tentando fugir das balas, a moça se apressou para o canto da sala de onde provinha o aroma de pólvora queimada. Teve que abrir caminho a cotoveladas entre os elegantes londrinos que lutavam para chegar à porta, mas, finalmente, com a respiração entrecortada, quando conseguiu passar por cima da última cauda de vestido de veludo, encontrou-se em frente a uma assombrosa cena.

Jeremy, com uma mão a um lado da cabeça, virou-se para enfrentar seu atacante, que sustentava a fumegante pistola. Por sorte, a bala só tinha lhe roçado a orelha, mas tinha o pescoço da camisa empapado de sangue e tinha um aspecto terrível. Maggie se deu conta de que a bala se embutiu na tela atrás dele, e tinha atravessado o peito do jovem do retrato, bem abaixo do lugar, onde teria estado seu coração.

Mas o mais surpreendente, ao menos para a moça, não era a ferida de Jeremy, nem o desastre que tinha feito a bala, mas a identidade do agressor. Apesar da insistência do valete do duque, não era Augustin, pois o jovem francês estava ali de pé, paralisado pelo terror, com Berangère agarrada a seu braço, com os olhos muito abertos.

Não, era Sanjay; o educado e sereno intérprete da princesa, quem, impávido, mantinha a pistola fumegante de cano curto apontando para o peito de Jeremy.

— Lamento. — disse com um tom aparentemente sincero — Nunca tive boa pontaria. Estava tentando acabar com você, mas é um homem muito difícil de matar, excelência, e só consegui lhe machucar. Não se preocupe, a bala seguinte porá fim à sua dor...

A bala seguinte? Horrorizada, Maggie inspirou para gemer e arremessar-se sobre os braços daquele homem, quando o duque afastou a mão da orelha, deixando que jorrasse o sangue da ferida do lóbulo, e perguntou com voz furiosa:

— A mim? Por que demônios iria querer me matar? O que te fiz?

Sanjay sorriu, e Maggie se deu conta do extraordinário contraste entre seus brancos dentes e sua tez morena.

— Parece-me que isso é mais que evidente; desonrou à Estrela do Jaipur.

A moça cravou seu olhar na aterrada Usha, e viu com surpresa que a bela indiana estava tão estupefata como todos os outros; tinha as mãos enluvadas sobre as bochechas, e olhava a seu intérprete com uma expressão atemorizada nos grandes olhos.

— Desonrado a...? — Jeremy revirou os olhos — Vamos, isto já é muito. Eu não desonrei a ninguém; em todo caso, a princesa desonrou a si mesma, me seguindo a toda parte e tornando-se tão

incômoda. Ela não me ama, nem sequer me deseja. Só quer meu título e meu dinheiro. Se parar para pensar, se dará conta de que se houver alguém desonrado, esse sou eu.

— Como se atreve? — o jovem indiano, que até alguns momentos atrás mostrava uma inquietante serenidade, começou a agitar-se, furioso, e Maggie viu que a pistola começava a balançar-se de um lado a outro — Como se atreve a falar assim da mulher que amo?

— Então você me ama? — exclamou a princesa em um inglês correto e sem acento algum.

— É obvio que a amo. — respondeu Sanjay voltando-se para ela com um olhar impaciente — Por que se não... — Mas então se deteve, boquiaberto, de modo que se a situação não tivesse sido tão extrema, teria sido cômica — Fala inglês?

— Certamente que sim. — replicou a princesa, ofendida — Não sou estúpida.

Apesar da tez morena, o intérprete pareceu empalidecer.

— Mas... se fala inglês, alteza, por que fingiu durante tanto tempo?

Usha revirou os olhos.

— Vamos, Denish. — disse — Como pode ser tão obtuso para não imaginá-lo você mesmo?

Aparentemente, o jovem era um pouco obtuso, pois gaguejou:

— Mas... mas...

— Baixe essa pistola. — mandou-lhe a princesa, contrariada — Quem te deu permissão para matar o coronel? Eu, certamente, não.

Sanjay vacilou durante um instante. Entretanto, foi tempo suficiente para que o valete de Jeremy saísse de repente de trás de uma coluna e apontasse ao atacante com sua própria arma.

— Já ouviu a dama. — interveio Peters — Baixe a pistola.

Para alívio de Maggie, o intérprete deixou a arma na mão estendida do criado, que, satisfeito, guardou a sua.

— Sinto muito, coronel. — disse a seu senhor com tom despreocupado — Estava vigiando ao francesinho, como você me pediu. Nem por um momento pensei que era ele quem estava por trás de tudo isto.

— Está bem. — o tranquilizou o duque com um gesto da mão.

Mas para Sanjay não estava bem.

— Só o fiz por ti, minha princesa. — exclamou com sincera emoção — Não sabe os anos que passei te amando, e quanto desejava acabar com este galo de briga que despreza seu amor com tanta crueldade.

A bela indiana suspirou. Maggie ficou olhando, mas realmente não havia outro modo de descrever o som que saiu pela boca da Estrela do Jaipur; foi um suspiro como o que teria soltado qualquer mulher inglesa na mesma situação.

— Amá-lo, eu? — disse com desdém, assinalando Jeremy com a cabeça. O jovem tirou um lenço do bolso do colete e o segurava contra a orelha — Está de brincadeira. Eu jamais poderia amá-lo.

Sanjay parecia tão desconcertado como se sentia Maggie.

— Então por que quis segui-lo até aqui?

— Não queria a ele, — esclareceu Usha — mas a Estrela.

— A estrela? — gaguejou o intérprete — Que estrela?

— Minha estrela, é obvio. A Estrela do Jaipur. — explicou a princesa com um olhar furioso para o duque — Meu tio a deu de presente para lhe agradecer por ter salvado o Palácio dos Ventos, mas não tinha nenhum direito de fazê-lo. Essa safira pertencia a minha mãe, e era minha herança.

Ao olhar Jeremy, Maggie se deu conta de que a história não lhe comovia o mínimo. Sua orelha tinha deixado de sangrar, mas tinha o pescoço da camisa e o lenço empapados de sangue.

— Roguei a meu tio que não a desse, — continuou a bela indiana com toda naturalidade — mas ele insistiu em que, posto que o coronel não me queria, teria que recompensá-lo de uma forma ou outra. Aí tirou meu dote e o ofereceu a um homem para quem a Estrela significava tão pouco que a colocou no bolso, em lugar de pô-la em um pedestal, que é o que merece.

— Não sabia que a safira lhe pertencia. — interveio Jeremy, pensativo, com o cenho franzido — Acreditei que era do marajá.

A princesa elevou a vista ao céu.

— Por nada do mundo meu tio ofereceria algo de suas próprias arcas! Resulta-lhe muito mais fácil pegar das de outros, e mesmo

assim, o mundo segue considerando-o um homem de espírito magnânimo.

— Então veio à Inglaterra com intenção de me roubar a pedra preciosa? — perguntou o duque.

— Roubar? — repetiu Usha, como se só a palavra lhe parecesse de mal gosto — Eu não falei em roubar nada de ninguém.

— Como nunca a ouvi pedi-la supus que queria...

— Queria lhe persuadir para que me devolvesse. Mas devo reconhecer que é o homem mais difícil de persuadir que já conheci. Nunca antes ninguém resistiu tanto a meus encantos. — retrucou com um tom de indignação — Era extremamente frustrante.

— Na verdade, parece-me muito mais persuasiva agora que quando fingia não saber inglês...

A dama arqueou uma das sobrancelhas de cor ébano.

— Sério? Que interessante. Para a maioria dos homens, a ignorância em uma mulher é irresistível. — e, assinalando Sanjay com a cabeça, acrescentou — Como para Denish, por exemplo.

Ao ouvir pronunciar seu nome, o intérprete voltou a intervir com o mesmo entusiasmo.

— Faria o que fosse por ti, alteza. — exclamou — O que fosse!

Para uma mulher acostumada a que os homens se rendessem a seus pés, Usha se mostrou bastante feliz com aquela exclamação. Não obstante, ainda não tinha terminado de repreender a seu ajudante por atuar por iniciativa própria.

— Mas tentar matar o coronel... —reprovou-lhe — E deduzo que não é a primeira vez.

— Não. — Sanjay, ao menos nessa ocasião, pareceu envergonhar-se — Fui eu quem tentou lhe apunhalar diante de sua casa, excelência.

— E tentou me atropelar no dia seguinte? — perguntou Jeremy com curiosidade.

— Sim, fui eu. — admitiu, baixando a cabeça — Suponho que irá querer chamar as autoridades. Não me importa ir para a prisão, pois tudo o que tenho feito foi em serviço da verdadeira Estrela do Jaipur.

Com uma expressão de sincero alvoroço nas delicadas feições, Usha estava mais bonita que nunca.

— Faria isso por mim? — perguntou-lhe após pousar a mão sobre o ombro de seu intérprete — Cumpriria prisão perpétua neste frio país? Você, que sempre foi tão rigoroso comigo?

Sanjay pegou a mão da dama e a encheu de beijos.

— O que fosse. — murmurou — Faria o que fosse por ti, minha adorada Usha. Se algumas vezes fui severo contigo é porque, a diferença de outros homens, não sou cego ante suas imperfeições... mas estas só me fazem te amar ainda mais.

Maggie acreditou que uma mulher como a princesa se sentiria insultada por aquela insinuação de que podia ter defeitos, mas, em vez disso, a dama deixou escapar um suspiro.

— Mas já sabe Denish, que nosso amor é impossível. Tenho que retornar à Índia e me casar com o homem que meu tio escolheu para mim...

— Não! — o intérprete levou a mão da bela indiana ao coração, como se lhe tivesse aberto uma ferida — Isso jamais. Ficaremos aqui. Encontrarei um trabalho. Posso fazer muitas coisas...

Maggie, comovida pela terna cena, sentiu que lhe alagavam os olhos de lágrimas. Olhou a seu redor e se deu conta de que não era a única. Tanto Berangére como Augustin pareciam profundamente perturbados, assim como Anne e Alistair que, para sua surpresa, não tinham saído correndo da galeria como o resto dos assistentes. Inclusive Peters tinha uma atitude menos presunçosa que de costume.

Só Jeremy parecia imune à emoção do momento. Não obstante, isso não evitou que Maggie desse um passo adiante e, antes de saber o que estava fazendo, tirasse a Estrela do Jaipur da bolsa e a pusesse na mão da desconcertada Usha.

— Aqui está. — disse com voz rouca enquanto fechava os dedos da princesa ao redor da pesada safira — Isto os ajudará. De qualquer modo, creio que lhe pertence.

CAPÍTULO 40

Maggie não se deu conta da enormidade do que acabava de fazer até que, com lágrimas nos olhos e enquanto se afastava do jovem casal, voltou-se para Jeremy; a expressão de seu rosto a devolveu imediatamente à realidade.

O duque estava atônito, ou mais que isso: parecia tão horrorizado como ficou ela quando tinha ouvido o disparo da pistola de Sanjay. Seus olhos chapeados a olhavam fixamente, transpassando-a, com a mesma expressão inescrutável de sempre...

Oh, Deus! Maggie ficou paralisada de consternação, com a vista cravada nos olhos dele. O que tinha feito?

Acabava de dar de presente uma safira de vinte e quatro quilates! Quanto devia valer? A julgar pelas expressões de entusiasmo de Usha e Sanjay, muito. Berangére parecia ter acabado de levar um bofetão, uma prova mais de que tinha feito uma loucura; Peters a olhava com a boca aberta, e Augustin e a família de Maggie estavam simplesmente confusos.

Deus santo! O que tinha feito?

Ao ver que a moça ficava ali, retorcendo os dedos com nervosismo, a princesa e seu intérprete se aproximaram dela a toda pressa e começaram a desfazer-se em expressões de agradecimento, pegando-lhe as mãos, até que as bochechas lhe tingiram de carmim e lhe pareceu que ia morrer ali mesmo. Mas, de repente, todos voltaram sua atenção para Jeremy...

O duque encolheu os ombros e, sem dizer uma palavra, voltou-se e saiu da galeria, seguido por seu valete, que se pôs a correr atrás de seu senhor, gritando:

— Coronel, coronel, espere!

Estupefata, Maggie ficou olhando enquanto saíam. O que tinha ocorrido? Por que Jeremy estava tão zangado? Deus santo, o que tinha feito?

A moça não reagiu até que alguém lhe deu uma palmada nas costas. Ao voltar-se, viu com surpresa sua irmã Anne, pálida como a porcelana.

— Não fique aí olhando. — disse assinalando a porta pela qual acabava de sair o duque — Corre, vá atrás dele!

— Oh, Meu Deus! — exclamou a jovem mordendo o lábio, nervosa — Suponho que... não deveria lhes haver dado a safira. Afinal, era de Jeremy...

— Não seja estúpida. — resmungou sua irmã franzindo o cenho — Não tem nada a ver com isso. Vamos, vá!

Maggie não precisou que lhe dissessem nada mais e, um instante depois, dirigiu-se à porta pela qual acabava de sair Jeremy. Entretanto, seu pai se levantou de repente do sofá em que se sentou à primeira hora da tarde, e do que não se levantou nem sequer ao ouvir o disparo, e a pegou pelo braço.

— Margaret. — disse com entusiasmo — Aonde vai? Você e eu temos muito de que falar. Disseram-me que na segunda-feira vai ver o príncipe de Gales, e precisamente nesse dia não tenho nada a fazer. Posso me oferecer como acompanhante? Não seria decoroso que uma moça atravessasse Londres sozinha...

Com um grunhido como única resposta, e após liberar-se da mão de seu pai com um puxão do braço, Maggie saiu apressadamente à Bond Street. O tempo continuava tão inclemente como tinha sido durante todo o dia, e a moça, com o vestido sem mangas e os delicados sapatos, em seguida começou a tremer. Já eram quase nove da noite, e a baixa capa de nuvens que refletia as luzes de Londres fazia brilhar os flocos de neve com uma cor rosada. Deu-lhe tempo de ver como a carruagem Rawlings, puxada por um par de cavalos castanhos, acabava de empreender marcha.

Maggie amaldiçoou entre dentes e levantou um braço, mas os elegantes cupês que passavam não só não se detinham, mas também lhe salpicavam o vestido de cetim branco de neve lamacenta. Entretanto, em nenhum momento lhe ocorreu voltar e procurar seu casaco; esquivando tanto de pedestres como de carruagens, pôs-se a andar com um braço nu levantado, e não passou muito tempo antes que os sapatos forrados lhe empapassem de água gelada. Quase por um milagre, um cupê livre se deteve e o condutor, alarmado pela leveza de sua vestimenta, apressou-se a descer para ajudá-la. Entretanto, a moça recolheu a saia e subiu ao

cupê antes que o chofer tivesse tempo de levantar o chapéu à guisa de cumprimento.

— Para o número vinte e dois de Park Lane. — exclamou. Enquanto, intimamente, perguntou-se se teria dinheiro suficiente na bolsa para pagar a viagem — E depressa, por favor.

O condutor subiu em seu assento e esporeou seu único corcel, um cavalo castanho de aspecto lento cujo fôlego se mesclava com a névoa londrina em vaporosas nuvens.

— Sim, senhora. Perdoe, mas não deveria usar casaco?

Só então Maggie sentiu que estava gelada e, apesar de que era de lã áspera e cheirava mal, pegou a manta para as pernas e cobriu os ombros.

— Sim. — respondeu — Por favor, apresse-se.

Em honra à verdade, terei que reconhecer que o chofer o tentou, mas era sábado à noite. Embora a função nos teatros ainda não tivesse terminado, havia muito tráfego e, além disso, a calçada estava gelada. Muitas das ruas estavam congestionadas, e onde havia congestionamento, havia mendigos pedindo esmola e mulheres de virtude questionável, procurando nos veículos algum cavalheiro com quem passar algumas horas dando voltas no parque sob a acolhedora calidez da manta; só Deus sabia a quantas mulheres da noite infestadas de piolhos teria agasalhado a manta que agora lhe cobria os ombros. Por ali também perambulavam as vendedoras de flores e de laranjas, apregoando suas mercadorias no meio da rua, detendo o lento tráfego. À moça pareceu que a carruagem demoraria ao menos uma hora para chegar em frente à casa dos Rawlings; por ocasião, seus dentes tocavam castanholas de frio, e não deixava de pensar que deveria ter esperado que lhe levassem o chapéu e o casaco antes de sair apressada da galeria.

Por sorte, tinha dinheiro o bastante para pagar o chofer; o agradeceu e se apressou escada acima para a porta principal. Ao ouvir deterem-se os cascos do cavalo, um laçai abriu antes que Maggie tivesse tempo de tirar as chaves da bolsa.

— Senhorita Herbert! — exclamou o criado — É você?

Maggie se apressou a entrar, e em seguida entendeu o que tinha surpreendido tanto o servente. Ao olhar-se em um dos espelhos de

corpo inteiro que havia dos lados do vestíbulo de chão de mármore, viu uma moça alta com o cabelo caindo sobre os ombros, um vestido que devia ser branco coberto de manchas de barro e fuligem, e a tez azulada pelo frio à exceção do nariz, que estava muito vermelho. Não sentia os dedos dos pés, e a ponta da cauda do vestido estava rasgada, pois, ao descer, a tinha enganchado com a roda de trás da carruagem.

— Não se preocupe com isso agora. — disse para si — Sua excelência retornou, Freddie?

O lacaio pareceu surpreso.

— Sim, senhorita. Chegou faz uma meia hora, mas se retirou em seguida a seu quarto. Permita-me que chame sua camareira. Parece-me que precisa beber algo quente.

— Não, não se preocupe. — respondeu Maggie, que já tinha começado a subir a escada, levantando a saia quase até os joelhos — Estou bem.

— Mas senhorita...

— Estou bem, já disse! — a moça estava a ponto de chegar ao quarto verde quando Evers saiu pela porta com um decantador vazio nas mãos. A surpresa do lacaio ao ver Maggie não tinha sido nada em comparação com o estupor do mordomo, a quem os olhos estiveram a ponto de sair das órbitas.

— Senhorita Margaret! — exclamou — Está bem?

— Perfeitamente, obrigada. — ofegou, inspirando a cada palavra — Mas preciso ver sua excelência agora mesmo.

O criado arqueou as sobancelhas.

— Temo que isso seja impossível. Sua excelência já se retirou para a noite. Sofreu um terrível acidente; tem uma dolorosa ferida em uma orelha...

Maggie se deu conta de que o olhar de Evers se desviou a seu peito, que subia e baixava a toda velocidade, enquanto tentava recuperar o fôlego. Não podia culpá-lo; com a pressa, enquanto subia a escada, o vestido devia ter se desarrumado, deixando descobertas partes que até o momento tinham estado cobertas segundo as normas do decoro.

— Evers. — disse entrecortadamente — Tenho que ver o duque por um assunto de máxima urgência.

— Terá que esperar até amanhã. — insistiu o mordomo com firmeza, olhando-a de novo nos olhos — Está muito pálida, senhorita. Encontra-se bem? Posso fazer algo por você?

— Sim; sair de meu caminho. — reclamou a jovem, impaciente, com voz tão alta que o criado esteve a ponto de deixar cair o decantador — Tenho que ver sua excelência, e não me importa o que nem você nem ninguém tenha a dizer a respeito!

E, depois de pronunciar essas palavras, a moça o afastou com um empurrão, pegou a maçaneta e abriu de repente a porta do quarto do duque.

CAPÍTULO 41

A última coisa que Maggie esperava ver do outro lado da porta era ao Jeremy nu, em uma banheira de latão. Entretanto, isso foi exatamente o que encontrou ao entrar no quarto; além de Peters com expressão de perplexidade, escovando a jaqueta do coronel.

A última coisa que o duque esperava era ver Maggie com o vestido e o cabelo em desordem, e quase sem fôlego. Não obstante, isso foi precisamente o que encontrou quando a porta de seu dormitório se abriu.

— Deus santo, Mag. — disse com serenidade, da banheira — O que te passou? Parece que acaba de retornar do inferno.

Antes que a jovem tivesse tempo de responder, Evers entrou pela porta atrás dela.

— Sinto muitíssimo, excelência. — exclamou — Insistia em vê-lo. Disse-lhe que se recolheu, mas não quis aceitar um não por resposta. — e voltando-se para a moça, acrescentou enquanto a segurava pelo braço com firmeza — E agora, senhorita Margaret, já é hora de que se vá. Como vê, sua excelência está indisposto. Estou seguro de que o que veio lhe dizer pode esperar até amanhã.

Maggie se soltou da mão do mordomo com um puxão do braço.

— Não, não pode. — respondeu-lhe — E se voltar a me tocar, te enfiarei um dedo no olho.

Evers pestanejou, indignado, e por uns momentos, Maggie se sentiu culpada; afinal, o criado só estava fazendo seu trabalho. Mesmo assim, disse a si mesma que não tinha por que fazê-lo tão bem.

— Senhorita! — exclamou — Penso informar a seu pai sobre seu comportamento desta mesma noite.

Da banheira de latão disposta a poucos passos da lareira, Jeremy revirou os olhos.

— Vamos, Mag. — disse, arrastando as palavras — Estou de acordo com Evers. Não precisa ficar assim. Diga-me o que veio me dizer e retorne para seu noivo, como uma boa garota.

— Já não é meu noivo. — respondeu a moça com altivez — Você mesmo poderia tê-lo descoberto esta noite se tivesse se incomodado em perguntar, em vez de sair desse modo. Mas por nada do mundo me atreveria a afirmar que o duque de Rawlings pode estar equivocado. — e, jogando a cabeça para trás, voltou-se para sair.

— Espere!

Aquela ordem foi pronunciada com uma voz tão ensurdecadora que Evers levou um susto que fez tilintar o decantador que levava na mão. Entretanto, a jovem mal olhou ao duque com descuido por cima do ombro.

— É a mim a quem se dirige com tanta grosseria, excelência? — inquiriu.

Jeremy tinha se inclinado para frente, agarrando as bordas da banheira com tanta força que os nódulos lhe tinham ficado brancos.

— O que quer dizer com que já não tem noivo? — perguntou com gravidade.

— O que disse. — respondeu Maggie, refazendo o caminho para a porta — Mas o que te importa? Disse-me que saísse, e é o que vou fazer. E com muito prazer.

— Mag!

Naquela ocasião, o bramido foi tão forte que Evers soltou um chiado e saiu com tanta pressa do quarto que esteve a ponto de fazer cair à moça com um empurrão. Peters deixou cair a jaqueta que tinha estado escovando, mas se inclinou rapidamente para recolhê-la, com a esperança de que o coronel não tivesse se dado conta. Só Maggie ficou onde estava, ainda dentro do quarto, mas com uma mão na maçaneta da porta.

— O quê? — perguntou com frieza, por cima do ombro.

— Peters, nos deixe a sós. — disse o duque impaciente a seu valete, com um olhar fulminante.

O criado não perdeu nem um instante e, embora tivesse uma só perna, quando recebia uma ordem se movia com assombrosa agilidade. Em vez de dirigir-se ao quarto de vestir anexo, saiu pela mesma porta que acabava de atravessar o mordomo. Entretanto, deteve-se um instante para dirigir uma piscada a Maggie, que,

surpresa por aquele gesto de camaradagem, ficou pestanejando, incrédula, enquanto a porta se fechava atrás dele.

— E agora, me conte. — começou Jeremy soltando as bordas da banheira e inclinando-se de novo para trás. O vapor da água quente se elevava em tênues nuvens a seu redor. Quando voltou a falar, o fez com criteriosa serenidade — Como assim, já não está noiva?

A moça sentiu algofrio contra suas costas nuas. Quando conseguiu pegá-lo, deu-se conta de que era uma forquilha de marfim que pendia do elaborado penteado que Hill tinha lhe feito aquela tarde, lhe recolhendo a cabeleira em um coque alto. Com um suave puxão, tirou a forquilha do cabelo emaranhado.

— O que disse. — repetiu, com mais frieza que a que realmente sentia — Que o senhor de Veygoux e eu já não estamos comprometidos.

— Entendo. — o duque levantou os braços e os apoiou nas laterais da banheira.

O quarto verde estava em penumbra, iluminado unicamente pela luz que chispava na lareira e por uma luminária colocada junto à enorme cama. A luz das chamas se refletia na banheira e iluminava o alto teto, de modo que quando o duque chapinhava dentro da água, sua sombra dançava na malha dourada sobre suas cabeças.

Apesar da fraca luz, Maggie podia imaginar com facilidade a suave pele dos volumosos bíceps, acomodados sobre a borda da banheira. A espessa mata de pelo debaixo desses braços se confundia com o suave manto que cobria o largo peito, e cuja forma se estreitava até desaparecer sob a superfície da água. A opacidade da água saponácea lhe impedia de ver mais, mas a jovem já sabia o que havia nessas turvas profundidades. A orelha do duque já não sangrava, e inclusive a ferida do ombro parecia melhor. Para um homem convalescente de malária, recuperava-se muito depressa.

Jeremy, ao contrário, via Maggie com bastante clareza, pois a luz definia sua silhueta, de pé frente à lareira. E que silhueta. A moça tinha o vestido úmido pegado ao corpo como uma segunda pele, e o duque tinha vontade de sair da banheira e deitar-se com ela sobre a cama.

Mas a lembrança da maldita tela o impedia de fazê-lo. Não era suficiente que o desejasse, dizia a si mesmo; era necessário que confiasse nele.

Com mão tremente, o jovem pegou a taça de brandy de uma pequena mesa dobradiça que seu valete de câmara tinha disposto junto à banheira, e bebeu um gole do líquido ambarino. Ah, isso estava melhor.

— E como ocorreu? — perguntou quando terminou de beber — Refiro-me à ruptura de seu compromisso. Porque quando lhes vi esta tarde, estavam abraçados. Não parecia um casal que acaba de separar-se.

— Porque ainda somos amigos. — respondeu Maggie. Não podia evitar olhar com desejo o que tinha ficado na taça. Continuava tendo muito frio. Oxalá tivesse aceitado o oferecimento do lacaio de tomar algo quente. Tinha a sensação de que nunca voltaria a se aquecer — Suponho que sempre o seremos. — continuou — Augustin estava contente porque o príncipe de Gales me encomendou um retrato, isso é tudo. Mas já não está apaixonado por mim, mas sim por Berangére.

— Sério? — perguntou ele deixando de novo a taça, que ainda não estava vazia, na mesinha — E como pensa que pôde acontecer uma coisa assim?

— Oh. — disse a moça, encolhendo os ombros. O que importava? Por que perdiam tempo falando, quando poderiam estar um nos braços do outro? — Berangére o seduziu.

Jeremy arqueou as escuras sobrancelhas com um sorriso sardônico. Aquilo não era parte do plano que tinha concebido com a senhorita Jacquard. Não obstante, era uma brilhante improvisação por sua parte. Teria que certificar-se de que receberia uma generosa recompensa.

— Vejo que os acontecimentos deram um interessante giro. — comentou com frieza.

— Isso me pareceu. — Maggie baixou o olhar aos dedos com os quais brincava com a forquilha — Tão interessante quanto... muitas das coisas que aconteceram esta noite.

O duque não fez nenhum comentário a respeito. Saberia ao que estava se referindo? É obvio! Tinha que ter entendido que falava da princesa. Entretanto, não dizia nada. O que lhe ocorria? Perguntou-se. Acreditava que, quando lhe dissesse que tinha rompido seu compromisso, saltaria da banheira e a abraçaria. Entretanto, parecia que fazer amor com ela, ou qualquer outra coisa que tivesse relação com ela, fosse a última coisa que tivesse em mente. Dir-se-ia que não tinha vontade nenhuma de mover-se de onde estava. Depois de um olhar furtivo, deu-se conta de que nem sequer a olhava, mas tinha o olhar fixo na lareira, com o rosto inexpressivo. Deus santo, ele estava tão zangado por causa da safira?

Ou se tratava de outra coisa? Acaso agora que estava livre já não estava seguro de que queria estar com ela? Aquele pensamento lhe gelou o coração, a única parte de seu corpo que não tinha lhe esfriado até então. Possivelmente só a tinha desejado quando acreditava que não podia ser dele. Mas não, não podia ser. E todo o trabalho que tinha tido para reuni-la à sua família? Por que ia fazer uma coisa assim por alguém de quem não estivesse apaixonado e com quem não queria casar-se?

Então, por que não o pedia, quando por fim estava disposta a dizer que sim?

Talvez tivesse se dado conta de que era a garota mais estúpida e covarde do mundo. Oh, era verdade que estava disposta a correr riscos; tinha pendurado muitas de suas pinturas em uma parede e tinha deixado que todo mundo as visse e fizesse comentários sobre elas. Entretanto, quando se tratava de um assunto realmente importante, como o amor, teria recorrido a qualquer desculpa para evitar enfrentar a si mesma. E por que um homem como Jeremy, o mais valente que já tinha conhecido, ia casar-se com uma covarde como ela?

Não o faria, a menos que lhe demonstrasse que não era tão medrosa como ela mesma acreditava.

Prendendo a respiração, Maggie atravessou o quarto e não se deteve até chegar à mesinha onde o duque tinha deixado a taça. Inclinou-se para frente e a pegou. O olhar de Jeremy, até então fixo

nas chamas, desviou-se para seu decote, e à moça aquele gesto pareceu animador.

— Posso? — perguntou assinalando a taça.

O duque assentiu sem dizer nenhuma palavra e umedeceu os lábios, que de repente tinham ficado secos.

— Obrigada. — Maggie levou a taça aos frios lábios. Jogou a cabeça para trás e deixou que o líquido abrasador lhe descesse pela garganta. O brandy começou a lhe esquentar o corpo imediatamente, até os congelados dedos dos pés, de um modo que o fogo era incapaz de fazer.

Jeremy parecia sofrer uma sensação similar, mas não nos dedos; inclinou-se um pouco para um lado, e a água fumegante se derramou pelas bordas da banheira. Entretanto, ele nem sequer se deu conta.

— Assim está melhor. — disse Maggie enquanto deixava a taça na mesa. Enquanto o fazia, prestou especial atenção ao modo em que o duque seguia todos os seus movimentos com o olhar. Não desviou a vista quando a moça se sentou na poltrona estofada em couro que estava perto da banheira, nem tampouco quando começou a tirar as forquilhas de marfim do espesso e escurocabelo.

— Bem, — disse o jovem umedecendo de novo os lábios — já que parece ter explicação para tudo... — após esclarecer a garganta, terminou — Como explicaria o retrato?

Maggie demorou uns segundos para entender do que estava falando. O retrato? Que retrato? De repente, compreendeu por que estava zangado. O retrato de Jeremy! Não tinha lhe ocorrido que pudesse havê-lo visto. Não estranhava que...

— Essa tela não tinha que fazer parte da exposição. — explicou com delicadeza.

A expressão do jovem não mudou, mas tampouco afastou o olhar dela.

— Ah, não?

— Não. — Maggie deixou cair um punhado de forquilhas no chão — Os transportadores que Augustin contratou o levaram sem me perguntar primeiro. Assim, uma vez na galeria, seus ajudantes o penduraram sem me consultar, e não quiseram retirá-lo quando o

pedi. Não acredito que seja um bom exemplo de meu trabalho. Além disso, pinte-o faz muito tempo.

Jeremy a observou enquanto ela dava um puxão no coque meio desfeito e a cabeleira lhe caiu como uma espessa cascata sobre os ombros nus.

— Sério? — inquiriu com um tom apagado.

— Sim. Tinha a estúpida idéia de que se pintasse um retrato de você conseguiria... não sei, te apagar de minha mente. — explicou enquanto desabotoava os botões de pérola das luvas.

— Compreendo. — dentro da banheira, o duque apenas se movia — E, ao que parece, funcionou.

— Não seja estúpido. — disse-lhe com um olhar — Já sabe que não funcionou. Se não, por que ia estar aqui?

— Não sei. — respondeu Jeremy com sinceridade — Não sei que está fazendo aqui.

Depois de tirar as luvas, a moça se inclinou para frente e começou a tirar os sapatos molhados.

— Então é porque é estúpido. — foi tudo o que disse.

O jovem se endireitou e se sentou mais erguido dentro da água.

— Sabe, Mag? Acredito que, por uma vez, estou de acordo contigo. Sou um estúpido. Acreditei que entre você e eu havia algo especial. Acreditei de verdade. Mas quando vi esse retrato entendi que...

— Faça o favor de esquecer esse maldito retrato. — interrompeu-o, desgostada, enquanto levantava a saia para desabotoar as ligas.

— Pintou-me como a um criminoso. — acusou-a — Como a um jogador, um ladrão de cavalos ou algo assim.

— Oh, por Deus bendito. — reclamou a moça. Levantou uma perna até apoiar o pé na beira da banheira e começou a descer pouco a pouco a pouca empapada meia de seda — Tinha dezessete anos! Para mim, era um criminoso. Tinha-me roubado o coração. E acredito que não precisa que te recorde que ainda não me devolveu.

— E você? — perguntou-lhe Jeremy — Esperei-te durante cinco anos, e de repente descobri que tinha se comprometido com outro homem!

— Sei. — assentiu Maggie enquanto tirava a meia da perna esquerda — Eu também tenho culpa. Embora, permita-me recordar, naquela época acreditei que tinha aceitado à princesa como recompensa.

Jeremy suspirou.

— Pois já viu como acabou a coisa.

— Sim. — admitiu ela — Espero que possa me perdoar que tenha duvidado de você. E também que... — Maggie engoliu a saliva enquanto pensava: “Será melhor que acabe com isto quanto antes”, assim terminou apressadamente —... tenha dado de presente sua safira.

O duque lhe tirou a importância com um gesto da mão. Então compreendeu que estava equivocada. Jerry não se zangou por ter perdido a Estrela do Jaipur; ao que parecia, não havia tornado a pensar no assunto. Era Maggie o que desejava, e ao dar-se conta disso, a moça sentiu que um estremecimento de prazer lhe percorria as costas.

— Mas mesmo agora, com o maldito francesinho fora de cena, há um fato imutável. — se queixou ele com amargura — E é que, se se casar comigo, teria que ser duquesa. Não posso fazer nada para evitá-lo.

Com as pernas nuas, Maggie começou a desabotoar as laterais do vestido.

— Sei. — disse meio enjoada de alívio ao liberar-se da compressão do objeto.

— Então, o que está fazendo aqui? — exclamou o jovem com frustração.

Maggie se levantou e deixou que o vestido caísse a seus pés, ficando somente com o espartilho e a calça posta.

— Procuro alguém que me esfregue as costas. — respondeu com mais serenidade do que sentia.

Com a justa e obscena roupa íntima e o cabelo caindo pelas costas, parecia uma cortesã de rua. Não era absolutamente próprio dela atuar desse modo, e por uns momentos, Jeremy não pôde fazer mais que olhá-la, aflito. Mas então se deu conta de que, apesar do descaramento de seus abundantes seios, a jovem respirava cada vez

mais depressa, entrecortadamente, como se acabasse de correr uma longa distância. Além disso, tinha uma expressão atemorizada nos olhos castanhos. Era evidente que não estava certa de como seria recebida.

Isso, mais que qualquer outra coisa que tivesse ocorrido naquela noite, foi o que lhe impulsionou a inclinar-se para frente e agarrá-la pela cintura.

— Jeremy! — exclamou ela, encantada, quando sentiu os braços molhados a seu redor. E ao dar-se conta de que a arrastava da poltrona, acrescentou — Espera... O que está fazendo? — chiou quando a pôs na banheira com ele. Oh! — com a água ameaçando transbordar por causa do volume de ambos os corpos, Maggie ficou equilibrando-se sobre o colo de Jeremy, com a calça empapada colada ao corpo — Jeremy! — exclamou de novo. A água morna lhe molhou as pontas do cabelo e se filtrou pelo decote. Debaixo de seu corpo, sentia as coxas do duque, fortes e escorregadias, e os braços a seu redor, que a estreitavam com força para evitar que ficasse de pé — Meu Deus! Eu só estava brincando.

— Sério? — o jovem lhe afastou uma mecha de cabelo e lhe beijou o pescoço, bem abaixo da orelha — Pois eu não.

Apesar de sua indignação, Maggie notou a comichão que lhe produziam seus lábios. Seus beijos pareciam despertar todas as partes de seu corpo, mas, sobretudo os mamilos, que se endureceram com o contato de sua boca. A moça estendeu uma mão para afastá-lo dela; não se sentia pronta para um ataque de paixão como aquele, mas já era muito tarde, teria sido o mesmo que pretender evitar a queda de uma árvore. Jeremy lhe percorreu o pescoço com os lábios, procurando os seus, enquanto com os dedos desfazia os nós do espartilho empapado. Quando lhe tirou a peça e a puxou por cima da borda da banheira, o jovem também tinha conseguido vencer sua resistência feminina. Com um gemido, Maggie se entregou a suas carícias ao sentir as fortes mãos sobre seus endurecidos mamilos.

O duque não precisou de mais convite. De repente, a moça sentiu que sua língua se introduzia entre seus suaves lábios e, enquanto uma mão lhe acariciava um dos volumosos seios, a outra se

deslizava sob a superfície da água e puxava o cordão que lhe prendia a calça. Seu protesto quando rasgou a cinta foi apenas audível. O que importava? Pensou com frouxidão. Ele podia comprar uma nova cada dia, se fosse necessário.

E pensou que provavelmente ia ser necessário.

Depois de lançar a calça enfeitada de renda por cima do ombro, Jeremy se colou mais a Maggie, até que a teve sentada escarranchada sobre seu colo, apertando o áspero pelo de seu peito contra seus suaves seios. Por baixo da água, a jovem sentiu sua ereção contra seu sexo. Então se deu conta de que tudo o que tinha a fazer era descer um pouco para que seu membro viril a penetrasse.

O fez com um movimento tão lento, que só quando a ponta do pênis entrou realmente nela Jeremy se deu conta do que estava fazendo. O duque, que até então tinha tido os olhos entreabertos, abriu-os de repente. Com um sorriso travesso, Maggie desceu um pouco mais, encantada ao vê-lo afogar um grito à medida que seu membro deslizava entre suas pernas. O jovem lhe pegou as nádegas e apertou os dedos com premente desejo. A moça baixou um pouquinho mais, e ele, incapaz de suportar por mais tempo aquela doce tortura, arqueou-se para penetrá-la completamente, pressionando ao mesmo tempo as nádegas de sua amante para baixo, de modo que seus corpos se uniram com tal ímpeto, que provocaram uma cascata de água do outro lado da banheira.

Entretanto, nenhum dos dois se deu conta. Sentindo-se por fim em completa fusão com o amor de sua vida, a moça começou a mover-se, pouco a pouco ao princípio, e com mais urgência ao notar que Jeremy se estremecia debaixo dela. De repente, a jovem se agarrou às bordas da banheira e, jogando a cabeça para trás, sentiu um estremecimento que parecia começar no topo da cabeça e descer fazendo cócegas até as pontas dos pés. Naquele momento teria jurado que a luz que se refletia no teto descia sobre ela, lhe beijando a pele nua e cobrindo o chão do quarto de minúsculas folhas douradas.

— Deus santo, Mag! — queixou-se o jovem depois do êxtase, com um tom absolutamente aborrecido — O que está tentando fazer?

Afogar-me?

Então Maggie se deu conta de que não havia folhas douradas em nenhuma parte, e sim uma grande quantidade de água no chão.

— Oh, céus... — murmurou, ainda ofegante, ao percorrer o quarto com o olhar.

— Eu que o diga. — o duque se levantou, mas mantendo-a firmemente segura — Bem. O que dizia a respeito de que procurava a alguém que te esfregasse as costas?

— Oh, sim. Você quer fazê-lo? — perguntou ela, desviando o olhar com acanhamento.

— Não sei. — respondeu ele com prudência — Depende. É uma proposta para uma só vez, ou um compromisso para toda a vida?

— Eu esperava em que se tratasse de um compromisso para toda a vida. — respondeu incapaz de olhá-lo nos olhos.

— Um compromisso para toda a vida para te esfregar as costas, em troca do quê? — perguntou-lhe, escrutinando-a com o olhar.

— Hum... — Maggie mordeu o lábio — Serei sua esposa.

O duque ficou petrificado.

— E o que me diz de ser duquesa?

— Estive pensando, e talvez não seja tão mal. — começou a moça — Quero dizer que, se não te importar passar uma temporada em Londres todos os anos...

— Oh, terei que fazê-lo a interrompeu. — Vou ser assessor da Whitehall, ou algo assim. Assim, temo que vamos ter que passar a maior parte do tempo aqui. Asseguro que tia Pegeen e tio Edward não se incomodarão.

— Oh, sim. — interveio ela com entusiasmo — Acredito que seria melhor que lhes deixássemos ficar com a mansão Rawlings.

— Certamente. Com todas essas crianças...

— É muito melhor que vivam no campo.

— É obvio. Além disso, seria um pouco embaraçoso viver tão perto de seu pai.

— Sim. — admitiu a moça — Herbert Park está muito perto da mansão Rawlings.

— Mas sempre podemos ir visitá-lo. — assegurou-lhe o duque — Se você quiser, claro.

— Isso seria bom. — respondeu Maggie com precaução — Desde que não seja muito frequentemente.

Então houve uns momentos de silêncio, durante os quais Jeremy permaneceu com o olhar perdido no teto.

— Fala a sério, Mag? Tem certeza?

Recostando-se entre seus braços, a jovem assentiu.

— Sim, tenho certeza.

— Tinha uma pedra para uma aliança para você. — disse o duque

— Bastante bonita, com certeza. Uma safira.

A senhorita Herbert franziu o nariz.

— A verdade é que eu não gosto das safiras.

— Oh, estupendo. — os olhos chapeados cintilaram com ternura

— Porque a perdi.

— Que lástima! — sorriu ela. Então voltou a beijá-lo, e passou muito, muito tempo, antes que voltassem a dizer algo mais.

CAPÍTULO 42

Sem incomodar-se em chamar, Edward abriu a porta do quarto verde e gritou:

— Jerry!

Os montículos pulverizados pela enorme cama de dossel começaram a revolver-se e Jeremy levantou a cabeça com olhos sonolentos.

— O que ocorre? Quem é?

— Sou eu. — respondeu o cavalheiro. Depois de observar com desgosto que seu sobrinho tinha deixado os apetrechos de banho, inclusive a banheira, no meio do dormitório, aproximou-se da janela e correu as cortinas, para deixar entrar os intensos raios do sol matutino — Vim te dizer que ontem sua tia deu a luz a um menino. Tudo foi muito bem. Entretanto, e muito a meu pesar, decidi chamá-lo Jeremy. Embora não esteja absolutamente de acordo, está convencida de que por fim demonstrou a maturidade necessária para ser capaz de desempenhar o papel de padrinho. Pediu-me que viesse especialmente de Yorkshire até Londres para te informar de que o batismo será dentro de três semanas. Pensa que poderá te levantar da cama a tempo suficiente para assistir?

Ao lado do duque, outro amontoado de montículos começou a mover-se e, para grande surpresa de Edward, a cabeça de Maggie Herbert apareceu entre a roupa de cama.

— O que ocorre? — perguntou meio adormecida, repetindo as palavras do jovem — Quem é?

De pé junto ao batente da janela, o cavalheiro cruzou os braços.

— Já está bem. — disse com severidade — Isto já é suficiente. Vocês dois vão se casar, e não quero ouvir nenhuma palavra mais a respeito.

— Sim, senhor. — murmurou a moça, envergonhada, antes de meter-se de novo sob os cobertores.

Jeremy pôs-se a rir.

— Sim. Acredito que já era hora.

* * *

RESENHA BIBLIOGRÁFICA

Patricia Cabot

Patricia Cabot (pseudônimo do Meg Cabot) nasceu no Bloomington, Indiana. Escreveu sete romances históricos. Como Meg Cabot escreveu os romances *O arpaz ao lado*, *Quando tropecei contigo*, *Eles têm coração?* e *Voltei a fazê-lo!*, publicadas em Booket, assim como *Size 12 is not FAT*, *Size 14 is not FAT either* e *Queen of Babble in the big city*. Também é autora de diversas novelas e séries de ficção juvenil de grande êxito como "O jornal da princesa", "The Mediator", "1-800-Where-R-you" e "All American Girl". Reside na cidade de Nova Iorque com seu marido.